

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE LETRAS  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

*O leitor, esse conhecido:  
Monteiro Lobato e a formação de leitores*

ELIANE SANTANA DIAS DEBUS

TESE APRESENTADA AO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, DA PONTIFÍCIA  
UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, COMO REQUISITO PARCIAL E ÚLTIMO  
PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTOR EM LETRAS. ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: TEORIA  
LITERÁRIA

PROFA. DR. REGINA ZILBERMAN  
ORIENTADORA

DATA DE DEFESA: 18/01/2001

INSTITUIÇÃO DEPOSITÁRIA:  
BIBLIOTECA CENTRAL IRMÃO JOSÉ OTÃO  
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

*Ao Zeca, companheiro da minha história, e  
à Maria Herta, gestada desse amor.*

## AGRADECIMENTOS

Às generosas famílias Santos e Silva: Mafalda e Daia, tios, que pela compreensão abriram a porta de sua casa para minha hospedagem; e aos primos, amigos e compadres Eliete e Beto, também filhos da PUC, pela afetividade, carinho e compreensão com que me abrigaram em terras gaúchas.

Aos meus pais, Maria Santana Dias e José Dias, que me impregnaram do desejo pela leitura.

Ao mestre Lauro Junkes, pelo incentivo na continuidade de minha vida acadêmica.

À professora Regina Zilberman, pelo estímulo e confiança que antecedeu esta pesquisa, bem como pela orientação criteriosa no desenvolvimento do trabalho.

Às professoras Vera Teixeira Aguiar e Maria da Glória Bordini, pela relevância das disciplinas ministradas durante o curso, e aos demais professores e funcionários do curso de Letras.

A Cláudia Antônia de Losangeles Silveira, Mara Rejane Martins Nascimento e Maria Isabel Daudt Giulian, funcionárias da Pós-Graduação, que muitas vezes resolveram problemas que excediam as suas funções.

À colega e amiga Claudete Amália Andrade, companheira das viagens entre Florianópolis e Porto Alegre, interlocutora não só das leituras, como também das angústias durante o curso.

As entrevistados Alarico Silveira Júnior, Gilson Maurity Santos, Cordélia Fontainha Seta, Nicean Serrano Telles, Lucy Mesquita, Hilda Junqueira Villela Merz e Joyce Campos Kornbluh.

Às instituições Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato, em especial ao Museu Monteiro Lobato, que faz parte dessa instituição, e ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

À CAPES, através de seu programa de apoio à capacitação docente, pela concessão da bolsa (Programa Demanda Social) que permitiu a dedicação exclusiva ao curso.

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>Introdução</b>  | <b>6</b>   |
| <b>Capítulo 1: Percalços e acasos: causos do percurso</b>                      | <b>11</b>  |
| <b>Capítulo 2: Todos os caminhos levam à leitura</b>                           | <b>24</b>  |
| <b>2.1 Lobato: um homem faminto por leitura</b>                                | <b>25</b>  |
| <b>2.2 Contemplando o leitor</b>   | <b>35</b>  |
| <b>2.3 Livro para quem tem fome de leitura</b>                                 | <b>44</b>  |
| <b>2.4 “É hora gente!” ... Lá vem a história</b>                               | <b>55</b>  |
| <b>2.5 A biblioteca e a escola: uma relação de camaradagem</b>                 | <b>70</b>  |
| <b>Capítulo 3: Entre apupos e tapinhas nas costas: a recepção crítica</b>      | <b>80</b>  |
| <b>3.1 Caça às bruxas: Lobato na mira da censura</b>                           | <b>81</b>  |
| <b>3.2 Os discursos da crítica: ontem</b>                                      | <b>93</b>  |
| <b>3.3 Os discursos da crítica: hoje</b>                                       | <b>102</b> |
| <b>3.4 A permanência da literatura infantil de Lobato</b>                      | <b>109</b> |
| <b>1. Lobato pelo olhar do leitor</b>  | <b>115</b> |
| <b>3.5.1 Monteiro Lobato: perfis</b>   | <b>115</b> |
| <b>3.5.2 Penas de pato, teclas e linotipos</b>                                 | <b>119</b> |
| <b>3.5.3 O escritor e o homem de ação:<br/>      duas faces da mesma moeda</b> | <b>121</b> |
| <b>Capítulo 4: Marcas da leitura</b>   | <b>124</b> |
| <b>4.1 E por falar em leitor...</b>  | <b>125</b> |
| <b>4.2 Os leitores des(a) fiam a memória</b>                                   | <b>131</b> |
| <b>4.3 Da leitura à escritura: livros que se contam</b>                        | <b>144</b> |
| <b>4.4 Livros que contam Lobato</b>  | <b>152</b> |
| <b>Capítulo 5: O leitor, esse conhecido</b>                                    | <b>157</b> |
| <b>5.1 A invenção do leitor</b>  | <b>158</b> |
| <b>5.2 Leitor histórico: carne, osso e sentimento</b>                          | <b>162</b> |
| <b>5.3 As cartas: prêmios do grande milionário</b>                             | <b>175</b> |

|   |     |
|---|-----|
| 5.3.1 A surpresa da resposta                        | 179 |
| 5.3.2 Leitura e escola                              | 182 |
| 5.3.3 Pequenos escritores                           | 188 |
| 5.3.4 Interferindo e questionando a palavra escrita | 190 |
| 5.3.5 A materialidade do impresso                   | 192 |
| 5.3.6 Outras leituras                               | 193 |
| 5.3.7 O que escreve os pais e as mães               | 195 |
| 5.3.8 O reconhecimento do eu                        | 197 |
| 5.3.9 Da doença à saudade                           | 200 |
| 1. De volta ao remetente                            | 203 |
| 5.4.1 Meu amigo íntimo                              | 204 |
| 5.4.2 Mestre Gilson                                 | 208 |
| 5.4.3 A menina das balas de cacau                   | 215 |
| 5.4.4 Graciosa mineirinha                           | 218 |
| 5.4.5 Linda criança                                 | 221 |
| 5.4.6 Miss Joyce                                    | 222 |
| 5.4.7 Menina corajosa                               | 223 |
| 2. Entre a lembrança e o esquecimento               | 227 |
| 3. Vozes seladas                                    | 232 |
| <br>  |     |
| Conclusão   | 236 |
| <br>  |     |
| Referência Bibliográfica                            | 241 |
| <br>  |     |
| Anexo 1: Cronologia bibliográfica                   | 250 |
| Anexo 2: Reportagem sensacional                     | 253 |
| Anexo 3: Cartas recebidas                           | 257 |
| Anexo 4: Cartas inéditas de Monteiro Lobato         | 273 |
| Anexo 5: Entrevistas                                | 294 |
| <br>  |     |
| Curriculum Vitae                                    | 317 |

## INTRODUÇÃO

Isso de começar não é fácil. Muito mais simples é acabar. Pinga-se um ponto final e pronto; ou então escreve-se um latinzinho: FINIS. Mas começar é terrível.<sup>1</sup>

As dificuldades do começo levantadas pela boneca Emília, mais do que pretexto, insinuam-se, no contexto deste trabalho, com as suas verdadeiras nuances: as dificuldades do processo de elaboração da escrita. Difícil pela multiplicidade de caminhos que se pode tomar ao escrever sobre si (no caso da boneca) e ao ler o outro (no caso deste trabalho, a obra de Monteiro Lobato).

Este trabalho busca investigar o papel desempenhado por Monteiro Lobato (1882 – 1948) na formação de leitores, em especial aqueles que tiveram sua infância nas décadas de 20, 30 e 40, período em que o escritor se encontrava em plena atividade literária.

José Renato Monteiro Lobato nasceu no tempo da Monarquia, da escravidão e da agricultura do café, no entanto, a sua primeira consciência como indivíduo deu-se ainda na infância, quando troca o nome por causa de uma bengala, que herdaria de seu pai com as iniciais J.B.M.L. Nascia ali, por causa de um capricho e do fascínio pelo unicórnio incrustado na bengala, José Bento Monteiro Lobato.

A abolição da escravatura não mudou a relação do menino Juca com as crias da casa, e a República o encontrou fazendo bonecos de espigas de milho, pescando no ribeirão e divertindo-se na biblioteca do avô. O diploma de advogado o fez conhecer as cidades mortas, quando era promotor em Areias. No início da I Guerra ele lidava com as oscilações do preço do café e com uma velha praga agrícola.

Colaborador de diversos jornais estudantis na juventude, é através desse veículo que Monteiro Lobato vê seu nome despontar quando em 1914, exercendo a atividade agrícola, envia à seção de “Queixas e reclamações” d’*O Estado de S. Paulo* o artigo “Velha praga”. Em 1917 promove nesse mesmo periódico um inquérito sobre a figura

---

<sup>1</sup> LOBATO, Monteiro. *Memórias da Emília*. São Paulo: Brasiliense, s.d. p.242.

folclórica do Saci Pererê que se torna livro em 1918, mesmo ano da publicação de *Urupês*. A surpreendente recepção do inquérito, publicado na gráfica do jornal, leva Lobato à segunda tentativa editorial, agora pela *Revista do Brasil*, periódico que lhe pertencia.

Em 1920, quando traz a público o seu primeiro livro direcionado para as crianças, já possuía em seu currículo a publicação de outros quatro títulos: dois de contos e dois de reuniões de artigos,<sup>2</sup> publicações viabilizadas pelo próprio escritor, que se tornara também editor em 1919 com a criação da editora Monteiro Lobato & Cia. Embora tenha incursionado por vários gêneros é na literatura infantil que seu nome vai repercutir mais alto. Aos poucos Lobato vai deixando de lado a sua literatura “para adultos” e construindo um universo ficcional especial para as crianças,<sup>3</sup> que só vai ter fim quando deixa a vida, já que pouco tempo antes de morrer ainda fazia planos para seus próximos textos infantis.

Leitor costumaz, Monteiro Lobato já na tenra infância descobriu nos livros o prazer da leitura e, quando envereda pelo mundo da escrita, traz em seus textos o interesse constante pelo outro, o leitor. No seu discurso, quer seja o ficcional, quer seja o teórico, se assim podemos denominar os seus artigos e cartas, observa-se preocupação constante com o papel do leitor, da leitura e do livro. É uma preocupação que vai ganhando força e se consolida na sua literatura infantil, resultando no que consideramos um projeto de leitura desenvolvido pelo escritor. Por esse viés, a sua literatura infantil não é considerada um mero “acidente” ou “imprevisto” na sua caminhada literária, mas, sim, resultado de uma longa reflexão. Bem antes de ouvir a famosa narrativa de seu amigo José Maria Toledo Malta sobre o peixinho que morreu afogado, Lobato já havia se decidido pelo mundo da infância, embora não tivesse encontrado ainda o fio condutor que surgiu naquela partida de xadrez.

Não constitui nenhuma originalidade afirmar que Monteiro Lobato desempenhou uma função crucial na construção da literatura infantil brasileira. Entretanto, partimos da hipótese de que ele, como fomentador da produção, difusão e circulação do livro, exerceu um papel fundamental na formação de um público leitor que referendasse o estatuto desse novo gênero que se anunciava.

Sua produção literária está definitivamente marcada pelo seu pragmatismo, e a sua literatura infantil não pode deixar de ser analisada, também, como uma forma prática de garantir um público leitor não só no sentido utópico e futuro, mas também como

---

<sup>2</sup> Além de *Urupês* e *O Saci Pererê: resultado de um inquérito*, Lobato publicara *Problema vital* e *Idéias de Jeca Tatu*, contendo artigos, e *Cidades mortas* e *Negrinha*, em que reúne seus contos.

<sup>3</sup> No anexo 1 deste trabalho encontra-se um levantamento cronológico das publicações de Monteiro Lobato que possibilita visualizar o afastamento gradativo de uma literatura em detrimento da outra.

consumidor concreto no momento presente da publicação de seus textos. Acreditamos que, mais do que influência, a leitura de sua literatura infantil, nas décadas de 20, 30 e 40, colaborou para a construção de uma certa sensibilidade leitora.

Figura polêmica, Monteiro Lobato vem nos últimos vinte anos recebendo uma maior atenção de pesquisadores, quer seja daqueles que se debruçam sobre sua vida, quer seja dos que visitam sua produção literária, em especial aquela produzida para crianças, como pode ser observado no capítulo 3 deste trabalho, quando fazemos o levantamento de alguns estudos contemporâneos sobre o escritor e o seu papel literário. No entanto, não encontramos em nenhuma dessas pesquisas uma investigação que desse conta de dois pontos que consideramos primordiais: o papel desempenhado pelo escritor para a formação de leitores e as reais condições de recepção da literatura infantil lobatiana.

Partindo dessa constatação, dedicamo-nos a verificar no discurso de Lobato (teórico e ficcional) e nas suas atividades práticas o seu posicionamento como formador de leitores. Já a recepção de seus livros no período estudado será analisada a partir do discurso mediador das instituições (Estado e Igreja) e da crítica literária, e também de depoimentos posteriores à leitura realizada na infância e do testemunho da leitura no seu momento de apreensão através das cartas das crianças, leitoras de Lobato.

O contato epistolar de Lobato com seus leitores talvez seja o mais profícuo e original encaminhamento de recepção mirim de que se tem notícias, pois acreditamos que a atuação dos leitores contribuiu de forma efetiva para o desenvolvimento da sua literatura infantil. Por isso, neste trabalho, dedicamos particular atenção aos registros testemunhais de leituras oriundos das cartas dos leitores.

As cartas são exemplos da presença concreta de manifestação da leitura e apresentam subsídios para refletir sobre a conduta e as reações dos leitores, bem como se tornam testemunhos, já que estas vozes acabarão nos fornecendo informações importantes para refletirmos sobre a recepção da literatura lobatiana e averiguarmos o quanto o seu projeto para a formação de um público leitor foi efetivado.

Marisa Lajolo observa que tanto para os biógrafos como para os pesquisadores “as cartas são as cartas sobre as quais cada um banca o seu jogo”,<sup>4</sup> revelando a importância da correspondência de Monteiro Lobato. As cartas também farão parte deste trabalho, só que, além das cartas de Lobato, encontramos nas cartas dos leitores outro

---

<sup>4</sup> LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: a modernidade do contra*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.9.



olhar sobre o mesmo discurso. Isto é, Lobato diz o que pretendia; os leitores dizem o que ele realizou.

Para concretizar nosso objetivo, tomamos como referencial teórico os pressupostos da estética da recepção, por considerá-los condizentes com uma pesquisa que se volta para a reflexão sobre a maneira e as condições da produção e da recepção da obra literária. Paralelamente aos depoimentos posteriores de leitura, temos em mãos um discurso sobre a prática de leitura no seu momento de apreensão, o que possibilita reconstituir a reação e atuação do leitor. No entanto, não nos centraremos na aplicação prática dessa teoria, mas a tomaremos como contribuição necessária e válida.

O trabalho está estruturado em cinco capítulos. No primeiro apresentamos os caminhos trilhados para chegarmos até a presente pesquisa, o encontro com a correspondência infantil emitida nas décadas de 30 e 40 e o contato com alguns desses mesmo leitores, muitos anos depois.

No capítulo dois, mapeamos a trajetória leitora de Monteiro Lobato – seu repertório de leituras da infância à fase adulta –, buscando também evidenciar a valorização que o escritor dá à figura do leitor e a sua concepção de leitura e literatura infantil, bem como a importância de seu desempenho como editor na construção de um público leitor.

No capítulo três, destacamos a recepção dos textos infantis de Lobato por um grupo específico de leitores que se tornam intermediários no acesso à leitura: primeiro, o discurso institucional do Estado e da Igreja que “proíbe” a utilização dessa literatura; segundo, a reconstituição do discurso da crítica entre 1921 e 1944; e finalmente a palavra da crítica contemporânea. São discursos múltiplos sobre o mesmo material.

No capítulo quatro, debruçamo-nos sobre depoimentos posteriores a leituras realizadas na infância e sobre textos ficcionais que se reportam a essas mesmas leituras e que também se tornam testemunho da permanência da leitura no período infantil. No capítulo cinco, recolhemos das narrativas infantis de Monteiro Lobato a representação ficcionalizada de um público leitor e desvelamos nessa mesma produção a inserção de leitores reais, de carne e osso. Esse levantamento só foi possível a partir das cartas e é pelas mesmas cartas que sistematizamos a recepção das narrativas e a expectativa desses leitores. Para finalizar, reencontramos sete desses leitores, que testemunham a importância dessa leitura na infância.

Constituem partes integrantes desta tese cinco anexos. O anexo 1 apresenta um quadro cronológico das publicações de Monteiro Lobato. Embora ele tenha sistematizado

sua produção literária e organizado-a em duas grandes coleções – a literatura geral, com dezessete títulos, em 1946, e a literatura infantil, com 23 títulos, em 1947 – ela reúne um número maior de títulos, principalmente se tomarmos as publicações no seu original, sem as constantes revisões do escritor. Outro ponto a ser lembrado são as publicações póstumas e as narrativas que ele não incluiu na organização das obras completas. Observando o quadro cronológico dessa produção, vê-se que ele foi paulatinamente deixando sua literatura para adultos e adentrando no mundo da infância.

O anexo 2 traz a entrevista de Lobato concedida ao jornal *A Voz da Infância*, órgão da Biblioteca Municipal Infantil de São Paulo, em seu segundo número. A sua inclusão se deve a dois motivos: primeiro, porque ao conceder a entrevista a dois meninos, representantes do jornal, Lobato mostra sua adesão ao projeto da Biblioteca; segundo, porque ele apresenta em seu discurso o mesmo encaminhamento de suas narrativas, ou seja a valorização do seu interlocutor – a criança.

O anexo 3 é constituído pelas correspondências recebidas dos entrevistados entre 1996 e 2000. O anexo 4 reúne sete cartas de Lobato escritas a leitores infantis e até agora inéditas em sua íntegra. E o anexo 5 traz a resposta dos leitores Alarico Silveira Júnior e Gilson Maurity Santos e das leitoras Nicean Serrano Telles de Souza Campos, Cordélia Fontainha Seta e Lucy Mesquita Sabino de Freitas ao questionário enviado. Encontra-se ali também a transcrição da entrevista realizada com Hilda Junqueira Villela Merz e Joyce Campos Kornbluh.

As várias vozes que dialogam em nosso discurso se inter-relacionam, contribuindo para o desvendamento do caráter estético e da função social da leitura na formação de um público leitor.

## CAPÍTULO 1

### *OS PERCALÇOS E ACASOS: CAUSOS DO PERCURSO*

A escolha de um projeto de estudo (...) supõe, já, uma interpretação prévia; inspirada por nosso interesse atual.<sup>5</sup>

As palavras de Jean Starobinski, por si só, definiriam de forma breve os motivos que nos levaram a este trabalho: o “nosso interesse atual”. Porém, julgamos necessário apresentar as trilhas e atalhos da nossa caminhada, bem como as vozes e personagens interlocutores do nosso discurso. E se o presente relato não prima pela brevidade, quiçá prime pelo esclarecimento.

O gérmen desta pesquisa desenvolveu-se a partir de nossa dissertação de mestrado,<sup>6</sup> elaborada no período de 1994 a 1996. Estávamos envolvidos com a possibilidade, logo efetivada, de reconstituir o processo de leitura pela voz do leitor. O testemunho dos leitores por meio de cartas à escritora catarinense Maria de Lourdes Krieger possibilitou verificar como se efetiva a comunicação entre autor, texto e leitor. As cartas traziam os depoimentos sobre o ato da leitura e suas implicações, respondendo, de certa forma, a algumas inquietações relativas ao processo de recepção.

A prática epistolar entre leitor e escritor, especialmente no que se refere às interpretações do primeiro sobre a produção do segundo, não se apresenta como novidade. Eugène Sue, com seu romance *Mathilde: mémoires d'une jeune femme*, na França do século XIX, provocou uma onda de cartas de leitores, em especial do público feminino, ao autor, devido à identificação das mulheres com a protagonista da narrativa. O romance foi entregue ao público em pedaços diários, em notas de rodapé de jornal, e o escritor aceitava as sugestões do público para o encaminhamento da narrativa.<sup>7</sup>

Porém, no Brasil, a troca de cartas entre escritores e leitores não parece ser prática comum. Quando tal fato acontece, ocorre entre os pares, isto é, o escritor é lido por intelectuais, parceiros de letras, críticos. E são esses leitores especializados que se dirigem ao autor para expressar suas opiniões sobre o livro. A interlocução concreta com o leitor comum apresenta-se distanciada das relações cotidianas do escritor brasileiro.

---

<sup>5</sup> STAROBINSKI, Jean. A literatura. In: GOFF, Le Jacques, NORA, Pirre. (org.) *História: novas abordagens*. Traduzido por Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

<sup>6</sup> DEBUS, Eliane Santana Dias. *Entre vozes e leituras: a recepção da literatura infantil e juvenil*. Florianópolis: UFSC, 1996. (Dissertação de Mestrado).

<sup>7</sup> MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.71-76.

O interesse por essa relação comunicacional leitor, obra e autor levou-nos à obra de Monteiro Lobato. Se, contemporaneamente, as crianças e jovens brasileiros têm acesso a escritores através da correspondência, como se daria essa relação nas décadas de 30 e 40, período em que Lobato intensifica a troca de cartas com os seus leitores? O próprio escritor, em vários momentos de sua produção literária, indicava-nos as pistas e nos instigou para a pesquisa.

No livro *A barca de Gleyre* são apresentados alguns depoimentos significativos de Monteiro Lobato em relação à literatura infantil e ao relacionamento com o seu público leitor através das cartas. A partir da década de 40, ele intensifica esse assunto nas correspondências com o amigo Godofredo Rangel, exemplificando com o relato do conteúdo e, até mesmo, a transcrição das cartas recebidas. Respeitando a intimidade dos remetentes, ao retirar os dados de identificação, Lobato apresenta em momentos diferentes quatro depoimentos de recepção da sua obra. Relata o depoimento de uma senhora que recorre a leitura de seus livros como “remédio” para os dissabores cotidianos e o bilhete de um pai de uma criança, agradecendo-lhe a resposta ao filho doente, revelando-lhe a sua importância diante do público leitor. De Juiz de Fora, uma menina solicita sua interferência na aprendizagem da “regência dos verbos mais freqüentes” e, com o pseudônimo de “leitora F”, o escritor transcreve a correspondência de uma adolescente que lhe comunica a importância da leitura de seus livros na infância.<sup>8</sup>

Além dos comentários do próprio escritor e suas referências sobre as cartas recebidas, no livro *Cartas escolhidas*, organizado por Edgard Cavalheiro, encontram-se algumas epístolas de Lobato destinadas aos leitores de suas obras infantis: ao amigo íntimo Alarico Silveira Júnior; ao menino “Geo David”, em resposta às observações sobre erros no livro *Geografia de Dona Benta*; carta à senhora Zuleica Celestino, leitora na infância e mãe de um futuro leitor; e às meninas cariocas Nilda, Margarida e Rute.

Essa interação intensa com o leitor não passou despercebida aos olhos de Edgard Cavalheiro, que expõe em dois textos<sup>9</sup> – ilustrando com pequenos trechos de cartas das crianças – essa forte relação comunicacional, que ultrapassava os limites do texto escrito e do texto lido, concretizando-se pelo ato da correspondência. O biógrafo observa que

---

<sup>8</sup> A carta original, datada de 26 de abril de 1943, contém um parágrafo, suprimido por Lobato, no qual a leitora identifica-se, colocando: nome, idade, altura, cor do cabelo e cor da pele. Fonte: Instituto de Estudos Brasileiro(IEB)/USP – Arquivo Raul de Andrada e Silva (ARAS).

<sup>9</sup> CAVALHEIRO, Edgard. As crianças escrevem para Monteiro Lobato. *Panorama: arte e literatura*. Minas Gerais: n.7, ano 1, abril/maio de 1948. \_\_\_\_\_. Sítio do Picapau Amarelo. In: *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Nacional, 1955. p. 562-610.

Lobato “poderia ser insensível a muitas coisas, mas era de comovente fidelidade aos leitores que cresceram e se formaram com as aventuras da Emília, Pedrinho e Narizinho”.<sup>10</sup>

Marina de Andrada Procópio de Carvalho, amiga e prefaciadora de um livro de Lobato, faz eco às palavras de Cavalheiro, enfatizando a dedicação do escritor aos pequenos leitores, em especial àqueles que lhe escrevem. “Ritual religioso”, eis a comparação de que a autora se utiliza para fornecer um parâmetro a essa relação de respeito e carinho estabelecida pelo escritor com o público infantil, ao responder, todas as manhãs, às cartas que chegavam pelo correio. “É um dever sagrado. Penso que tudo pode acontecer a Lobato, menos deixar de responder a uma cartinha de criança”.<sup>11</sup>

Além dos depoimentos contemporâneos ao escritor, pesquisadores atuais como Marisa Lajolo, Cassiano Nunes e outros estudiosos da obra de Monteiro Lobato afirmam, peremptoriamente, essa relação estabelecida entre o escritor e os leitores através das correspondências.

Na pesquisa realizada no Mestrado, as cartas dos leitores de Maria de Lourdes Krieger estavam organizadas pela escritora em quatro grandes pastas, dispostas em ordem cronológica da emissão, cabendo-nos a seleção e interpretação. Já no caso das cartas dos leitores de Lobato existia somente a informação de sua existência, sem saber, no entanto, como localizá-las de forma integral, pois supúnhamos que o conjunto de cartas abrangeria uma quantidade muito maior do que aquela publicada por Lobato ou Edgard Cavalheiro.

Iniciamos nossas primeiras investidas ao visitar o Museu Monteiro Lobato, localizado nas dependências da Biblioteca Municipal Infanto-Juvenil Monteiro Lobato, em São Paulo, nos dias 12 e 13 de setembro de 1996.

Essa primeira consulta ao acervo do Museu Monteiro Lobato propiciou o contato com algumas evidências que contribuíram de maneira definitiva para que persistíssemos com a idéia. Em primeiro lugar, a constatação de que a responsável pelo Museu, a senhora Hilda Junqueira Villela Merz, correspondera-se na infância com Lobato. Era ela a famosa menina das “balas de cacau” que Cassiano Nunes apresentara ao público através de um bilhete do escritor. Além do contato pessoal com o escritor, ela foi inserida no universo maravilhoso do Picapau Amarelo, em 1939. Ainda mais significativa era a sua presença como responsável, a partir da década de 80, pelo acervo pertencente a Lobato. Em

---

<sup>10</sup> *Monteiro Lobato: vida e obra*. op.cit., p.619.

<sup>11</sup> CARVALHO, Marina de Andrada Procópio de. Prefácio. In: LOBATO, Monteiro. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1964.

segundo lugar, encontramos no arquivo do Museu cinco cartas de leitores direcionadas a Lobato, o que viabilizava o trabalho. Além do mais, a dona Hilda nos forneceu o endereço do professor Cassiano Nunes e do escritor Enéas Athanázio, para que pudéssemos entrar em contato com outros pesquisadores, com objetivo de investigar nossa proposta.

Sabíamos que Lobato, ao partir para a Argentina, em 1946, deixou sob os cuidados de Edgard Cavalheiro seu arquivo pessoal, composto de recortes, rascunhos, ilustrações e muitas cartas. A idéia de se desfazer da imensa papelada e deixá-la nas mãos do amigo nascera meses antes e só fora efetivada poucos dias antes de sua partida, para espanto de Cavalheiro, que dava por esquecido o pedido feito pelo escritor, quando um dia: “Estaciona na porta um carro e dele começam a descarregar pacotes de papéis, acompanhados de curto bilhete: Parto mesmo para a Argentina. Tudo arrumado. Estou desfazendo a casa. Aí vai a papelada... Haverá lugar?”<sup>12</sup>

Menos de dois anos depois, Lobato falecia e, precocemente, também o amigo a quem confiara o arquivo, resultando no que poderíamos chamar de dispersão comunitária da “papelada” lobatiana.<sup>13</sup> Talvez por esse motivo, Hilda Villela, em nosso primeiro encontro, não vislumbrava a possibilidade de encontrar as cartas dos leitores. Eram da mesma opinião os pesquisadores Cassiano Nunes e Enéas Athanázio, consultados naquele mesmo mês.

Com as informações obtidas até aquele momento, elaboramos o projeto de Doutorado e iniciamos o curso em março de 1997. No segundo semestre daquele ano, chegava às livrarias *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*,<sup>14</sup> que curiosamente trazia no capítulo 3, “Despertador do Brasil-criança”, trechos de algumas cartas dos leitores dos livros infantis de Lobato. Até aí, não haveria surpresa, pois Edgard Cavalheiro também assim o fizera.<sup>15</sup> O que surpreendia e alegrava era a informação dos pesquisadores de que o material coletado, as cartas, encontrava-se no Instituto de Estudos Brasileiros da USP, mais precisamente fazendo parte do Arquivo Raul de Andrada e Silva.

---

<sup>12</sup> *Monteiro Lobato: vida e obra*, v.1, op. cit., p.14.

<sup>13</sup> Segundo Joyce Campos, neta de Lobato, “o arquivo foi desaparecendo aos poucos”. Após as mortes de Lobato e Edgard Cavalheiro, Dona Purezinha encarregou o genro J. U. Campos de reaver o arquivo. Porém, o conjunto dos documentos já estava disperso. Para a neta, provavelmente “as pessoas foram se servindo lá no arquivo. Achando curiosos, interessante... Leva isso, leva aquilo!”. O depoimento de Joyce Campos Kornbluh foi concedido em entrevista realizada em sua residência, na cidade de São Paulo, em 13 de setembro de 1999.

<sup>14</sup> AZEVEDO, Carmem Lucia, CAMARGO, Marcia, SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: Ed. SENAC, 1997. p.311-332.

<sup>15</sup> O cotejo entre as duas publicações e os documentos do IEB/USP demonstram que ambas as pesquisas trabalharam com a mesma fonte primária de documentos, embora não se limitem aos mesmos remetentes.

Somadas todas as informações obtidas até aquele momento, começamos a executar o nosso itinerário de pesquisa, centrado em três linhas básicas: 1) seleção do referencial bibliográfico; 2) coleta de documentos referentes à correspondência de Lobato com os leitores; e 3) o contato e entrevista com alguns dos leitores correspondentes.

As leituras ao longo da pesquisa foram agrupadas em três grandes blocos. Em primeiro lugar, buscamos fazer a leitura da produção literária de Lobato de forma integral. Como já foi dito, em 1947, o escritor publicou, pela Brasiliense, a coleção de suas obras completas, subdivididas em duas séries: literatura geral e literatura infantil. O primeiro engloba seus três livros de contos, o único romance que escreveu, crônicas, artigos, prefácios, entrevistas e correspondências. O segundo concentra a sua produção literária para crianças, com exceção de *O garimpeiro do Rio das Garças*.<sup>16</sup> Buscou-se também a leitura de depoimentos de Lobato em entrevistas espalhadas em vários órgãos impressos e cartas inéditas do escritor.

A leitura desse referencial bibliográfico teve como ponto norteador iluminar as reflexões lobatianas sobre o papel da leitura e do leitor no desenvolvimento de sua produção literária, bem como a identificação dos leitores históricos na sua obra ficcional e em depoimentos de contatos com os mesmos.

Num segundo momento, debruçamo-nos sobre a fortuna crítica: aqueles textos publicados em jornais e revistas no período de 1918 a 1948, época em que o escritor estava vivo. Outro olhar estendeu-se sobre a fortuna crítica (biografias e análises das obras de Lobato) que contemplasse o escritor e a obra após sua morte até os dias de hoje. O intento consistia em averiguar a recepção crítica dos intelectuais a respeito da importância ou não da literatura lobatiana para a formação do leitor.

O terceiro momento centrou-se na seleção de testemunhos dos leitores de Lobato. Aqui existe uma subdivisão importantíssima, pois esses depoimentos referem-se a dois tipos específicos de leitores. De um lado, o leitor profissional: críticos e escritores que têm seu testemunho de leitura registrado publicamente através de livros, revistas e jornais; de outro, o leitor leigo, os correspondentes, que expressaram de forma imediata, por meio de carta, a sua interpretação diante da leitura de determinado livro.

---

<sup>16</sup> O livro *Histórias diversas*, reunião de pequenas narrativas publicadas entre 1947 e 1948, foi inserido ao conjunto da literatura infantil em 1959. MERZ, Hilda Junqueira Villela et al. *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996. Já *O garimpeiro do Rio das Garças* provavelmente não foi incluído na coleção por não se ambientar no espaço geográfico de Picapau Amarelo.



A coleta de documentos, no caso específico das cartas dos leitores e do escritor, foi viabilizada por pesquisas realizadas em duas instituições: Museu Monteiro Lobato e Instituto de Estudos Brasileiro da USP, ambas localizadas na cidade de São Paulo.

As consultas ao acervo do Museu Monteiro Lobato ocorreram em três momentos distintos: 12 e 13 de setembro de 1996, 14 a 16 de abril de 1998 e 20 de setembro de 1999. Como o acervo não está catalogado e sim organizado em várias pastas por assunto, fomos encontrando, ao longo da pesquisa, 38 cartas de várias procedências. Encontramos sete cartas de leitores publicadas no jornal *A Voz da Infância*, por sugestão de Lenyra Fraccaroli e com a autorização de Lobato, que assim se dirigia à diretoria do jornal: “Achei boa a idéia. Resta saber, agora, se vocês concordam conosco. Se concordarem e quiserem começar, aí vai uma das últimas cartas recebidas. Resolvam pois. E se não gostarem da idéia da Dona Lenyra, será obséquio devolverem a carta”.<sup>17</sup> Existem ainda três cartas de grupos escolares que se encontram recortadas e coladas no Álbum de Dona Purezinha,<sup>18</sup> quatro cartas de leitores manuscritas; dezesseis cartas de Lobato a leitores e amigos e nove bilhetes a Hilda e a Maria Elisa Villela, sendo que um deles foi publicado por Cassiano Nunes.<sup>19</sup>

A pesquisa no acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP (IEB/USP) se realizou nos dias 13 a 17 de setembro de 1999. Os 347 documentos analisados referem-se exclusivamente a leitores de Lobato e encontram-se no Arquivo Raul de Andrada e Silva (ARAS), com a denominação de “Dossiê Monteiro Lobato”. Estão catalogados da seguinte forma: 245 cartas infantis – correspondência passiva de Monteiro Lobato, que engloba os anos de 1932 a 1946; 76 cartas de adultos – correspondência passiva, abrangendo o período de 1928 a 1946; onze perfis do escritor, desenvolvidos pelos alunos do Grupo Escolar Desembargador Drummond, localizado em São José da Lagoa (SP),

---

<sup>17</sup> FRACCAROLI, Lenyra C. Lobato e a biblioteca infantil. In: DANTAS, Paulo. *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982. p.107-113. A publicação dessas cartas aconteceu em alguns números do jornal no ano de 1945. Em 1948 retornaram pela passagem do falecimento do escritor e, em abril de 1962, quando das comemorações do seu aniversário de nascimento.

<sup>18</sup> A esposa de Lobato, Pureza Monteiro Lobato (1885-1959), foi ao longo de sua existência registrando a caminhada literária de Lobato através de álbuns de recortes. Encontram-se ali várias publicações do escritor na imprensa, informações sobre publicações, críticas. Enfim, tudo que tematizasse a produção literária era recortado e meticulosamente colado, resultando em dois grossos volumes que se encontram no Museu Monteiro Lobato. No entanto, um grave problema impossibilita a utilização desse material como fonte confiável: a maioria dos registros está sem data e referência da procedência, já que não existia por parte da organizadora qualquer preocupação metodológica, e sim afetiva.

<sup>19</sup> NUNES, Cassiano. (org.) *Monteiro Lobato vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda/Record, 1986. p.37.

datados de abril de 1934 e provavelmente enviados num único pacote; e quinze desenhos infantis.<sup>20</sup>

Da soma geral do acervo das duas instituições, 82 cartas correspondem a documentos enviados exclusivamente por escolas, informando Lobato sobre as atividades desenvolvidas com a leitura de seus livros, convidando-o para patrono de clubes de leituras, fazendo pedidos de cortesia e/ou agradecendo o material recebido.

Acreditávamos que, a partir de dados evidenciados, as cartas recebidas por Lobato, conseguiríamos entrar em contato com alguns dos leitores que se corresponderam ou que tiveram alguma relação de proximidade com o escritor. No entanto, a execução de tal tarefa era mais complexa e difícil do que inicialmente imaginávamos. Primeiro, devido à distância temporal de 50 a 70 anos entre o acontecimento e a pesquisa, o que dificultava, de certo modo, o contato com o endereço original desses leitores. A questão tempo, também, sugeria a hipótese de falecimento de alguns desses correspondentes. Outro fato, mais crucial, dizia respeito ao nome desses leitores: os do sexo masculino, provavelmente, como reza a tradição, estariam com seus nomes de infância; já no caso das leitoras, a situação se complicava, pois em caso de matrimônio é comum a mulher adicionar o nome do cônjuge ao de solteira.

De posse do nome e da cidade em que o leitor emitiu a carta, recorremos ao catálogo telefônico como uma das possibilidades viáveis de consulta. Muitas vezes nos deparávamos com cinco, seis identidades semelhantes, o que causava certa frustração e desânimo, porém persistíamos. Do catálogo extraímos o endereço e enviamos aproximadamente 30 correspondências pedindo informações. Nesse primeiro momento, somente um nos respondeu: Alarico Silveira Júnior.

Resolvemos então telefonar para os possíveis candidatos a leitores. A incerteza em saber se lidávamos com o destinatário pretendido gerou certo constrangimento, já que a pergunta sobre sua identidade exigia uma explicação que estava vinculada a fatos decorridos há mais de sessenta anos. Muitas vezes a resposta vinha de imediato, pois constatava-se logo que a pessoa do outro lado da linha não tinha a voz de alguém de 60,

---

<sup>20</sup> O arquivo Raul de Andrada e Silva contém aproximadamente 5.580 documentos, doados ao IEB por Guy R. de Andrada, sobrinho do titular, em 1993. Segundo o catálogo organizado pela instituição, os documentos foram enviados ao titular por Monteiro Lobato e Marina de Andrada Procópio de Carvalho. Porém, o conjunto de cartas termina em 1946, ano de publicação do livro *Prefácios e entrevistas*, fato que nos leva a crer que foram cedidas por Lobato a Marina de Andrada Procópio Carvalho, sobrinha de Raul de Andrada e Silva, para desenvolver sua reflexão sobre a relação de Lobato com o pequeno leitor, contida no prefácio do livro. Talvez aí resida a origem da procedência desse material. BATISTA, Marta Rossetti. (coord.) *ABC do IEB: guia geral do acervo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997. p.97.

70 anos de idade. Por outro lado, era indescritível a sensação de prazer ao receber a notícia de que estávamos falando com a pessoa procurada. Acreditávamos que, encontrado o leitor, tudo se realizaria e a adesão à proposta seria irrestrita. No entanto, não foi bem assim que ocorreu. Localizamos aproximadamente quinze leitores, mas somente sete concordaram com um possível questionamento sobre a relação com o escritor na infância.

A opção por esses depoimentos tem sua validade pela espontaneidade do leitor no seu período infantil, pela surpreendente relação que conseguia estabelecer com o escritor. Mesmo no caso daqueles em que a correspondência não foi efetivada, ficou marcada na imagem de Lobato a atuação do leitor e por isso a sua inclusão.<sup>21</sup> Reencontrá-los, anos mais tarde, ou melhor, muitos anos mais tarde, possibilita a reflexão sobre as suas impressões daquele período de sua formação de leitor.

Gostaríamos de apresentar essas sete personagens de carne e osso que colaboraram com o nosso trabalho e que, sem dúvida, fazem parte de um momento importante da construção da história da leitura no Brasil.

Alarico Silveira Júnior, filho de Alarico Silveira, grande amigo de Lobato, talvez tenha sido uma das primeiras crianças a se corresponder com o escritor. O ano é 1928 e Lobato está distante de sua terra, residindo em Nova Iorque, onde as cartas do menino chegam sempre trazendo impressões de suas leituras, ou melhor, as leituras ouvidas, pois ele estava em fase de alfabetização. O escritor insere o pequeno leitor na narrativa *O circo de escavalinho* (1929).

Gilson Maurity Santos nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1º de março de 1922. Suas primeiras cartas a Lobato datam de 1934, cinco no total. Em 1943 e 1945, quando era estudante de medicina, entra novamente em contato com o escritor através de cartas. Em 1939, Lobato insere o menino como personagem na narrativa *O Picapau Amarelo*.

Hilda Junqueira Villela (Merz) nasceu em São Paulo, em 1º de setembro de 1923. Leitora assídua dos livros infantis de Lobato, teve contato pessoal com ele a partir dos dez anos de idade até a sua morte. A leitora é inserida como personagem na narrativa *O Picapau Amarelo*.

Joyce Campos (Kornbluh) nasceu em Nova Iorque (E.U.A), em 24 de fevereiro de 1930, filha de Marta Lobato e Jurandir Campos. Tem sua infância cercada pelas

---

<sup>21</sup> Duas leitoras entrevistadas não se corresponderam com Lobato: Lucy Mesquita e Joyce Campos. No entanto, suas presenças se justificam pelo contato direto que tiveram com ele, a primeira pela forte impressão que causou no escritor e a segunda pelo relacionamento íntimo e familiar.

narrativas do avô escritor. Em 1939, visita com Hilda e Gilson o Sítio do Picapau Amarelo.

Lucy Mesquita (Sabino de Freitas) nasceu em Conquista (MG), em 3 de abril de 1921. Seu caminho se cruza com Lobato em julho de 1937, quando discursa para o escritor no pátio do Colégio Nossa Senhora das Dores, localizado em Uberaba.

Nicean Serrano Telles de Souza (Campos), nascida em 3 de outubro de 1932, na cidade de Manaus (AM), escreveu uma única carta a Lobato, em 1941, período de sua prisão.

Cordélia Fontainha Seta nasceu em Juiz de Fora (MG), no dia 16 de agosto de 1929. A leitora além de corresponder-se com Lobato a partir de 1944 até a sua morte desfrutou da amizade pessoal do escritor e de seus familiares. Encontramos o total de nove cartas da menina ao escritor.

O procedimento para a realização das entrevistas não foi padronizado. Lidamos, por razões diversas, com dois tipos de entrevistas: uma de caráter pessoal e outra por correspondência. As entrevistas pessoais ocorreram na cidade de São Paulo, com Hilda Villela e Joyce Campos Kornbluh.

A entrevista com Hilda Junqueira Villela Merz foi realizada em 13 e 14 de abril de 1998 no Museu Monteiro Lobato, em São Paulo. Dona Hilda, como carinhosamente é chamada, prontamente concordou com o diálogo sobre Lobato, contudo foi irredutível quanto à utilização do gravador, pois o aparelho a desgosta. As lembranças e depoimentos foram sendo registrados a tinta. Durante as conversas, ela lembrou-se de que perguntas semelhantes lhe haviam sido feitas e registradas, em dezembro de 1994, por uma pesquisadora que, no início de 1998, remeteu à Biblioteca uma cópia de sua dissertação com essa entrevista em anexo.<sup>22</sup> Assim, utilizamo-nos das informações da entrevista anterior, da entrevista atual e de anotações que Hilda havia realizado, como por exemplo a preferência pela personagem Pedrinho. Dessa forma, fomos costurando o texto, sempre levando em conta que o fio principal desse tecido é o leitor, nesse caso D. Hilda, através de seu testemunho.

---

<sup>22</sup> BERTOZZO, Sandra Maria Giovanetti. *Reverendo Monteiro Lobato: vida e obra de Edgard Cavalheiro – uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo: UNESP, 1996. (Dissertação de Mestrado). O trabalho aborda a biografia de Monteiro Lobato realizada por Edgard Cavalheiro. A entrevista com Hilda Villela é um dos anexos do trabalho e vem justificada pela importância da pessoa enquanto pesquisadora da vida e obra de Lobato. No entanto, acreditamos que, apesar de valioso, o testemunho não recebeu a relevância merecida, já que não está relacionado diretamente ao objetivo da dissertação.

Em 13 de setembro de 1999, fomos acolhidos pela tão famosa hospitalidade lobatiana: Joyce Campos Kornbluh, neta do escritor, abriu-nos a sua residência e concedeu-nos uma entrevista. O dia não era dos melhores, a família estava envolvida com uma “inundação doméstica”, alguns canos haviam vazado e a casa, fechada durante o fim de semana, estava literalmente alagada. Na sala, ao esperá-la, deparamo-nos com algumas aquarelas pintadas por Lobato e, muitas, muitas telas de J. U. Campos, pai de Joyce. A entrevistada levou-nos a um local, segundo ela mais aconselhável, onde não seríamos importunadas pelo alagamento: o andar superior da casa, sala anexa ao quarto do casal. Cordial, alegre e brincalhona, Joyce respondeu-nos os questionamentos previamente conhecidos e utilizamo-nos do gravador.

Com os outros cinco leitores, as entrevistas foram obtidas por correspondência, dentro do seguinte cronograma: O primeiro contato com Alarico Silveira Júnior deu-se através de correspondência, remetida em 1º de outubro de 1996, quando lhe questionamos se era ele o menino das cartas. Nesse período, estávamos desenvolvendo o projeto para prestarmos o exame de seleção para o Doutorado; a informação foi de grande importância, pois vimos que seria possível encontrar alguns dos leitores de Lobato. Em 23 de abril de 1998, recebemos, através do correio, as respostas ao questionário remetido no dia 3 daquele mesmo mês.

Gilson Maurity Santos, residente desde a infância no Rio de Janeiro, foi localizado por telefone em 17 de agosto de 1999 e enviou-nos as respostas ao questionário em 30 de agosto de 1999.

A ligação com Lucy Mesquita (Sabino de Freitas) foi estabelecida em setembro de 1999 através do Colégio Nossa Senhora das Dores, de Uberaba, Minas Gerais, na pessoa da coordenadora de Língua Portuguesa, Maria da Graça Soares da Silva, que a localizou residindo na cidade de Ribeirão Preto, São Paulo. Na segunda quinzena de outubro de 1999, Lucy Mesquita enviou-nos pelo correio o questionário devidamente respondido.

Descobrimos que a senhora Nicean Serrano Telles de Souza (Campos) residia em Goiânia, Goiás, através de um artigo em jornal da cidade, datado de 1998, que comentava o relacionamento entre Monteiro Lobato e a leitora.<sup>23</sup> A informação do nome de seu

---

<sup>23</sup> URSOLINO, Leão. Lobato por aqui. *O Popular*, Goiânia, 27 jul. 1998. Em abril daquele ano, o jornal *Folha de S. Paulo* trazia informações sobre a exposição “O Brasil encantado de Monteiro Lobato” e três cartas de leitores observando que as “crianças davam idéias para as aventuras”. A carta de Nicean estava entre elas, o que, provavelmente, motivou o jornal local para a matéria. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 18 abr. 1998. p.5.

esposo, o senhor Ciro Campos, facilitou-nos a procura no catálogo telefônico. A leitora, contatada por telefone em 26 de outubro de 1999, enviou-nos o questionário pelo correio em 11 de novembro do mesmo ano.

O primeiro contato com Cordélia Fontainha Seta deu-se por telefone em outubro de 1999. No entanto, houve alguns problemas de extravio das respostas pela agência de correios e só então reatamos a correspondência e recebemos a resposta do questionário em 21 de fevereiro de 2000.

O repertório de perguntas, que não foi o mesmo para todos os entrevistados, buscava de certa maneira reconstituir o momento histórico-social em que estavam inseridos os entrevistados, suas leituras na infância, a relação com os livros de Lobato e com o próprio escritor, através das cartas. Enfim, “tomávamos pelas mãos” os participantes diretos do processo de leitura e questionávamos sobre a possível importância de Lobato em sua formação como leitores.

Através desses leitores, recebemos cópias de sete cartas inéditas de Lobato: cinco enviadas por Gilson Maurity Santos, uma por Nicean Serrano Telles de Sousa Campos e uma por Hilda Villela Junqueira Merz. O ineditismo desse material ganha relevância pelo seu teor, pois apresenta-nos um Lobato de “mangas de camisa” a dialogar com o seu público leitor, de igual para igual.

Resta-nos ainda ressaltar a importância que teve para a fase inicial deste trabalho a leitura de três autores que apresentam, cada um à sua maneira, a validade de percorrer o caminho da leitura pelo olhar do leitor das obras infantis de Monteiro Lobato: Zinda Maria Carvalho de Vasconcellos, Ligia Cademartori Magalhães e J. Roberto Whitaker Penteado.

Zinda Maria Carvalho de Vasconcellos,<sup>24</sup> ao redigir sua dissertação de mestrado, tem dois objetivos: o primeiro concentra-se em desenvolver e analisar os aspectos ideológicos inseridos na obra infantil de Monteiro Lobato; e o segundo, em determinar a recepção da obra lobatiana, buscando averiguar até que ponto houve influência na formação do pensamento de seus leitores. Se o primeiro objetivo foi contemplado plenamente pela autora, o segundo deixou muito a desejar. Esta constatação é aferida pela própria autora que explica, nas “considerações preliminares” de seu trabalho, a necessidade e importância de uma pesquisa que contemplasse a recepção da obra de

---

<sup>24</sup> VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho. *O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.

Lobato pelo olhar de diferentes gerações, para poder averiguar detidamente a influência das suas leituras na formação do pensamento crítico de seus leitores.

Em 1982, ano da publicação do livro de Zinda, Ligia Cademartori Magalhães, no artigo “O Brasil levado a sério”,<sup>25</sup> aborda a ausência de análises da obra de Monteiro Lobato que leve em conta a recepção de sua literatura infantil. Incorporando as idéias de Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, a autora destaca o papel criador do leitor e o caráter emancipatório da produção literária de Lobato.

Partindo da hipótese de que a obra infantil de Monteiro Lobato teve grande influência na formação da ideologia de seus leitores na vida adulta, J. Roberto Whitaker Penteado, em sua tese de doutorado, apresentada em 1996,<sup>26</sup> traz a público uma minuciosa pesquisa quantitativa (comprovando através de evidências estatísticas a sua hipótese) e qualitativa (entrevista com nove leitores de Lobato na infância). O pesquisador antevê a influência ideológica da leitura lobatiana na geração que hoje se encontra entre os 48 e 61 anos de idade, denominada pelo autor de “filhos de Lobato”.

A idéia geradora dos três pesquisadores, sem dúvida, evidencia o papel do leitor e o coloca como protagonista central da trama da escritura. Cademartori levanta as possibilidades da recepção dentro do próprio texto, enquanto Vasconcellos e Whitaker apontam para a leitura da obra e o testemunho *a posteriori* do leitor, o que implica um distanciamento temporal entre o ato da leitura e o seu relato.

O presente trabalho, por sua vez, busca o testemunho dos leitores sobre a recepção da obra infantil de Lobato, focalizando dois momentos distintos: as impressões descritas na infância, dirigidas nas cartas ao escritor, contrapostas aos depoimentos atuais. A singularidade deste trabalho encontra-se nesse ponto, pois estamos diante de um registro próximo do ato da leitura, no seu momento de apreensão. E as reflexões posteriores desses mesmos leitores sobre sua prática de leitura possibilitam evidenciar o papel desempenhado pelo autor e sua obra na formação de tais leitores.

---

<sup>25</sup> MAGALHÃES, Ligia Cademartori. O Brasil levado a sério. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v.15, n.3, 1982. p.23-28.

<sup>26</sup> Em 25 de setembro de 1996, J. Roberto Whitaker Penteado enviou-nos o resumo de sua tese e vários recortes de jornal sobre a defesa para que nos inteirássemos de sua pesquisa. O trabalho recebe a forma de livro e chega às livrarias no segundo semestre de 1997. PENTEADO, J. Roberto Whitaker. *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya, 1997.

## CAPÍTULO 2

*TODOS OS CAMINHOS LEVAM À LEITURA*



## 2.1 Lobato: um homem faminto por leitura

(...) temos de ser imãs; e passar de galopadas pelos livros, com casco de ferro imantado, para irmos atraindo o que nas leituras nos aproveite, por força de misteriosa afinidade com o mistério que somos. Ler não para amontoar coisas, mas para atrair coisas. Não coisas escolhidas conscientemente, mais coisas afins, que nos aumentam sem o percebermos.<sup>27</sup>

A reflexão de Monteiro Lobato sobre o ato da leitura assinala o seu permanente diálogo com a apropriação do material lido. Mais do que mera assimilação, a leitura é uma forma de conquista, em que o leitor sai enriquecido, mesmo que inconscientemente. Ler revela-se um poderoso artifício quando seu exercício se descola da idéia de obrigação – obrigação de apoderar-se do saber “amontoando” conhecimento. A aquisição do saber nasce espontaneamente quando o leitor é despertado por leituras sem fins pedagógicos.

Acreditamos que a relação de Lobato com o livro deve ser pensada como algo anterior ao seu ofício de escritor e editor, pois antes de tudo ele foi leitor, e ao exercer esse papel, refletiu sobre a partilha e a comunhão entre quem lê e o objeto lido. Pressente-se, assim, do seu testemunho sobre o ato da leitura, muito do que ele realizou como homem das letras e empresário do livro.

Selecionar as leituras de Lobato a serem focalizadas é uma tarefa difícil, já que seu itinerário de leitor reúne uma quantidade extensa de obras estrangeiras e nacionais, em áreas muitas vezes diversas como: literária, sociológica, filosófica. As leituras realizadas por Lobato de autores como Spencer, Comte, Le Bon e Nietzsche, por exemplo, já foram retratadas em outros trabalhos como influenciadoras no seu período de formação ideológica e, por consequência, refletidas na sua obra, em especial a infantil.<sup>28</sup>

---

<sup>27</sup> NUNES, Cassiano. (org.) *Monteiro Lobato vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda/Record, 1986. p.69. Carta a Hernani Ferreira, datada de abril de 1946.

<sup>28</sup> Zilda Maria Carvalho de Vasconcellos, em *O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato* e J. Roberto Whitaker Penteado, em *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*, realizaram pesquisas referentes à formação ideológica do escritor taubateano.

Nosso intento, contudo, detém-se ao Lobato “leitor comum” que se encanta com algumas leituras: os “sumos”; ao mesmo tempo que se engasga com os livros “palhas”.<sup>29</sup> Ao menino, que teve acesso à literatura infantil da sua época: os contos de Perrault, dos irmãos Grimm e ao livro *João Felpudo*, entre outros; ao adolescente, que descobre o mundo de aventuras nos livros de Júlio Verne e no *Robinson Crusóé*; ao jovem, que se delicia com a leitura de autores franceses; ao homem já feito, que descobre os livros de língua portuguesa; ao homem maduro, seletivo em suas leituras.

Gulnara Lobato Pereira, ao narrar alguns fatos acontecidos na infância do menino Juca, como era chamado Lobato quando menino, apresenta o título *João Felpudo* como o seu primeiro livro de leitura. Presente da sua mãe, D. Olímpia, quando o escritor tinha cinco anos de idade, o livro fora escolhido pelo seu caráter de exemplaridade: “A mãe o tinha escolhido de propósito, por causa de uma história, ‘Simplício olha para o ar’, pois Juca era muito distraído e costumava andar olhando para cima, e com isso vivia dando topadas e levando tombos um atrás do outro”.<sup>30</sup> Edgard Cavalheiro informa que Lobato foi alfabetizado por D. Olímpia entre os quatro ou cinco anos de idade;<sup>31</sup> pode-se aferir que, possivelmente, esse foi um dos primeiros livros que o aproximou das letras, o que não descarta a possibilidade da leitura materna em voz alta. Apropriando-se do conhecimento necessário para efetivar a leitura, eis o menino Lobato, de livro aberto, a contar histórias às irmãs e às crianças que habitavam na fazenda: “mostrando-lhes as figuras e lendo-lhes os dizeres”.<sup>32</sup>

<sup>29</sup> Em carta de 15 de março de 1906, o escritor listava ao amigo Rangel os livros “palhas” e os “sumos”. Os primeiros seriam os Balzacs, Shakespeares, os Nietzsches, os Bains e os Kiplings. Os segundos seriam os Stuat-Mils, Theuriets e os Ohnetes. LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964. v.1. p.120.

<sup>30</sup> PEREIRA, Gulnara Lobato. *O menino Juca*. Aquarela de Rui de Oliveira. Rio de Janeiro: Berlendis & Vertecchia, 1982. Segundo a autora, “este livro foi escrito a pedido, insistente e instigante, de Donatella Berlendis, editora de Literatura Infantil e organizadora do Museu da infância, na Chácara do Visconde, em Taubaté”. Tal livro aparece no ano de comemorações do centenário de nascimento de Monteiro Lobato.

<sup>31</sup> CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Nacional, 1955. p.24. v.1. A biografia de Monteiro Lobato, realizada por Edgard Cavalheiro, parece-nos a mais completa realizada até aqui, mesmo depois do lançamento, em 1997, do livro *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. Essa afirmação parte do pressuposto de que Edgard Cavalheiro, além de ter convivido com o escritor, obteve riquíssimos depoimentos de pessoas próximas a Lobato, como da esposa do escritor, Pureza Monteiro Lobato, da irmã, Ester Lobato de Moraes, e muitas outras, pertencentes ao seu círculo de amizades. Outro fator, e talvez o mais relevante, é que Cavalheiro estava de posse do arquivo do escritor, doado pelo mesmo quando de sua partida para a Argentina em 1946. Assim, muitas informações, em especial as referentes à correspondência, eram totalmente inéditas. Posteriormente, Cavalheiro selecionou e organizou o material em volumes que vieram a público (*Literatura do Minarete, Conferências, artigos e crônicas, Cartas escolhidas e Críticas e outras notas*). *Monteiro Lobato: vida e obra* está organizado em dois volumes, que seguem a vida do autor cronologicamente, conta com 101 ilustrações distribuídas ao longo da narrativa e sete “apensos” correspondentes a textos inéditos de Monteiro Lobato.

<sup>32</sup> *Ibid.*, p.27.

Rememorando o seu passado de leitor, Lobato faz um balanço das leituras possíveis em sua infância, em contraste com as leituras dos meninos contemporâneos à década de 40. À meninada de sua época era destinada uma leitura intensiva, pois o máximo que se podia reunir no mercado e se podia ter em mãos era: “três livros de Laemmert, adaptados por um Jansen Müller, e dois álbuns de cenas coloridas – *O menino verde e João Felpudo*”.<sup>33</sup> As mudanças são significativas para o leitor infantil, que tem à sua escolha várias opções de títulos, propiciando uma leitura extensiva. Lobato fica feliz com esse crescimento e saúda a publicação de Mário Donato<sup>34</sup> para o público infantil: “Hoje os pais já tonteiam na escolha, e agora contam com mais um produtor de primeira classe e seguríssimo na pontaria. E eu sinto-me felicíssimo porque fui quem loteou e abriu para o público os terrenos da Cidade Infantil do Picapau Amarelo”.<sup>35</sup>

No período colegial, Lobato destaca dois caminhos de sua formação leitora, ambos de aventura: os livros de Júlio Verne e *Robinson Crusoe*. Dedicava boa parte de seu tempo à leitura dos livros, tornando-os, muitas vezes, seus companheiros noturnos: “Lia até chegar o sono e então enfiava os livros debaixo do colchão, até que um dia, como se queixasse de dores nas costas, descobriram que o colchão estava todo cheio de alto e baixos por causa dos livros amontoados debaixo dele”.<sup>36</sup> O livro *Robinson Crusoe*, recebido de presente no Natal, foi lido e relido “com um deleite inenarrável”,<sup>37</sup> possivelmente entre os onze e doze anos de idade.

Para Lobato, tais livros imaginativos tinham o poder de despertar no leitor a curiosidade, o instinto à pesquisa, o desejo de apossar-se do desconhecido. Se a vida escolar com seus saberes e mestres pouco influenciou na sua formação, aos livros, no entanto, deve a sua aprendizagem para a vida: “A Júlio Verne todo um mundo de coisas eu devo! E a Robinson? Falaram-me à imaginação, despertaram-me a curiosidade – e o resto se fez por si”.<sup>38</sup>

<sup>33</sup> LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1964. v.2. p.199.

<sup>34</sup> Escritor paulistano, nascido em 1915, Mário Donato iniciou sua produção literária para crianças através das traduções dos livros: *Os três mosqueteiros*, de Alexandre Dumas, e *Colombo*, de L.A. Sanchez (1942). *Fábulas de mestre La Fontaine* e *Aventuras e desventuras de Gil Brás de Lesage* (1943). Do folclore adaptou as narrativas: *A formiga da perninha gelada* (1944), *Esperteza do jabuti* (1945) e *O negrinho do pastoreio* (1950). COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: Séculos XIX e XX*. 4.ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. p.787.

<sup>35</sup> *Cartas escolhidas*, op. cit., p.199.

<sup>36</sup> PEREIRA, Gulnara Lobato, op. cit., s.p.

<sup>37</sup> *A barca de Gleyre*, v.2, op. cit., p.304.

<sup>38</sup> LOBATO, Monteiro. “Recordando”. In: \_\_\_\_\_. *Mundo da lua e Miscelânea*. 14.ed. São Paulo: Brasiliense, 1972. p.17.

Na biblioteca particular do avô, o Visconde de Tremembé, Lobato tem acesso a um conjunto expressivo de obras: de história antiga à coleção de revistas; de fotografias de mulheres nuas às obras de Spencer. A multiplicidade e a diversidade desse acervo foi construída, em sua grande parte, por um filho do Visconde que viajou pelo mundo; morto em Nápoles seus pertences retornaram para Taubaté, “com os mais preciosos e curiosos livros comprados aqui e ali”.<sup>39</sup> E é em meio à convivência com esse acervo eclético que Lobato se vê despontando para o fascínio da leitura. Uma leitura extensiva que, por certo, deixou marcas na sua formação.

A biblioteca “tremendamente histórica e científica” do avô exercia um fascínio sobre o menino que encontrava naquele espaço a liberdade para o exercício da vivência leitora, como registrou no seu depoimento sobre a leitura dos romances de aventura de Gustave Aimard e Mayne Reid. A leitura aguça-lhe os órgãos dos sentidos. O leitor Lobato transpõe-se ao fato narrado: ouvindo e vendo e, porque não, vivendo o lido:

Eu ouvia os gritos... E coisas horrorosas da Índia. Viúvas na fogueira. Elefantes esmagando sob as patas a cabeça de condenados. E tigres agarrados à tromba de elefantes. E índios da Terra do Fogo, horríveis, a comerem lagartixas vivas. E eu via a lagartixa bulir...E tragédias do centro da Ásia e lá das Guianas. O rio Orinoco me impressionava muito.<sup>40</sup>

Aos 21 anos de idade, de férias em Taubaté, comunica ao amigo Godofredo Rangel as preferências familiares pelo escritor português Eça de Queiroz. Descreve a família unida pela leitura do escritor: “Meu avô lê a *Cidade e as Serras*, minha irmã lê a *Ilustre Casa dos Ramirez*, eu leio suas histórias de santos – e como somos só três neste imenso casarão, não erro dizendo que a casa inteira lê Eça”.<sup>41</sup> A leitura individual de cada membro familiar acaba por irmaná-los pela escolha do mesmo autor; contudo, não existe uma orientação prévia no sentido de obrigatoriedade.

Lobato se descreve como leitor libérrimo na escolha e no tempo despendido para a leitura: “Só leio o que me agrada e só o quando estou com apetite”.<sup>42</sup> Porém, sua experiência leitora está enraizada no contato estreito com a literatura francesa, já que “até

---

<sup>39</sup> *A barca de Gleyre*, v.1, op. cit., p.52.

<sup>40</sup> *Ibid.*, p.51.

<sup>41</sup> *Ibid.*, p.41-42. Carta de 28 de dezembro de 1903.

<sup>42</sup> *Ibid.*, p.48.

depois dos 25 anos” conseguia enumerar nos dedos os livros de língua portuguesa que havia lido: “um pouco de Eça, uns cinco volumes de Camilo, meio Machado de Assis. E Euclides e jornais”.<sup>43</sup>

Ao longo de sua correspondência com Rangel, Lobato vai listando suas leituras e suas impressões sobre os livros e seus autores. Nota-se a presença, quase que absoluta, de escritores estrangeiros, em especial os franceses. Entre eles: Alphonse Daudet, com quem tinha uma forte ligação sentimental, foi lido no tempo de faculdade e influenciou a nomeação dos membros do cenáculo, que optaram pelos nomes dos heróis do romance *Tartarin de Tarascon*, para se autodenominarem.

As leituras de Lamartine, Émile Zola e Michelet são intercaladas com as leituras de Ernest Renan, “o sereno evocador da verdade”.<sup>44</sup> Sobre Stendhal e seu livro *O vermelho e o negro*, Lobato tece elogios: “é sempre original, quase sempre sincero e poucas vezes atraente (à moda dos fáceis)”.<sup>45</sup> Considera Pierre Loté “uma besta. Afeta simplicidade”.<sup>46</sup> Sobre Gustave Flaubert deposita um olhar severo: “me desagrada, me maçã seriamente, e que me tem sido uma pura *corvée* a leitura de seus livros”.<sup>47</sup> Já o livro *Roman Brésilien*, de Adrien Delpech, considera “bem bom”.<sup>48</sup>

Inicia o ano de 1906 enjoado da leitura dos escritores franceses, mas elenca em sua correspondência as leituras de: Mirabeau, Balzac, Alphonse Karr, Fontenelle; George Sand e Voltaire. Em 1907, debruça-se sobre os livros de Anatole France, Le Bon, Tristan Bernard, Rabelais, Verhaeren, Marcel Prévost, Victor Hugo, Molière, Abel Hermant, Paul Hervieu, Henri Lavedan, Henry Bernstein, Maurice Barrès, Leon Frapié. Em 1908, Lobato lê os poetas Verlaine e Baudelaire. Ainda podemos citar as leituras de Maupassant, Chateaubriand, Michel de Montaigne, Marquês de Sade, Banville, Hall Caine, Goncourt (os irmãos Edmond e Jules), Huysmans, entre outros.

Da literatura russa despontam Dostoiewsky, Tolstoi, Gogol, Gorki e Turgueniev. Na literatura de língua inglesa surgem William Shakespeare, Byron, Walter Scott, o filósofo evolucionista Herbert Spencer, Oscar Wilde, Edgard Alan Poe, H.G. Wells, Dickens, Maucalay, Oliver Goldsmith, Mark Twain, Rudyard Kipling, Conan Doyle e Fenimore Cooper. Lê os escritores alemães Nietzsche, o filósofo Immanuel Kant e

<sup>43</sup> *A barca de Gleyre*. v.2, op. cit., p.50. Carta de 30 de setembro de 1915.

<sup>44</sup> *A barca de Gleyre*, v.1, op. cit., p.41.

<sup>45</sup> *Ibid.*, p.54.

<sup>46</sup> *Ibid.*, p.46.

<sup>47</sup> *Ibid.*, p.92.

<sup>48</sup> *Ibid.*, p.70.

Goethe. Impressionado com a leitura do livro *Crime e castigo*, de Dostoiewsky, Lobato faz o seguinte comentário comparativo entre essas literaturas:

Dum livro francês sai-se como dum salão galante onde todos fazem filosofia amável e se chocam adultérios. Dum livro inglês sai-se como dum garden-party onde há misses vestidas de branco, zero peito e olhos volubilis da bem azul. Dum livro alemão (alemão moderno, porque nos grandes antigos não é assim) sai-se contente – o inconsciente contentamento do latino vicioso (...) Mas sair dum livro russo é sair dum pesadelo!<sup>49</sup>

Até 1908, Lobato lê ainda os clássicos da Antigüidade: *Iliada e Odisséia*, de Homero; *Eneida*, de Virgílio; e Esopo; Ésquilo, Horácio e Petrônio. Em 1909, ele começa a se dedicar mais efetivamente à leitura dos escritores de língua portuguesa, confessando a Rangel: “parei com as minhas leituras de língua estrangeira. Não quero que nada estrague minha lua de mel com a língua lusíada”.<sup>50</sup> Lê nesse período *Paixão de Maria do Céu*, de Malheiro Dias, *Lendas e narrativas*, de Alexandre Herculano, *Anais de D. João III*, de Frei Luís de Sousa, e *Eusébio Macário*, de Camilo Castelo Branco.

Fascinado por Camilo Castelo Branco, censura a sua formação sedimentada na leitura de autores franceses. E destaca que a leitura de obras estrangeiras só deveria acontecer “aos que perlustraram a fundo as províncias da literatura pátria”.<sup>51</sup> Para suprir sua deficiência em relação aos autores portugueses, Lobato faz encomendas às livrarias lusitanas e informa o seu interesse pelos livros de Camilo: “Fiz vir um fardel de 50 volumes, que trago (tragar, engolir) em parcelas de meio por dia”.<sup>52</sup> Além dos autores citados, são nomeadas as leituras de Luís de Camões, Bocage, Antônio Feliciano Castilho, Almeida Garrett, Carolina Michaelis, Francisco Manuel e Fialho de Almeida.

Apesar de seguirmos uma linha cronológica – a correspondência com Rangel – para descrever as leituras de Lobato, elas não se dão de forma estanque, pois, vez ou outra, ele está relendo as obras ou outros títulos de autores já conhecidos. A leitura comparada à bebedeira, sorvida em pequenos goles ou tragada aos borbotões, destila com frequência nos seus depoimentos. Em Taubaté (1904), afirma estar sofrendo de *delirium legens* “espécie de *delirium tremens* dos bêbados”,<sup>53</sup> em Arcias lê para embriagar-se

---

<sup>49</sup> Ibid., p.193.

<sup>50</sup> Ibid., p.272.

<sup>51</sup> Ibid., p.285.

<sup>52</sup> Ibid., p.291.

<sup>53</sup> Ibid., p.47.

“como o bêbado bebe para esquecer”. Essa metáfora etílica é utilizada, também, para comparar a leitura de algumas obras. Senão vejamos:

Camilo é estilo entalhudo. Dá porradas geniais! Kipling é o estilo White Label. Inebria depressa. Gorki é vodka. Derruba. E nós? Alencar é capilé com água Flórida, bebido em ‘copo de leite’. Macedo é capilé com canela, bebido em caneca de folha. Bernardo Guimarães é capilé com arruda, bebido em cuia. Coelho Neto é capilé da Grécia, bebido em ânfora de cabaça. Machado de Assis é capilé refinado, filtrado, puríssimo, bebido pela taça da cicuta de Sócrates. Afrânio é capilé com ácido fênico. Ruy é ... Mentira! Ruy não é capilé. Euclides também não é – mas se o fosse, seria capilé com geodesia.<sup>54</sup>

Destaca-se, em seus depoimentos, a leitura de outros livros de autores brasileiros, como: *Canãa*, de Graça Aranha; *Religiões do Rio*, de João do Rio; *Os sertões*, de Euclides da Cunha; *Memórias de um sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida; *Inocência*, de Visconde de Taunay; *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo; *D. Guidinha do Poço*, de Oliveira Paiva; *Turbilhão*, de Coelho Neto; os contos de Júlia Lopes de Almeida; e cita várias obras de Machado de Assis, que ele considera o melhor escritor brasileiro. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, por exemplo, foi lido várias vezes como descreve a Rangel: “Creio que já li, espaçadamente ou de uma assentada, oito ou dez vezes, e sempre com o mesmo encanto”.<sup>55</sup>

As leituras dos livros são intercaladas com as leituras cotidianas de jornais e revistas. Lobato cita a assinatura de duas revistas estrangeiras: *Revue Philosophique*, de França, e *The Studio*, de Londres; ainda lê alguns números de *Wide World Magazine*. A assinatura do jornal *Weekly Times*, de Londres, é feita no período em que reside em Areias. Nos anos em que reside em Nova Iorque, lê matinalmente os jornais *Times* e *Sun*; a revista preferida é *American Mercury*. Na revista portuguesa *Águia* lê dois contos de Lima Barreto e fica impressionado, prometendo ler o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

A leitura dos periódicos brasileiros mistura-se com as suas publicações. De alguns impressos foi simples leitor, como das revistas *A ilustração*; *Revista Brasileira* ou dos jornais: *Jornal do Comércio* (RJ); *Diário Popular* e *O Dia*. De outros foi fiel colaborador. Não podemos esquecer que, aos quinze anos incompletos, Lobato escreve seu primeiro

<sup>54</sup> *A barca de Gleyre*, v.2, op. cit., p.162.

<sup>55</sup> *Ibid.*, p.37.

artigo nas páginas do órgão estudantil *O Guarany*; colabora ainda em *O Patriota* e *A Pátria*, criando mais tarde o seu próprio jornal, o *H2O*. Ainda na vida estudantil, só que na faculdade, publica n' *Arcádia Acadêmica* e n' *O Onze de Agosto*.

*O Minarete* (1903-1907), de Benjamim Pinheiro, localizado em Pindamonhangaba, foi o primeiro jornal, fora do meio acadêmico, em que publicou artigos. Do jornal *A Tribuna*, de Santos, dirigido por Valdomiro Silveira, pela primeira vez recebe remuneração pelos artigos publicados. N' *O Correio Paulistano* publicou “a primeira coisa na vida que assinei com meu nome inteiro”.<sup>56</sup> Colabora também com *O Jornal de Taubaté*; *O Povo*, de Caçapava; *O Estado de S. Paulo*, *Correio da Manhã*, *A Manhã* (RJ) e *La Prensa* (Buenos Aires). Publica nas revistas *A Cigarra*, *O Pirralho*, *O Queixoso*, *Vida Moderna* e *Revista do Brasil*, entre outras.

Nas cartas datadas até a década de 20, encontram-se vários depoimentos de Lobato sobre sua freqüência nas livrarias e até mesmo em “sebos”, em busca de bons livros e as novidades de mercado, todos, na maioria das vezes, na língua de origem. Em carta de 1907, confessa que estava no *Gazeau*, São Paulo, e parara para folhear alguns livros velhos, entre eles um volume de Nietzsche.<sup>57</sup> De Mário Quintana vem a confirmação das visitas de Lobato as lojas de livros usados. Ao ser perguntado sobre o significado de seus livros infantis no conjunto de sua obra, o escritor gaúcho acaba por lembrar seu encontro com Lobato, na década de 20, num sebo famoso, no Largo da Sé.<sup>58</sup>

Residindo em Areias ou Taubaté, Lobato aproveita suas estadas em São Paulo para visitar livrarias, entre elas a Casa Garraux e a Livraria Alves. Ao amigo Rangel, que residia em Minas Gerais, comunicava suas novas aquisições, os valores das obras e muitas vezes intermediava a compra de títulos para ele.<sup>59</sup> O escritor taubateano recebia livros de empréstimos, como também oferecia o empréstimo dos livros adquiridos.<sup>60</sup>

Sem apego demasiado por parte de Lobato, os livros cumprem uma viagem de ida e volta; contudo, critica o dismantelo e o descuido de Rangel com o material impresso:

<sup>56</sup> *A barca de Gleyre*, v.1, op. cit., p.360.

<sup>57</sup> Curioso é que, em 1904, o escritor apontava a dificuldade de se encontrar um exemplar de Nietzsche nas livrarias brasileiras: “Não há Nietzsche nas livrarias desta Zululândia. Estes me vieram da França”. *Ibid.*, p.65.

<sup>58</sup> STEEN, Edla Van. *Viver & escrever*. Porto Alegre: LP&M, 1981. p.21.

<sup>59</sup> Em carta de 1907, Lobato informa: “Vou logo a São Paulo e lá poderei comprar os livros que queres”. *Ibid.*, p.191.

<sup>60</sup> Rangel, Lobato, Pinheiro, Nogueira e Albino intercambiavam a leitura dos livros entre si, através de correspondência. Em carta datada de 18 de janeiro de 1907, Lobato comunica a Rangel: “Breve seguirá uma obra prima. *O livro do Jangal*, do Kipling. É do Albino. Não há nas livrarias de S. Paulo. E você o recambiará diretamente ao Albino, em Ribeirão”. *Ibid.*, p.154.



O pobre do Paul de Saint-Victor chegou bem ‘doente’, apesar de ser todo super-homens e deuses. *O filho pródigo* do Hall Caine fez como o filho pródigo da Bíblia: chegou tão escalavrado e perrengue que lá baixou à enfermaria do encadernador. Ao que parece, você só tem amor à substância do livro. Despreza-lhe o corpo – a vil matéria.<sup>61</sup>

Dedicado à vida agrícola, Lobato entra na livraria Alves, em 1913, para comprar um tratado sobre criações de porcos na América do Norte e retorna com 200\$000 gastos com livros de literatura: “E mergulhei, literalmente chafurdei no vício antigo, para grande escândalo dos meus canastrões, caracus e Leghorns”.<sup>62</sup>

A leitura como ato solitário e individual adquire novos contornos na atitude de Lobato de plasmar sua recepção dos livros lidos com o correspondente mineiro. A troca de impressões, por vezes discordantes, é um exercício contínuo de interpretação do material lido, como a leitura de Flaubert que encanta a Rangel e não o seduz ou a comparação que o amigo faz entre *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Memórias de um sargento de milícias*, com a qual Lobato não concorda.<sup>63</sup>

A partir de 1919, os depoimentos de Lobato sobre suas leituras começam a rarear, devido à atividade editorial que lhe ocupa todo o tempo disponível: “Tanto que eu gostava de ler – e já não leio, não tenho tempo. Meu tempo não é meu, é duma porção de porcarias – negócios, ‘socialidades’”.<sup>64</sup> Os livros comentados a partir desta data fazem parte, em sua grande maioria, do material publicado por sua editora e divulgados na *Revista do Brasil*.<sup>65</sup>

Em entrevista com Mário da Silva Brito para o *Jornal de S. Paulo*, Lobato fala de suas preferências leitoras na idade madura, colocando em evidência uma leitura seletiva e criteriosa, diversa do seu tempo de mocidade:

Com a idade perde-se a vontade de ler. O velho fica exigente. Só se interessa por coisas ótimas. Porque o livro é como mulher. Quando se é moço, qualquer criatura de saia impressiona. A mocidade gasta carinhos com prodigialidade. É aquela exuberância das glândulas... Mas na velhice, época em que se faz rigorosas seleções, só as

<sup>61</sup> Ibid., p.253. Carta datada em Areias, 6 de julho de 1907.

<sup>62</sup> Ibid., p.340.

<sup>63</sup> Ibid., p.293.

<sup>64</sup> *A barca de Gleyre*, v.2, op. cit., p.196.

<sup>65</sup> No livro *Críticas e outra notas* foram reunidos alguns desses comentários, publicados entre os anos de 1917 e 1923. LOBATO, Monteiro. *Críticas e outras notas*. São Paulo: Brasiliense, 1965.

damas indiscutivelmente belas merecem atenção. Assim com livro: na juventude, qualquer um serve; lê-se, nesse tempo, confusamente, a torto e a direito. Porém, quando os anos chegam, só mesmo coisa papafina.<sup>66</sup>

Em 1948, “véspera de S. João”, pouco antes de sua morte, sofrendo com a deficiência visual, provocada pela doença, o escritor escreve ao amigo Rangel o mal que lhe faz a ausência do hábito de ler: “A civilização me fez um ‘animal que lê’, como o porco é um animal que come – e dois meses já sem leitura me v[ê]m deixando estranhamente faminto. Imagine Rabicó sem cascas de abóbora por 30 dias!”.<sup>67</sup>

Assim, o agravamento da doença subtrai de Lobato um dos seus maiores prazeres: a leitura. Em sua última carta, dirigida ao neto Rodrigo, retoma o assunto confidenciando: “Continuo sem poder ler correntemente, o que me deixa a vida muito vazia. Pois, que pode um velho como eu, se não ler?”.<sup>68</sup>

Vê-se desse modo que o universo cultural familiar propiciou a Lobato, na infância, uma relação privilegiada com o material escrito. Ele foi criado num ambiente burguês e culto, rodeado de livros e estímulos. O livro *João Felpudo*, escolhido por sua mãe para introduzi-lo no mundo da leitura, não foge à regra das narrativas destinadas à criança da época, apresentando ao leitor defeitos a serem corrigidos e virtudes a serem preservadas ou adquiridas. O livre acesso à biblioteca familiar proporcionou-lhe uma prática leitora com livros os mais variados.

Sua história de leitor está marcada profundamente pelo momento histórico-social em que viveu, daí o interesse quase que exclusivo, durante um período, pela literatura francesa. Todavia, ele se volta contra essa leitura legitimada pela elite e busca nos autores de língua portuguesa o seu referencial.

A partir do exercício reflexivo das suas leituras individuais, Lobato retira do ostracismo a figura do leitor e, de forma crítica, irônica e/ou apaixonada, constrói uma produção literária em que ele é a personagem principal, pois depende de sua leitura a existência concreta do livro. Lobato assume um pacto com a leitura e com o leitor que só vai ser rompido com os primeiros sinais da morte.

---

<sup>66</sup> LOBATO, Monteiro. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1964. p.288.

<sup>67</sup> *A barca de Gleyre*, v.2, op. cit., p.361.

<sup>68</sup> *Cartas escolhidas*, v.2, op. cit., p.278.

## 2.2 Contemplando o leitor

O povo não lê porque não pode ler, porque está impedido, proibido de ler. A viçosa reação, assim como o impediu de espreitar sob as torturas, também lhe vedou o acesso ao livro. Para que livro? Não vivia os nosso avós tupinambás tão bem sem ele? Acaso souberam jamais os pretos do Congo o que isso é? Povo que ainda apanha bolos lá tem direito de pensar em livro? Cultura... Isso é bolchevismo. A felicidade dos povos reside no culto da santa Estupidez.<sup>69</sup>

Dentro do panorama sócio-cultural do final do século XIX e das primeiras décadas deste século, podemos considerar Lobato como um privilegiado. Membro de um família ligada à oligarquia do café, neto de Visconde, recebeu uma educação condizente com a classe a que pertencia. Alfabetizado em tenra idade, estudou em boas escolas, apesar de suas permutas promovidas pela inconstância dos estabelecimentos escolares, principalmente em cidade interiorana como Taubaté.<sup>70</sup> Fez o ensino preparatório interno em São Paulo e bacharelou-se em Direito. Seguiu, em regra, os passos da educação brasileira da classe socialmente aquinhoadas.

Porém, esse perfil elitista não condiz com a realidade cultural do país. Na primeira década do século, 80% da população era analfabeta e o problema persiste na esteira da década de 20, totalizando um contingente de 75% de analfabetos.<sup>71</sup> Um quadro nada promissor para quem desejava, como Lobato, incursionar pelo mundo das letras.

Para a existência efetiva da produção de livros, é necessário que exista um público leitor e que ele seja sensibilizado para a leitura. Mas como sensibilizá-lo se paira entre o desejo e a concretização a tão execrada taxa de analfabetismo que imperava no Brasil? Por outro lado, os poucos afortunados, que estavam aptos para o exercício da leitura e a ela tinham acesso, cultuavam, movidos por sua formação, a literatura estrangeira. Dessa forma, para Lobato o analfabetismo da classe popular e o culto à cultura estrangeira, em especial à francesa, pela elite, eram fatores determinantes para o estrangulamento de uma cultura leitora e a não valorização de uma literatura nacional.

<sup>69</sup> LOBATO, Monteiro. *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*. São Paulo: Brasiliense, 1964. p.190.

<sup>70</sup> Marisa Lajolo levanta os quatro estabelecimentos escolares em que Lobato cursou as primeiras letras: o Colégio do professor Kennedy, Colégio Americano, Colégio Paulista e Colégio São Envangelista. LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: a modernidade do contra*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

<sup>71</sup> GHIRADELLI JÚNIOR, Paulo. *História da educação*. São Paulo: Cortez, 1991. p.17.

Nesse quadro de matizes pouco reveladoras, Lobato vai direcionar seu discurso, desdobrando, sempre que viável, o pano que (en)cobre a tela e revelando a intrincada e complexa convivência entre o não-leitor e o leitor; entre uma classe abastada e outra popular.

Em 1925, em entrevista a Brito Broca, o escritor fala sobre o problema editorial no país e detém-se ao principal motivo que inviabiliza o crescimento desse mercado: o analfabetismo que assola o país, evidentemente, uma questão de cultura. O público consumidor representado pela elite e pelo povo recebe de Lobato, nesse momento, um olhar de editor, arguto e comercial. O primeiro grupo de leitores, além de ser restrito populacionalmente, volta-se para a leitura de livros estrangeiros, na maioria das vezes adquiridos na “biblioteca dos amigos”; para essa classe de “filantes”, a venda comercial do livro é inexpressiva e quase inviável. O segundo grupo de leitores, no entanto, é que colabora para o andamento das vendas, buscando na leitura o divertimento.<sup>72</sup>

A dicotomia entre as duas classes sociais já era citada no ensaio “Os livros fundamentais”, de 1920. Nele Lobato critica os inquéritos literários como “deficientes e velhacos”, pois eles não provam o que realmente se lê, e sim o que se compra. Indo além, o escritor distingue a leitura de uma elite e a do povo, caracterizando como desigual a posse e o acesso ao livro pelas diferentes classes sociais. A escola, por sua vez, não cumpre seu papel de sensibilizar para a leitura; no ambiente escolar ela é sempre tratada como um “instrumento de suplício”, por meio de leituras didáticas que buscam incutir “patriotices” e “sornices cívicas”. Dessa forma, sai-se da escola com a idéias de que “a leitura é um mal, o livro, um inimigo, não ler coisa alguma é o maior encanto da existência”.<sup>73</sup>

No seu discurso Lobato apresenta alguns livros que fazem parte da formação cultural e que podem ser encontrados na casa de pessoas simples, são eles: *Tereza, a filósofa*, livro proibido que aguça a libido; *Carlos Magno e os doze pares de França*, livro formador que desperta o instinto guerreiro; o livro de poesias *Primaveras*, de Casimiro de Abreu, lido pelos meninos quando das primeiras paixões. Para a sensibilidade feminina é destinada a leitura dos livros de Escrich. Livros que trazem as marcas da leitura nas páginas puídas, dobradas, marcadas. Livro lido, livro usado! Porém, dos títulos citados,

<sup>72</sup> BROCA, Brito. Monteiro Lobato fala sobre o problema editorial no Brasil. *A Gazeta*, São Paulo, 14 jul. 1925.

<sup>73</sup> LOBATO, Monteiro. *A onda verde e O presidente negro*. 11.ed. São Paulo: Brasiliense, 1964. p.83-88.

apesar de poucos, somente um é de autor brasileiro, fato que leva Lobato a concluir que: “só nacionalizamos o amor”.

Essa preocupação com o leitor, no entanto, precede o seu exercício como editor e a sua popularidade como escritor. Em 1909, bem antes de Lobato pensar em reunir o seu conjunto de contos em livro, Rangel lhe indaga a possibilidade da produção de um livro de contos escrito a quatro mãos. Lobato não descarta a idéia, mas acredita que esse intento só alcançará méritos se cativar o leitor. Assim, esses contos devem seguir uma risca: “contos que façam o leitor interromper a leitura e olhar para uma mosca invisível, com olhos grandes, parados”.<sup>74</sup>

Como contista, Lobato mostra-se atento às nuances do público leitor, quer seja o de livro, quer seja o de revista. Ao escrever o conto *O bocatorta*, comunica a Rangel, em 1909, sua intenção de “criar uma impressão fortíssima no espírito do leitor”.<sup>75</sup> Já em carta datada de 30 de junho de 1916, confessa ao cunhado Heitor de Moraes as modificações necessárias que realizaria no conto para tornar-se “apresentável” ao público da *Revista do Brasil*.<sup>76</sup>

A crítica ao acesso à leitura e ao descaso com a educação feminina aparece no conto *A colcha de retalhos* (1915). Para a menina Maria das Dores, vulgo Pingo d’Água, que tinha até os quatorze anos ido somente uma vez à vila, no dia de seu batizado, a leitura é descrita como algo desnecessário na formação da personagem. Tal fato não se deve tão somente à sua condição de menina do interior e pobre, mas também à sua condição de mulher. “Ler? Escrever? Patacoadas, falta de serviço, dizia a mãe. Que lhe valeu a ela ler e escrever que nem uma professora, se des’que casou nunca mais teve jeito de abrir um livro?”<sup>77</sup>

No conto *O fisco* (1918), o objeto livro aparece incluído, junto com outros bens de consumo, aos sonhos do menino Pedrinho, que almeja, com um arremedo de caixa de engraxate, solucionar os problemas financeiros da família. O sonho de ascensão social da personagem contempla a aquisição do objeto livro: “Aumentaria as rendas! Enriqueceria! Compraria bicicletas, automóvel, doces todas as tardes na confeitaria, livros de figura, uma casa, um palácio, outro palácio para os pais. Depois...”<sup>78</sup>

<sup>74</sup> *A barca de Gleyre*, v.1, p.243. Carta escrita em 27 de junho de 1909.

<sup>75</sup> *Ibid.*, p.237.

<sup>76</sup> *Cartas escolhidas*, v.1, op. cit., p.153.

<sup>77</sup> LOBATO, Monteiro. *Urupês*. 9.ed. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1923. p.46.

<sup>78</sup> LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. 22.ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. p.43.

Já no conto *A vida em Oblivion*, o autor retrata a vida cultural, em especial, a educação literária do povo da pequena cidade de Oblivion, que gira em torno de três livros: *La mare d'Auteuil*, de Paulo de Kock, restrito aos que dominam a língua francesa; para o público feminino, em especial, “uns volumes truncados do Rocambole” e para os apreciadores da literatura nacional o livro *Ilha Maldita*, de Bernardo Guimarães. Livros que circulam de mão em mão e que trazem impressas em suas folhas as marcas da leitura de cada usuário: “(...) encardidos pelo uso, com as capas sujas, consteladas de pingos de vela – lidos e relidos que foram em longos serões familiares por sucessivas gerações”.<sup>79</sup> O objeto livro acaba por se tornar portador de uma história, ou melhor, várias histórias de leitura. Testemunho concreto do ato pelas páginas marcadas pelo manuseio do leitor.

Muitos outros exemplos poderiam vir à tona para exemplificar a reflexão existente nos contos de Lobato sobre papel da leitura e do seu destinatário. Contudo, é na produção literária infantil que o veremos voltado completamente para a figura do leitor, um leitor específico: a criança.

Em 1919, Lobato comunica ao amigo Godofredo Rangel a idéia de revestir com um novo colorido as fábulas de La Fontaine, colocando à disposição no mercado um livro destinado ao público infantil escolar. O livro de fábulas existente, de João Kopke, escrito em versos, era, segundo Correia, provido de versos “insulsos” e de difícil “compreensão por cérebros ainda tenros”.<sup>80</sup> Ao solicitar ao amigo uma leitura crítica do material, ele demonstra uma preocupação com a adaptação e a forma dos textos para crianças, isto é, com a especificidade do leitor.

Contudo, tal idéia já germinava em 1916,<sup>81</sup> motivada pela inexistência de uma produção brasileira para crianças, sentida na própria pele através da reflexão sobre as futuras leituras de seus filhos, que se aventurarão pelos caminhos da leitura, possivelmente, pela mão de livros estrangeiros: “É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos. Só poderei dar-lhes o *Coração de Amicis* – um livro tendente a formar italianinhos”.<sup>82</sup>

<sup>79</sup> LOBATO, Monteiro. *Cidades mortas*. São Paulo: Brasiliense, 1964. p.10.

<sup>80</sup> *A barca de Gleyre*, v.2, op. cit., p.193. João Kopke (1852-1926), educador brasileiro do entre-séculos, escreveu, além de *Fábulas*, outros quatro livros, todos destinados ao uso escolar: *Histórias de crianças e animais*, *História de meninos na Rua e na Escola*, *Histórias que mamãe contava* e *Leituras práticas (rudimentos de ciência)*.

<sup>81</sup> Pode-se ir cronologicamente mais para trás, pois, em 19 de agosto de 1912, Lobato aconselha ao amigo Rangel a guardar com carinho as idéias do filho Nelo. Valoriza o “achado” do menino, ao mesmo tempo que alerta o amigo sobre a inexistência de uma literatura para as crianças. Encontra-se aqui, talvez, a primeira manifestação do escritor para esse filão que mais tarde será explorado por ele. *A barca de Gleyre*, v.1, op. cit., p.330.

<sup>82</sup> *A barca de Gleyre*, v.2, op. cit., p.104.

O projeto de uma literatura para o público infantil, idealizado pelo “habilidoso” e preocupado pai Lobato, é concretizado pelo escritor-editor em 1920, quando traz a público as aventuras d’*A menina do narizinho arrebitado*, em fragmentos na *Revista do Brasil*.<sup>83</sup>

Partindo, possivelmente, de sua própria experiência leitora,<sup>84</sup> Lobato conclui que “ler é um vício que a gente adquire em criança”.<sup>85</sup> E começa a direcionar a sua produção literária, até então voltada a “marmanjos”, à criança brasileira. Para o autor, as primeiras leituras são fundamentais à formação ou não de um público adulto consumidor de literatura. Por isso eram necessários livros que se voltassem à imaginação dos leitores na idade infantil, como salienta no artigo “A criança é a humanidade de amanhã”:

Há homens que passaram a vida sem ler um livro, fora dos escolares, justamente por não terem tido em criança o ensejo de ler um só livro que lhe falasse à imaginação. Já os que têm a felicidade de na idade própria entrarem em contato com livros que ‘interessam’, esses se tornam grandes leitores e por meio da leitura prolongam até o fim da vida o progresso auto-educativo. Quem começa pela menina da capinha vermelha pode acabar nos *Diálogos* de Platão, mas quem sofre na infância a *ravage* dos livros instrutivos e cívicos, não chega até lá nunca. Não adquire o amor da leitura.<sup>86</sup>

É interessante notar que, em nenhum momento de suas colocações, Lobato se refere à leitura como um hábito a ser desenvolvido na criança. Leitura é, sim, algo mais forte e avassalador que se carrega pela vida toda. Leitura é **vício** enraizado, é **gosto** adquirido, é **amor** conquistado.

No mesmo artigo, o autor empenha-se em refletir sobre a visão de criança, propagada pelas duas correntes pedagógicas em voga na época: uma que vê a criança

---

<sup>83</sup> O texto tem sua primeira edição em livro nesse mesmo ano (1920) e em 1921 sai a edição escolar. MERZ, Hilda Junqueira Villela et al. *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

<sup>84</sup> Em carta ao amigo Rangel, datada de 28 de março de 1943, refere-se à aceitabilidade de sua literatura infantil e à responsabilidade diante de seu público leitor: “E isso não deixa de me assustar, porque tenho bem viva a recordação das minhas primeiras leituras. Não me lembro do que li ontem, mas me lembro do meu Robinson inteirinho – o meu Robinson dos onze anos”. *A barca de Gleyre*, v.2, op. cit., p.346.

<sup>85</sup> LOBATO, Monteiro. Diálogo de Dona Benta e Narizinho. *A Voz da Infância* – órgão da Biblioteca Infantil do Departamento Municipal de Cultura. São Paulo, dez. 1945. p.2.

<sup>86</sup> LOBATO, Monteiro. A criança é a humanidade de amanhã. In: \_\_\_\_\_. *Conferências, artigos e crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1964. p.249-256. Escrito por Lobato, provavelmente na década de 40, o presente artigo foi publicado por Denise Tavares num pequeno folheto comemorativo pela inauguração da biblioteca Infantil Monteiro Lobato, na Bahia.

como um homem em miniatura: “adulto reduzido em idade e estatura e com a mesma psicologia”; e outra que contempla a criança nas suas especificidades, “como um ser especialíssimo, do qual o homem vai sair, mas que ainda tem muito pouco de homem”. Lobato comunga com a visão estabelecida pela segunda concepção: a criança será o homem de amanhã, portanto cumpre investir na sua formação.<sup>87</sup>

Essa visão da criança como um vir-a-ser leva Lobato a criar várias metáforas e comparações desenhando uma idéia de promessa configurada no adulto futuro. Levantamos algumas dessas colocações erigidas nas décadas de 20, 30 e 40, para ilustrar quão forte era o seu ideal de depositar no leitor infantil as esperanças do amanhã.

Em 1923, ao comentar o livro de Belisário Pena, *Saneamento do Brasil*, argumenta que a higienização, com seu poder salvador e curativo, deve arregimentar para suas fileiras os pequenos, pois deles é o futuro: “Nas crianças está o futuro e prepará-las para o grande combate é dar alicerces de pedra à vitória”.<sup>88</sup> Em 12 de janeiro de 1936, agradece ao amigo e colega mineiro Vicente Guimarães (1906-1981), conhecido pela criançaada como Vovô Felício, os números recebidos da revista infantil *Caretinha*, destacando a sua importância: “A criança não passa da nossa projeção para o futuro. E assim como é de cedo que se torce o pepino, também é trabalhando a criança que se consegue boa safra de adultos”.<sup>89</sup> Na cerimônia inaugural do novo espaço da Biblioteca Infantil de São Paulo, em 1945, o seu discurso reverencia o espaço para o público infantil: “As crianças são o futuro da raça – palito da palmeira, como diz a Emília, o broto da árvore da raça”.<sup>90</sup> Enfim, as crianças são “crisálidas donde vão sair os homens de amanhã”.<sup>91</sup>

Reconhecida a especificidade do leitor infantil, Lobato se volta para a concretização de uma literatura com características próprias. Apesar de dizer que não poderia dar receita da reeditabilidade de sua obra, já que “entram em cena imponderáveis, inapreensíveis”,<sup>92</sup> acaba por destacar na composição da literatura infantil três aspectos principais para a sua aceitação e sucesso junto ao leitor mirim: o vocabulário, o estilo e a linguagem.

---

<sup>87</sup> Ibid.

<sup>88</sup> *Críticas e outras notas*, op. cit., p.205.

<sup>89</sup> NUNES, Cassiano. (org.) *Monteiro Lobato vivo*, op. cit., p.97.

<sup>90</sup> Diálogo de Dona Benta e Narizinho. *A Voz da Infância*, op. cit., p.2.

<sup>91</sup> *Conferências, artigos e crônicas*, op. cit., p.256.

<sup>92</sup> *A barca de Gleyre*, v.2, op. cit., p.349.



Os textos destinados às crianças deveriam primar pela simplicidade vocabular, com “ausência de termos de complexa significação”. No entanto, essa postura não significa menosprezo da capacidade do leitor, mas uma adaptabilidade aos cérebros “ainda tenros” das crianças. Em carta a Vicente Guimarães, o escritor taubateano deixa claro a sua visão: “Pouca gente acerta com a arte de escrever para as crianças. Muitos forçam a nota da simplicidade, só conseguindo vulgaridade e pieguice”.<sup>93</sup> O estilo, por sua vez, deve ser o mais direto possível, “ultradireto”. Ele argumenta que o escritor para infância deve utilizar em sua escrita o estilo “clara de ovo, bem transparentinho”<sup>94</sup> como recomenda a boneca Emília. A linguagem deve ser acessível, desprovida de todo artificialismo, isto é, deslitterarizada, aproximando-se o mais possível da língua falada pelas crianças, numa linguagem do Brasil. A narrativa, enfim, deve vir “a galope” e, para isso, um dos modelos a serem seguidos, por aqueles que querem se aventurar na literatura infantil, está na narrativa de “Capinha Vermelha”, pois um estudo profundo descortinará a essência dessa narrativa que “foi composta pelas próprias crianças por intermédio de suas mães e avós”.<sup>95</sup>

A relação assimétrica na literatura infantil entre aquele que escreve – o adulto e aquele que lê – a criança – exige uma postura cuidadosa, pois emissor e receptor não estão no mesmo plano de igualdade. Lobato, em 1919, afirmava ao escritor Thales de Andrade que “literatura infantil ideal seria a que fosse escrita pelas próprias crianças, o que é irrealizável”.<sup>96</sup>

Nesse jogo incerto de um discurso não realizado “pela” criança, mas “para” a criança, Lobato assume a sua visão de infância, tentando se aproximar o mais possível de seus leitores. E justifica a conseqüente adesão das crianças à leitura de seus livros:

Talvez pelo fato de serem escritos por elas mesmas através de mim. Como as coitadinhas não sabem escrever, admito que me pedem que o faça. Mas não que o faça como quero e sim como querem elas. Há de ser assim, assim, assim – e humildemente anulo-me para dar a minha clientelazinha um produto que não lhe desagrade.<sup>97</sup>

---

<sup>93</sup> Carta redigida em 24 de março de 1938 – datilografada em papel timbrado da “Companhia Mattogrossense de Petróleo” – arquivo do Museu Monteiro Lobato.

<sup>94</sup> LOBATO, Monteiro. *Dom Quixote das crianças*. São Paulo: Brasiliense, s.d.

<sup>95</sup> *Conferências, artigos e crônicas*, op. cit., p.251.

<sup>96</sup> NUNES, Cassiano. *Novos estudos sobre Monteiro Lobato*. Brasília: UNB, 1998. p.219.

<sup>97</sup> *Conferências, artigos e crônicas*, op. cit., p.255.

Consciente de seu papel de mediador da leitura, Lobato não se afasta, e nem pode, de sua condição de adulto. Mas procura respeitar o leitor em sua individualidade. Esse fato aparece de forma marcante na sua crítica aos adultos – pais, professores e escritores – que tratam confusamente algo tão díspar como educação e obediência. Os dois termos não podem ser vistos como sinônimos; uma criança bem comportada não significa que seja bem educada e vice-versa. Essa visão distorcida faz com que a criança seja encarada ou como um “aborrecimento” por sua insubmissão às ordens, ou como um bibelô, um “enfeite da casa” que a tudo obedece passiva e pacificamente.<sup>98</sup>

A representação ficcional da personagem Coronel Teodorico, afirmando que “criança a gente doma, como os potros!”<sup>99</sup>, retrata uma situação comum à época. Por isso, as produções literárias para a criança acabam por privilegiar o caráter “formatador”, buscando impingir normas de civilidade ao leitor. As narrativas ficam calcadas em moldes conservadores, tornando a leitura obrigação e nunca prazer.

Lobato, no entanto, opondo-se a esta tese, questiona, em 1920, o livro de leitura suplementar nas escolas primárias *Pequenos trechos*, de Otaviano de Melo que, seguindo as exigências do programa oficial, tornou-se árido. Para ele, o livro para crianças deveria ser “um recreio de ledos atrativos, que não, propriamente, uma disciplina”.<sup>100</sup>

Em 1934, Lobato assume uma postura mais contundente, ao comentar o interesse das crianças por *Emília no país da gramática*. Um livro que, mesmo voltado para o ensino de uma matéria escolar, conseguiu receptividade das crianças. E afirma categoricamente: “Todos os livros podiam tornar-se uma pândega, uma farra infantil”.<sup>101</sup>

Sendo assim, Monteiro Lobato, ao direcionar sua produção literária para crianças, tem em vista um projeto que prioriza, em igual medida, o campo estético e o ideológico: o primeiro, no sentido de revisar a linguagem dos textos para crianças, e o segundo ligado a uma nova percepção e compreensão do leitor infantil que entra em dissonância com a visão de criança da época e, por conseqüência, com os discursos a ela destinados.

No período em que Lobato começa a escrever para as crianças, a literatura infantil é pouco difundida e a produção brasileira escassa. No império das traduções e adaptações em um português castiço, o mais próximo da língua culta (a língua culta de Portugal),

<sup>98</sup> Ibid., p.299. Essas idéias foram desenvolvidas por Lobato no texto “O planejamento do futuro”. Escrito originalmente para o “Almanaque do Pensamento”, segundo os editores, tudo indica que o presente texto seria aproveitado para uma possível “História da ciência para as crianças”. A narrativa apresenta uma reflexão de Dona Benta sobre a educação das crianças em oposição à idéia do Coronel Teodorico.

<sup>99</sup> Ibid.

<sup>100</sup> *Críticas e outras notas*, op. cit., p.79.

<sup>101</sup> *Monteiro Lobato vivo*, op. cit., p.96.

Monteiro Lobato surge com uma literatura despojada de “literatices”, disposto a raspar os enfeites literários e retirar o último grânulo de literatura. “Não imaginas a minha luta para extirpar a literatura dos meus livros infantis. A cada revisão nova, nas novas edições, mato, como quem mata pulgas, todas as ‘literaturas’ que ainda as estragam”.<sup>102</sup>

Ao elaborar o registro da linguagem escrita pela incorporação da oralidade, apaga as marcas de infantilismo e pieguice inerentes à produção literária para crianças de seu tempo, do mesmo modo que ofusca o brilho da “língua culta” promulgada por seus antecessores.<sup>103</sup> Rompe, assim, com a dependência dos valores transmitidos pelas traduções estrangeiras do além-mar e instaura o coloquialismo em confronto aos textos “empoleirados”.<sup>104</sup>

A linguagem desempenha um papel fundamental no fazer literário lobatiano, não se restringindo somente à questão estética, mas também à ideológica, na medida em que, através da língua, a ideologia também se manifesta. Como observa Bakhtin: “cada gênero literário, nos limites de uma época e de um movimento, se caracteriza por sua concepção particular do destinatário da obra literária, por uma percepção e uma compreensão particulares do leitor”.<sup>105</sup>

Desta forma, Lobato não confirma a visão de criança dos textos literários em circulação na época, para quem era reservado um espaço restrito e passivo. Ao contrário, seus textos se reportam a um leitor dinâmico, arguto e apto a interagir com o dito e o não-dito do texto literário.

### 2.3 Livro para quem tem fome de leitura

<sup>102</sup> *A barca de Gleyre*, v.2, op. cit., p.372. Carta de 19 de dezembro de 1945.

<sup>103</sup> O prefácio de Francisca Júlia para *Alma infantil* é uma mostra da preocupação constante com as formas cultas da linguagem. Acreditando que as manifestações da linguagem, enquanto diálogo vivo da comunidade, poderiam ser prejudiciais para os leitores infantis, a autora alerta: “As nossas escolas do Estado estão invadidas de livros medíocres. A maior parte deles estão escritos em linguagem incorreta onde, por vezes, ressalta o calão popular e o termo chulo. Esses livros, pois, em vez de educar as crianças, guiando-lhes o gosto para as coisas belas e elevadas, vicia-as desde cedo, familiarizando-as com as formas dialetais mais plebéias”. In: LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1987. p.42.

<sup>104</sup> No prefácio ao livro *Éramos seis*, da senhora Leandro Dupré, Lobato destaca: “A nossa grande gente nacional escreve dum modo tão requintado, tão sublimado, tão empoleirado, que ler a maioria das coisas existentes se torna um perfeito traduzir – e isso cansa”. Lobato, Monteiro. *Prefácios e entrevistas*, op. cit., p.57.

<sup>105</sup> BAKHTIN, Mikhail. Gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Traduzido por Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.324.

Um país se faz com homens e livros.<sup>106</sup>

O historiador Roger Chartier distingue dois conjuntos de dispositivos utilizados na feitura do livro, que não podem ser confundidos: os procedimentos de produção de texto e os procedimentos de produção do livro. O primeiro, puramente textual, é aplicado pelo escritor na confecção do texto, com o objetivo de produzir efeitos que garantam a boa leitura e a compreensão desejada. O segundo, de feição tipográfica, corresponde às estratégias utilizadas pelo editor-livreiro para seduzir o público-leitor: tipografia, ilustração, a disposição e a divisão do texto, entre outras.<sup>107</sup>

Gostaríamos de refletir sobre os procedimentos adotados por Lobato para cativar e seduzir o público leitor. Porém, ultrapassando os critérios que se detenham na qualidade estética e nos dispositivos textuais, busca-se focalizar as condições externas que determinaram a obra lobatiana, especialmente a infantil, e contribuíram para o seu desenvolvimento.

Um tênue fio separa o Lobato-escritor, produtor de textos, do Lobato-editor, produtor de livros, e, muitas vezes, tal fio se rompe e percebemos a interferência do editor na produção do escritor. Mais do que interferência, talvez possamos dizer que ambos os olhares do mesmo homem sobre o objeto livro e o público leitor se completam.

No início do século XX, o escritor brasileiro, na maioria dos casos, vivia subordinado ao “mecenato” do governo, através de empregos públicos; se conseguia escapar desse destino caía nas malhas da imprensa ou no exercício do magistério.<sup>108</sup> O trabalho intelectual era, quando acontecia, mal remunerado. O desejo de profissionalização e remuneração do trabalho intelectual aparece sistematicamente no discurso de Lobato, no período que precede à sua popularidade. Ele vive o eterno impasse do escritor brasileiro: como sobreviver do exercício literário.

Em 1909, Lobato queixa-se ao cunhado Heitor de Moraes sobre a calamitosa situação do escritor brasileiro: “É pena que a literatura não seja mercadoria aqui entre nós, porque nós que não sabemos cavar com a enxada, nem temos balcão, vemos a única

---

<sup>106</sup> LOBATO, Monteiro. *América*. São Paulo: Brasiliense, 1964. p.45.

<sup>107</sup> CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: \_\_\_\_\_. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p.95-98.

<sup>108</sup> LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996. p.82-85.

produção de que somos capaz, dar menos resultado pecuniário do que o arroz, o milho, o toucinho”.<sup>109</sup>

Nesse mesmo período, em suas cartas ao amigo Godofredo Rangel, Lobato conta que faz algumas colaborações no jornal *O Estado de S. Paulo*, traduções de artigos em inglês do jornal *Weekly Times*, que lhe renderam no mês de dezembro de 1908, 800\$000.<sup>110</sup> Escreve também para *A Tribuna*, a 10 mil réis o artigo, mas considera o negócio pequeno, pois são apenas cinco artigos por mês. No entanto, algumas afirmações são desdidas pelo próprio escritor, que, ao reler em 1943 a sua correspondência com o amigo, diz que teria provavelmente exagerado nos valores para causar inveja: “tenho uma vaga idéia de que realmente só me pagavam 5”.<sup>111</sup>

Em 1911, Lobato não se encontra otimista em relação à publicação de livros no país. A impossibilidade de vir a público reside no aspecto comercial da empreitada que não oferece retorno monetário. Tomando como exemplo a produção literária de Machado de Assis, prestigiada intelectualmente e ao mesmo tempo execrada pelos livreiros, ele observa que “tão divorciados andam entre nós a Glória e o Valor Comercial”.<sup>112</sup>

Na mesma medida que se mostra decepcionado com o comércio do livro, apresenta rompantes de euforia; observa ao amigo que um dos caminhos para conquistar leitores é trazer o nome sempre impresso através de publicações nos jornais. Propaganda barata e efetiva. Por esse processo, quando aparecer com um livro não será mais desconhecido do público.<sup>113</sup> Lobato insiste ainda na publicação do romance *Vida Ociosa*: “Queres negociar comigo a publicação da *Vida Ociosa*? O Monteiro Lobato editor do Godofredo Rangel – que maravilha!”<sup>114</sup> Na época a proposta poderia não passar de pura pilhéria, mas cinco anos depois o livro vem a público pelas mãos do Lobato editor.

De promotor em Areias a fazendeiro em Taubaté, Lobato abandona a vida pacata do interior em 1917 para residir com a família na Paulicéia e, com o dinheiro da venda da fazenda Buquira, compra por dez contos a *Revista do Brasil*, gérmen de um empreendimento editorial que renovaria a indústria do livro no Brasil.

Nelson Palma Travassos observa que “a história da indústria do livro no Brasil pode ser dividida em dois períodos: antes de Monteiro Lobato e depois de Monteiro

<sup>109</sup> *Cartas escolhidas*, v.1, op. cit., p.45.

<sup>110</sup> *A barca de Gleyre*, v.1, op. cit., p.226.

<sup>111</sup> *A barca de Gleyre*, v.2, p.352.

<sup>112</sup> *Ibid.*, p.300-301.

<sup>113</sup> *Ibid.*, p.21. Carta de 12 de fevereiro de 1915.

<sup>114</sup> *Ibid.*, p.46. Carta de 4 de agosto de 1915.

Lobato”.<sup>115</sup> Tal afirmação não parece exagerada, pois ao se estabelecer oficialmente como editor, através da firma registrada na Junta Comercial como “Monteiro Lobato & Cia”,<sup>116</sup> em 1919, Lobato vem dar um novo rumo à vida editorial do País. Mesmo antes de oficializado o exercício de editor com firma registrada, Lobato publica, em 1918, *O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito e Urupês*, livros que tiveram uma ótima recepção e, no caso do segundo, um número de edições formidáveis para a época. No entanto, Lobato não se restringiu a publicar suas obras e as de meia dúzia de eleitos; assume sua função de mercador das letras e acaba por mudar o quadro editorial.

Viriato Corrêa, em artigo de 1932, faz um balanço da vida editorial do país, nomeando Lobato “o bandeirante do livro”, devido à sua responsabilidade nas mudanças ocorridas em relação ao objeto livro e o seu comércio, já que “há dez anos passados, o Brasil não somente era um país que não lia, era um país que não comprava livros”.<sup>117</sup> Até então, as edições se resumiam, quando muito, à cota de dois mil exemplares, consideradas formidáveis; as livrarias eram os “sarcófagos” do livro. Com Lobato, as edições ultrapassaram o número de tiragens e o livro foi levado à rua, conquistando novos espaços.

As casas editoriais no país, até então, eram, segundo Lobato, “galinhas velhas” que botavam de vez em quando um livro. A Francisco Alves, especializada em obras didáticas, a Garnier e a Briguiet, editoras francesas, realizavam a impressão dos livros em Paris e se detinham na publicação de intelectuais já consagrados no meio literário. A distribuição dos livros ficava a encargo das poucas livrarias existentes. Lobato interfere nesses dois setores.

Primeiro, adota um novo critério: deixa de lado a publicação dos ‘medalhões’ e edita obras e autores inéditos: “Creio que a nossa firma soltou toda a produção literária do Brasil que estivera encalhada ou se conservara inédita durante muito tempo. Foi depois da minha ‘ousadia’ que a produção se normalizou e os editores começaram a editar o que ia aparecendo”.<sup>118</sup>

Ousadia que muitas vezes resultou em encalhe da mercadoria, como a do livro *Vida ociosa*, de Godofredo Rangel. O público não foi receptivo à obra, contudo o editor em carta ao amigo insistia na publicação do livro de contos *Andorinhas*, declarando: “não

<sup>115</sup> TRAVASSOS, Nelson Palma. O livro no Brasil. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 agosto 1943.

<sup>116</sup> CAVALHEIRO, Edgar. *Monteiro Lobato: vida e obra*. v.1, op. cit., p.194.

<sup>117</sup> CORREA, Viriato. O bandeirante do livro. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 02 set. 1932.

<sup>118</sup> *Prefácios e entrevistas*, op. cit., p.159.

te incomodes com a parte econômica do negócio – se dá ou não dá lucro para casa. É coisa que não tem a mínima importância. O importante é que você vá se imprimindo e imprimindo todo – nem que o editor leve a breca”.<sup>119</sup> O depoimento é contraditório, pois, ao mesmo tempo que procura lançar outro livro do mesmo autor como estratégia para desencalhar o primeiro, apresenta-se despreocupado com o lucro e não submetido às exigências mercadológicas.

Obedecendo à produção de mercado, Lobato se vê subordinado, num curto período de tempo, à demanda preexistente e ao consumo previsível do livro didático. Assim escreve ao amigo Rangel, em 1924, sobre a demora da publicação do seu livro: “Teu livro já está impresso e dobrado. Se demora, é porque a proximidade da abertura das aulas põe a mercadoria didática à frente de tudo mais”.<sup>120</sup> O depoimento já encontra traços premonitórios em carta de 1923, em que Lobato comunica a opção pelas edições escolares em detrimento das literárias: “O bom negócio é o didático. Todos os editores começam com a literatura geral e por fim se fecham na didática: veja o Alves”.<sup>121</sup>

Os mecanismos de distribuição do livro e a sua circulação ficavam restritos a poucas livrarias existentes no país, nas duas primeiras décadas deste século. Nesse ponto, Lobato dá uma nova forma ao agir do mercado livreiro – se é que assim se pode chamar essa ínfima circulação –, ao buscar alternativas de escoamento por meio de pontos de vendas com livros consignados. Uma circular, que nas suas palavras “marcou a virada de esquina de nossa cultura”, pipocou pelos recantos do país, oferecendo a mercadoria livro a todos os estabelecimentos comerciais, da quitanda ao açougue. Obrigar o país a ler à força, eis o lema do empreendedor e idealizador Lobato. Assim escreve ao amigo Godofredo Rangel, em 8 de dezembro de 1921: “O nosso sistema não é esperar que o leitor venha. Vamos onde ele está, como o caçador. Perseguimos a caça. Fazemos o livro cair no nariz de todos os possíveis leitores desta terra”.<sup>122</sup>

Os recursos editoriais adotados por Lobato, no entanto, não foram aceitos com unanimidade pela crítica. O livro de contos *Negrinha*, por exemplo, em sua primeira edição, recebeu o formato de “um verdadeiro filhote de livro”. O escritor encarava aquela publicação como uma tentativa comercial com o objetivo de possibilitar o barateamento do livro, isto é, “para fazer uma experiência se vale mais a pena lançar ‘livros inteiros’ a

---

<sup>119</sup> *A barca de Gleyre*, v.2, op. cit., p.234.

<sup>120</sup> *Ibid.*, p.263.

<sup>121</sup> *Ibid.*, p.260.

<sup>122</sup> *Ibid.*, p.312.

4 mil réis, ou ‘meios livros’ a 2\$500. A simples lógica do raciocínio não vale em casos desses; temos de experimentar”.<sup>123</sup>

Alceu Amoroso Lima, no artigo “Arte e mercantilismo”, de 1921, expõe sua crítica ao livro *Negrinha*. Sem deixar de reverenciar o estilo do escritor taubateano e o seu “talento literário”, o estudioso questiona o escritor sobre o caráter mercantil do livro, motivado por duas razões: “o fato de seu nome figurar como firma editora e o aspecto material e número de contos de seu recente volume”.<sup>124</sup>

As duas razões estão entrelaçadas em sua origem, já que, para Alceu Amoroso Lima, o número reduzido de contos publicados, inadmissível para um artista que já conquistou notoriedade, está vinculado aos interesses do editor. E os interesses do artista e do editor, segundo o crítico, nunca podem ser os mesmos. E aconselha:

Coíba-se quanto antes o Sr. Monteiro Lobato de mercantilizar a sua arte, refreando uma pressa inadmissível de publicidade, sem o necessário carinho pela sua obra. Retire o seu nome consagrado de artista da vulgarização editorial, conservando-o apenas, se possível, na direção da melhor revista que possuímos.<sup>125</sup>

Em 1921, o deus dos inocentes protege a ingenuidade de Lobato, que editara, numa ousada investida editorial, num país de poucos leitores e sem tradição literária voltada para as crianças, uma edição monstro de nada mais, nada menos que 50 mil e 500 exemplares de “narizes a dar com pau”, dos quais 30 mil são adquiridos providencialmente pelo governo do Estado de São Paulo. Se coube ao escritor produzir o texto, coube ao editor buscar estratégias publicitárias que viabilizassem a venda da “avalanche nasal”. Produzido para um público específico – a criança – e com um destino certo – a escola –, o livro trazia no frontispício da primeira edição o registro “literatura escolar”.<sup>126</sup> A primeira via de publicidade para incentivar o consumo do livro foi a distribuição gratuita de 500 exemplares às escolas paulistas.

---

<sup>123</sup> Ibid., p.220. Carta de 29 de novembro de 1920.

<sup>124</sup> LIMA, Alceu Amoroso. Arte e mercantilismo. In: \_\_\_\_\_. *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966. p.300.

<sup>125</sup> Ibid., p.302.

<sup>126</sup> A literatura para criança era confundida e tratada como literatura escolar, intimamente ligada à pedagogia. Sua introdução se dava nos bancos escolares, e disso não escapou nem mesmo Lobato. *Narizinho arrebitado*, que daria, segundo Leonardo Arroyo, a independência ao gênero, também faz concessões. ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.



A montagem de uma potente oficina gráfica acabou por levar Lobato à falência, por fatores diversos, entre eles uma terrível seca que assolou São Paulo, pelos idos de 1924, e obrigou ao corte de fornecimento de energia elétrica, deixando debilitado um maquinário movido exclusivamente por ela; a utilização de um motor Diesel foi inválida, já que não havia água para o resfriamento do equipamento. Como se não bastasse, o governo adotou uma nova “orientação financeira”, o que levou Lobato a pedir a falência em 1925. Porém, no mesmo ano, funda, em sociedade com Octalles Marcondes, Ferreira a Companhia Editora Nacional, desligando-se somente em 1930, quando é obrigado a vender suas ações para cobrir dívidas acumuladas, provenientes da perda na bolsa de valores de Nova Iorque, em 1929.

No setor editorial, bem como em sua função de escritor, Lobato atacava três pontos nevrálgicos enraizados social, cultural e politicamente na história do Brasil, que impossibilitavam a construção de um país leitor. Dois já foram referidos anteriormente: o analfabetismo e o culto à cultura estrangeira. O terceiro diz respeito ao alto custo do livro, provocado pelo preço exorbitante do papel. Para ele, o livro era um dos instrumentos que poderiam tirar os homens e o país da ignorância. Mas como adquirir um livro num país em que ele é considerado um objeto de luxo?

Os questionamentos do editor Lobato sobre o valor do papel, base material do livro, levam-no a persistir, junto aos órgãos governamentais, pelo seu barateamento. Residindo no Rio de Janeiro, Lobato escreve ao presidente Washington Luís, em carta datada de 26 de maio de 1926, sobre o alto custo do livro devido às taxas de importação do papel. Para o escritor, livro é sinônimo de cultura e somente a viabilização ao seu acesso pode transformar o povo culturalmente; no entanto, o alto imposto da matéria-prima torna-o um “objeto de luxo”, restrito “às classes ricas”. Por outro lado, a proteção aos editores estrangeiros em detrimento dos nacionais era gritante, já que os livros realizados em Portugal estavam livres de impostos, bem como jornais e revistas que estavam isentos de direitos. “O Brasil convence-se de que há uma conspiração para que ele não aprenda a ler”.<sup>127</sup>

Onze anos depois (em carta de 5 de dezembro de 1937), Lobato dirige-se ao Dr. Francisco Campos, governador de São Paulo, representante político do Estado Novo, refletindo sobre a nova reforma ortográfica e sua repercussão econômica em relação ao mercado editorial, na medida em que a circulação pelo país de livros com a nova

---

<sup>127</sup> *Cartas escolhidas*, v.1, op. cit., p.196.

ortografia colocava os do período anterior no encalhe, provocando um prejuízo sem monta no comércio livreiro. Lobato, ao mesmo tempo que elucida o problema, sugere dois caminhos ao governo: “indenizar os editores por meio da compra do estoque didático feito na velha, ou estabelecer prazo, talvez de 2 anos, em que seja facultativo às escolas utilizarem-se desses livros”.<sup>128</sup>

A questão referente à acentuação, assunto que vai concentrar vários esforços de Lobato durante toda sua vida, é abordada do ponto de vista prático; ele envia um livro infantil de sua autoria “desacentuado”, para análise do político, porque acredita que as crianças não vão sentir as “pulguinhas suprimidas”.

O escritor solicita também a interferência de Francisco Campos nas decisões tomadas sobre as taxas de importação do papel, matéria-base para a confecção do objeto livro. Nesse período, segundo ele, as revistas e jornais, “formas auxiliares da cultura”, receberam isenção nas taxas referentes ao papel importado, enquanto o livro, “forma primacial da cultura”, não foi contemplado.<sup>129</sup>

Em 1946, então residindo em Buenos Aires, Lobato escreve ao amigo Otaviano Alves de Lima e relata os dois motivos centrais que fazem com que o campo editorial na Argentina se diferencie e leve vantagem ao brasileiro: a isenção de impostos sobre o papel e a existência de mercado exterior para o escoamento da produção literária.<sup>130</sup>

A materialidade do impresso – primeira cerimônia de apropriação da leitura pelo leitor – foi uma constante preocupação do escritor-editor Lobato.<sup>131</sup> Suas reflexões e preocupações abrangem todas as vias de composição tipográfica, do aspecto gráfico ao título da obra. Ao comentar, na *Revista do Brasil*, em 1919, o livro didático *Prossigamos*, de Luiz Rubano, avalia como positivas as qualidades estéticas e educativas da obra, apesar da maioria da literatura didática ser um acinte ao leitor. Porém, critica a péssima qualidade do material impresso: “má impressão, mau papel, má distribuição, e sobretudo, horresco[s] referens, desenhos dos menos adequados, se é que a isso possa chamar-se desenhos”. E acrescenta: “Fazer bons livros para crianças é das coisas mais sérias, nas

---

<sup>128</sup> *Cartas escolhidas*, v.2, p.30.

<sup>129</sup> *Ibid.*, p.32.

<sup>130</sup> NUNES, Cassiano. (org.) *Monteiro Lobato vivo*, op. cit., p.122.

<sup>131</sup> Contraditoriamente, em 1912, Lobato criticava as preocupações de Nogueira, colega do tempo do Minarete, com a confecção material do livro: “Nogueira tem preocupações cômicas – a qualidade do papel, o tamanho das margens, ilustrações, como se um livro valesse por outra coisa que não o miolo. Quem procura essas galantezas à literatura não mostra confiança no que escreve. É procurar muletas”. *A barca de Gleyre*, v.1, op. cit., p.327. Carta de 9 de abril de 1912.

quais é preciso não só trabalhar com inteligência e coração, mas com uma elevada argúcia e cuidado”.<sup>132</sup>

Adotando uma psicologia comercial na venda dos livros, Lobato interfere na própria feitura, aconselhando ao amigo e escritor Rangel algumas mudanças para tornar a obra mais vendável, pois “tudo que no livro predispõe bem o público leitor e comprador é agradável a Deus”.<sup>133</sup> No livro *Vida ociosa*, por exemplo, sugere que a numeração de capítulos seja substituída por títulos, seguindo a esteira do mestre Machado de Assis, e se oferece para substituí-los. Já o livro *As andorinhas* fatalmente cairá no gosto do público pelo título convidativo, que “lembra movimento” em oposição a *Vida ociosa* que “lembra lentidão”.<sup>134</sup> Em 1927, critica novamente o título *Filha*, escolhido por Rangel para seu novo romance. Ilustra com sua experiência editorial a prática freqüente na “velha companhia” de mudar os títulos para torná-los mais comercializáveis: “Punha de preferência um nome feminino, porque, em cheirando a mulher lá dentro, os leitores concupiscentes compram ‘pra ver’”.<sup>135</sup>

Em carta a Lima Barreto, datada de 23 de novembro de 1919, Lobato aponta a pouca acolhida do público ao livro *Vida e obra de M. J. Gonzaga* ao título que não era “psicologicamente comercial”. Um bom título chama o público para a compra, explica ainda ao escritor: “Ao ler o título do teu romance toda a gente supõe que é biografia de... um ilustre desconhecido”.<sup>136</sup>

A publicidade dos livros ora em pequenas notas na imprensa, ora em página inteira divulgando os novos lançamentos, era uma estratégia que começa a ser utilizada por Lobato. O livro torna-se mercadoria anunciável. Em vários momentos de sua correspondência, o autor apregoa os gastos com propagandas na imprensa local. Na primeira edição de *Narizinho arrebitado*, afirma ter gasto quatro contos num anúncio de página.<sup>137</sup>

---

<sup>132</sup> *Críticas e outras notas*, op. cit., p.81-82.

<sup>133</sup> *A barca de Gleyre*, v.2, op. cit., p.188. Carta de 8 de fevereiro de 1919.

<sup>134</sup> *Ibid.*, p.258. Carta datada de 7 de outubro de 1923.

<sup>135</sup> *Ibid.*, p.299. Carta datada de 07 de fevereiro de 1927. Devemos lembrar que seu primeiro livro de contos *Urupês* originalmente iria se chamar “Dez mortes trágicas”, porém foi aconselhado a modificá-lo pelo amigo Artur Neiva.

<sup>136</sup> CAVALHEIRO, Edgard. *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955. p.42.

<sup>137</sup> *A barca de Gleyre*, v.2, op. cit., p.306. O lançamento de *Reinações de Narizinho*, em 1931, vem impresso em página inteira, no jornal *Estado de S. Paulo*, com desenhos de Belmonte. O autor, no centro da página, está rodeado pelas personagens do universo fantástico do Picapau Amarelo.

O escritor Lobato, ao produzir seus textos, idealiza-os contemplando os dispositivos tipográficos, como a constante revisão dos textos, adaptando-os conforme lhe parece mais agradáveis ao leitor. Exemplo disso é a edição do livro *Reinações de Narizinho*, em 1931, que reúne o conjunto de onze histórias publicadas anteriormente de forma individual pelo autor, no período de 1921 a 1930. Um livro de “trezentas páginas em corpo 10 – livro para ler, não para ver, como esses de papel grosso e mais desenhos do que texto”.<sup>138</sup>

A posição de Lobato parece contraditória, se lembrarmos que a edição do livro *A menina do narizinho arrebitado* (1920) apresenta exatamente as características criticadas. É claro que não era um livro só para ver, mas inovava exatamente pelo aspecto ilustrativo, ao trazer em sua página de rosto os informes: “Livro de figuras por Monteiro Lobato com desenhos de Voltolino”. A valorização da figura do ilustrador, apresentado ao leitor na página introdutória do livro, destaca o papel importante reservado para esse na confecção do livro.<sup>139</sup>

Voltolino, Belmonte, Rodolpho, J. U. Campos, Manoel Victor Filho foram alguns dos ilustradores dos livros infantis de Lobato. Apesar de serem artistas reconhecidos por seu exercício, quer seja na caricatura, quer seja na pintura, Lobato não poupava crítica aos seus trabalhos, utilizando a boneca Emília como sua porta-voz “A Emília vive se queixando dos desenhistas, que nunca pintam como ela é”.<sup>140</sup>

Em 1939 comenta a demora de Belmonte para entregar as ilustrações do livro em que as crianças viajam à Grécia, *O minotauro*: “Belmonte devia chamar-se Abismo. Um livro a desenhar cai ali e afunda meses. Mas estou a cutucá-lo com o telefone a ver se saem a tempo de eu dar o livro em outubro”.<sup>141</sup> Por outro lado, estava sempre atento à futuras colaborações, sendo assim que Rodolpho começou a ilustrar seus livros. Ao receber o livro *Diferença dos bichos*, de Vicente Guimarães, demonstra o interesse pelo ilustrador: “Quem é esse Rodolfo? Daí mesmo? A influência de J. Carlos é patentíssima, mas é obra de grande talento. Uma pergunta: porque preço fez ele esses desenhos? Quem

---

<sup>138</sup> Ibid., p.328.

<sup>139</sup> Luís Camargo destaca que essa não era uma prática comum no período; na maioria dos casos os livros não traziam nenhuma referência ao ilustrador, quando muito eram representados pelos seus monogramas. CAMARGO, Luís. Livro de imagem: alfabetização visual e narrativa. *Jornal da Alfabetizadora*. Ano II, n.8. Porto Alegre: Kuarup, 1990. p.16.

<sup>140</sup> *Cartas escolhidas*, v.1, op. cit., p.109.

<sup>141</sup> NUNES, Cassiano. (org.) *Monteiro Lobato vivo*, op. cit., p.58. As ilustrações provavelmente ficaram prontas, pois a primeira edição do livro data de 1939.

sabe se poderei encomendar a Rodolfo desenhos para livros meus? Informe-me a respeito”.<sup>142</sup>

A disposição das ilustrações nas páginas em desacordo com o texto era outro questionamento feito pelo escritor, que pedia ao leitor Alarico Silveira Júnior desculpas pelo acontecido: “O impressor botou o retrato dele logo na segunda página, em vez de botar no ponto em que o meu amigo íntimo aparece na história...”<sup>143</sup>

A ilustração vai aos poucos assumindo seu papel no mercado editorial. Além dos livros infantis, as capas de toda a produção literária começaram a receber os cuidados necessários. A qualidade do material também foi uma preocupação de Lobato, que, se em determinado momento via-se obrigado a deixar uma publicação com simples brochura, foi devido ao preço da percalina.

Como se observou, Lobato concretizou várias transformações no campo editorial, porém algumas idéias ficaram restritas ao campo ficcional. O livro, como suporte privilegiado da leitura, é metaforizado ao longo da produção lobatiana, adquirindo materialidade incomum e substância rarefeita. Metaforizar o livro para penetrar na misteriosa relação leitor-leitura, eis um dos artifícios de Lobato.

Levantamos cinco possibilidades da materialização do livro idealizadas por Lobato, algumas práticas, outras futurísticas, todas, porém, com o reconhecível toque lobatiano: livro-casa, livro-comestível, livro-portátil, livro-fluído e livro-novelo.

A idéia do **livro-casa** é arquitetada por Lobato no momento em que constrói a base de sua literatura infantil e rememora as suas primeiras leituras. O escritor deseja que os leitores encontrem na leitura o acolhimento de um espaço onde residir é possível, onde o prazer é a obrigação principal. Morar, habitar, viver e conviver com e na leitura: “Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim morar, como morei no *Robinson* e n’*Os filhos do Capitão Grant*”.<sup>144</sup>

A leitura alimento do espírito, frase desgastada pelo tempo, é reinventada ludicamente através da criação do **livro-comestível**. Além de matar a fome do espírito, o livro mataria a fome do corpo. A invenção é emilianesca: “O leitor vai lendo o livro e

---

<sup>142</sup> Ibid., p.82.

<sup>143</sup> *Cartas escolhidas*, v.1, op. cit., p.293.

<sup>144</sup> *A barca de Gleyre*, v.1, op. cit., p.293.

comendo as folhas; lê uma, rasga-a e come. Quando chega ao fim da leitura; está almoçado ou jantado. Que tal?”<sup>145</sup>

O **livro-portátil**, similar do livro-de-bolso, é redimensionado por Lobato em suas viagens de bonde pela cidade do Rio de Janeiro. Considerando o bonde como um promotor de leitura, Lobato sugere a criação de um livro que caiba no bolso do revólver, seja distribuído pelo condutor em troca da passagem e que sua leitura e extensão de páginas acompanhe o percurso da viagem.<sup>146</sup>

O **livro-novelo** é tecido com os fios da leitura, cabendo ao leitor puxar os fios para desvendar toda a sua dimensão: “Um livro é uma ponta de fio que diz: ‘aqui parei; toma-me e continua, leitor’.”<sup>147</sup>

À Well Lobato preconiza as novas formas de acesso à leitura e do seu invólucro, prevendo para o futuro, mais especificamente o ano de “2527”, o acesso ao **livro-fluído** ou em cápsulas. Comprimida em pequenos artefatos, a leitura seria dosada conforme o gosto do leitor:

Já em nosso tempo o álcool, o ópio e outras drogas produzem visões e deliciosos estados d'alma. Indeterminados, porém, sem controle possível. No futuro, não. A seriação das imagens será perfeitamente ordenada pelo jogo dos estímulos. Não se dirá como hoje: li um romance, e sim: cheirei.<sup>148</sup>

Exercendo a função de intermediário entre aquele que escreve e aquele que lê, Lobato vislumbra a literatura, também, como mercadoria. Levando em conta a sua “ciência editorial” ou “filosofia editorial”,<sup>149</sup> não podemos esquecer que todo o seu empenho em conquistar o leitor coincide com suas idéias preconizadas bem antes de penetrar nesse mundo de homem de letras: teclas e linotipos. A profissionalização da escrita almejada na juventude concretiza-se, o livro torna-se mercadoria, e o leitor, seu consumidor. Essa postura chocou seus contemporâneos e, talvez ainda hoje, cause um

<sup>145</sup> LOBATO, Monteiro. *A reforma da natureza*. São Paulo: Brasiliense, s.d. p.1.200.

<sup>146</sup> LOBATO, Monteiro. *Na antevéspera*. São Paulo: Brasiliense, 1964. p.103.

<sup>147</sup> LOBATO, Monteiro. *América*, op. cit., p.45.

<sup>148</sup> *Mundo da lua e Miscelânea*, op. cit., p.55.

<sup>149</sup> Brito Broca nomeia as inovações lobatianas de “ciência editorial”, e Marisa Lajolo aponta a “filosofia editorial” como um dos destaques da sua modernidade. Os pontos levantados por ambos, como não poderia deixar de ser, foram focalizados no texto: a criação de uma rede de distribuição para o livro; a qualidade na apresentação gráfica do material impresso. BROCA, Brito. Lobato editor. *A Gazeta*, São Paulo, 12 agosto 1958. LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: a modernidade do contra*, op. cit., p.34.

certo constrangimento para aqueles que acreditam no ofício da escrita como missão redentora de um eleito.

Para Lobato, contudo, não bastavam os apupos e/ou tapinhas nas costas de seus confrades; homem pragmático, persistia na conquista do público leitor, não por vaidade, mas com fins lucrativos: “O aplauso da platéia é o feijão com arroz de todos os dias”.<sup>150</sup>

#### 2.4 “É hora, gente!” ... Lá vem a história...

À memória da saudosa tia Esméria, e de quanta preta velha nos pôs, em criança, de cabelos arrepiados com histórias de cucas, sacis e lobisomens, tão mais interessantes que as laranchas contadas hoje aos nossos pobres filhos por uma lambisgóia de touca branca numa algaravia teuto-italo-nipônica que o diabo entenda. Vieram estas corujas civilizar-nos: mas que saudades da tia velha que em vez de civilização requeitada a 70\$000 réis por mês, afora, nos apavorava de graça.<sup>151</sup>

A dedicatória de Monteiro Lobato em seu livro de estréia *O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito*<sup>152</sup> reflete a sua animosidade contra as influências estrangeiras. Ter como adorno, no jardim, pequenos anões europeus, em detrimento do folclórico Saci, possuía, para o escritor, o mesmo poder de desenraizamento cultural promovido pelas mestres estrangeiras, que começavam a ocupar o espaço das narradoras brasileiras – as negras amas-de-leite, as tias e avós, que transfiguravam por meio de seus relatos as coisas da terra. A reintegração da figura da contadeira de histórias como promotora dos relatos infantis é propiciada por Lobato ao criar a personagem Dona Benta, a matriarca de seu mundo infantil.

O ato de narrar e ouvir histórias por muito tempo ficou sustentado nas bases sólidas da oralidade, em narrativas que circulavam de boca em boca, distantes do material

<sup>150</sup> *A barca de Gleyre*, v.1, op. cit., p.221.

<sup>151</sup> Dedicatória de Monteiro Lobato ao livro *O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito*. Rio de Janeiro: Gráfica JB S.A., 1998. Fac-símile de: *O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito*. São Paulo: Secção de obras de *O Estado de S. Paulo*, 1918.

<sup>152</sup> O livro, que foi publicado em 1918, sob o pseudônimo de Demonólogo Amador, é o resultado de uma pesquisa sobre o Saci-Pererê, desenvolvida por Lobato durante as suas colaborações para o jornal *O Estado de S. Paulo*.

escrito. Com o impulso renovador da imprensa, a leitura propagou-se, sem contudo matar a leitura oral de narrativas entre grupos. Ela tornou-se uma forma de sociabilidade e veio arregimentar as fileiras dos muitos modos de difundir a leitura, em especial no século XVIII e XIX.

Lobato introduz, nos seus textos destinados às crianças, o resgate de uma prática atemporal e comum na tradição das narrativas infantis: a figura do contador de histórias e uma prática marcadamente histórica: a troca de experiências leitoras. Tudo nos leva a crer que o autor concedeu à sua narradora ficcional a difícil e dupla tarefa de educar as personagens-leitores e os leitores da ficção para a leitura.

A tematização do ato da leitura, gestos e protocolos, frente ao material impresso, bem como a representação de personagens-leitores na obra infantil de Monteiro Lobato são uma constante e julgamos de grande importância<sup>153</sup> para o entendimento da imagem de leitor construída pelo autor: o leitor fictício e o papel do leitor.<sup>154</sup>

No universo ficcional do Sítio do Picapau Amarelo, Dona Benta exerce a função de mediadora da leitura: a ela cabe “contar” as histórias de modo que as crianças entendam, mesmo quando a opção se faz por livros que não estão originalmente destinados a elas. Exercendo o ofício de narradora, aproxima-se da tradição dos narradores populares; no entanto, seu repertório está fundamentado no material impresso, com direito à apresentação do autor, nacionalidade e características referentes ao objeto livro a ser manuseado, como a ilustração e a formatação.

A competência cultural da “velhinha novidadeira” diz respeito ao livre acesso às informações de sua época: pelo correio, recebe todos os tipos de livros – ciências, arte e literatura; a assinatura de vários jornais lhe permite uma leitura informativa e atual e, através do rádio de ondas curtas, que divide com a vizinhança, mantém-se atualizada. Resta ainda salientar que sua biblioteca particular, cujo acervo ultrapassa duzentos exemplares, tem como característica a multiplicidade de autores e gêneros, o que lhe

---

<sup>153</sup> Faz-se necessário ressaltar dois trabalhos que colaboram para a compreensão dessa tematização: ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil e o leitor. In: \_\_\_\_, MAGALHÃES, Lígia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1987. p.61-134 e LAJOLO, Marisa. Lobato, um Dom Quixote no caminho da leitura. In: \_\_\_\_. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1994. p.94-103.

<sup>154</sup> Adotamos a idéia de Wolfgang Iser, para quem a ficção do leitor corresponde a um “determinado repertório de sinais expostos no texto” interrelacionados com outras perspectivas do texto, como narrador, personagens e ações. Já o papel do leitor “resulta da interação de perspectivas e se desenvolve na atividade orientada da leitura.” ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Traduzido por Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed.34, 1996. p.72.



viabiliza o conhecimento em diversas áreas, entre elas a científica, a filosófica e a literária.

Com mais de sessenta anos de idade, Dona Benta tem uma memória prodigiosa; depois de ler e conhecer bem as histórias, conta-as do seu modo. Mostra-se afinada com a arte de narrar, ao imitar as vozes das personagens, como em *O irmão do Pinóquio*. Desse modo, familiarizada com a narrativa e o seu vocabulário, está apta a dar respostas aos ouvintes, quando questionada, fato que acontece com frequência.

A representação do ato de contar histórias exerce nas narrativas de Lobato o papel de motivação e estímulo ao ato de ler, na medida em que os ouvintes são sempre alertados para o valor da leitura da obra de forma integral, mesmo que isso ocorra anos depois, quando forem leitores competentes ou souberem a língua original do texto sugerido. A leitura socializada pelo grupo não exclui, contudo, o seu exercício de forma individualizada, já que as personagens possuem um referencial de leituras individuais e solitárias.

A especificidade do público infantil leva Lobato a traçar um perfil de leituras possíveis e pertinentes ao leitor criança, referendadas ao longo do conjunto de sua obra. Estão incluídos nesse rol livros como: *Viagens de Marco Polo*; *As aventuras de Huck*, de Mark Twain; *O conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas; *Moby Dick*, de Herman Melville; *The Jungle Book*, de Rudyard Kipling; *Coração*, de Edmundo Amicis; *A filha das neves*, de Jack London. De Júlio Verne são citados os livros *A volta ao mundo em oitenta dias*, *Os filhos do capitão Grant* e *Da terra à lua*. Porém, a restrição etária não inviabiliza a construção de um repertório de livros que poderão ser lidos mais tarde, já “que há uma leitura para cada idade”. O autor elenca, assim, os poetas latinos Horácio e Virgílio; o escritor inglês William Shakespeare; o romance de Flaubert, *Salambô* e o romance *O Nazareno*, de Sholem-Asch. À criança resta, segundo Dona Benta, “crescer e aparecer” para fazer a leitura de uma literatura mais complexa,<sup>155</sup> enquanto isso a vovó promete apresentar aos netos *A fome*, de Rodolfo Teófilo, e *Os sertões*, de Euclides da Cunha.

O convite à leitura de seus próprios livros infantis aparece sistematicamente ao longo de sua produção literária. Um exemplo desse procedimento pode ser encontrado no segundo capítulo da narrativa de *Memórias da Emília* (1936), quando o Visconde deixa de ser um simples anotador e passa a ocupar dupla função: fazer de conta que Emília está

---

<sup>155</sup> LOBATO, Monteiro. *História do mundo para as crianças*. São Paulo: Brasiliense, s.d. p.1.589.

contado e ordenar suas próprias lembranças. Contudo, Emília delimita o andamento da narrativa entre “as coisas que aconteceram no sítio e ainda não estão nos livros”.<sup>156</sup> Surge implicitamente a figura do leitor: os leitores das obras de Lobato que já conhecem as aventuras do “pessoalzinho” do Sítio. Àqueles que desconhecem, fica o convite por meio dos títulos que vão sendo nomeados ao longo da narrativa.

O Visconde seleciona a história do anjinho de asa quebrada e tenta dar veracidade às memórias, colocando-se como integrante do episódio vivido. Na qualidade de registro do vivido (aqui o vivido ficcional), o Visconde relata ao leitor a descrição das circunstâncias do fato narrado: “As crianças que leram as *Reinações de Narizinho* com certeza também leram a *Viagem ao Céu*, onde vêm contadas as aventuras dos netos de Dona Benta, da Emília e também as minhas no país dos astros”.<sup>157</sup>

Esse procedimento de autopromoção só não aparece nos livros *O saci*, *As aventuras de Hans Staden* e *Dom Quixote das crianças*, sendo que, no segundo, os netos de Dona Benta, em vários momentos, utilizam-se de fábulas para comparar as atitudes dos indígenas e dos homens brancos, o que pode sugerir uma referência ao livro de fábulas escrito por Lobato. Já em *Dom Quixote das crianças*, Emília é reconhecida pelas crianças do mundo porque “tudo quanto ela faz aquele sujeito conta nos livros”.<sup>158</sup> O que nos leva a concluir que somente no livro *O saci* Lobato não faz propaganda explícita à sua produção literária.

A valorização do ato de ler ou as calamidades oriundas da ausência de sua prática estão presentes na própria representação das personagens lobatianas. Dona Benta e Tia Nastácia, representantes do mundo adulto, possuem diferenças culturais marcantes com origem em fatores históricos, sociais e econômico. A primeira é representante de uma cultura erudita, conhece várias línguas e apropria-se dos textos na língua original, seja ela o italiano, o inglês ou o francês; leitora experiente e competente, orquestra a cerimônia de apropriação da leitura pelas demais personagens. A segunda é portadora de uma cultura popular e ágrafa, para Tia Nastácia, “o livro não passa duma porção de folhas de papel”;<sup>159</sup> nos serões reservados à leitura coletiva, muitas vezes, ela ocupa seu tempo com idas à cozinha.

---

<sup>156</sup> LOBATO, Monteiro. *Memórias da Emília*. São Paulo: Brasiliense, s.d. p.243.

<sup>157</sup> *Ibid.*, p.244.

<sup>158</sup> LOBATO, Monteiro. *Dom Quixote das crianças*, op. cit., p.951.

<sup>159</sup> LOBATO, Monteiro. *História das invenções*. São Paulo: Brasiliense, s.d. p.1.885.

Narizinho e Pedrinho, crianças entre os sete e dez anos de idade, apesar de não serem apresentadas como leitores fluentes, já possuem um repertório de leituras individuais. Narizinho contempla livros maravilhosos como *Alice no País das Maravilhas* e *Peter Pan*; Pedrinho é leitor assíduo dos jornais que circulam no Sítio e possui um repertório de leituras individuais que incluem *Carlos Magno e os doze pares de França*, *Mowgli, o menino-lobo*, entre outras histórias que priorizam o espírito de aventura.

A boneca de pano e o sabugo de milho possuem características leitoras bem definidas. Emília adora ouvir e contar histórias, lê jornais e possui uma biblioteca fictícia “feita de pedacinhos de papel de jornal, cortados do tamanho de palhas de cigarro e presos com alinhavo muito mal feito...”,<sup>160</sup> porém, acreditava-se mais feliz quando não sabia ler, em especial os jornais: “Depois que aprendi a ler e comecei a ler jornais, comecei a ficar triste. Comecei a ver como é na realidade o mundo. Tanta guerra, tantos crimes, tantas perseguições, tantos desastres, tanta miséria, tanto sofrimento...”.<sup>161</sup>

O Visconde de Sabugosa, membro da academia de letras, privilegia, na maioria das vezes, leituras técnicas, como tratados de geologia, aritmética e ciências naturais. Seu próprio organismo é formado pelo mundo da leitura: em vez de tripas na barriga tinha “uma maçaroca de letras e sinais algébricos”. O nobre sábio habita entre os livros, numa moradia nada comum:

Dois grossos volumes do dicionário de Moraes formavam as paredes. Servia de mesa um livro de capa de couro chamado *O Banquete*, escrito por um tal Platão que viveu antigamente na Grécia e devia ter sido um grande guloso. A cama era formada por um exemplar da *Enciclopédia do Riso e da Galhofa*, livro muito antigo e danado para dar sono.<sup>162</sup>

Até mesmo as personagens animais são contagiadas pelo mundo das letras. Rabicó, o guloso leitão, delicia-se com os livros, principalmente quando eles viram livro comestível numa variedade de sabores de fácil digestão, como em *A reforma da Natureza*, em que a *Iliada*, de Homero e as obras completas de Shakespeare são devoradas pelo glutão. Já Quindim, o rinoceronte que ciceroneia o grupo de picapauzinhos pelo país da

<sup>160</sup> *História do mundo para as crianças*, op. cit., p.1.685.

<sup>161</sup> *Memórias da Emília*, op. cit., p.290.

<sup>162</sup> LOBATO, Monteiro. *O circo de cavalinhos*. São Paulo: Brasiliense, s.d. p.116.

gramática, não deixa transparecer a origem dos seus conhecimentos: se fonte de muita leitura ou da refeição indigesta da “Gramática Histórica”, de Eduardo Carlos Pereira.

Em *O marquês de Rabicó*, originalmente de 1922, Lobato deixa vir à baila o seu intento de valorizar os conhecimentos oriundos da leitura. Dona Benta sabe porque lê. Apesar de não conhecer todos os mares, fez-se leitora e como leitora tem o conhecimento. Diante da afirmativa do Doutor Caramujo, de que no mar havia de tudo, Narizinho diz que sereia não havia, pois assim afirmara Dona Benta e, para testar os conhecimentos advindos da leitura, indaga ao caramujo sobre seu nome científico: “–Não sabe, não é? – continuou Narizinho vitoriosa. Pois fique sabendo que vovó sabe – e até o senhor Visconde, só porque cheirou os livros de vovó, é capaz de saber. Vamos, Visconde!”.<sup>163</sup>

Os “serões”, denominação para esse momento de troca entre o ouvir e o contar, acontecem como que seguindo um ritual; na maioria das vezes, dá-se no espaço interno da casa – algumas vezes embaixo do pé de jabuticabeira. O horário também segue uma norma: geralmente inicia às 7 horas da noite – após a sessão de audição do rádio de ondas curtas, iniciada às seis –, com término às 9 horas, quando Dona Benta encerra a atividade, alegando o adiantado da hora. Somente a narrativa de *Dom Quixote* ultrapassa esse horário.

Tia Nastácia cumpre a importante função de acender o lampião e reunir os ouvintes com o inconfundível chamado “É hora, gente!”, que aparece principalmente nas primeiras narrativas. Como cozinheira oficial desse mundo imaginário, ela abastece os serões com bolinhos e pipocas, “coisa que nunca faltou no sítio de Dona Benta”.<sup>164</sup>

Reunidos os participantes, Dona Benta senta-se em sua velha cadeirinha de pernas serradas, os ouvintes escolhem posições confortáveis e começa a leitura, partilhada de forma coletiva pelo grupo.

Das 23 narrativas de literatura infantil que compõem as obras completas de Monteiro Lobato, gostaríamos de destacar seis, porque incluem aqueles livros em que Lobato se deteve ao ato de “contar histórias”. São elas: *O irmão do Pinóquio* (1929) e *Peter Pan* (1930); *As aventuras de Hans Staden* (1927) e *Dom Quixote das Crianças* (1936); *História do mundo para as crianças* (1933) e *História das Invenções* (1935).

As seis narrativas trazem o discurso de outro autor, recontados por Lobato. Utilizando-se do ofício de Dona Benta e as interpolações de seus ouvintes, ele constrói

<sup>163</sup> LOBATO, Monteiro. O marquês de Rabicó. In: \_\_\_\_\_. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, s.d. p.54.

<sup>164</sup> *História das invenções*, op. cit., p.1.843.

uma narrativa que ultrapassa a tradução e, ousamos dizer, a adaptação, ao fornecer outras vozes que se interpõem e dialogam com o discurso primeiro, resultando em um outro que já não é mais aquele esperado.

As duas primeiras narrativas dizem respeito a histórias clássicas da literatura infantil: *As aventuras de Pinóquio* (1833), do escritor italiano Carlo Lorenzini (1826-1890), mais conhecido por Collodi, e *Peter Pan and Wendy* (1911), do escritor inglês James M. Barrie (1860-1937). Os dois livros chegam no Sítio pelo correio, enviados por um livreiro de São Paulo, do qual Dona Benta é cliente assídua.<sup>165</sup> O livro do boneco italiano chega entre as novidades enviadas para suprir o arsenal da contadeira que já estava, de tanto contar histórias, como um bagaço de caju: “A gente espreme e não sai mais nem um pingão”. A história de Peter Pan, contudo, foi especificamente solicitada por Dona Benta, que desconhecia a história inglesa. As duas narrativas estão na língua de origem<sup>166</sup> e, por meio desses livros, ela exercita seu ofício principal no sítio do Picapau Amarelo: narrar histórias.

No livro *O irmão do Pinóquio*, a narrativa tem como fio condutor a leitura da história italiana, porém, ela fica restrita aos três capítulos lidos no primeiro serão. O texto de Lobato centrar-se-á na criação de um irmão para o Pinóquio; surge o boneco João Faz-de-Conta, criado pelas mãos de Tia Nastácia, após ganhar um concurso de desenho com esse fim. Contudo, a leitura da narrativa de Collodi servirá para a apresentação, pela primeira vez na obra infantil de Lobato, dos métodos utilizados por Dona Benta para narrar as histórias de outros autores.

A prática individual e solitária da leitura silenciosa é solicitada por Pedrinho, ao perceber a chegada do livro no Sítio. No entanto, Dona Benta comunica o seu método de ler em capítulos e seus objetivos: “– Alto lá! \_ interveio Dona Benta. Quem vai ler o *Pinóquio* para que todos ouçam, sou eu, e só lerei três capítulos por dia, de modo que o livro dure e nosso prazer se prolongue”.<sup>167</sup>

---

<sup>165</sup> Pelo correio chegam entre outras novidades editoriais os livros: *Child's History of the World*, do diretor da Calvert School, Hillyer, que será adaptado pela contadeira em *História do mundo para as crianças* (1933); *História das invenções do homem: o fazedor de milagres*, do americano Hendrick Van Loon, o mote para a narrativa *História das invenções*.

<sup>166</sup> O título da narrativa de Peter Pan vem escrito em inglês, já Pinóquio provavelmente estava na tradução de Portugal pela observações oriundas do texto. Segundo Nelly Novaes Coelho, a tradução brasileira de Pinóquio só ocorreu em 1933, produzida pelo próprio Lobato. COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil: história, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje*. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1981. p.320.

<sup>167</sup> *O irmão do Pinóquio*, op. cit., p.102.

Os livros infantis, que circulavam no Brasil daquele período, com seus vocábulos descontextualizados e distantes das vivências dos leitores, fazem com que Dona Benta proceda uma “desopilação” no texto:

A moda de Dona Benta ler era boa. Lia ‘diferente’ dos livros. Como quase todos os livros para crianças que há no Brasil são muito sem graça, cheios de termos do tempo do onça ou só usados em Portugal, a boa velha lia traduzindo aquele português de defunto em língua do Brasil de hoje.<sup>168</sup>

Outra característica destacada nesse livro, e que não aparece em outras narrativas, é a fórmula adotada pela narradora de imitar as falas das personagens. O livro de origem italiana recebe uma imitação própria : “Dona Benta começou a arremedar a voz de um italiano galinheiro que às vezes aparecia pelo sítio em procura de frangos; e para o Pinóquio inventou uma vozinha de taquara rachada que era direitinho como o boneco devia falar”.<sup>169</sup>

A curiosidade do pessoalzinho do Sítio em conhecer a história de *Peter Pan* faz com que Dona Benta o solicite à livraria exatamente com esse fim. Após a leitura atenta do texto, em inglês, ela promete a sua narração ao grupo. No dia seguinte, às 7 horas da noite, Dona Benta entra na sala e é acolhida com alegria pelos ouvintes: “– Viva a vovó – gritaram os meninos. – Viva a história que ela vai contar! – berrou Emília”.<sup>170</sup> Sentada em sua cadeirinha, a contadeira começa a mediação da leitura à seleta audiência composta dos netos Pedrinho e Narizinho, da Tia Nastácia e dos bonecos Emília e o Visconde de Sabugosa.

A escolha de uma narrativa moderna, contemporânea às personagens infantis, ganha comentários de Narizinho que, após o primeiro serão, diz considerá-la muito mais interessante que as narrativas tradicionais, exemplificadas pelos contos dos irmãos Grimm, Charles Perrault e Hans Christian Andersen, que possuem uma estrutura fixa e personagens semelhantes. Para a menina: “As histórias modernas variam mais. Esta promete ser muito boa. Peter Pan está com jeito de ser um diabinho levado da breca”.<sup>171</sup>

---

<sup>168</sup> Ibid. A crítica de Lobato à “língua de defunto” e aos livros dirigidos para as crianças é uma constante em sua produção infantil, exemplificada pelas infundáveis fugas de Polegar e outras personagens do mundo maravilhoso que buscam escapar de Dona Carochinha.

<sup>169</sup> Ibid., p.103.

<sup>170</sup> LOBATO, Monteiro. *Peter Pan*. São Paulo: Brasiliense, s.d. p.586.

<sup>171</sup> Ibid., p.594.

Quando Dona Benta descreve os seis meninos que moravam na Terra do Nunca, “a terra onde os meninos não crescem”, refere-se aos gêmeos que, por serem idênticos, eram tratados como um só, Emília utiliza-se da oportunidade para alfinetar os livros tradicionais, dando seguimento à observação feita anteriormente por Narizinho: “– Eu sei – berrou Emília. – Com os livros é assim. Há montes de livros tão iguais que tanto faz a gente pegar num como pegar noutro. A obra é a mesma”.<sup>172</sup>

A transposição do texto escrito para a oralidade de forma coloquial não inviabiliza a inserção de novos vocábulos. As palavras difíceis e desconhecidas como *nursery*, estalactites, excêntrico, cinegético, entre outras, são explicadas por Dona Benta. Ao questionamento de Pedrinho sobre a utilização dessas palavras a avó explica:

– Para você perguntar e eu ter ocasião de ensinar uma palavra nova que ninguém aqui sabe. Neste mundo, Pedrinho, precisamos conhecer a linguagem dos pedantes – se não os pedantes nos embrulham. Você já aprendeu o que é cinegético e se em qualquer tempo algum sábio da Grécia quisesse tapear você com um cinegético, em vez de abrir a boca, como um bobo, você já pode dar uma risadinha de sabidão.<sup>173</sup>

Obedecendo a uma regra utilizada em todas as histórias narradas por Dona Benta, os serões são sempre terminados no ponto culminante do enredo. O retardamento de fatos tão esperados provoca reclamações de Pedrinho: “– É sempre assim. As histórias são sempre interrompidas nos pontos mais interessantes. Chega até a ser judiação...”.<sup>174</sup>

Durante seis serões Dona Benta narra as aventuras do menino que não queria crescer, eterno, mas existente só num determinado momento da vida:

Em que momento?

– No momento em que batemos palma quando alguém nos pergunta se existem fadas.

– E que momento é esse?

---

<sup>172</sup> Ibid., p.596.

<sup>173</sup> Ibid., p.608.

<sup>174</sup> Ibid., p.613.

– É o momento em que somos do tamanho dele. Mas depois a idade vem e nos faz crescer ... e Peter Pan, então, nunca mais nos procura...<sup>175</sup>

*As aventuras Hans Staden e Dom Quixote das crianças* são livros extraídos do repertório de leituras do mundo “adulto” e recontados por Lobato à sua maneira. Cumpre a Dona Benta contá-los, também, à sua moda. No entanto, o objetivo dos dois contadores é um só: que as personagens e o leitor criança tenham acesso a leituras mais profundas, mesmo que oralmente. Sem esquecer, contudo, o público leitor – as personagens e os leitores implícitos – a narrativa busca se adequar às suas particularidades, daí as explicações vocabulares, a recomendação de leituras futuras.

Outro fato que liga as duas narrativas é a caracterização de suas personagens: mesmo provinda a primeira de um relato histórico e a segunda de um relato ficcional, ambas as personagens estão imbuídas do espírito aventureiro: o marinheiro viajante e o cavaleiro andante. Por outro lado, o objeto livro está interligado à experiência e ao resultado, favorável ou não, de suas aventuras. Para Hans Staden, “o livro de couro” é o objeto mágico que lhe dá poderes diante da tribo indígena; para Dom Quixote, a leitura de uma centena de livros de cavalaria leva-o a aventuras desmedidas e à loucura.

As aventuras do alemão Hans Staden são narradas em dois serões, o primeiro dentro de casa e o segundo à tarde no pátio, embaixo da jabuticabeira. A referência à história narrada vem destacada fora do texto em forma de cabeçalho: o leitor é informado de que se trata das aventuras de um naufrago alemão em terras brasileiras no ano de 1553 “narradas por Dona Benta aos seus netos Narizinho e Pedrinho”. Porém, ao término da história, Dona Benta conclui de onde havia retirado a narrativa: “Hans regressou à sua pátria, onde escreveu o livro em que conta estas histórias, livro precioso para nós porque foi o primeiro publicado a respeito de coisas do nosso país”.<sup>176</sup>

Ao longo da narrativa, Narizinho impressiona-se com os conhecimentos da avó, perguntando-lhe a origem de tanto saber e esta credita à leitura os méritos do seu conhecimento:

– Lendo e vivendo, minha filha. Mas o que sei é nada; parece alguma coisa para vocês, crianças que quase nada sabem; mas diante do que sabe um verdadeiro sábio, como

---

<sup>175</sup> Ibid., p.620.

<sup>176</sup> LOBATO, Monteiro. *As aventuras de Hans Staden*. São Paulo: Brasiliense, s.d. p.894.



aquele Darwin da *Viagem ao redor do mundo*, que eu quero que vocês leiam, minha ciência é igual a zero.<sup>177</sup>

A valorização da aquisição de novos vocábulos é destacada na narrativa quando as crianças questionam palavras desconhecidas do seu universo vocabular, como derrota, cruzar e zarpar, palavras consideradas por Pedrinho difíceis e desnecessárias. Contudo, Dona Benta observa ao neto a importância da aprendizagem desses vocábulos: “Há certas expressões que se chamam ‘técnicas’ e que vocês precisam ir aprendendo”.<sup>178</sup>

Durante os serões, a narradora tenta elucidar a distância temporal dos fatos narrados, fazendo comparações entre o ontem e o hoje, para deixar visíveis as dificuldades dos viajantes marinhairos, tais como a distância do percurso e os meios de comunicação com a terra. Outro fato a ser destacado é o respeito e a valorização da diversidade cultural que desponta a todo momento na narrativa, como a mascação do abati, retratado com interesse por Dona Benta e recebido com asco por Narizinho, que acha nojenta aquela atividade, uma “porcaria”. “ – Para nós – explicou Dona Benta; para nós, que temos outra cultura e modos de ver diferentes. Se você fosse uma indiazinha daqueles tempos havia de achar a coisa mais natural do mundo e não deixaria de comparecer a todas as mascações de abati”.<sup>179</sup>

No prefácio da segunda edição do livro, Lobato deixa explícita a sua intenção didática ao direcionar o livro para escola, como material de conhecimento histórico, disponível e viável no aprendizado das coisas do Brasil:

(...) ordenamo-la literariamente, com absoluto respeito ao original, de modo que lucrasse em clareza e facilidade de leitura, sem prejuízo do caráter documentativo, uma obra que até nas escolas devia entrar, pois nenhuma daria melhor aos nossos meninos a sensação do Brasil menino.<sup>180</sup>

**JULGAMOS NECESSÁRIO RESSALTAR A VALIDADE DESSE PENSAMENTO NA  
MEDIDA EM QUE A APROPRIAÇÃO DO FATO HISTÓRICO ATRAVÉS DO RELATO  
VIVENCIADO QUEBRA COM A VISÃO DIDATIZADA E FACTUALISTA DO ENSINO DA  
HISTÓRIA. VÊ-SE, ASSIM, QUE LOBATO, BEM ANTES DE ESTUDOS QUE CONTEMPLAM A**

---

<sup>177</sup> Ibid., p.860.

<sup>178</sup> Ibid., p.856.

<sup>179</sup> Ibid., p.870.

<sup>180</sup> AZEVEDO, Carmem Lúcia, CAMARGO, Marcia, SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: Ed.SENAC, 1997. p.188.

HISTÓRIA DAS MENTALIDADES, BUSCOU INSERIR EM SUA PRODUÇÃO, DESTINADA ÀS CRIANÇAS DA DÉCADA DE 20, 30 E 40, UMA FONTE DOCUMENTAL POUCO UTILIZADA AINDA HOJE.

*AS AVENTURAS DE HANS STADEN* SÃO RELATADAS DE IMEDIATO POR DONA BENTA, O QUE NÃO ACONTECE COM A NARRATIVA DE *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS*, DESENCADEADA PELA REBELDIA DE EMÍLIA QUE, ENCONTRANDO-SE LIVRE DA PROPRIETÁRIA DO SÍTIO E DOS SEUS NETOS, RESOLVE INCURSIONAR PELA ESTANTE DE LIVROS. ENTRE TANTOS LIVROS, CHAMA-LHE A ATENÇÃO O LIVRO *DOM QUIXOTE DE LA MANCHA*, ESCRITO POR MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA E ILUSTRADO POR GUSTAVE DORÉ (EMÍLIA TINHA PREDILEÇÃO POR LIVROS DE FIGURAS). APÓS VÁRIAS PERIPÉCIAS, ELA CONSEGUE ADONAR-SE DO LIVRO QUE DESPENCARA SOBRE O VISCONDE.

EMÍLIA NÃO SE IMPORTA COM O DESTINO DO ILUSTRE VISCONDE, IMPORTA-SE SIM COM OS “AS” DE SAAVEDRA, PODANDO-LHE COM O LÁPIS O “A” ADICIONAL. A ESTRIPULIA DA BONECA, NO ENTANTO, GARANTE A LEITURA DO LIVRO POR DONA BENTA, QUE SE CONFRONTA DE IMEDIATO COM A RASURA NO LIVRO, O QUE SERVE PARA UMA REPRIMENDA E ORIENTAÇÃO SOBRE OS CUIDADOS COM O OBJETO LIVRO:

– Mas você devia respeitar esta edição, que é rara e preciosa. Tenha lá as idéias que quiser, mas acate a propriedade alheia. Esta edição foi feita em Portugal há muitos anos. Nela aparece a obra de Cervantes traduzida pelo famoso Visconde de Castilho e pelo Visconde de Azevedo.<sup>181</sup>

Quando Dona Benta começa a leitura do livro, as crianças se deparam com uma linguagem rebuscada e de difícil compreensão, porém, ela soluciona o problema de forma harmoniosa, primeiro esclarecendo o valor do estilo e da forma em que a obra foi escrita para, por fim, facilitar a compreensão dos leitores: “Mas como vocês ainda não têm a necessária cultura para compreender as belezas da forma literária, em vez de ler vou contar a história com palavras minhas”.<sup>182</sup>

Dona Benta vai contando as partes principais da história, quando é interrompida por Pedrinho, que quer saber se a narrativa está “inteira” ou em “pedaços”. Ela observa que está contando somente as principais aventuras de Dom Quixote e seu fiel escudeiro,

<sup>181</sup> *Dom Quixote das crianças*, op. cit., p.897.

<sup>182</sup> *Ibid.*, p.898.

devido à extensão da narrativa “ – só os adultos, gente de cérebro bem amadurecido, podem ler a obra inteira e alcançar-lhe todas as belezas. Para vocês, miuçalhas, tenho de resumir, contando só o que divirta a imaginação infantil”.<sup>183</sup>

O resumo da história não inviabiliza a promessa de leitura da obra de forma integral quando os ouvintes estiverem aptos para a mesma: “Um dia quando vocês crescerem e tiverem a inteligência mais aberta pela cultura, havemos de ler a obra inteira nesta tradução dos dois Viscondes, que é ótima”.<sup>184</sup>

Pedrinho, que não desconhece os livros de cavalaria, por ser leitor da história de *Carlos Magno e os doze pares de França*, mostra-se capaz de fazer suas próprias leituras e demonstra suas preferências: “eu poderei admirar muito os escritores clássicos; mas, para ler, quero os modernos, como esse tal Machado de Assis que a senhora tanto gaba”.<sup>185</sup>

A narrativa das aventuras do cavaleiro da triste figura é relatada por Dona Benta em dois serões. O primeiro termina exatamente às 9 horas da noite, como de costume; no segundo, apesar de mandar as crianças para a cama às 9 horas, Dona Benta retoma a história após o renascimento do Visconde de Sabugosa.

Em *Dom Quixote das crianças*, Lobato problematiza questões que ultrapassam o momento histórico da década de 30, pois são pertinentes ainda hoje, como destaca Marisa Lajolo:

O leitor encontra material bastante rico para reflexões sobre questões de leitura, de leitura dos clássicos, da adequabilidade de certas linguagens a certos públicos, do papel a ser representado pelo adulto responsável pela iniciação dos jovens na leitura e mais miudezas.<sup>186</sup>

Os livros de cunho estritamente didático também foram alvo de Lobato, que os reorganizou dentro da esfera do Sítio com suas divisões em serões e as introduções e intromissões das personagens. *História do mundo para as crianças* tem sua origem no livro *Child's History of the World*, do americano Virgil Mores Hillyer, e *História das invenções*, no livro *História das invenções do homem: o fazedor de milagres*, do americano Hendrick Van Loon. Nas duas narrativas, as interferências de Narizinho e

---

<sup>183</sup> Ibid., p.958.

<sup>184</sup> Ibid., p.973.

<sup>185</sup> Ibid.

<sup>186</sup> *Da leitura do mundo para o mundo da leitura*, op. cit., p.103.

Pedrinho dizem respeito a curiosidades sobre o conteúdo “ministrado” por Dona Benta; Emília, por sua vez, cumpre a função de quebrar a seriedade do relato, soltando volta e meia suas “asneirinhas”.

A distância temporal torna as duas narrativas, em vários pontos, ultrapassadas; o leitor contemporâneo, envolvido por uma parafernália tecnológica com máquinas de última geração, certamente não sentirá a mesma curiosidade e entusiasmo que Narizinho e Pedrinho em relação a descobertas como as da máquina de escrever, o fonógrafo e o cinema falado.

Dos livros infantis escritos por Lobato, *História do mundo para as crianças* foi o que mais críticas recebeu, principalmente em relação a questões políticas e religiosas. A narrativa que se prolonga durante trinta e quatro serões – os mais longos dos livros de Lobato – foi escolhida por Dona Benta considerar a história do mundo como “um verdadeiro romance que pode muito bem ser contado às crianças. Meninos assim da idade de Pedrinho e Narizinho estou certa de que não vão de gostar e aproveitar bastante”.<sup>187</sup> Dessa maneira, Lobato mantém-se fiel à sua prática de refletir sobre a especificidade do público, o que o leva à busca constante de narrativas que possam agradar as crianças.

A fragilidade dos limites das fronteiras entre os fatos reais e a ficção é colocada durante a narrativa. Quando Dona Benta expõe as aventuras dos reis metidos nas cruzadas e dos meninos que se reuniam a elas, Narizinho observa:

– Estou vendo, vovó, que não existe nada de mais nos contos de Grimm, Andersen e outros. Que diferença entre a História e os contos de fadas? Aqueles reis, aqueles castelos, aqueles piratas – tudo a mesma coisa. A única diferença é que a História tem coisas ainda mais fantásticas do que os contos de fadas – como essa história dos cruzadinhos, por exemplo...<sup>188</sup>

Nos esclarecimentos sobre a criação da imprensa por Gutenberg e sua importância, a narrativa desvela problemas relativos ao acesso à leitura e ao objeto livro. O desejo de ler, por si só, não garante a viabilidade do ato:

– O fato de antigamente ninguém saber ler vinha da impossibilidade de haver livros ao alcance da bolsa do povo. Se hoje, por um acaso, os livros subissem de preço,

<sup>187</sup> *História do mundo para as crianças*, op. cit., p.1.567.

<sup>188</sup> *Ibid.*, p.1.675.

vindo a custar, digamos, dois contos de réis cada um, o povo rapidamente recairia na velha ignorância. Não basta querer ler, é preciso poder ler.

Mas então querer não é poder, vovó? – perguntou Narizinho.

– Nem sempre. Por mais que um pobre diabo queira ir à lua, não fará essa viagem antes que haja uma linha de foguetes da terra à lua. Assim também a humanidade com a leitura. Antes de aparecer a imprensa, isto é, antes de surgir a arte de produzir livros na maior quantidade e a preços baratíssimos, a pobre humanidade não podia ler – e quem não lê não se instrui, fica asno a vida inteira.<sup>189</sup>

A importância da leitura para a formação integral da criança, fomentando a sua curiosidade e ampliando os seus conhecimentos, é destacada por Lobato. Ele não descarta, porém, o papel do adulto nesse processo, pelo contrário, valoriza-o e delega a esse um papel fundamental como mediador da leitura. Tal fato pode ser ilustrado com a resposta de Dona Benta a Narizinho. A menina que se achava ignorante por desconhecer alguns fatos da história é advertida pela avó: “ – Não é ser bobá, minha filha, é não saber. Uma criança não tem culpa de não saber, e para que saiba uma porção de coisas úteis é que as vovós contam estas histórias do mundo”.<sup>190</sup>

Um fevereiro chuvoso é o convite para que Dona Benta ocupe o tempo das crianças com a *História das invenções*. O autor americano Hendrick Van Loon é conhecido do pessoalzinho do Sítio, dele Dona Benta já lera um livro sobre “geografia”. Assim, todas as noites às 7 horas, após a audição do rádio de ondas curtas, com irradiação de Pittsburgh, a contadeira dá início à narrativa que ocupará dez serões.

O livro *História do Mundo para as crianças* tinha, em sua origem, a criança como público alvo, fato que não ocorre no livro *História das invenções*. Daí a explicação de Dona Benta, no sentido de contá-lo do seu modo peculiar para que os netos entendam: “ – Este livro não é para crianças – disse ela – mas se eu ler do meu modo, vocês entenderão tudo. Não tenham receio de me interromperem com perguntas, sempre que houver qualquer coisa obscura (...)”.<sup>191</sup>

Esse conjunto de narrativas, aqui selecionadas, dá-nos uma pequena amostra do processo de escrita de Monteiro Lobato: um discurso voltado para a especificidade dos leitores crianças, empenhado em conquistá-los para o mundo da leitura. Se a interação

<sup>189</sup> Ibid., p.1.685.

<sup>190</sup> Ibid., p.1.666.

<sup>191</sup> *História das invenções*, op. cit., p.1.841.

com o leitor aparece de forma implícita nesse processo, não se pode dizer o mesmo quando Lobato extrapola o espaço do texto e entra em contato direto com o leitor infantil.

## 2.5 A biblioteca e a escola: uma relação de camaradagem

No dia em que todas as cidades do Brasil tiverem a sua biblioteca infantil, o Brasil estará salvo de todos os males, porque todos os males do Brasil tem uma causa única: a ignorância dos adultos, justamente porque não lhes foi despertado o amor pela leitura quando eram crianças.<sup>192</sup>

Monteiro Lobato acreditava que a experiência iniciática da leitura era de fundamental importância na formação da vida leitora do indivíduo. Disseminar o ato de ler e incentivar a leitura recreativa poderia contribuir significativamente para o desenvolvimento intelectual particularizado, bem como para o crescimento cultural da coletividade. Para isso esteve sempre ligado a duas instituições fundamentais no exercício de mediação da leitura: a biblioteca e a escola. Da primeira foi seu porta-voz ao divulgar as vantagens de um espaço específico para as crianças. A segunda, apesar de várias ressalvas, esteve no seu itinerário de conquistas do leitor. O intenso diálogo desenvolvido entre o escritor e seu público leitor foi de certa maneira viabilizado por esses dois instrumentos promotores da leitura.

Com as crianças de São Paulo o convívio é facilitado pelos encontros permanentes entre o escritor e seus leitores na Biblioteca Infantil Municipal, mostrando a sua crença na biblioteca como um dos mediadores privilegiados de leitura. Ousamos dizer que, talvez, Lobato tenha sido a primeira pessoa no Brasil a refletir sobre o espaço físico de uma biblioteca especificamente para crianças<sup>193</sup> e, quando ela é criada em São Paulo, um dos seus principais incentivadores.

A biblioteca, como espaço destinado exclusivamente para a leitura e a consulta do público infantil, é algo recente, as primeiras iniciativas datam do final do século XIX. Os

---

<sup>192</sup> LOBATO, Monteiro. Diálogo de Dona Benta e Narizinho, *A Voz da Infância*, op. cit.

<sup>193</sup> Alexina Magalhães Pinto, na primeira década do século, reflete sobre uma biblioteca infantil. Contudo sua linha de pensamento restringia-se aos livros que poderiam ser utilizados pelas crianças nos cursos primários, construindo dessa forma, em 1916, o *Esboço provisório de uma biblioteca infantil*. LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*. São Paulo: Global, 1988. p.280-288.

Estados Unidos da América, pioneiros nessa especialização, apresentam a primeira sala de leitura para crianças em 1890, na Biblioteca de Brookline, em Massachusetts.<sup>194</sup> Em França, a primeira biblioteca infantil, localizada na rua Boutebrie, data de 1924; trazia em sua criação a iniciativa norte-americana – que influenciou a formação dos bibliotecários franceses; igual iniciativa já havia sido tomada em 1920 em Bruxelas. Na década de 30 são criadas em várias bibliotecas francesas seções infantis, seguidas de criações autônomas em alguns municípios.<sup>195</sup>

Muitas foram as instituições e iniciativas norte-americanas que encantaram Lobato durante o período de quatro anos em que residiu naquele país. Na biblioteca pública de Nova Iorque, o escritor encontrou o modelo privilegiado de contato com o público leitor.

A *New York Public Library*, já na década de 20, desenvolvia suas atividades fundamentada numa visão urbana de leitura pública, concedendo ao público leitor o livre acesso às estantes, estabelecendo o contato direto do usuário com o objeto livro, que dispunha do empréstimo gratuito. Além do acervo destinado ao grande público, a biblioteca possuía uma seção especializada que contemplava o leitor infantil. Esses dispositivos contribuíam para promover a presença do público leitor.

O espaço exclusivo e próprio às crianças por meio de uma seção especializada, que rompia com a passividade e propiciava dinâmicas de interação do leitor com o objeto livro, foi um dos fatores que fascinaram Lobato:

O prazer das crianças é ali intenso, porque podem mexer à vontade. O ‘não faça isso, não bula nisso’ não existe. Podem tirar das estantes os livros que desejarem, dois, três, quatro ao mesmo tempo, e vê-los, lê-los, cheirá-los quanto quiserem, onde e como quiserem – no chão, como os nossos dois futuros aviadores, nas mesinhas, nas cadeirinhas de balanço. E nem sequer necessitam repô-los no lugar. Nenhuma obrigação ali, além da de se regalarem com a livralhada deliciosa.<sup>196</sup>

Lobato descreve um local onde os protocolos de leitura se subvertem, não existe posição correta ou postura adequada para o ato de ler. A criança encontra um espaço de

<sup>194</sup> MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. São Paulo: Ática, 1996. p.327.

<sup>195</sup> CHARTIER, Anne-Marie, HÉRBRARD, Jean. *Discursos sobre a leitura – 1880-1980*. Traduzido por Osvaldo Biato e Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1995. p.174.

<sup>196</sup> LOBATO, Monteiro. *América*, op. cit., p.213.

livre acesso e contato direto com o livro, podendo exercer a sua curiosidade e liberdade manuseando-o sem a intervenção do adulto. Instala-se uma nova concepção de leitura que privilegia o prazer em detrimento da obrigação.

No artigo “A criança é a humanidade de amanhã,<sup>197</sup> Lobato novamente enfoca a Biblioteca Pública de Nova Iorque, detendo-se, agora, nas atividades dos contadores de histórias que, de modo peculiar, propiciam a socialização da leitura entre as crianças:

Há em Nova Iorque uma instituição muito curiosa. Em certo dia da semana, à tarde, na Public Library da 5ª Avenida, reúnem-se centenas de crianças para ouvir histórias. Existem contadeiras especializadas, que contam como as crianças querem que contem. A instituição tem dois objetivos – recrear as crianças e estudar-lhes as reações, de modo que tudo quanto ocorre é anotado, classificado e estudado de acordo com um critério inteligentíssimo. As resultantes dessa obra se acham compendiadas num opúsculo que é vendido na Secretaria da Biblioteca. Nele vem o resultado de trinta anos de observação e a classificação por gênero das histórias que mais interessam às crianças.<sup>198</sup>

A biblioteca perde a aura ritualística de local onde a leitura deve ser austera, privada de prazer. A leitura no espaço coletivo abre a possibilidade da leitura coletiva. Mais do que isso, Lobato acredita que trabalho como aquele, desenvolvido pela Biblioteca de Nova Iorque, contribua para a orientação de novos livros para crianças; livros que satisfaçam em primeiro lugar as “exigências especialíssimas da mentalidade infantil”.<sup>199</sup>

No Brasil, a primeira biblioteca destinada exclusivamente para crianças foi organizada e inaugurada em 14 de abril de 1936, na cidade de São Paulo, sob a orientação do Departamento Municipal de Cultura, secretariado na época pelo escritor Mário de Andrade. Desde a sua fundação, Lobato vai estar envolvido nos projetos de promoção de leitura desenvolvidos pela Biblioteca Municipal Infantil de São Paulo.<sup>200</sup>

---

<sup>197</sup> *Conferências, artigos e crônicas*, op. cit., p.252.

<sup>198</sup> *Ibid.*

<sup>199</sup> *Ibid.*, p.253.

<sup>200</sup> A referida biblioteca foi criada em 14 de abril de 1936, sob o nome de Biblioteca Infantil Municipal. Em 08 de dezembro de 1955, já situada no atual prédio, passou a se denominar Biblioteca Infantil “Monteiro Lobato”. Em vida, o escritor realizou várias doações à biblioteca, e este pequeno acervo era conhecido como Museu da Emília. Quando de sua morte (4/7/1948), a família doou vários bens do escritor. A partir de 1959 começa a organização do espaço “Museu Monteiro Lobato” que consta de um acervo múltiplo: objetos de uso pessoal (navalha, pincel de barba, ternos, cachecol, etc.), mobília da editora e da residência do escritor, quadros, documento, obras raras e manuscritos.



No ano de inauguração constava de sua programação a “Hora do Conto”, com o objetivo de estimular o gosto pela leitura. Desta programação participaram vários escritores, entre eles Monteiro Lobato e Thales de Andrade. No mesmo ano é criado o jornal *A Voz da Infância*, desenvolvido inteiramente pelas crianças, que trouxe em seu segundo número uma entrevista exclusiva de Lobato concedida aos meninos Benedito Mendes e Gastão Gorenstein.

Lenyra Fraccaroli, responsável por muitos anos pela Biblioteca Infantil, observa que: “Lobato tinha um verdadeiro xodó pela *A Voz da Infância*. Lia todos os trabalhos publicados e os comentava com as crianças. Escrevia aos jornalistas-mirins, incentivando-os”.<sup>201</sup> Tal depoimento pode ser comprovado em correspondência emitida por Lobato à secretária do jornal, à menina Lígia Busch, em 14 de setembro de 1943. O autor afirma ser aquele “o único jornal decente do país” e o único que tem acesso irrestrito ao Sítio de dona Benta. “Aos jornais grandes eu os leio de nariz torcido e só por alto, mas *A Voz da Infância* eu leio de fio a pavio e com cara alegre”.<sup>202</sup>

A peça de teatro *Museu da Emilia*<sup>203</sup> foi escrita por Lobato especialmente para ser encenada nas festividades de fim de ano da Biblioteca Infantil, em 21 de dezembro de 1938. Entre o público da platéia estava o escritor que minutos antes havia distribuído prêmios concedidos aos leitores mais assíduos da biblioteca, aos colaboradores do jornal *A Voz da Infância*, entre outros.

Das muitas visitas freqüentes de Monteiro Lobato à Biblioteca Infantil, uma deu-se em companhia da escritora Lúcia Miguel Pereira, que deixou registrada a recepção dos livros infantis de Lobato através da demonstração de carinho de seus leitores, da algazarra e alarido que as crianças fizeram ao avistarem o seu escritor predileto:

Mal os leitores que se espalhavam pela sala abismados no que liam, avistaram Monteiro Lobato, e logo dezenas de braços o empurraram para um sofá, cruzaram-se palavras de carinho e exclamações de alegria. Sentado, quase à força, foi o escritor crivado de perguntas pela miuçalha que o cercava. Do assento, do encosto, dos braços do sofá, escorriam figuras infantis, verdadeiros cachos de meninos. Emergindo da onda dos rostos jovens, mais marcada se fazia a fisionomia de Monteiro Lobato; mas nos seus vivos

<sup>201</sup> FRACCAROLI, Lenyra C. Lobato e a biblioteca infantil. In: DANTAS, Paulo. *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982. p.112.

<sup>202</sup> A carta de Lobato foi publicada em *A Voz da Infância*, São Paulo, abr. 1962.

<sup>203</sup> Após a morte do escritor, essa peça, juntamente com outras narrativas, foi reunida num volume intitulado *Histórias diversas*.

olhos de ave havia o mesmo brilho dos olhos que o miravam, entre admirativos e familiares. E o seu riso adquiria sonoridades inesperadamente frescas. A princípio só os garotos falavam:

– Como é que se vai ao sítio de D. Benta?

– Você já viu mesmo o Saci preso na garrafa?

Para responder, ele foi inventando, ali mesmo, novas aventuras de seus heróis, fazendo pilhérias, lendo nas mãozinhas que se lhe entregavam, confiantes, maravilhosas e futuras proezas; e em breve, apenas a sua voz se ouvia, um pouco velada, não sei se de fadiga ou de emoção. (...)

Tive a impressão de que o consideram coisa sua, participando da natureza dos brinquedos e das avós contadeiras de histórias. Para ficar-lhe dentro dos livros, pode-se dizer, que representa, para seus leitores, um misto de D. Benta e dos bonecos humanizados que criou”.<sup>204</sup>

Em 14 de julho de 1943 é criado, nas dependências da Biblioteca Infantil, o “Grêmio Cultural Juvenil Monteiro Lobato” que tinha o escritor como patrono. Na ata inaugural, juntamente com a assinatura da bibliotecária-chefe (Lenyra Fraccaroli), do Presidente do Grêmio Jacques Zveibil, da diretora social Dulce C. Fraccaroli, do diretor cultural Francisco Reinaldo Arruda Camargo e do secretário Bento Carlos Botelho, consta a assinatura de Monteiro Lobato, presente no ato.<sup>205</sup>

A mudança provisória, em 15 de março de 1945, da Biblioteca Infantil, da rua Major Sertório para outro prédio na rua General Jardim, contou com a inauguração de um busto em homenagem a Monteiro Lobato;<sup>206</sup> estavam presentes à inauguração Francisco Pati, diretor do Departamento de Cultura, Sérgio Milliet, diretor da Biblioteca Municipal, os escritores Tales de Andrade, Murilo Mendes e Monteiro Lobato, entre outras autoridades. Na ocasião, o menino Artur de Moraes César, diretor do jornal *A Voz da Infância*, proferiu um discurso em nome dos leitores e usuários da Biblioteca. Logo depois, Lobato leu um diálogo pontuado pelas vozes de Dona Benta e Narizinho. Por mais longo que possa ser, achamos por bem reproduzi-lo para dar uma noção do quanto Lobato acreditava na necessidade desse espaço para a formação das crianças:

<sup>204</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. Um Escritor e seu Público. *Revista Panorama – Arte e Literatura*. Ano 1, número 7, Minas Gerais: abril/maio de 1948. p.9.

<sup>205</sup> Documento pertencente ao acervo do Museu Monteiro Lobato.

<sup>206</sup> Em 1950 a Biblioteca Infantil já estava situada no atual edifício, rua General Jardim, 485. Trata-se do maior prédio do gênero na América do Sul construído especialmente para abrigar um espaço para livros e crianças.

(...) – Mas onde está essa biblioteca, vovó? perguntou Narizinho.

Dona Benta suspirou.

– Ah, minha filha, essas bibliotecas enormes como a que vimos em Nova York, com milhões de livros, infelizmente estão muito longe daqui, nas grandes capitais do mundo. Por aqui o que temos é a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com uns 400 mil volumes, a maior das nossas. O resto são bibliotecas-pintos, como a de S. Paulo, que não tem mais de 130 mil volumes.

– Mas por que é assim, vovó?

– Por uma razão muito simples: como as crianças deste país nunca tiveram livros para ler, iam virando adultos sem vontade de ler, porque isso de ler é um vício que a gente adquire em criança. Ora, sendo o Brasil um país de adultos sem vontade de ler, para que biblioteca? Nada mais claro...

– E por que não davam livros para as crianças? insistiu Narizinho.

– Porque o costume aqui sempre foi dar muito pouca atenção a esses bichinhos chamados crianças. Esquecem que as crianças são o futuro da raça – o palito da palmeira, como diz a Emília, o broto da árvore da raça. Outro dia o médico Maurício de Medeiros publicou um artigo na Gazeta contando que nos arredores do Rio de Janeiro, morrem 80 crianças em cada 100 que nascem. Ora, se nem da vida das crianças os nossos adultos sabem cuidar, quanto mais da cultura!<sup>207</sup>

Lobato continua seu discurso fazendo um breve histórico da Biblioteca Infantil de São Paulo e destaca a criação da Biblioteca Infantil de Taubaté.<sup>208</sup>

– Agora já há uma segunda em Taubaté, denominada poeticamente *Sítio do Picapau Amarelo*. Lembra alguma coisa deste nosso sítio. Em vez de porta para a rua, tem uma porteira – a porteira do meu sítio; e vão botar lá aquele casebre cupim do pasto; depois vem um jardimzinho de flores de dantes – esporinhas, damas – entre-verdes, perpétuas, sempre-vivas. Isso, fora. Dentro há redes nos cantos à disposição das crianças, e cadeirinhas de balanço, e mesas baixinhas, e esteiras pelo chão para as que gostam de ler deitadas de barriga para baixo. As crianças ficam ali

<sup>207</sup> *A Voz da Infância*, dez. 1945, op. cit., p.2.

<sup>208</sup> Em 22 de outubro de 1943, Lobato comenta com Gulnara a idéia de Urbano Pereira de criar em Taubaté uma biblioteca para crianças que lembrasse no seu conjunto o Sítio do Picapau Amarelo: “O plano da biblioteca-sítio é maravilhoso, e faz aos adultos e velhos lamentarem-se de não ser crianças de agora. As crianças de meu tempo nada tinham para ler. Eu lia e relia dois ou três livros que eram os únicos existentes: um *Menino Verde*, um *João Felpudo* e um *Robinson*”. LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*, v.2, op. cit., p.118.

como em suas próprias casas, sem o enjoado ‘não pode!’ dos adultos a lhes estragar a vida. Lêem o que querem, como querem. Esse *Sítio do Picapau* de Taubaté ainda não está oficialmente inaugurado. Não está acabada, embora já esteja aberto às crianças. Falta a decoração das paredes, que vai ser feita, sabe como? Com desenhos das próprias crianças!<sup>209</sup>

A biblioteca infantil de Taubaté, minuciosamente descrita por Lobato, propicia ao leitor um mobiliário adequado e um ambiente prazeroso. O livro e a leitura convivem numa relação íntima e afetiva com o local onde a leitura se efetiva. O último questionamento de Narizinho e a resposta de Dona Benta deixam-nos ver o quanto Lobato acreditava na biblioteca enquanto mediadora da leitura, mais até que o espaço escolar:

– Mas, vovó, o gosto pela leitura não vem na escola?  
 – Ah, não, minha filha. Os livros escolares são em geral tão sem graça com suas estopadas instrutivas, morais e cívicas, que as crianças saem da escola com horror do papel impresso, absolutamente convencidas de que todos os livros são maçadores. É justamente nas bibliotecas infantis, livremente organizada[s], que as crianças tomam gosto pela leitura ou se libertam do horror ao papel impresso que adquirem nas escolas.<sup>210</sup>

Apesar das palavras desanimadoras de Lobato quanto à difusão do livro no espaço escolar, ele, à sua maneira, contribuiu para que esse contato fosse menos penoso. Muitas foram as cartas de grêmios literários, clubes de leitura, bibliotecas escolares e bibliotecas de classes, todas vinculadas ao espaço escolar, que solicitavam a presença de Lobato como patrono. E, percebe-se, pelas correspondências, que a todos os pedidos o escritor dedicava atenção com remessa de fotografias, livros autografados e cartas atenciosas.<sup>211</sup>

Até a metade da década de 30 o contato de Monteiro Lobato com o público leitor de sua produção infantil restringe-se ao estreito círculo de parentes e amigos. Podemos afirmar que esse fato deve-se a dois motivos: primeiro, o autor esteve afastado do Brasil durante quatro anos, o que inviabilizava o estreitamento pessoal com os leitores; o segundo motivo deve-se, talvez, ao seu desconhecimento quanto à abrangência e receptividade de seus livros junto as crianças.

<sup>209</sup> *A Voz da Infância*, dez. 1945, op. cit. p.3.

<sup>210</sup> *Ibid.*

<sup>211</sup> As cartas oriundas de instituições escolares serão analisadas no capítulo 5.

Em campanha pelo petróleo, Lobato percorreu várias cidades do país propagando as idéias de desenvolvimento econômico que resultaria da extração nacional do ouro negro. No entanto, o escritor, ao mesmo tempo em que divulgava as idéias “petrolíferas”, iniciava, talvez sem perceber, uma campanha de divulgação de seus livros. Ousamos dizer que antecipava, à sua maneira, uma atividade tão em voga pelos escritores contemporâneos, em particular, os infantis e juvenis: “o escritor vai à escola”, “o autor na sala de aula”.

Em 1º de setembro de 1937, após passar por Belo Horizonte, Lobato escreve a Vicente Guimarães, solicitando informações sobre uma leitora que havia participado nas atividades do Ginásio Mineiro: “Guardei o nome das que tomaram parte ativa na festa, mas escapou-me essa menina, que é um encanto. A segunda, lembra-se? Uma de óculos”. O pedido ilustra, de certa forma, como o escritor se interessava por seus leitores, procurando-os, em especial aqueles que lhe chamavam a atenção. Na mesma carta ao colega mineiro, Lobato descreve o quanto se emocionou com a recepção do seu público leitor:

Continuo envergonhado com o meu papelão no Ginásio. Aquela choradeira. Que raiva! Não nasci para essas coisas públicas. Vou voltar à minha vida de misantropo, de bicho de concha. Chorar! Que vergonha! Que idéia os mineiros não ficariam fazendo de mim? Um petroleiro que chora...

212

Porém, nem todos os contatos travados nessa cidade mineira foram facilitados pelos leitores infantis. As crianças acreditavam na existência das personagens lobatianas, mas custavam a crer que o seu criador pudesse estar tão próximo deles, visível entre as coisas vistas e tocadas, motivo que os deixa, à primeira vista, descrentes quanto à real presença e identidade daquele homem que os visitava. Emílio Moura, o cicerone de Lobato nas escolas, insistia com a gurizada sobre a veracidade e importância da presença do escritor, quando, incrédulo, ouviu a resposta de uma das crianças: “Então o senhor pensa que nós acreditamos? O homem que escreveu Narizinho não pode estar aqui!”

Sobre tal episódio, Cavalheiro se posiciona observando que: “Tal era a magia ao redor das histórias infantis que a idéia de um homem de carne e osso, sobranceiro e

---

<sup>212</sup> NUNES, Cassiano. (org.) *Monteiro Lobato vivo*, op. cit., p.218.

triste como Lobato, ser o autor, e além disso estar ali, ao alcance de todos, não tinha realidade”.<sup>213</sup>

Lobato comunica, em carta datada de 20 de outubro de 1943, à senhorita Eoys Black – natural de Campinas, São Paulo, que estava lecionando em Quatá, Goiás – ter recebido várias cartas de alunos daquela cidade e acredita ser a “tramadora” do gesto. Algumas dessas cartas eram remetidas por alunos de uma escola particular denominada “Monteiro Lobato”; a esse fato Lobato adverte:

Inscrevo na minha lista mais a Escola Monteiro Lobato daí – e sabe, amiga, que já deve haver mais de cem? Estou virando ‘nome bom para batizar escola’ – como os nomes daqueles generais da Guerra do Paraguai ficaram ótimos para denominar ruas e praças. (...) E se vocês me fazem do nome um ‘denominador’ de escolas, eu tenho de lambar as unhas, porque uma escola é mais que uma rua.<sup>214</sup>

Residindo em Buenos Aires – desde 6 de junho de 1946 – escreve à Gulnara, em 7 de setembro de 1946, comentando a receptividade de suas obras naquele país. Naquele mesmo mês ocorrerá uma “Semana Monteiro Lobato”, com a apresentação de todos os seus livros, que se repetirá antes do Natal. De 20 de outubro a 20 de novembro seus livros em português e as traduções em espanhol e italiano também estarão presentes na Exposição do Livro Brasileiro, promovida pela embaixada brasileira. O escritor não pode queixar-se do seu sucesso naquele país, como comprovam suas palavras: “Quer dizer que teu tio Juca entrou com o pé direito e vai indo muito bem”.<sup>215</sup>

Edgar Cavalheiro comenta o contato de Lobato com os leitores argentinos, o “encantamento” que se torna aquele período em Buenos Aires. O escritor visita escolas, grêmios literários e é saudado pela imprensa que comenta a sua popularidade entre as crianças daquele país:

O escritor transforma-se numa espécie de embaixador das crianças brasileiras junto à meninada argentina. (...). Faz visitas às escolas, recebe comissão de crianças ansiosas por conhecerem de perto o ‘pai’ da Emília e de Narizinho, e, entre festas e afagos da petizada, passa dias inesquecíveis.<sup>216</sup>

<sup>213</sup> CAVALHEIRO, Edgar. *Monteiro Lobato: vida e obra*, v.2, op. cit., p.610.

<sup>214</sup> NUNES, Cassiano. (org.) *Monteiro Lobato vivo*, op. cit., p.35-36.

<sup>215</sup> *Cartas escolhidas*, v.2, op. cit., p.192.

<sup>216</sup> *Monteiro Lobato: vida e obra*, v.2, op. cit., p.664.

Em 29 de junho de 1948, poucos dias antes de seu falecimento, Lobato compareceu ao Parque Infantil da Barra Funda para assistir a teatralização do “Jeca Tatu”. A criançada cercou o escritor envolvendo-o em “vivas” de alegrias para as quais ele respondeu: “Vocês são crianças fortes, por isso dão tantos vivas. Estou muito doente senão eu é que daria ‘vivas a vocês’”.<sup>217</sup>

O menino Joel Nascimento Pereira, de onze anos de idade, que interpretara o Visconde de Sabugosa na festa do Parque, confessa que, apesar da doença, Lobato apresentara-se alegre às comemorações e afirma: “Tenho uma lembrança de Monteiro Lobato: escrevia histórias bonitas”.<sup>218</sup>

A fotografia junto com seu público leitor, as crianças que tanto participavam de sua vida, foi provavelmente a última tirada pelo escritor em vida. Edgard Cavalheiro recorda a comparação do escritor que, melancólico, fala sobre esse carinho com e das crianças e o tempo perdido direcionado aos adultos, dizendo sentir-se como uma “velha árvore à sombra da qual, à tarde, os passarinhos vêm cantar”.<sup>219</sup>

Todos os caminhos trilhados por Lobato, quer seja na construção de sua literatura, quer seja no exercício editorial ou no seu engajamento junto às instituições fomentadoras de leitura – biblioteca e escola, levam à leitura, ou melhor, a uma concepção de leitura e a uma imagem de leitor que, por vezes, entra em choque com o tratamento institucional a eles despendidos.

---

<sup>217</sup> *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 7 jul. 1948.

<sup>218</sup> *Ibid.*

<sup>219</sup> *Monteiro Lobato: vida e obra*, v.2, op. cit., p.691.

## CAPÍTULO 3

*ENTRE APUPOS E TAPINHAS NAS COSTAS:  
A RECEPÇÃO CRÍTICA*



### 3.1 CAÇA ÀS BRUXAS: LOBATO NA MIRA DA CENSURA

Há no mundo o ódio à exceção – e ser si mesmo é ser exceção. Ser exceção e defendê-la contra todos os assaltos da uniformização: isto me parece a grande coisa.<sup>220</sup>

A apreciação crítica dos livros infantis de Monteiro Lobato não conta com um conjunto coeso e unânime de opiniões. O consenso, quer seja negativo, quer seja positivo, em relação à sua obra, ao que nos parece, nunca se enraizou. Acolhido como o pai da literatura infantil brasileira, é, ao mesmo tempo, recolhido das bibliotecas públicas e escolas católicas, nas décadas de 30 e 40.

Os discursos das autoridades eclesiais e governamentais não divergem da opinião de alguns críticos leigos do período. Porém, enquanto a crítica mediava a leitura com opiniões contrárias ou favoráveis sobre determinado livro, a Igreja e o Estado exerciam o seu poder inviabilizando-a de forma concreta. Focalizaremos primeiramente o discurso da Igreja e do Estado, que se detêm a hostilizar a obra lobatiana por fatores diversos do estético.

Para as autoridades clericais, Lobato é considerado perigoso e a leitura de seus livros infantis, condenável e nociva à formação cristã da criança católica. O escritor é acusado de produzir um discurso anticlerical e amoral, além de propagar idéias permissivas e divulgar exemplos de maus costumes, através de suas personagens. Contudo, esse aspecto está estreitamente entrelaçado com o político, à medida que sua postura ideológica (materialista dogmático e dialético), segundo os censores católicos, vai contra a ordem estabelecida.

A ordem, politicamente estabelecida, não vê com bons olhos a empreitada de Lobato em prol do petróleo brasileiro, através da criação da Companhia Petróleo do Brasil e de suas viagens por vários recantos do país, apregoando o seu crescimento econômico propiciado pela extração do ouro negro. Para agravar a situação, em 1936, Lobato publica o livro *O escândalo do petróleo*, denunciando as atitudes tomadas pelo poder para invalidar o progresso do Brasil.

---

<sup>220</sup> LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964. v.1. p.83.

A instituição do regime ditatorial de Getúlio Vargas, em 1937, por meio de um golpe militar, coloca sobre o país uma mordaza na liberdade política. Nesse período, intensifica-se a perseguição a Lobato, principalmente após a sua recusa em ocupar o cargo de diretor do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda – ironicamente o órgão censor do período –, oferecido pelo presidente Getúlio Vargas. Nesse mesmo ano, *O escândalo do petróleo* é proibido de circular e recolhido das livrarias e bibliotecas públicas. Esses fatos culminam com sua prisão, por três meses,<sup>221</sup> no ano de 1941. Lobato comemora a passagem dos seus 59 anos de idade atrás das grades do Estado Novo.

Faz-se necessário abrir um parêntese para considerar as reformas educacionais ocorridas na década de 30 e que vão entrar em choque com as idéias dos católicos conservadores, fazendo com que a Igreja saía à luta pela manutenção de seu poder. Getúlio Vargas, ao assumir o governo do país, em 1930, cria o Ministério da Educação e Saúde Pública e aproveita as idéias educacionais dos escolanovistas que, no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932, apregoam o direito de todos à educação pública, fundamentados em quatro princípios básicos: gratuidade, obrigatoriedade, laicidade e co-educação.

O ensino privado, em sua maioria regido por religiosos católicos, desaprova de imediato as possíveis mudanças que poderiam ocorrer através dessa renovação educacional. Segundo Paulo Ghiraldelli Jr., Tristão de Athayde, na época porta-voz da posição católica e secretário da Liga Eleitoral Católica, “tratou de dar combate impiedoso aos liberais, escrevendo que o ‘Manifesto’, ao consagrar a escola pública obrigatória, gratuita e laica, retirava a educação das mãos da família e destruía assim os princípios de liberdade de ensino”.<sup>222</sup>

A acusação tomou rumos mais drásticos e os escolanovistas foram acusados de materialistas e comunistas. Eis o nosso ponto de ligação com Lobato. O escritor não era um educador, nem tão pouco se dizia um escolanovista, mas, sem dúvida, suas idéias de educação não estavam dissonantes dos ideais desses. Lobato era amigo de Anísio Teixeira

---

<sup>221</sup> A condenação inicial dar-se-ia pelo período de seis meses, mas Lobato cumpriu apenas três meses devido a um indulto do presidente Getúlio Vargas.

<sup>222</sup> GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *História da educação*. São Paulo: Cortez, 1991. p.43. O educador Paschoal Lemme, ao relembrar a posição de Tristão de Athayde nesse embate, destaca a sua função de mentor de Gustavo Capanema e sua luta incessante contra as idéias reformadoras de Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo. Porém, a sua postura modificou-se pós-64, chegando a se penitenciar pelo ataque aos educadores. In: BUFFA, Estela, NOSELLA, Paolo. *A educação negada: introdução ao estudo da educação brasileira contemporânea*. São Paulo: Cortez, 1991. p.111.

e Fernando de Azevedo e compartilhava das opiniões de ambos, no que diz respeito ao rompimento com a escola tradicional e a busca de um novo tratamento à infância.

Ao travar conhecimento com Anísio Teixeira, em Nova Iorque, no final da década de 20, Lobato procurou, de imediato, mantê-lo em contato com Fernando de Azevedo que, no período, era responsável pela direção do ensino no Distrito Federal.<sup>223</sup> Efetivado o encontro dos dois educadores, Lobato, ainda em solo norte-americano, compraz-se com Anísio Teixeira e observa: “Quanto mais a fundo o conheceres, mais me agradecerás o ter-te revelado esse admirável irmão da grande irmandade. Prevejo que do encontro de ambos bons frutos hão de surgir”.<sup>224</sup>

**ENVOLVIDO PELO SONHO DE GRANDEZA ECONÔMICA PROVENIENTE DO PETRÓLEO, LOBATO ESCREVE A ANÍSIO TEIXEIRA, PROVAVELMENTE NA DÉCADA DE 30, CONTEMPLANDO EM SUAS REALIZAÇÕES FUTURAS UM NOVO APARELHO EDUCATIVO COM O EDUCADOR NO COMANDO: “UM GÂNGLIO NOVO, LIBÉRRIMO, AUTONOMÍSSIMO, FORA DO GOVERNO, DA RELIGIÃO, DE TUDO QUANTO RESTRINGE E PEIA”.**<sup>225</sup>

**PARADOXALMENTE, “OS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA” E O ESCRITOR ESTIVERAM LIGADOS AO GOVERNO GETULISTA NOS SEUS PRIMEIROS ANOS: OS DOIS EDUCADORES À FRENTE DE CARGOS DE DESTAQUE NA EDUCAÇÃO ESTATAL E LOBATO ATRAVÉS DE NEGOCIAÇÕES COM O AUXÍLIO PÚBLICO PARA A EXTRAÇÃO DO PETRÓLEO. PORÉM, AS REFORMULAÇÕES DO GOVERNO GETULISTA, A PARTIR DE 34, E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO REGIME DITATORIAL REAVIVAM A FOGUEIRA MEDIEVAL E TRAZEM ÀS RUAS UMA VERDADEIRA CAÇA ÀS BRUXAS.**

**A IGREJA, COM O PODER SOBRE AS INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS CATÓLICAS, E O ESTADO, SOBRE AS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS, MOVIDOS POR QUESTÕES DE ORDEM RELIGIOSA E POLÍTICA, APLICARAM SEVERAS RETALIAÇÕES AOS LIVROS INFANTIS DE MONTEIRO LOBATO, COLOCANDO-OS COMO LIVROS INDESEJÁVEIS E DESACONSELHÁVEIS PARA AS CRIANÇAS CATÓLICAS E BRASILEIRAS.**

Através de boletins e semanário das associações e ligas católicas, a Igreja se manifestou e fez acirrada campanha contra os livros infantis de Monteiro Lobato. *O Sino*

---

<sup>223</sup> NUNES, Cassiano. *Monteiro Lobato e Anísio Teixeira: o sonho da educação no Brasil*. São Paulo: s.n., 1986. Em 1932, Anísio Teixeira assume o cargo, dando continuidade às reformas pedagógicas de Fernando de Azevedo. Monteiro Lobato comprova de perto as realizações do educador, ao visitar, em 1934, junto com ele, a Escola Experimental Barbara Otoni, localizada no Rio de Janeiro.

<sup>224</sup> *Ibid.*, p.10.

<sup>225</sup> *Ibid.*, p.26.

de *São João*, semanário da Freguesia de São José, de Belo Horizonte, adverte através de suas páginas os leitores: “CUIDADO! Tornamos a avisar a todos que o livro *História do Mundo para as crianças* é péssimo e não pode ser lido por ninguém”.<sup>226</sup> Em um dos seus boletins, A Liga Universitária Católica Feminina<sup>227</sup> analisa, sob o ponto de vista moral, todos os títulos da literatura infantil de Monteiro Lobato, aferindo a cada um reservas quanto à sua leitura.

*A União*, semanário católico do Rio de Janeiro, provavelmente para fomentar a discussão dos professores católicos no âmbito do Distrito Federal, traz, em sua edição de 11 de outubro de 1936, transcrição de documento da Associação de Professores Católicos de Diamantina, que solicita ao Arcebispo D. Serafim Gomes Jardim a proibição, naquela arquidiocese, da leitura dos livros infantis de Monteiro Lobato, especialmente *Geografia de Dona Benta*, *História do Mundo para as crianças* e *História das invenções*, por carregarem em suas páginas “uma orientação que absolutamente não satisfaz à consciência cristã da juventude brasileira”.<sup>228</sup>

O documento assinado pelo presidente da Associação, padre Antônio Cecílio, e o assistente eclesiástico, padre José Avelar, destaca os motivos para tal reprimenda, deixando clara a transposição do teor pedagógico em razão do aspecto político-religioso:

Além dos defeitos de pedagogia, que assinalaram os entendidos e que não são propriamente da nossa competência, sobretudo a frequência de palavras e expressões chulas (como: o *Raio do governo*, etc.) tais livros são eivados do começo ao fim do materialismo mais crasso e o que é para lastimar são destinados as criancinhas, incapazes ainda de defender a sua fé.<sup>229</sup>

O “incompetente”, no aspecto pedagógico, presidente da Associação de Professores ilustra com fartos exemplos, extraídos dos livros infantis de Lobato, o motivo das acusações feitas. A resposta, fundamentada no *Código de Direito Canônico*,<sup>230</sup> do

<sup>226</sup> *O sino de São José*. Freguesia de São José, Belo Horizonte, 4 fev. 1934. In: CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Nacional, 1955. v.2. p.593.

<sup>227</sup> Edgard Cavalheiro cita o boletim sem se referir a data e o local. Mas, sem dúvida, é datado após 1944, pois traz análise do livro *Os doze trabalhos de Hércules*, de 1944.

<sup>228</sup> Os livros pedagógicos do Sr. Monteiro Lobato em apuros. *A União: Semanário Católico do Rio*, Rio de Janeiro, 11 out. 1936.

<sup>229</sup> *Ibid.*

<sup>230</sup> O Código de Direito Canônico foi promulgado por Bento XV, a 27 de maio de 1917 e entrou em vigor a 19 de maio de 1918. Em 25 de janeiro de 1959, João XXIII sugeria a renovação do Código para se adequar

arcebispo de Diamantina, D. Serafim Gomes Jardim, em 26 de setembro de 1936, foi a aprovação irrestrita do pedido que colaborava “para a retirada das mãos das crianças de livros tão perniciosos”.<sup>231</sup>

O semanário carioca transcreve o cânon 399 do *Código de Direito Canônico* que corrobora o pedido dos Professores Católicos da cidade mineira e o pronto atendimento do chefe eclesiástico:

São proibidos pelo direito mesmo: 2º Os livros de quaisquer escritores, defendendo a heresia ou cisma, ou que de qualquer modo procuram destruir os fundamentos da religião. 3º Os livros que de propósito atacam a religião ou os bons costumes.<sup>232</sup>

Ainda são transcritos os termos canônicos no que se refere à prévia censura dos livros e suas proibições pela Igreja Católica Apostólica Romana:

1º A proibição dos livros faz com que um livro (proibido) não possa sem a devida licença de nenhum modo, nem ser guardado, nem ser publicado, nem ser lido, nem vendido, nem traduzido, nem passado a outros.  
2º Um livro proibido, de qualquer modo que seja, não pode ser reimpresso, a não ser que, feitas as correções, aquele que o proibir dê licença.<sup>233</sup>

A igreja católica manteve, de 1571 a 1917, o *Index Librorum Prohibitorium* sob a responsabilidade da Congregação do Index e, depois, do Santo Ofício, até a sua extinção através de uma notificação em 14 de junho de 1966. O índice de livros proibidos, segundo a Congregação para a Doutrina da Fé, já não possuía validade de lei eclesiástica, mas apenas valor moral. Assim, o Código promulgado em 1983, no que se ocupa dos meios de comunicação social, com ênfase especial nos livros, refere-se à aprovação e reprovação, e não à proibição de livros.

---

às novas mentalidades e necessidades contemporâneas, sem fugir, é claro, ao fundamento do direito antigo. Os trabalhos de revisão foram iniciados publicamente a 20 de novembro de 1965, mas sua promulgação deu-se somente em 25 de janeiro de 1983, por João Paulo II. HORTAL, Jesús Pe. (comentários e notas) *Código de Direito Canônico*. Traduzido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Loyola, 1987.

<sup>231</sup> *A União: Semanário Católico do Rio*, op. cit.

<sup>232</sup> *Ibid.*

<sup>233</sup> *Ibid.*

Como o nosso relato se atém à década de 30 e 40, percebe-se que nesse momento a Igreja Católica ainda exerce uma liberdade vigiada em relação à leitura de seus fiéis. Dessa maneira, o exemplo da Associação dos Professores Católicos de Diamantina e a lembrança do Direito Canônico por uma diocese do interior refletiram na atuação dos professores católicos do Rio de Janeiro, capital do País. Em 1942, o pátio do colégio *Sacré Coeur de Jesus*, que funcionava em Laranjeiras, em forma de externato, foi palco de um processo inquisitorial, sem direito a confissões de culpa, que culminou numa fogueira improvisada do réu: Lobato e seus livros infantis.

Seguindo os preceitos canônicos, a freira mestre do colégio carioca solicitou aos seus alunos, sem maiores explicações, a presença dos livros de Lobato. E, de acordo com o depoimento de Raul de Lima, “reunidos os volumes, a Revma. Irmã e educadora fez uma fogueira, com alguns paus de bambu, e queimou-os todos”.<sup>234</sup> Gilberto Mansur, em depoimento a Whitaker Penteado, relembra a sua experiência inquisitorial na infância, na cidade de São João del Rei, onde perdeu “uma preciosa coleção de *Os doze trabalhos de Hércules*”.<sup>235</sup>

O auto-de-fé contra a literatura infantil de Lobato e a sua pessoa, apregoadado pela Igreja Católica, encontrou adeptos até mesmo na cidade natal do escritor – Taubaté. O nome daquele que um dia fora recebido com fogos de artifício e banda de música, ao trazer o anel de doutor estampado no dedo, foi impedido de circular até mesmo como tema de conferência, na década de 30. Tristão de Athayde, que era o conferencista, relata a inesperada visita no hotel, antes do evento, de um emissário da Ação Católica, que vinha lhe advertir sobre o “escândalo” que o fato poderia causar: “Tal era o preconceito, inclusive local, sobre suas idéias e até mesmo sobre sua coragem de revolucionar os clássicos preceitos da literatura infantil convencional”.<sup>236</sup>

O depoimento do crítico é bem posterior aos fatos narrados, o que nos leva a crer num distanciamento de olhar da sua própria postura que comungava com as idéias dos conservadores católicos. E, diante dos seus pares, provavelmente, acatou o pedido sem as ressalvas descritas.

O depoimento do Senhor Renato Betti, pai de Flávio – leitor de Lobato, dá conta do desenvolvimento mental do menino propiciado pela leitura das aventuras das

<sup>234</sup> CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*, v.2, op. cit., p.594.

<sup>235</sup> PENTEADO, J. Roberto Whitaker. *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya, 1997. p.217.

<sup>236</sup> ATHAYDE, Tristão. Monteiro Lobato – I. In: DANTAS, Paulo. *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982. p.51.

personagens do Sítio. O encantamento pelas histórias lidas em voz alta pela irmã levaram-no à alfabetização precoce aos quatro anos de idade. O pai relembra o empenho de um padre em alertar para a influência malévola da leitura dos livros de Lobato: autor materialista e que não fazia referência à obra de Deus.

O pai católico conta que, juntamente com sua esposa, releu toda a coleção dos livros de Lobato “para ver se não havia passado despercebidas idéias e sugestões que pudessem influir negativamente na formação moral e intelectual das crianças”. O casal diz não ter encontrado nenhum motivo que invalidasse o conjunto dos livros de Lobato, embora seus livros não exaltem o poder de Deus: “(...) Deixam as crianças mentalmente sadias e as fazem raciocinar, imaginar e criar são exatamente a espécie de livros que precisamos para ajudar a educação de nossos filhos”.<sup>237</sup>

A proibição dos livros de Lobato não ficou circunscrita somente aos colégios católicos. As escolas públicas também atuaram de forma severa em relação aos seus livros infantis, chegando a queimá-los. É o próprio Lobato que se refere ao fato, em carta de 18 de novembro de 1944, quando foi interpelado por três meninas (Nilda, Margarida e Rute), alunas de escola pública do Distrito Federal, que solicitavam auxílio econômico para a aquisição de um gabinete dentário. O escritor responde com mágoa e ressentimento ao pedido de “esmolas para cuidar dos dentes” feito pelas meninas e diz não se admirar da administração municipal, “porque uma prefeitura que chegou ao ponto de mandar retirar das bibliotecas das suas escolas os meus livros infantis e queimou-os é naturalíssimo que não pense nos dentes das crianças”.

É claro que o tom mordaz e ferino dirigia-se aos adultos, no caso os professores do estabelecimento escolar, que fatalmente leriam a carta. O escritor atenua o seu discurso, convidando as meninas para brincarem no Sítio: “O Quindim virou dentista e bom dentista. Ele trata dos dentes de vocês todas, de graça...”<sup>238</sup>

Em carta a Vicente Guimarães (s.d.), Lobato acusa e agradece o recebimento do livro infantil do escritor mineiro. Faz críticas positivas ao estilo de Vicente Guimarães, achando apenas que ele ainda não encontrara uma total independência para escrever só o que quisesse. Ele acredita-se independente, livre das amarras com o poder e, por isso, alvo de ataques contra a sua pessoa e os seus livros. Novamente entra em destaque em seu discurso a queima dos seus livros infantis nas escolas do Rio de Janeiro: “Dois meses

<sup>237</sup> NUNES, Cassiano. *Novos estudos sobre Monteiro Lobato*. Brasília: UNB, 1998. p.264-265.

<sup>238</sup> LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1964. v.2. p.143.

atrás todos os meus livros foram retirados das bibliotecas escolares do Distrito Federal e queimados nas fornadas da Caixa de Amortização. Imagine que desastre: o Quindim torrado, o Rabicó assado, a Emília, a Nastácia, Dona Benta, reduzidos a cinzas...Gente cruel, não?”<sup>239</sup>

A professora Elze Machado, que exercia atividade de direção de auditório e biblioteca nas escolas experimentais do Distrito Federal, depõe sobre sua experiência positiva com os livros infantis de Lobato. As atividades oferecidas às crianças como: composições, exercícios de aritmética, dramatizações, leituras em voz baixa e alta e desenhos com os livros do escritor eram bem aceitas pela criançada. No entanto, esses mesmos livros foram repentinamente retirados das escolas e bibliotecas:

O mandato estalou nos arraiais do magistério primário. A prudência aconselhou silêncio, houve apressado jogo de esconde-esconde e os livros desapareceram de fato. As alegações explicativas da súbita retirada foram: temas de excessivo regionalismo, críticas desairosas ao Brasil e autor acusado de filiação à doutrina comunista.<sup>240</sup>

A campanha contra a permanência dos livros infantis de Lobato nas escolas públicas se faz representativa no ofício, datado de 13 de novembro de 1939, da Chefia do Serviço das Instituições Auxiliares da Escola do Departamento de Educação, Secretaria dos Negócios da Educação e Saúde Pública do Estado de São Paulo, representada por Máximo Moura Santos, que informa aos diretores da Companhia Editora Nacional a impossibilidade de adoção do livro *Emília no País da Gramática* nos estabelecimentos escolares de São Paulo.

Através desse ofício fica-se sabendo que existia uma comissão responsável em examinar e selecionar as obras a serem utilizadas para o uso escolar e a mesma orientava quais os trechos que desqualificavam a obra. À editora restava, caso aceitasse, reformular o livro, seguindo as sugestões da comissão ou vê-lo fora das bibliotecas escolares:

Esta chefia, que subscreve os termos do referido parecer, não poderá opinar favoravelmente à autorização para que o livro em apreço possa constar em bibliotecas escolares enquanto nas edições persistirem os trechos ou palavras apontadas pela comissão.<sup>241</sup>

<sup>239</sup> NUNES, Cassiano. *Novos estudos sobre Monteiro Lobato*, op. cit., p.230.

<sup>240</sup> Ibid., p.259.

<sup>241</sup> *Monteiro Lobato: vida e obra*, v.2, op. cit., p.591.



No mesmo ano, Lobato comenta, em carta a Fausto Alvim, estar recebendo seus “castigozinhos”. O Ministério da Justiça negara-lhe a autorização para a publicação de uma revista infantil, denominada *O Sítio de Dona Benta*.<sup>242</sup> O livro *Peter Pan*, adaptado por Lobato dentro de sua linha de introduzir o pessoalzinho do Sítio em narrativas clássicas, também foi alvo, em 1941, de perseguição das autoridades de São Paulo, que viam nele mais um ato de subversão do escritor que inculcava na mente das crianças brasileiras idéias contrárias ao nacionalismo.<sup>243</sup> Assim, os livros foram cassados pela polícia, com objetivo de serem recolhidos e destruídos, por ordem do presidente do Tribunal de Segurança Nacional, ministro Barros Barreto. O ministro agia sob a influência do parecer do procurador Clóvis Kruel de Moraes, para quem a literatura de Lobato levava a “doutrinas perigosas e práticas deformadoras”. Se as suas atividades petrolíferas eram um ataque à economia nacional, a sua atividade literária tornava-se um atentado à defesa nacional: “Seria bom, pois, que, a par da interdição das atividades petrolíferas do homem do Jeca Tatu, se proibisse a circulação dos livros destinados à infância”.<sup>244</sup>

A imprensa leiga do Rio de Janeiro também fez ataques aos livros infantis de Lobato. O jornal *Diário da Noite*, em 13 de março de 1936, traz em suas páginas o artigo “O Brasil insultado por brasileiros”, onde é tecida uma ferrenha crítica às idéias transmitidas por Dona Benta e, conseqüentemente a seu criador, no livro *Geografia de Dona Benta*. Lobato é acusado, entre outras coisas, de incutir na mente das crianças idéias de cunho separatista, contribuindo para o envenenamento de almas ingênuas.

À Companhia Editora Nacional<sup>245</sup> são direcionadas acusações de cumplicidade ao publicar, numa coleção denominada “Biblioteca Pedagógica Escolar”, livro de caráter

---

<sup>242</sup> NUNES, Cassiano. (org.) *Monteiro Lobato vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda/ Record, 1986. p.195.

<sup>243</sup> Segundo os pesquisadores e autores do livro *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*, o livro infantil *Peter Pan* e, poderíamos dizer - pelo próprio depoimento de Lobato, outros títulos deixaram de circular nas bibliotecas escolares do Estado de São Paulo: “Dois dias após o indulto concedido por Vargas, o zeloso superintendente de Segurança Política e Social, Bráulio de Mendonça Filho, havia encaminhado um ofício ao secretário da Educação do estado, J. Rodrigues Alves Sobrinho. Solicitava informar se a Diretoria de ensino indicara o procurado *Peter Pan* para a rede de bibliotecas escolares”. AZEVEDO, Carmen Lucia, CAMARGO, Marcia, SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: Ed. SENAC, 1997. p.307-310.

<sup>244</sup> *Ibid.* Promoção na Queixa n. 4.188, 20 jun. 1941. Prontuário n. 6.575, Fundo DEOPS, Arquivo do Estado/SP.

<sup>245</sup> Marisa Lajolo afirma que “a marca de escritor infantil maldito foi ficando tão forte que Lobato acabou transferindo seus títulos da Companhia Editora Nacional para a Editora Brasiliense, tanto incomodava a

antinacionalista e separatista, “sintoma alarmante da desagregação subterrânea do Brasil”. O autor do artigo descarta o recurso, muitas vezes tomado por atitudes individuais de professores, de arrancar as páginas “de livros perniciosos” e aconselha uma posição firme e enérgica das autoridades em relação ao livro *Geografia de Dona Benta*: suprimi-lo. “Enquanto nele são elevados, exaltados, engrandecidos todos os países, só o Brasil é reprimido e achincalhado pelo espírito separatista que o inspirou”.<sup>246</sup>

Lobato defende-se do ataque em entrevista ao *Radical*, quando questionado a respeito das acusações expostas em artigo do jornal carioca. O escritor teria realmente insultado o Brasil? Ele nega as acusações e afirma que nada mais fez do que contar a verdade. As críticas ao livro recaem exatamente naquilo que o escritor considera mais valioso: dizer “a verdade inteira”:

Habituo-nos de tal modo ao regime da mentira convencional que a verdade nos dói e causa indignação ao ‘patriota’. Patriota é o sujeito que mente, o que falsifica os fatos, o que esconde as mazelas, o que transmite às crianças a sórdida porcaria que recebeu de trás. É o que diz que os nossos governos são bons, que a Central presta, que somos o mais rico país do mundo, o mais inteligente, etc.<sup>247</sup>

Em outra entrevista, ao *Diário da Noite*, o centro da discussão é a publicação, no editorial do órgão oficial português *Diário da Manhã*, da proibição da venda, naquele país, do livro *História do mundo para as crianças*. Os motivos se restringem ao tratamento dado por Lobato ao descobrimento do Brasil por Álvares Cabral como “por acaso” e à referência às 1.600 orelhas cortadas da marinhagem árabe por Vasco da Gama. O escritor argumenta que somente citou um fato histórico. Mas como os fatos históricos, na maioria da vezes, são “torcidos” seguindo a conveniência do povo que o conta, talvez aí resida a repressão ao livro. Para ele “ou a história é história e conta o que houve, ou ajeita os fatos conforme o convém aos interesses dum grupo e passa a ser propaganda”.<sup>248</sup>

Durante sua prisão, no período de três meses em que esteve detido pelo Estado Novo, Lobato não deixou de escrever para muitos dos seus correspondentes. A professora Eoys Black era uma dessas correspondentes ativas e confessa as artimanhas adotadas pelo

---

Octalles a campanha sistemática contra os livros de seu ex-sócio”. LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: a modernidade do contra*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.77.

<sup>246</sup> O Brasil insultado por Brasileiros. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 13 mar. 1936.

<sup>247</sup> LOBATO, Monteiro. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1964. p.235.

<sup>248</sup> *Ibid.*, p.249.

escritor para fraturar a censura de sua atividade epistolar que seguiu seu ritmo cotidiano: “As cartas banais vinham em porte registrado e eram violadas. As importantes, pois falavam da divulgação da cópia da carta que motivara a detenção chegavam com porte simples. Carta leal, simples, despreziosa”.<sup>249</sup>

As palavras de Eyoys podem ser comprovadas pelo próprio Lobato, quando em carta a Geraldo Serra recomenda as providências a serem tomadas para enviar uma carta a Benjamin de Garay, possivelmente na Argentina: “Copie a cartinha junta em papel aéreo e mande-a para o endereço que está nas costas, para Benjamim de Garay. E você mesmo leve-a ao correio da Panair. E debite-me a despesa. Mande ao mesmo endereço uma carta das mimeografadas, mas pelo correio comum”.<sup>250</sup>

Os ataques promovidos por integrantes da igreja católica persistiram, mesmo após a morte do escritor, em 1948. Em 1956, o Padre Sales Brasil proferiu conferência aos funcionários públicos da Bahia e que resultou no livro *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou comunismo para crianças*, publicado no ano seguinte. Trechos dos livros infantis de Lobato, em especial, *História do mundo para as crianças*, são tomados pelo padre, para exemplificar o quanto sua obra é perniciososa para a formação cristã das crianças.

O livro está dividido em 12 capítulos, que elencam as 12 negações de Lobato: da causa superior à matéria; da divindade e existência de Deus; da superioridade do cristianismo, da espiritualidade da alma e a existência de outros espíritos; da verdade lógica e ontológica; da moralidade e do pudor; da hierarquia social; da independência da pátria, do direito à propriedade particular; da cultura clássica, do respeito aos superiores. A obra resulta, segundo o autor, num clamor:

Clamor aos responsáveis pela tranqüilidade do Brasil, para que – imitando o exemplo que, a esse respeito, nos dá o glorioso e por nós tão venerado Portugal – tenham mão nesses revolucionários de brinquedo. Nesse ‘pessoalzinho’, que dizendo-se habitar no ‘chamado mundo de mentira’, vai emigrando de verdade para tantas inteligências; pixando a inocência das crianças – o muro mais limpo, entre os que protegem e exornam a cidadela de nossas tradições.<sup>251</sup>

<sup>249</sup> BLACK, Eyoys. Monteiro Lobato: uma alma que não conheceu algemas. *Artes e Letras*, Campinas, 11 jul. 1948.

<sup>250</sup> Monteiro Lobato vivo, op. cit., p.235.

<sup>251</sup> BRASIL, Padre Sales. *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou comunismo para crianças*. Bahia: Aguiar & Souza, 1957. p.307.

Para esse padre, o conjunto da obra infantil de Lobato não passa de “panfleto”, “manifesto” da ideologia comunista. Ataque à doutrina cristã.<sup>252</sup>

Com exceção do padre Sales Brasil, que se detém no conjunto da produção infantil de Lobato, todos os outros “censores” se referem aos títulos que contemplam a vida escolar e abordam conteúdos curriculares. Entre eles: *Geografia de Dona Benta*, *História das invenções*, *Emília no país da gramática*, *História do mundo para as crianças*. O livro *Peter Pan* é o único que foge dessa linha e é citado nos discursos de proibição.

Lobato foi censurado, mas foi lido. Tal afirmação parece contraditória, porém é confirmada nos depoimentos dos próprios leitores que, durante o mesmo período de proibições, comentam com Lobato, através de cartas, as suas leituras. O escritor também endossa esse parecer ao comentar inúmeras vezes com o amigo Rangel a venda excepcional de seus livros infantis.

Num primeiro momento, poderíamos crer que as censuras à leitura de alguns títulos infantis de Lobato não tiveram grandes repercussões e que foram retaliações de uma minoria. No entanto, vimos que nos dois grandes centros, São Paulo e Rio de Janeiro, os seus livros foram execrados tanto pelo poder religioso como pelo político. Os censores não cumpriram as suas funções?

Talvez a resposta esteja no pensamento das autoridades religiosas e políticas em crer que o espaço escolar era o único capaz de divulgar e propagar os livros de Lobato. A exclusividade da prática leitora no âmbito escolar parece não ser recorrente nesse período. As crianças tinham acesso ao livro fora da escola, encontrando-o no espaço familiar, nas mãos de uma vizinha, como nos conta Clarice Lispector em *Felicidade clandestina*,<sup>253</sup> ou nas bondosas mãos de um tio, no caso de Lygia Bojunga Nunes.<sup>254</sup>

---

<sup>252</sup> Edgard Cavalheiro no artigo “Lobato entre a cruz e a espada: defesa do seu amigo e biógrafo” comenta e defende Monteiro Lobato dos ataques do Padre Sales Brasil. Para Cavalheiro o padre busca agredir os livros infantis de Lobato através de uma comprovação “forçada”. “Se a prosa do padre é frágil, primária, risível quando tenta a ironia, seus argumentos e deduções são simplórios, infantis, quando não repletos de contradições e de *nonsenses* que envergonhariam qualquer outro aluno ginásial”. CAVALHEIRO, Edgard. Lobato entre a cruz e a espada: defesa do seu amigo e biógrafo. In: DANTAS, Paulo. *Vozes do tempo de Lobato*, São Paulo: Traço, 1982. p.208.

<sup>253</sup> LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.

<sup>254</sup> NUNES, Lygia Bojunga. Livro – eu te lendo. In: \_\_\_\_\_. *Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes*. Rio de Janeiro: Agir, 1988.

### 3.2 Discursos da crítica: ontem

Ao pesquisar a recepção crítica dos livros infantis de Lobato, reunimos como *corpus* de análise artigos publicados na imprensa entre 1921 e 1948, com exceção dos artigos de Cláudio Abramo, que têm, no entanto, sua origem nesse período. As vozes recolhidas muitas vezes são dissonantes, mas veremos que não se detêm a questões de ordem religiosa ou política, e sim, estética, contrário ao papel prescritivo cumprido pelo Estado e pela Igreja.

Os discursos da crítica podem ser divididos em três grupos: o primeiro enaltece o conjunto da produção literária de Lobato, o segundo reúne a crítica aos livros de cunho didático-pedagógico, e o terceiro nega a sua literatura e o autor. No primeiro, selecionamos as falas de Alceu Amoroso Lima, Viriato Corrêa, Manuel Bandeira, Jorge Amado, Orígenes Lessa, Edgard Cavalheiro, Herman Lima, Nelson Werneck Sodré, Belmonte e Afonso Schmith. No segundo, destacamos os discursos de Sylvio Rabelo e de Antonio Candido. E, por fim, no terceiro, o discurso do inflamado e inimigo confesso do escritor, o jornalista Cláudio Abramo.

No ano de publicação do primeiro livro infantil de Monteiro Lobato, *A menina do narizinho arrebitado*, Alceu Amoroso Lima traça um paralelo com os livros *Primeiras saudades*, de Manuel Bonfim, e *Os bonecos de Violeta*, de João Lúcio. O livro recém-lançado tem, segundo o crítico, o mérito de “interessar” a criança na medida em que o autor coloca-se no ponto de vista do leitor infantil, tratando como ele é, e não como deveria ser, prolongando dessa forma a infância. Os outros dois livros, por sua vez, têm interesses puramente educativos, colocando-se do lado dos pais e professores, com o fim de despertar o adulto adormecido na criança.

Alceu Amoroso não deixa de tecer elogios ao livro de Lobato, mas o considera “incompleto e parcial”, por privilegiar apenas o lado recreativo da literatura para crianças. Entretanto, no que diz respeito às vantagens da sua leitura, descreve como grande benefício: “conservar às crianças a sua infância, sem forçar a natureza, sem provocar o amadurecimento artificial desse fruto delicadíssimo, que é a alma infantil”.<sup>255</sup>

Embora critique o lado puramente recreativo do livro e exija a inserção do escritor na função educativa da narrativa para crianças, Alceu Amoroso Lima enfatiza que os

---

<sup>255</sup> LIMA, Alceu Amoroso. Livros para crianças. In: \_\_\_\_\_. *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguillar, 1966. p.347-352.

livros de cunho apenas educativo não se prestam a provocar no leitor o prazer da leitura. Livros como o de Lobato, segundo o autor, facultam o prazer à leitura.

Em 1932, quando o livro de Monteiro Lobato, *Viagem ao céu*, vem a público, recebe nas páginas do *Diário de S. Paulo*, a opinião de Viriato Correia. O escritor que se dedicava à literatura infantil desde 1908 e autor “de cerca de duzentas histórias para meninos”, acolhe o criador de “Emília & CIA” como o verdadeiro escritor da infância.

Segundo ele, a recepção dos livros infantis é feita por dois públicos leitores: as crianças, para os quais eles são feitos, e os pais das crianças. E esses dois segmentos têm gostos totalmente diferentes; ao adulto interessa a finalidade, à criança o caminho do entretenimento, o deslumbramento da obra. O interesse e o aplauso dos pais não valida a obra como muitos escritores acreditam, e ele próprio em determinado momento acreditou.

Viriato Correia destaca na produção de Lobato a simplicidade de suas narrativas, a construção dos textos por meio de um vocabulário reduzido e a clareza de estilo; observa ainda que o que parece “ingenuidade excessiva” para o adulto, para a criança torna-se “um bazar de brinquedos”. E nessa capacidade de aproximação com o leitor infantil reside a sua aceitação pelo mesmo: “É aí que está o maior segredo do criador de Narizinho e que nós outros ainda não adquirimos: saber com precisão o que fere e o que não fere as retinas infantis”.<sup>□</sup>

Em artigo de 1933, Manuel Bandeira comenta os livros infantis escritos por Monteiro Lobato naquele ano: *As caçadas de Pedrinho, História do mundo para as crianças, Alice no país das maravilhas, Pinocchio e as Aventuras do Barão de Munchhausem*, todos publicados pela Companhia Editora Nacional e colocados em circulação no período das festas natalinas. Avalia a facilidade com que Lobato fala às crianças, sem contudo, deixar de criticar a linguagem utilizada: “Se a sua linguagem é às vezes por demais de gente grande, por demais gramaticalmente certa, o mesmo não há que dizer da imaginação e do espírito sempre bem perto do adorável lirismo da infância”.<sup>256</sup>

Justamente a linguagem lobatiana, tantas vezes exaltada como trunfo na aproximação com o leitor, é aqui criticada pelo seu “adultocentrismo” e correção gramatical. A mesma linguagem que recebeu puxões de orelhas dos conservadores

□ CORREIA, Viriato. O Bandeirante do Livro. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 02 set. 1932.

<sup>256</sup> BANDEIRA, Manuel. Impressões literárias. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 12 nov. 1933.

católicos, pelo alto teor de gírias e palavras chulas, é compreendida como “gramaticalmente certa” por Manuel Bandeira.

Dos cinco livros aludidos, três são traduções da moderna literatura infantil. Já *História do mundo para as crianças*, como vimos, foi adaptado por Lobato inserindo as personagens do Sítio. Somente *As caçadas de Pedrinho* pertence ao conjunto do universo mágico e maravilhoso do Picapau Amarelo, com suas personagens novidadeiras para a época. É na representação das personagens que Manuel Bandeira destaca o êxito da literatura infantil de Monteiro Lobato:

O Sr. Monteiro Lobato vai criando um mundozinho de personagens em que a gente se sente como em família: Narizinho, Pedrinho, o Marquês de Rabicó, que é senão o leitão do Sítio de D. Benta, o Visconde de Sabugosa que não passa de um sabugo de milho. Este Visconde de Sabugosa já é criação rica de maravilhoso e digna de figurar nos países em que Alice andou pela mão de Lewis Carrol. Mas a personagem mais divertida desse mundozinho, a de mais vida, a que sempre está saltando nas páginas do livros, é Emília. As suas espevitices, os seus palpites, a sua ciganagem fazem dela o centro da ação e do interesse toda vez que aparece. No entanto Emília é ... uma boneca – a boneca de Narizinho.<sup>257</sup>

Ao fazer um balanço dos livros infantis que circulam no país em fins de 1934 e início de 1935, Jorge Amado exulta pelo crescimento significativo do acervo e número dos escritores que se dedicam ao gênero, resumido, até um tempo recente, aos *Contos da Carochinha* e ao *Almanaque do Tico-Tico*, exemplar lançado anualmente pela revista *Tico-Tico*, publicação infantil pela qual o escritor baiano mostra ser opositor. O livro *Emília no país da gramática* é considerado por ele uma obra-prima, “livro que escrito em outra língua não a portuguesa daria celebridade e fortuna ao autor”.<sup>258</sup>

O escritor taubateano recebe elogios pela criação do conjunto de seus heróis e pela introdução de uma série de títulos que os contempla. São livros que em todas as camadas de leitores, crianças e adultos, despertam a imaginação. Embora elogie com veemência a produção literária de Lobato, Jorge Amado discorda do seu procedimento de introduzir o pó de pirlimpimpim como artifício para transpor a fronteira entre a realidade e a fantasia: “A criança pode estar no plano da realidade e passar para o da imaginação naturalmente,

---

<sup>257</sup> Ibid.

<sup>258</sup> AMADO, Jorge. Livros infantis. *Revista brasileira*. Rio de Janeiro: 1935.

de olhos bem abertos, bem acordados, sem qualquer auxílio que o da sua própria imaginação”.<sup>259</sup>

Acreditamos que para o próprio Lobato o espaço fronteiro entre o real e o imaginário era uma incógnita constantemente perseguida. Na primeira versão de *Narizinho Arrebitado*, a aventura vivida pela menina Lúcia no Reino das Águas Claras não passa de um sonho, despertado por uma voz que lhe diz que Dona Benta está chamando. Já a versão de 1931, a menina escuta a mesma voz e todos as personagens do reino somem por encanto, e ela, envolvida por uma ventania, retorna ao Sítio.

O recurso do pó de pirlimpimpim para penetrar no mundo da fantasia é utilizado pelo escritor pela primeira vez no livro *A pena de papagaio* (1930) e encontra-se presente no seu último livro para crianças *Os doze trabalhos de Hércules* (1944). Contudo, nesse espaço de tempo, o autor busca outros meios para transgredir o espaço real. No livro *Geografia de Dona Benta* (1935), as personagens viajam pelo mundo no Terror dos Mares, um navio imaginário, criado pelo poder do faz-de-conta. E é o mesmo faz-de-conta que salva as personagens da ira do pássaro Roca, quando o pó de pirlimpimpim falha na visita ao mundo das fábulas.

Orígenes Lessa, em 1939, aponta o escritor taubateano como o criador do livro para crianças no Brasil. Diverso da literatice que circulava no País com narrativas de “frases redondinhas e períodos vazios”, Lobato surge com uma literatura inovadora, pois “ele não sabe seguir os trilhos batidos. Havia uma coisa que não havia no Brasil: livros para crianças. Já que a literatura o enrodilha, esse ‘pioneer’ incomparável ruma para a literatura infantil”.<sup>260</sup>

Edgard Cavalheiro, em 1942, faz um balanço sobre a circulação e o consumo das obras infantis de Lobato de Norte a Sul, Leste a Oeste, concluindo ser algo surpreendente para o período. Observa que o gênero merece mais atenção da crítica que, até então, tratava-o como “gênero destituído de importância literária”. O biógrafo de Lobato argumenta que a popularidade do escritor entre as crianças deve-se ao poder imaginativo e ao “espírito de suas histórias”, que são próprios da criança. Já a popularidade das personagens resulta da identificação das crianças leitoras, não se resumindo somente às brasileiras:

---

<sup>259</sup> Ibid.

<sup>260</sup> LESSA, Orígenes. Lobato. *Jornal da Manhã*, São Paulo, 13 jan. 1939.



São criaturas que fazem parte integrante da vida de todas as crianças da América Espanhola e da América do Norte, pois grande casas editoras da Argentina e dos Estados Unidos empenham-se no lançamento das aventuras do pessoalzinho do Sítio do Picapau Amarelo.<sup>261</sup>

Em 1943, Herman Lima junta-se às comemorações do jubileu de *Urupês*, escolhendo a produção infantil como enfoque, destacando a capacidade de Lobato em comunicar-se com as crianças. A sensibilidade do escritor com o pequeno leitor é exemplificada na dedicatória do livro *Emília no país da gramática* às suas filhas Teresinha, Jane e Maria Violeta: “que vão neste livro aprender a brincar com as coisas mais graves da língua, como por exemplo, o venerando verbo ser...”. Herman Lima confessa que há 25 anos era introduzido no mundo do conto pelas mãos de Lobato e agora suas filhas descobrem pelas mesmas mãos “o mundo maravilhoso dos sacis, dos números e dos substantivos, do seu risonho fabulário brasileiro”.<sup>262</sup>

Para Nelson Werneck Sodré, Lobato tomou o rumo da literatura infantil “incidentalmente”, num período em que já estava formado como escritor “o mais perfeito e o mais fácil dos nossos contadores de histórias”. Em suas reflexões, pondera que Lobato tem a compreensão clara dos estágios psicológicos da criança, a capacidade de utilizar uma linguagem compatível com a dos leitores e a sensibilidade para detectar as suas preferências.

O artigo é datado de 1944, época em que Lobato já produzira todo o conjunto de sua literatura infantil, mas, pelas palavras do crítico, essa literatura é o prenúncio do que poderá um dia vir a ser a literatura infantil brasileira. Ele observa que a narrativa lobatiana “representa uma exceção em nosso meio, precursora, é certo, daquilo que poderá ser, algum dia entre nós, a literatura infantil”.<sup>263</sup>

Benedito Bastos Barreto, mais conhecido por Belmonte, ilustrador de várias livros de Lobato, registra sua opinião e testemunho sobre a literatura infantil, em artigo divulgado por ocasião da publicação das obras completas. Afirma que Lobato era autor e leitor de seus livros, o primeiro a se deliciar com as aventuras vividas no Sítio do Picapau Amarelo:

<sup>261</sup> CAVALHEIRO, Edgar. No Sítio do Picapau Amarelo. *Gazeta Magazine*, São Paulo, 11 jan. 1942.

<sup>262</sup> LIMA, Herman. O Jubileu de *Urupês*. *Revista da Semana*. 18 de setembro de 1943. p.3.

<sup>263</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. Lobato e as crianças. *Leitura*. Novembro de 1944. p.39.

Ora, quem podia criar um mundo assim e viver dentro dele, vinga-se soberanamente deste outro mundo real em que nos debatemos, com inflação monetária, filas de carne e pão, câmbio negro, malandrags, piratarias, Estado Novo, ladroeiras, falta de vergonha e calamidades adjacentes. Quiseram metê-lo na Academia: Lobato estrilou. Quiseram fazê-lo deputado: Lobato recusou. Acadêmico ou deputado, ele iria mentir a si próprio e seria tão absurdo como um pássaro que fosse meter-se, voluntariamente, numa gaiola. Para que tudo isso se ele tem, para viver, aquela imensidão paradisíaca que é o ‘Sítio do Picapau Amarelo’.<sup>264</sup>

Em 1948, cinco meses após a morte de Lobato, Afonso Schmidt historiciza, através de reminiscências da sua infância, o percurso do livro infantil no Brasil. Monteiro Lobato é considerado como influenciador dos rumos tomados pela literatura infantil, tanto na produção de outros escritores, como no aspecto tipográfico e mercadológico do livro destinado à infância.

Afonso Schmidt observa que o descaso com a materialidade do impresso era freqüente, os livros caros traziam ilustrações com tintas inferiores que uniam as estampas umas as outras; os livros populares traziam na capa clichês semelhantes aos do jogo do bicho, omitiam o nome dos autores, entre outras coisas.

O autor enumera os poucos títulos que circulavam, todos de origem francesa, com tradução vinda de Portugal, “daí, uma certa indiferença de linguagem que muito atrapalhava os pequenos leitores”. A presença de escritores como Olavo Bilac, Francisca Júlia, Coelho Neto, Júlio César, João do Rio e Viriato Corrêa colaborara para aproximação da linguagem do leitor. Mas Lobato surgiu e os superou, pois “o diacho do homem contava histórias na língua da gente”. As narrativas não seguiam uma regra específica: “Umás divertidas, outras sérias, todas sérias, todas instrutivas. E tudo mudou para melhor. Daí por diante ainda há, com certeza menino que não saiba na ocasião, quem seja o Presidente da República, mas nenhum deles ignora as aventuras da Emília”.<sup>265</sup> Lobato é apontado como o criador de uma literatura infantil brasileira, quiçá da América Latina: “Sem Monteiro Lobato a América Latina seria diferente. O Brasil seria uma terra carrancuda”.<sup>266</sup>

<sup>264</sup> BELMONTE. Lobato. *Folha da Noite*, São Paulo, 29 abr. 1946.

<sup>265</sup> SCHMIDT, Afonso. Monteiro Lobato. *Revista da Academia Paulista de Letras*. São Paulo: setembro de 1948.

<sup>266</sup> *Ibid.*

As críticas de Sylvio Rabelo e Antonio Candido recaem exclusivamente sobre o procedimento lobatiano de introduzir conteúdos de caráter extremamente didático nos seus livros para crianças. Os críticos não desmerecem, contudo, sua produção anterior.

Sylvio Rabelo, em 1944, aponta a intenção pedagógica explícita, da maioria dos escritores que se dedicam à literatura infantil, como o aspecto mais sofrível desse gênero. Lobato se distanciava desse grupo e conseguira romper com essa tradição nas suas primeiras narrativas. Contudo, agora, retomava-a, (re)passando através de seus livros lições escolares de gramática, geografia, aritmética. Rabelo vai além, ao afirmar que “insistindo em ser mestre de meninos, não está longe o dia em que Monteiro Lobato acabe virando uma tia velha – tia rabugenta e falando só”.<sup>267</sup>

No mesmo ano, Antonio Candido analisa a figura de Lobato sobre três aspectos: o contista, o homem de negócios e o autor para crianças. Sobre o primeiro, ele aponta no escritor um perfil literariamente passadista, tradicionalista de “traço camiliano”, longe de ser um reformador da língua como muitos o querem. Já o homem de negócios é descrito como um “anti-rotineiro”, “quase um revolucionário”. Esses termos são utilizados também para exemplificar a literatura infantil lobatiana,

campo em que realizou uma obra, cheia de graves defeitos na sua última fase, é certo, mas desbravador e útil, levando à criança brasileira desde a poesia forte desta obra prima que é *O Saci* até a vulgarização nem sempre feliz dos livros mais recentes.<sup>268</sup>

A “vulgarização” aludida por Antonio Candido, provavelmente, refere-se a inserção de Lobato aos desígnios educativos, primando por instruir a criança. Em 1947, ao comentar o livro *Sílvia Pélica na liberdade*, o crítico afirma ser “leitor assíduo” de alguns escritores clássicos para o público infantil, como os irmãos Grimm e Perrault, incluindo ainda a escritora Madame d’Aulnoy, o livro *Juca e Chico*. Porém, não esquece a literatura de Monteiro Lobato e recomenda os títulos pertencentes à sua primeira fase.<sup>269</sup>

Na contramão das críticas anteriores, o jornalista Cláudio Abramo invalida o conjunto da obra de Monteiro Lobato, desaconselha suas leituras, mostrando uma

<sup>267</sup> RABELO, Sylvio. Lobato do panfleto e da caricatura. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 21 mai. 1944.

<sup>268</sup> CANDIDO, Antonio. Monteiro Lobato (notas de crítica literária). *Folha da Manhã*, São Paulo, 10 dez. 1944.

<sup>269</sup> O artigo foi publicado originalmente no jornal *Diário de S. Paulo*, em 20 de fevereiro de 1947. Encontra-se transcrito no livro: LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*. São Paulo: Global, 1988. p.329-333.

animosidade pessoal ao escritor. Tal rusga tem início com um artigo publicado em janeiro de 1948, no *Jornal de S. Paulo*, em que o jornalista denuncia a participação de Lobato como propagandeador do plano econômico de Juan Domingos Perón, através do livro infantil *La Nueva Argentina*. As acusações incidiam em dois aspectos: o livro estar escrito sob pseudônimo e o valor comissionado a ser recebido por cada exemplar.

Em 18 de abril de 1982, Cláudio Abramo publica na *Folha de S. Paulo* o artigo “No ventre da História” – um presente de mau gosto, dado no dia de aniversário natalício do escritor taubateano. Nele o jornalista rememora o fato ocorrido em 1948, afirmando que o artigo da época tinha apenas o caráter informativo e, contraditoriamente, denuncia que talvez tenha sido escrito “com irritação, resposta à ostensiva hostilidade” que Monteiro Lobato direcionava aos jornalistas.<sup>270</sup>

Assinala que Edgard Cavalheiro, ao tocar no assunto em seu livro biográfico, inseriu somente a resposta do escritor, sem levar em conta seus argumentos. Cláudio Abramo coloca-se, de certa forma, como vítima do ocorrido: “vítima do ímpeto, por ter tocado em alguém considerado um grande homem, algo imperdoável no Brasil, um país onde frei Caneca, por exemplo, não figura entre os grandes mártires e heróis da nação brasileira”.<sup>271</sup>

Lobato não ficou imune aos ataques do jornalista e, em carta de 12 de janeiro de 1948 e publicada em 18 de janeiro, remete à direção do *Jornal de S. Paulo* explicações sobre o fato, afirmando ser um escritor livre e não ter sido o livro feito sob encomenda do governo argentino:

Agora, se a Província de Buenos Aires fez imprimir e distribuir 100 mil exemplares desse livro, isso é coisa que Lobato não sabe. Apenas sabe, por comunicação dos editores que, espontaneamente, sem nenhuma sugestão de ninguém, o Conselho de educação daquela província, vindo casualmente a tomar conhecimento do livro, houve por bem analisá-lo e aconselhar o governo a contratar com os editores uma tiragem de 150 mil exemplares, para distribuição pelas escolas.<sup>272</sup>

O senso de oportunidade de Monteiro Lobato não deve ficar em segundo plano, ao pensarmos sobre o assunto. Quando chega na Argentina, em 1946, e é questionado

---

<sup>270</sup> ABRAMO, Cláudio. No ventre da história. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 abr. 1982.

<sup>271</sup> *Ibid.*

<sup>272</sup> LOBATO, Monteiro. Prêmio Perón de 1947. *Jornal de S. Paulo*, São Paulo, 18 jan. 1948.

sobre os seus projetos literários a serem desenvolvidos, ele responde que possivelmente escreverá livros para as crianças argentinas, baseado em assuntos daquele país.<sup>273</sup> No caso dessa polêmica nada se efetivou, a não ser os boatos.

Em 1983, Cláudio Abramo (de Paris) comenta, nas páginas do jornal *Folha de S. Paulo*, a exposição promovida pelo SESC-Pompéia (SP), que trazia à visitação pública os livros da coleção Terramarear. Ele observa que “a iniciativa inteligente de editores cuja identidade ignoro” fomentou toda uma geração de leitores. Para ele esses livros, em sua maioria traduções de autores americanos, italianos e ingleses, eram “um substituto saudável à chatice monocórdia e piegas da literatura de Monteiro Lobato, responsável, como penso, – mas sei que poucos concordarão comigo – por um achatamento das aspirações dos brasileiros”.<sup>274</sup>

Talvez na infância e juventude não fosse relevante, mas profissionalmente, para realizar aquele tipo de crítica, ele deveria ter conhecimento de que a coleção Terramarear fazia parte de um projeto editorial da Companhia Editora Nacional, fundada por Monteiro Lobato e Octalles Marcondes Ferreira. E, principalmente, que o tradutor da maioria desses livros era ninguém mais, ninguém menos que Monteiro Lobato; em especial dos livros citados, como *Caninos brancos*, de Jack London, os livros *Mowgli, o menino lobo* e *Kim*, de Rudyard Kipling, e *Tarzan*, de Edgar Rice Burroughs.

Em 1984, o jornalista volta à cena, reforçando a sua aversão declarada ao escritor e, acreditamos, ao homem Lobato. No artigo “Nós e os outros”, ele faz um balanço da recepção de uma lista de livros que publicara como indicação de leitura para os jornalistas profissionais e os estudantes da área. Ao leitor que o critica por não incluir as obras de Monteiro Lobato no rol das leituras, Cláudio Abramo escreve: “Não incluí Monteiro Lobato porque não incluí. É uma questão de escolha, de afetividade. Talvez o meu colega tenha razão, mas gosto é gosto”.<sup>275</sup>

Algumas de suas argumentações parecem contraditórias. Quando fala de gosto e afetividade, pressupõe-se que a leitura lobatiana o tenha desagradado, mas em artigo anterior diz que Monteiro Lobato era autor de livros infantis e nunca o havia lido.<sup>276</sup> Ficamos a indagação: Cláudio Abramo tinha ojeriza ao conjunto da produção literária lobatiana ou somente aos textos dirigidos às crianças? Ou o embate prorrogado por anos

<sup>273</sup> GONDRA, Juan Carlos. Monteiro Lobato visto y oído. *Revista Atlántida*. Ano 29, n. 957, Buenos Aires, outubro de 1946. p.58.

<sup>274</sup> ABRAMO, Cláudio. Mowgly, Tarzan e Kaspar Hauser. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 out. 1983.

<sup>275</sup> ABRAMO, Cláudio. Nós e os outros. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 nov. 1984.

<sup>276</sup> No ventre da história, op. cit.

era dirigido ao escritor reconhecido que polemizara com o jovem jornalista em início de carreira?

Podemos constatar que, no mesmo período em que os discursos da Igreja e do Estado se empenham em justificar o sistema de proibições aos livros infantis de Lobato, o discurso crítico da intelectualidade buscava referendar a legitimidade dessa produção. Monteiro Lobato é apontado como um “não-rotineiro”, revolucionário, pioneiro; capaz de compreender a alma infantil, dono de um discurso inovador para o leitor infantil... Enfim, o criador da literatura infantil brasileira, mesmo com as ressalvas aos seus livros voltados exclusivamente para questões didática-pedagógicas.

### 3.3 Discursos da crítica: hoje

O percurso literário de Monteiro Lobato tem ao longo dos anos, e acentuadamente nas últimas duas décadas, recebido merecida atenção de pesquisadores. Os estudos existentes contemplam várias linhas de análise sobre o escritor e sua obra, quer seja dentro do panorama da literatura brasileira, quer seja dentro da história da literatura infantil.

Nesse elenco, destacamos *História concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi, que enquadra Monteiro Lobato no grupo de escritores de intenções regionalistas do Pré-Modernismo, como Afonso Arinos, Valdomiro Silveira, Simões Lopes Neto, Alcides Maia e Hugo de Carvalho Ramos. O autor faz uma breve menção à “literatura juvenil” lobatiana como “fusão de fantasia e pedagogia”.<sup>277</sup> Nelson Werneck Sodré reafirma, sem, contudo, inseri-lo no Pré-Modernismo, o regionalismo de Monteiro Lobato.<sup>278</sup>

*A literatura no Brasil*, organizada por Afrânio Coutinho, desconsidera o nome de Monteiro Lobato e de sua literatura; nessa coleção coube a Alceu Amoroso Lima expor os escritores das primeiras décadas do século e ele se ateuve ao que denomina de “A reação espiritualista”. O Pré-Modernismo também é citado, mas não se inclui a figura do escritor taubateano.<sup>279</sup> Em outro volume da mesma coleção, em que o foco de atenção recai sobre o Modernismo, Monteiro Lobato é citado pelo seu artigo “A propósito da exposição

<sup>277</sup> BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, s.d. p.242.

<sup>278</sup>SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*. 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. p.416.

<sup>279</sup> COUTINHO, Afrânio. (org.) *A literatura no Brasil*. Simbolismo-impressionismo-transição. Rio de Janeiro: Editorial Sul americana, 1969. v.IV.

Malfatti”, publicado no suplemento “O Estadinho” d’*O Estado de S. Paulo* em que critica a exposição de Anita Malfati (1917).<sup>280</sup> Por fim, no último volume dessa coleção, encontra-se um ensaio de Renato Almeida sobre a literatura infantil, nele Lobato é considerado como o grande escritor “na obra de ficção para as crianças” devido ao seu estilo, com ressalvas para a linguagem que apresenta um “palavreado desagradável, quando não grosseiro”.<sup>281</sup>

Sem dúvida, a intrincada polêmica gerada pelo artigo sobre a pintura de Anita Malfati resultou num afastamento de estudos sobre a importância e participação de Lobato na construção da literatura brasileira nas primeiras décadas do século; porém, trabalhos recentes como o de Vasda B. Landers e Tadeu Chiarelli (re)aproximam-no das transformações estéticas ocorridas nesse período. A tese de doutoramento de Landers defendida na New York University busca, segundo a autora, restabelecer a justiça e corrigir o ‘erro’ que colocou Lobato no limbo da história do Modernismo. Ela evidencia o papel valioso do escritor dentro do pensamento modernista, focalizando os trabalhos anteriores à semana de 22, bem como a semelhança de suas idéias com a dos modernistas, afirmando que: “toda a ideologia do Modernismo contra a arte academizante européia vai ser coincidente com a sua pelo adiantamento e originalidade dos seus postulados”.<sup>282</sup> Chiarelli, por sua vez, em *Um Jeca nos Vernissages*, justifica a postura de Lobato como própria a alguém que desejava uma arte voltada para as coisas nacionais, e não uma cópia dos postulados europeus; além do mais, foi um dos poucos intelectuais que ousaram fazer crítica de arte em São Paulo: Lobato “era o mais capacitado e original dos críticos”.<sup>283</sup>

O papel desempenhado por Monteiro Lobato no desenvolvimento editorial do país é abordado por Alice M. Koshiyama<sup>284</sup> que examina a sua atuação como empresário (editor e gráfico), escritor e tradutor, contextualizando-o na história da comunicação do Brasil. Marisa Lajolo e Regina Zilberman, em *A formação da leitura no Brasil*, destacam a sua importância no campo editorial para o desenvolvimento e difusão do livro em terras

---

<sup>280</sup> Ibid, v.V, p.6.

<sup>281</sup> COUTINHO, Afrânio. (org.) *A literatura no Brasil*. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1986. v. VII. p.200-223.

<sup>282</sup> LANDERS, Vasda Bonafini. *De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o Modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988. p.114.

<sup>283</sup> CHIARELLI, Tadeu. *Um Jeca nos vernissages*. São Paulo: Edusp, 1995. p.33.

<sup>284</sup> KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: Quero, 1982.

brasileiras.<sup>285</sup> Em trabalho anterior, Marisa Lajolo apontava a filosofia editorial de Lobato como uma das marcas de sua modernidade.<sup>286</sup>

Fábio Lucas e, em especial, Cassiano Nunes refletem sobre a importância da correspondência de Monteiro Lobato para o entendimento da sua literatura. O primeiro se concentra nas cartas publicadas em *A barca de Gleyre*, analisando-as enquanto expressão literária do seu criador.<sup>287</sup> O segundo, por sua vez, vem insistentemente debruçando-se sobre a correspondência, resultando em vários trabalhos que focalizam a criatividade do missivista Lobato.<sup>288</sup> Além do mais, as pesquisas de Cassiano Nunes trouxeram a público cartas até então inéditas que demonstram que Lobato tinha como destinatário pessoas dos mais diversos segmentos sociais

**ORA, SE O TEXTO LITERÁRIO TRAZ AS MARCAS DO CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL EM QUE FOI GERADO, O MESMO OCORRE COM A LEITURA CRÍTICA. COMO VIMOS, A MANIFESTAÇÃO SOBRE A PRODUÇÃO LITERÁRIA PARA CRIANÇAS DE MONTEIRO LOBATO, NAS DÉCADAS DE 20, 30 E 40, OCORRIAM NOS PERIÓDICOS, QUER O JORNAL, QUER A REVISTA. O ÚNICO LIVRO LISTADO NAS CRÍTICAS É O DO PADRE SALLES BRASIL, QUE CORRESPONDE À METADE DA DÉCADA DE 50. ESSE FATO OCORRE PRIMEIRAMENTE PORQUE OS PERIÓDICOS ERAM UMA DAS POUCAS ALTERNATIVAS PARA A DIVULGAÇÃO DOS TEXTOS INFANTIS RECÉM-LANÇADOS, POR OUTRO LADO ERAM RAROS OS TRABALHOS TEÓRICOS E ACADÊMICOS SOBRE LITERATURA INFANTIL E, POR CONSEQÜÊNCIA, LIVROS SOBRE ESTE ASSUNTO.**

A partir do final da década de 70, a crítica literária se volta com mais atenção para o gênero e nos jornais e revistas surgem seções especializadas para divulgá-lo. Os discursos críticos deixam de focalizar o lado formativo da literatura infantil brasileira e buscam contribuições para as reflexões na teoria literária, preocupando-se com questões estéticas e ideológicas. Essa transformação fica visível no número crescente de títulos que tematizam a literatura infantil na década de 80.

<sup>285</sup> LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

<sup>286</sup> LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: a modernidade do contra*. São Paulo: Brasiliense, 1985. Recentemente a autora reeditou o livro com novo título: *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.

<sup>287</sup> LUCAS, Fábio. O mundo das cartas. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v.15, n.3, 1982. O artigo é resultado de uma palestra proferida no Encontro Nacional de Literatura Brasileira: Centenário Monteiro Lobato, realizado na PUCRS. O mesmo texto é reproduzido pelo autor no livro *Do barroco ao modernismo*. LUCAS, Fábio. Aspectos literários de Monteiro Lobato. In: \_\_\_\_\_. *Do barroco ao modernismo*. São Paulo: Ática, 1989. p.58-83.

<sup>288</sup> NUNES, Cassiano. A correspondência de Monteiro Lobato. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v.15, n.3, 1982. \_\_\_\_\_. *A atualidade de Monteiro Lobato*. Brasília: Thesaurus, 1985.



A produção literária para crianças de Monteiro Lobato foi abordada sob diversos aspectos; entre eles, destacam-se as contribuições de estudiosos como Leonardo Arroyo,<sup>289</sup> Marisa Lajolo e Regina Zilberman<sup>290</sup> que refletem sobre ela dentro da contextualização histórica dos livros infantis brasileiros. O trabalho das duas autoras se sobressai pela leitura da literatura infantil dentro da história da literatura brasileira e seu vínculo com os aspectos sócio-culturais do período estudado.

Entre todas as características da literatura infantil de Monteiro Lobato, a que tem merecido mais destaque pela crítica é a sua sensibilidade de delegar à criança o papel como leitor ativo e atuante, sem os reveses impetrados pelo mundo adulto. A inserção de protagonistas crianças que participam de forma atuante das decisões e ações da narrativa possibilita ao leitor uma nova visão do mundo e de si mesmo. Essa valorização do leitor é resultante da confiança do autor no papel social da criança. Como observa Laura Sandroni: “Monteiro Lobato foi o primeiro escritor brasileiro a acreditar na inteligência da criança, na sua curiosidade intelectual e capacidade de compreensão”.<sup>291</sup>

Laura Sandroni<sup>292</sup> tece reflexões paralelas sobre o caráter estético da literatura infantil de Monteiro Lobato e Lygia Bojunga Nunes, aproximando-os pela visão questionadora dos valores sociais de cada autor em sua época. Aspectos como a linguagem, a construção das personagens, entre outros, são abordados no sentido de aproximar os dois escritores.

Na mesma esteira, Sueli de Souza Cagneti<sup>293</sup> elabora um trabalho comparativo entre os dois escritores, no sentido de confrontar os aspectos transgressivos e inovadores de suas obras. Ambos os estudos demonstram um desejo de suas autoras de estabelecerem uma ligação entre a literatura infantil de Monteiro Lobato e os livros contemporâneos, que se destacam pela renovação, pelo afastamento das narrativas conservadoras e modelares.

Nelly Novaes Coelho<sup>294</sup> desenvolve um dos primeiros trabalhos no Brasil sobre literatura infantil, que focaliza aspectos conceituais relativos ao gênero, matéria e forma

---

<sup>289</sup> ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

<sup>290</sup> LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: histórias e histórias*. \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *Um Brasil para crianças*, op. cit.

<sup>291</sup> SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga: as renaixências renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987. p.60.

<sup>292</sup> Ibid.

<sup>293</sup> CAGNETI, Sueli de Souza. *A inventividade e a transgressão nas obras de Lobato e Lygia: confronto*. Florianópolis: UFSC, 1988. (Dissertação de Mestrado).

<sup>294</sup> COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil: história, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje*. São Paulo: Quiron; Brasília: INL, 1981. p.359.

e insere também o panorama histórico do gênero. Nesse quadro, Monteiro Lobato é apresentado como um marco, um divisor de águas entre a literatura de ontem e a literatura de hoje. Ela aponta como um dos grandes “achados” do escritor a capacidade de fundir o real com o maravilhoso.

Entretanto, algumas características da literatura de Lobato, que no seu tempo eram novidades e apresentavam-se como renovadoras para os leitores, hoje são ultrapassadas devido às transformações sociais e culturais. Uma dessas modificações estaria na identificação catártica dos leitores de ontem ao comportamento irrequieto da boneca Emília, numa sociedade altamente disciplinadora. Hoje as crianças vivem no que a autora chama de “liberação disciplinar” e a irreverência e indisciplina representadas pela boneca de pano, bem como o seu “individualismo audaz” não serviriam de “modelo” para os leitores contemporâneos.<sup>295</sup>

As características da personagem Emília passam por uma constante revisão e leituras. O individualismo exacerbado e o comportamento “amoral” da boneca ora são tratados como o que poderíamos chamar de transgressor e emancipatório para a época, ora recebem críticas quanto à sua receptividade atual, já que existe um grande distanciamento do leitor de hoje com aquele mundo de ontem. Mirna Pinsky,<sup>296</sup> em 1978, sugere repensar a obra lobatiana em aspectos que hoje são difíceis de aceitar, como o “autoritarismo” de Dona Benta e o servilismo de Tia Nastácia, que não recebe remuneração pelos trabalhos prestados. Pinsky acredita que Lobato deveria ter-se utilizado de Emília para refletir a situação de Tia Nastácia e, no entanto, o escritor procedeu de forma inversa.

Para Marisa Lajolo, a obra infantil de Lobato apresenta e representa traços eivados de modernidade: a fusão do Brasil arcaico com o Brasil moderno; a linguagem coloquial que rompe com a voz de um narrador modelar; a oralidade, o despojamento sintático e a criação vocabular; a constituição do livro em série, que repete o mesmo espaço e personagens e o ritmo de produção moderna marcado pela regularidade dos lançamentos (ano letivo e data natalina).<sup>297</sup>

Otávio Frias Filho levanta os quatro fundamentos que, ao seu ver, possibilitaram a acomodação pedagógica na literatura infantil de Lobato “sob embalagem tão distraidamente ficcional”: a eliminação de qualquer vínculo de parentesco direto

---

<sup>295</sup> Ibid., p.372-373.

<sup>296</sup> O que se dar a criança? E tudo se decide longe dela. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo: 25 jun. 1978. p.24-25.

<sup>297</sup> LAJOLO, Marisa. *A modernidade do contra*, op. cit., p.46-54.

(pai/mãe/filho), a estruturação polifônica de suas narrativas; a experimentação formal e a criação da boneca Emília.<sup>298</sup>

João Carlos Marinho distingue os traços mais marcantes da obra infantil de Lobato: o humor, o realismo e a mania de ensinar. O primeiro item, segundo o autor, deveria merecer maior atenção da crítica, por ser um dos aspectos mais inovadores na literatura lobatiana. O realismo aflui nas narrativas em perfeita comunhão com o maravilhoso. Já a “mania de ensinar” repercute negativamente na sua obra. “Lobato não percebeu que a própria irreverência, atrevimento e anticonvencionalismo das histórias livres que narra já era por si só uma revolução suficiente para a cultura infantil”.<sup>299</sup>

**A PESQUISADORA NORTE-AMERICANA ROSE LEE HAYDEN, DEBRUÇANDO-SE SOBRE A LITERATURA DE LOBATO, TRAÇA O CAMINHO PERCORRIDO POR ELE DENTRO DE SUAS NARRATIVAS PARA ROMPER COM OS VALORES MORAIS E EDUCACIONAIS DA LITERATURA TRADICIONAL. SEGUNDO A AUTORA, A PRODUÇÃO LITERÁRIA DESSE ESCRITOR É RADICALMENTE DIFERENTE DA PEDAGOGIA TRADICIONAL, DISCORDANDO DA REPRESENTAÇÃO DO NÚCLEO FAMILIAR, A RELIGIÃO E A ESCOLA. A EXPERIÊNCIA INTELLECTUAL E DE APRENDIZAGEM SE DÁ COM LIBERDADE. A AUTORA DEFENDE QUE LOBATO INSTAURA ATRAVÉS DE SUA LITERATURA INFANTIL “UMA PEDAGOGIA PARA O PROGRESSO”.<sup>300</sup>**

Os dezessete volumes que compõem a série de literatura geral, mesmo contendo uma variedade de gêneros, não têm gerado da crítica e dos estudiosos comentários, nem mesmo subdivisões. Os livros da série de literatura infantil, no entanto, foram, ao longo dos anos, redimensionados e subdivididos em áreas de interesses.

Analisando a subdivisão realizada por três estudiosos brasileiros: João Carlos Marinho, Márcia Kupstas e Zinda Maria Carvalho de Vasconcellos, e pela norte-americana Rose Lee Hayden, percebe-se que os títulos são divididos em três grupos, pelo teor do seu conteúdo. No primeiro estão os livros “puramente ficcionais”, que têm o interesse de divertir; no segundo grupo são incluídos os títulos de caráter (para)didático, e no terceiro grupo estão os títulos que pertencem a obras adaptadas ou fora do Sítio, para

<sup>298</sup> FRIAS FILHO, Otávio. Rememórias de Emília. *Folha de S. Paulo*, São Paulo: 28 jun. 1998. p.7. O artigo encontra-se publicado em livro: FRIAS FILHO, Otávio, CHAGA, Marco Antonio. *Monteiro Lobato*. Chapecó: Grifos, 1999.

<sup>299</sup> MARINHO, João Carlos. *Conversando de Monteiro Lobato*. São Paulo: Obelisco, 1978. p.8.

<sup>300</sup> HAYDEN, Rose Lee. *The children's literature of José Bento Monteiro Lobato of Brazil: a pedagogy for progress*. Diss. Michigan State University, 1974. p.164.

os estudiosos brasileiros. A pesquisadora americana nomeia esse grupo como livros que apresentam o interesse pelo folclore nacional.

João Carlos Marinho<sup>301</sup> divide a obra em três grupos, denominados de A, B e C. No primeiro grupo estariam as histórias livres ou aquelas em que o didático está bem ‘acasalado’. São elas *Reinações de Narizinho*, *O Saci*, *As caçadas de Pedrinho*, *Viagem ao céu*, *O minotauro*, *Os doze trabalhos de Hércules*, *A reforma da natureza*, *A chave do tamanho*, *Memórias da Emília* e *O Pica-pau Amarelo*. No grupo “B” insere as histórias puramente didáticas: *O poço do Visconde*, *Aritmética da Emília*, *Emília no país da gramática*, *Geografia de Dona Benta*, *História das invenções*, *História do mundo para as crianças* e *Serões de Dona Benta*. No grupo “C” arrola as histórias “fora do Sítio”: *Histórias diversas*, *Fábulas*, *Dom Quixote das crianças*, *As aventuras de Hans Staden*, *Peter Pan* e *Histórias de Tia Nastácia*.

A classificação de Marcia Kupstas<sup>302</sup> apresenta as seguintes distinções da anterior. Nos livros “que privilegiam a diversão” inclui, além dos já citados, o título *Histórias diversas*. A lista dos didáticos se apresenta de forma idêntica, e nas adaptações a diferença se encontra no título *Peter Pan*, incluído na categoria diversão.

Já a classificação realizada por Zinda Maria Carvalho de Vasconcellos é idêntica à de João Carlos Marinho, no que se refere às adaptações; nos livros de caráter didático e ficcional, a discordância encontra-se no título *O poço do Visconde*, que Vasconcellos denomina como ficcional, e João Carlos Marinho nomeia como didático

A classificação de Rose Lee Hayden se afasta das anteriores ao inserir uma seleção de títulos com enfoque no folclore: os livros de caráter didáticos são *História do mundo para as crianças*, *Emília no país da gramática*, *Aritmética da Emília*, *Geografia de Dona Benta*, *Serões de Dona Benta*, *História das invenções*, *O poço do Visconde*, *O minotauro* e *Os doze trabalhos de Hércules*; os títulos de interesse pelo folclore nacional: *O Saci*, *As aventuras de Hans Staden*, *Histórias de Tia Nastácia* e *Fábulas*. E os livros de natureza fantástica ou de pura aventura: *Reinações de Narizinho*, *Viagem ao céu*, *As caçadas de Pedrinho*, *Memórias da Emília*, *Peter Pan*, *Dom Quixote das crianças*, *O Pica-pau Amarelo*, *A reforma da natureza* e *A chave do tamanho*.<sup>303</sup>

A pesquisadora americana não elenca *Histórias diversas*, porque adota como referência a coleção completa da série de literatura infantil datada de 1959, ano em que o

<sup>301</sup> *Conversando de Monteiro Lobato*, op. cit., p.16.

<sup>302</sup> KUPSTAS, Márcia. *Monteiro Lobato*. São Paulo: Ática, 1988.

<sup>303</sup> HAYDEN, Rose Lee, op. cit., p.101-104.

livro começa a fazer parte da coleção. Márcia Kupstas, por sua vez, não arrola os livros *O Saci e Peter Pan*. Embora existam divergências na listagem de alguns títulos, os trabalhos tomam a mesma direção ao dividir a produção literária de Monteiro Lobato em livros de intenção didática e em livros sem outro fim que a própria criação ficcional.

Esse tipo de divisão, ao nosso ver, serve somente para fim pragmático, pois acreditamos que em todos os livros de Lobato há uma forte carga de intencionalidade, jamais negada pelo escritor. Mas constata-se que, embora os tempos sejam outros, os estudiosos continuam e insistem em dividir e fragmentar a literatura infantil de Lobato, pensando sobretudo no seu vínculo com a escola.

A necessidade de estudos voltados à recepção da literatura infantil de Monteiro Lobato é aventada em artigo por Ligia Cadermatori Magalhães<sup>304</sup> e sistematizada em trabalho acadêmico por Zilda Maria Carvalho Vasconcellos,<sup>305</sup> que analisa a influência ideológica da obra de Lobato, através da leitura de seus livros para crianças. Por sua vez, J. Roberto Whitaker Penteado<sup>306</sup> retoma a possibilidade dessa influência, comprovando-a por meio de entrevistas com leitores do escritor na infância.

A relação concreta de Monteiro Lobato com os leitores infantis foi evidenciada em textos por Edgard Cavalheiro que destaca as cartas infantis recebidas pelo escritor;<sup>307</sup> por Lúcia Miguel Pereira que dá seu testemunho da relação direta travada entre Lobato e seu público nas dependências da Biblioteca Infantil de São Paulo;<sup>308</sup> recentemente, na biografia *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*, os autores focalizam as cartas infantis recebidas pelo escritor.<sup>309</sup>

### 3.4 A PERMANÊNCIA DA OBRA DE LOBATO

<sup>304</sup> MAGALHÃES, Ligia Cademartori. O Brasil levado a sério. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v.15, n.3, 1982.

<sup>305</sup> VASCONCELLOS, Zilda Maria Carvalho. *O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.

<sup>306</sup> PENTEADO, J. Roberto Whitaker. *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*. Rio de Janeiro: Qualitymark/ Dunya, 1997.

<sup>307</sup> CAVALHEIRO, Edgard. As crianças escrevem para Monteiro Lobato. *Panorama: arte e literatura*. n. 7, ano 1, Minas Gerais: abril/maio de 1948. p.25, 26 e 37.

<sup>308</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. Um escritor e seu público. *Panorama: arte e literatura*. n. 7, ano 1, Minas Gerais: abril/ maio de 1948. p.9 e 28.

<sup>309</sup> *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*, op. cit.

Os discursos críticos de hoje sobre a literatura infantil de Lobato passam por uma reflexão, vinculada, como não poderia deixar de ser, ao contexto histórico e social de quem escreve, provocando um sentido para a obra que se modifica com o distanciamento temporal. Já os discursos sobre a permanência da obra de Lobato adquirem uma multiplicidade de visões: algumas com caráter premonitório, outras centradas em análises do momento presente da declaração. Vejamos algumas delas.

Sérgio Milliet, em seu *Diário Crítico*, não é nada condescendente com a figura de Monteiro Lobato; embora o apresente como um “grande escritor”, questiona a sua presença como inovador ou escritor essencial, ligando sua posição nas letras nacionais a dois fatores: ao discurso de Rui Barbosa e à prisão no período ditatorial.<sup>310</sup> Porém, em 30 de setembro de 1944, observa que a produção literária de Lobato, em especial a infantil, permanecerá: “Passará pelo crivo das revisões impiedosas e ainda encontrará entusiasmos alucinados. Do barulho sairá para as antologias uma dúzia de contos modelares. E mais boa parte de sua literatura infantil, que só encontra paralelo nas grandes literaturas infantis internacionais”.<sup>311</sup>

Nelson Palma Travassos, por sua vez, considera difícil responder sobre a permanência da obra de Lobato, mas acredita ser quase impossível a constância da leitura de sua obra, em especial a infantil, pois o leitor está sempre inserido dentro de seu tempo e, hoje (1982), com o arsenal e progresso científico, as necessidades são diferentes dos leitores contemporâneos a Lobato. Travassos observa que: “a literatura infantil de Monteiro Lobato, toda temperada com o aroma da terra, não subsistirá. Surgirá, por certo, um outro Monteiro Lobato de ficção-científica, senhor de uma poesia que descubra sonhos terrestres nos espaços siderais”.<sup>312</sup>

**EM 1943, PELAS COMEMORAÇÕES DOS 25 ANOS DE URUPÊS, OSWALD DE ANDRADE PUBLICA CARTA ENDEREÇADA A MONTEIRO LOBATO, FAZENDO BREVE RETROSPECTO DA CARREIRA DO ESCRITOR. OSWALD ASSINALA SUA RELAÇÃO COM O PÚBLICO INFANTIL E O AFASTAMENTO GRADUAL DESSE MESMO PÚBLICO, CONQUISTADO PELO RÁDIO, CINEMA E, EM ESPECIAL, OS GIBIS. DESCREVE UMA RIVALIDADE ENTRE A LITERATURA INFANTIL E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS:**

<sup>310</sup> MILLIET, Sérgio. *Diário crítico*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981. v.3. p.57.

<sup>311</sup> *Ibid.*, v. 2, p.269.

<sup>312</sup> TRAVASSOS, Nelson Palma. *Minhas Memórias dos Monteiros Lobatos*. São Paulo: Clube do Livro, 1974. p.177.

Mas em torno de você, entrou a subir a atoarda mecânica de trilos e buzinas da cidade moderna, começou o cinema a passar, a pisca-pisca o anúncio luminoso, o rádio a esgoelar reencontros e gols. E a meninada pouco a pouco se distraiu. Um foi ver os *Esquadrões da Madrugada*. Outro o *Império Submarino*, um terceiro, com os dentinhos em mudança, abriu a boca porque o Leônidas tinha machucado o dedão do pé esquerdo. E quando Tarzan passou, ali perto, pelo porto de Santos, maior era o mundo de adultos que rodeava a sua ilustrada carochinha que o de crianças, ocupadas a dar tiro de canhão com a boca, andar de quatro, roncar como avião, grunhir de chimpanzé e imitar a marcha truncada e fantasmal do Homem de Aço. Sinais dos tempos!<sup>313</sup>

Mesmo acreditando na possibilidade de retorno das crianças à leitura dos livros infantis, Oswald de Andrade termina sua carta de forma pessimista em relação à permanência da literatura infantil lobatiana e a invasão dos meios de comunicação de massa ao observar que “o super-homem de Nietzsche não pode com o super-homem do gibi”.<sup>314</sup>

Lobato, no entanto, não se mostra adverso a qualquer manifestação dos meios de comunicação de massa como o cinema, o rádio e a revista em quadrinhos. Em suas narrativas insere personagens desse mundo, como o Gato Félix, Tom Mix, Popeye e Shirley Temple. Em carta a Rangel, datada de 8 de julho de 1926, tece elogios à série Tarzan: “Conheces a série Tarzan? Curiosa e bem infantil. Anda em milhões”.<sup>315</sup>

Outro fato que se faz importante destacar é a utilização de adaptações de seus livros infantis para programas radiofônicos. Em maio de 1943, Edgard Cavalheiro e Carlos Lacerda criam o programa “No Sítio do Picapau Amarelo”, que vai ao ar pela *Rádio Gazeta*, em São Paulo.<sup>316</sup> Em maio de 1945, no Rio de Janeiro, a *Rádio Globo* transmite “A menina do Narizinho Arrebitado”.<sup>317</sup> Em novembro de 1946, uma rádio de Piracicaba transmite “Cara de Coruja”, adaptada por Benedito Almeida Júnior, pai de uma leitora do escritor.<sup>318</sup>

<sup>313</sup> ANDRADE, Oswald de. Carta a Monteiro Lobato. In: \_\_\_\_\_. *Ponta de Lança*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. p.6.

<sup>314</sup> Ibid., p.7.

<sup>315</sup> *A barca de Gleyre*, v.2, op. cit., p.294.

<sup>316</sup> Monteiro Lobato: *furacão na Botocúndia*, op. cit., p.356.

<sup>317</sup> Ibid.

<sup>318</sup> Informações da leitora Lygia Salati de Almeida em carta ao escritor, datada de 4 de setembro de 1946.

Uma pesquisa mais atenta evidenciaria um número bem maior de adaptações de seus livros infantis para transmissões radiofônicas. Porém, os exemplos tomados dimensionam o uso do veículo na propagação dos seus livros e, por conseqüência, da sua leitura. Não podemos esquecer que, provavelmente, essas adaptações para o rádio não foram realizadas à revelia do escritor. Em carta de 14 de novembro de 1947 à amiga Marina de Andrada Procópio de Carvalho, Lobato avaliza esse procedimento, oficializando o “entendimento verbal” e concedia com exclusividade “o direito de utilização no rádio, para teatralização e radiofonização, os meus livros infantis, constantes nas edições da Companhia Editora Nacional. Prazo três anos”.<sup>319</sup>

Tatiana Belinky e seu esposo Júlio Gouveia, que realizavam um projeto teatral junto à Prefeitura Municipal de São Paulo, foram convidados, em 1951, a realizar trabalho semelhante no espaço da televisão, recém introduzida no país. O casal optou pelos narrativas lobatianas, adaptadas por ela e produzidas e dirigidas por ele. O programa, sem recursos contemporâneos como o vídeo-tape, foi apresentado durante, aproximadamente, catorze anos pela TV Tupi. Segundo a escritora, a série televisiva, menos do que afastamento, servia de estímulo à leitura das obras de Lobato: “os programas do Sítio do Picapau Amarelo na TV Tupi remetiam os telespectadores mirins aos livros originais, promovendo assumidamente o hábito de ler. E com todo o sucesso: as crianças que assistiam os nossos programas liam mesmo os livros de Monteiro Lobato”.<sup>320</sup>

Entre 1978 e 1988, O Sítio do Picapau Amarelo retorna ao vídeo da televisão brasileira, em capítulos diários pela Rede Globo, com apoio da TV Educativa. Na metade da década de 90, o programa foi reprisado pela TV Cultura. Enéas Athanázio, ao analisar a adaptação do Sítio do Picapau Amarelo, realizada por Marcos Rey para a Rede Globo, avalia as críticas ao “modernismo tecnológico” da série como infundadas. Athanázio acredita que Lobato, como homem de seu tempo, não se surpreenderia em ver a personagem Pedrinho “numa asa delta”.<sup>321</sup>

Apesar das discussões relevantes sobre as transformações ocorridas da transposição do livro para a tela, Sérgio Caparelli observa que:

Monteiro Lobato continuou a existir em seus livros, mas foi a televisão que lhe deu uma dimensão massiva, quer pelo

<sup>319</sup> Cópia no arquivo do Museu Monteiro Lobato (SP). Original na Biblioteca Mário de Andrade – Seção de obras raras e especiais.

<sup>320</sup> BELINKY, Tatiana. Sem fronteiras entre a realidade e a fantasia. In: DANTAS, Paulo, op. cit., p.233.

<sup>321</sup> ATHANÁZIO, Enéas. *Meu amigo Hélio Bruma*. São Paulo: Editora do Escritor, 1987. p.32.



Sítio dos anos 50 que divulgou seus personagens, quer pelo Sítio dos anos 70 e 80 que o pôs ao alcance da maioria dos brasileiros alfabetizados ou não.<sup>322</sup>

Os depoimentos esboçados desenharam um quadro múltiplo de recepções, bem como as previsões em relação à continuidade da leitura dos livros infantis de Lobato. Alguns trabalhos e depoimentos recentes abrem um hiato maior sobre a questão da permanência da leitura dos livros do escritor taubateano.

Vera Teixeira Aguiar cita três pesquisas realizadas na década de 80 entre professores de 1º grau, contemplando o trabalho com a literatura infantil. No Rio Grande do Sul e Minas Gerais, Monteiro Lobato despontava entre os autores mais indicados para leitura escolar, perdendo no Sul somente para Érico Veríssimo e em Minas para o livro didático de Terezinha da Costa Val Araújo. Já no Rio Grande do Norte, Lobato não aparece entre os vinte autores mais indicados. Focalizando o “trânsito social do livro entre o público e o leitor”, Aguiar destaca geograficamente o Centro-Sul do Brasil como a área de maior recepção da obra de Lobato.<sup>323</sup>

Diana Noronha Werkmeister, em seu trabalho de doutoramento em que reflete sobre a formação do leitor de literatura, entrevistou dez adultos, cuja vida profissional estava relacionada com a leitura, confrontando as obras e os autores que marcaram a vida leitora dos entrevistados. Dos dez entrevistados, oito destacaram Monteiro Lobato ou a sua obra, entre aquelas que resistem na memória e contribuíram para a sua formação leitora.<sup>324</sup>

Com o intuito de levar ao público adolescente algumas sugestões de leitura, Silvia Ruiz,<sup>325</sup> em reportagem para o jornal *Folha de S. Paulo*, levantou o depoimento de dez escritores e professores de literatura e suas indicações sobre os dez títulos indispensáveis na estante daqueles que têm até 20 anos de idade, ou seja, uma biblioteca básica para aqueles que querem incursionar pelo mundo da leitura.

Monteiro Lobato aparece na lista dos autores citados três vezes, juntamente com Homero, Jonathan Swift, Lewis Carrol e William Shakespeare. A sua produção literária faz parte da biblioteca básica de três dos entrevistados. O professor de História da Arte

<sup>322</sup> CAPARELLI, Sérgio. Televisão, programas infantis e a criança. In: ZILBERMAN, Regina. (org.) *A produção cultural para crianças*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p.79.

<sup>323</sup> AGUIAR, Vera Teixeira. Monteiro Lobato na escola. In: ZILBERMAN, Regina (org.) *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado aberto, 1983. p.139-142.

<sup>324</sup> WERKMEISTER, Diana Maria Noronha. *A formação do leitor de literatura: histórias de leitores*. Porto Alegre: PUC, 1993. (Tese de Doutorado)

<sup>325</sup> RUIZ, Silvia. Biblioteca Básica. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 out. 1998. p.1-3.

da Unicamp, Jorge Coli, indica a “Série do Sítio do Picapau Amarelo”, observando: “esqueça a série de TV. Monteiro Lobato é uma iniciação ao prazer do conhecimento”. A professora de teoria literária e literatura comparada da USP, Walnice Nogueira Galvão, destaca dois títulos de livros infantis de Lobato: *Reinações de Narizinho* e *A reforma da natureza*. Afirma ainda que: “quem passa a vida sem ler fica com um patamar de imaginação muito baixo, facilmente satisfeito com as novelas da Globo”. Já a escritora Zulmira Ribeiro Tavares não faz referência a uma obra específica, mas indica o livro biográfico *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia* que desperta no leitor a curiosidade de conhecer e ler Lobato.

No livro *Os filhos de Lobato*, J. Roberto Whitaker Penteado<sup>326</sup> apresenta o resultado de uma pesquisa realizada pelo IBOPE em 1986, nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, revelando que 70% dos entrevistados acima de quarenta anos e com nível superior haviam lido Lobato na infância. O livro, citado no primeiro capítulo deste trabalho, focaliza uma geração de leitores que não viveu sob a influência da televisão, daí uma dedicação maior à leitura.

Whitaker Penteado mostra-se descrente quanto à receptividade do leitor atual à leitura lobatiana, principalmente aqueles que estão entre os seis e sete anos de idade, como acontecia na década de 50, por exemplo. Considera ainda que “lido fora do contexto, Lobato é extremamente chato, embora seja bom do ponto de vista literário”. Para ele, somente uma mudança no texto poderia tornar a sua literatura infantil novamente aceita pelas crianças. Perguntado sobre o que se poderia fazer para incentivar a leitura dos livros de Lobato, o pesquisador diz não acreditar em incentivo à leitura e que, “se Monteiro Lobato estivesse vivo, jogaria seus livros pela janela e faria CD-ROM e páginas na Internet. O livro está se tornando obsoleto. A leitura vai acabar ou, pelo menos, vai sofrer uma mudança profunda”.<sup>327</sup>

Os meios de comunicação de massa são constantemente condenados como antagonistas à recepção da literatura infantil lobatiana. Num primeiro momento as histórias em quadrinhos, o rádio e o cinema, depois a televisão e agora a Internet são apresentados como meios que interferem no acesso à leitura de seus livros.

Se lembrarmos as idéias que Lobato desenvolveu sobre a possibilidade de transformação do objeto livro, citadas no capítulo 2, o discurso de Whitaker Penteado não

<sup>326</sup> *Os Filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*, op. cit.

<sup>327</sup> ARAÚJO, Luiz Antônio, VERAS, Eduardo. Monteiro Lobato não é mais aquele. *Zero Hora*, Porto Alegre, 4 jul. 1998. p.4-5.

soa radical. O escritor estava constantemente refletindo sobre as futuras mudanças no suporte de leitura e até mesmo nas possibilidades de sua efetivação, porém em seu discurso nunca vislumbrou o fim do processo leitor.

### 3.5 LOBATO PELO OLHAR DO LEITOR

A aura que reveste a feitura da escrita faz com que habitem no imaginário do leitor curiosidades e interesses sobre particularidades da vida do escritor. Qual seria a fisionomia e os aspectos físicos mais marcantes daquele que convive com o leitor através da sua literatura, mas ao mesmo tempo se faz invisível? Qual o processo e os métodos utilizados na criação literária? De que outras atividades sobrevive o escritor? Interferem elas no processo de criação? São indagações que refletem o desejo do leitor de aproximar-se, de trazer para seu mundo real a figura idealizada e, muitas vezes, mitificada do escritor.

Selecionamos alguns depoimentos que, ao nosso ver, contribuem para desvendar algumas características de Monteiro Lobato e de sua produção literária. Alguns aspectos, como o físico e a maneira como escrevia, popularizaram-se e passaram a conviver consagradamente na memória coletiva. Já a sua constante visitação ao mundo dos negócios acolhe discursos contraditórios e que se tornaram polêmicos pela multiplicidade de pontos de vista.

As várias vozes, tomadas de empréstimo para auxiliar nessa narrativa, pertencem a tempos distintos. Os primeiros dizem respeito a pessoas que conviveram pessoalmente ou estavam presentes no momento de vida do escritor; os segundos são de estudiosos que se debruçaram sobre a obra de Lobato contemporaneamente. A distância temporal das falas, porém, não desfaz a intenção desses leitores que, motivados por situações distintas, colocaram no papel pontos importantes sobre a figura e a produção literária de Monteiro Lobato.

#### 3.5.1 Monteiro Lobato: Perfis

Duas sobrancelhas enormes definitivas, monumentais, chinesas, duas brochadas de nanquim arcuais, sem solução de continuidade, riscando num quadrado de rosto moreno um enorme 3 capiloso e deitado. Emboscados sob essa macega negra vivem, vivos, afuroantes, dois miúdos e inquietos.<sup>328</sup>

O aspecto físico de Monteiro Lobato parece ter marcado a todos que conviveram de forma mais próxima com ele. A imagem do homem de ação, enérgico e determinado, contrastava com o físico miúdo. Uma das particularidades mais evidenciadas nos depoimentos são as suas sobrancelhas que se tornaram a marca registrada de sua fisionomia.

Mário Donato tinha entre oito e nove anos de idade (1923/1924), quando seu pai, funcionário da editora Monteiro Lobato & Cia, levou-o à rua Brigadeiro Machado para conhecer Lobato. O escritor jogava uma partida de xadrez, interrompida com um aperto de mão e um autógrafo no exemplar novo de *A menina do narizinho arrebitado*. Ao descrever o “seu” Lobato, Donato mostra a sua surpresa:

O que me impressionou mais foi que ele, tão célebre, fosse tão pequenino, mirrado mesmo. Ora, então os grandes homens não são de fato grandes? Tinha uma pele crestada, apergaminhada e pasmem, meninos! – suas sobrancelhas, como duas grossas taturanas, uniam-se sobre seu nariz. Fiquei impressionadíssimo com aquilo. Creio que o disse a meu pai. Não me lembro se fez algum comentário. Talvez não tenha gostado, pois Monteiro Lobato, para ele, era todo uma perfeição e decerto os demais seres humanos que não tinham sobrancelhas ligadas é que eram aleijões.<sup>329</sup>

Surpresa é a palavra chave para caracterizar o sentimento desse leitor que, na presença do escritor, encontrou uma imagem totalmente diferente da esperada. O tamanho da celebridade de Lobato não corresponde à sua figura diminuta e, embora estivesse com 41/42 anos de idade, os traços da velhice na pele “apergaminhada” rompem com a possível imagem de juventude criada pelo leitor.

<sup>328</sup> Depoimento de Menotti del Picchia. In: NUNES, Cassiano. *Novos estudos sobre Monteiro Lobato*, op. cit., p.159.

<sup>329</sup> DONATO, Mário. O meu Lobato. In: DANTAS, Paulo, op. cit., p.115.

Nelson Palma Travassos, que não guardou mágoa do seu primeiro encontro com Monteiro Lobato,<sup>330</sup> deixou registrada a sua visão dos muitos Monteiros Lobatos que habitavam num único homem. A apresentação física do escritor taubateano não se opõe aos demais testemunhos: “baixo, pequeno de corpo, rosto bem conformado, moreno pálido, possuía uma única particularidade – as sobrancelhas – largas, grossas, unidas sobre a base do nariz”.<sup>331</sup> Ultrapassando o mero registro físico, Travassos sublinha as características psicológicas do escritor, descrevendo-o como “modesto, informal, socialmente displicente, despido de toda e qualquer atitude convencional”.<sup>332</sup>

Ribeiro Couto comenta o impacto causado pelo contraste entre a figura física do escritor e o seu poder de ação, como se fosse difícil de acreditar que características tão diversas pertencessem ao mesmo homem. Essa impressão de incredulidade se desfaz com a aproximação efetiva:

Lobato é um homenzinho formidável. Choca o contraste entre a sua pessoa baixota e amarela, com um vago ar enjoado, sob a sua mataria de cabelo preto, e a sua poderosíssima força de ação. De José Bento Monteiro Lobato (quarenta anos, casado, não-leitor, bacharel em direito, escritor, editor) provém uma impressão de fadiga, de peso arrastado, de ancilostomose, essa ancilostomose que ele tanto combate. Somente depois de um quarto de hora, caso esteja de veia, se percebe que debaixo daquela pele de caboclo japonês da beira do Paraíba (Taubaté, Estado de São Paulo) se esconde e irradia uma admirável inteligência e ação.<sup>333</sup>

Alberto Conte faz o retrato físico de Lobato, apresentando todos os detalhes característicos de sua pessoa, desde a altura ao seu modo de andar, concluindo que o escritor não pode ser considerado nem feio, nem bonito. Mas é com certeza simpático e “não há quem não sinta, logo ao conhecê-lo, um forte desejo de tornar-se seu amigo, de conversá-lo com assiduidade e fazer-se íntimo”.<sup>334</sup>

---

<sup>330</sup> Nelson Palma Travassos, ao deixar sua cidade no interior de São Paulo e se deslocar para a metrópole, resolve recorrer a Lobato em busca de um emprego na sua casa editorial. A resposta negativa e fulminante não abalou o inexperiente rapaz que acredita ter ali iniciado a sua vida de adulto. “ – Empregados não precisamos. Precisamos é de leitores. Você sabe ler? Se sabe já temos meio caminho andado”. TRAVASSOS, Nelson Palma. *Minhas memórias dos Monteiros Lobatos*, op. cit., p.65.

<sup>331</sup> Ibid., p.66.

<sup>332</sup> Ibid., p.97.

<sup>333</sup> COUTO, Ribeiro. Lobato e a conquista do mundo. In: NUNES, Cassiano. *Novos estudos sobre Monteiro Lobato*, op. cit., p.171.

<sup>334</sup> CONTE, Alberto. *Monteiro Lobato: o homem e a obra*. São Paulo: Brasiliense, 1948. p.22.

Ao leitor que não o conhecia pessoalmente, restava a construção idealizada pela imaginação fértil. O exercício criativo do imaginário do leitor em relação à figura do escritor encontra-se no resultado de uma enquete realizada em 1934 por um grupo de crianças, entre oito e nove anos de idade, estudantes da escola Desembargador Drumond, de São José da Lagoa. A professora desenvolveu com esses alunos uma atividade que tinha como tema a realização do “perfil de Monteiro Lobato”. As respostas constituem uma amostra significativa do processo ideativo da imagem do escritor por parte do leitor.

Um menino de oito anos de idade desenvolve, num discurso fragmentado e de orações curtíssimas – sinal da fase inicial do processo de alfabetização, um perfil romântico e culturalmente intelectualizado do escritor:

Monteiro Lobato é muito bonito. Ele é muito careca. Eu acho que ele fica com a mão na cabeça. Eu acho que ele usa calça comprida. Eu acho que ele fica com o livro na mão. Eu acho que ele fica assentado na pedra. Monteiro Lobato é muito trabalhador. Eu acho que ele tem renda no punho.<sup>335</sup>

A descrição assemelha-se a uma gravura que vai se revelando em fragmentos, a um quebra-cabeça em fase de montagem. O saber intelectual está representado pela mão na cabeça e o livro na mão; como num eco à imagem do “Pensador”, o escritor está sentado na pedra. A “renda no punho”, sinal de elegância; as calças compridas tornam-se símbolo de maturidade, dispensando o registro de idade.

Uma menina compõe, de forma sintética, a imagem de Lobato, sem deixar de frisar o seu desejo em conhecê-lo: “Monteiro Lobato é bonito e tem bigode. Eu achei que ele tem 20 anos. Eu tenho vontade de conhecer e ele tem cabelo curto e tem os olhos amarelos”.<sup>336</sup>

A menina Zélia Gonçalves associa a frequência de publicações e a quantidade de livros editados pelo escritor a uma possível fortuna econômica: “Eu acho que Monteiro Lobato é um homem muito bom: muito agradável. Eu acho que ele é dos cabelos corrido, olhos pretos. Ele não é alto e nem baixo. Ele deve ser muito rico, porque faz muitos livros. Ele tem 30 anos”.<sup>337</sup>

---

<sup>335</sup> IEB - USP

<sup>336</sup> Ibid.

<sup>337</sup> Ibid.

O que se percebe é que, quando o desejo permanece no plano do imaginário, a descrição do escritor continua romantizada, dono de uma eterna juventude. Quanto alcança a sua concretude, muitas vezes, o desejo torna-se decepção.

### 3.5.2 Penas de pato, teclas e linotipos

Quero papel cor do céu com todas as suas estrelinhas.  
Também a tinta não serve. Quero tinta cor do mar com  
todos os seus peixinhos. E quero pena de pato, com todos  
os seus patinhos.<sup>338</sup>

A irreverência das palavras da boneca Emília às exigências dos suportes necessários para a confecção das suas memórias constitui uma crítica às trivialidades que muitas vezes rodeiam o imaginário da escrita. E é o mesmo recurso do chiste, da blague de que o escritor se utiliza quando importunado com curiosidade sobre particularidades da atividade literária, como a do ato da escrita.

Ao rememorar os inconvenientes provocados por um fã que confundira a si e a sua produção com a de Menotti del Picchia, Lobato transcreve a sua resposta, quando questionado sobre os recursos materiais utilizados na escrita: “– Escrevo com pena de avestruz, meu velho, aparada com aquela faca de matar mulher que o Barba Azul trazia à cinta. E escrevo com tinta simpática, invisível para enganar algum espírito que me esteja espiando pelas costas”.<sup>339</sup>

Monteiro Lobato era aberto a todos os elementos da modernidade tecnológica de seu tempo. E era na máquina de escrever, do qual era adepto incondicional, que redigia toda a sua produção literária. Não podemos precisar exatamente o momento que começou a utilizá-la, mas em 1910 já apontava ao amigo Rangel as facilidades que a escrita mecânica proporcionaria na comunicação entre eles, em especial, pela horrível caligrafia

<sup>338</sup> LOBATO, Monteiro. *Memórias da Emília*. São Paulo: Brasiliense, s.d. p.240.

<sup>339</sup> LOBATO, Monteiro. *Prefácios e entrevistas*, op. cit., p.261.

que Lobato dizia ter o amigo: “Compra-se hoje uma Oliver por cento e tantos mil réis (...) Ando com idéia de realizar essa proeza – uma Oliver!”.<sup>340</sup>

Dos muitos anúncios que autofinanciaram a publicação do livro *O Sacy-pererê: resultado de um inquérito*, encontra-se propaganda da máquina de escrever Remington sob os auspícios do negrinho: “o Sacy-pererê não admite outra máquina”.<sup>341</sup> Essa foi a marca preferida também por Lobato que a utilizava quando de sua morte.

Nelson Palma Travassos afirma que “era à máquina, e de pijama, que Lobato escrevia”,<sup>342</sup> observando que a utilização sistemática da máquina de escrever, até mesmo na redação dos originais, fez com que os escritos de Lobato perdessem muito do valor pessoal, já que “o original redigido à máquina, despersonaliza-se, torna-se igual a todos os outros, e com isso perde muito do seu valor, deixa de ser um autógrafo”.<sup>343</sup>

O depoimento da filha do escritor, Rute Monteiro Lobato, apresenta-nos um lado muitas vezes esquecido ou, às vezes, maquiado de forma harmônica: a relação do escritor com a sua produção literária e a sua vida familiar. Rute descreve o exercício literário do pai considerando a privacidade da esfera doméstica:

Em casa levava vida frugal e quase espartana. Nunca o via sem estar a escrever, a traduzir ou a rever provas. Dormia e comia pouco. No meio da noite costumava acordar e se por a rever provas – para desgosto de minha mãe que com isso nunca se acostumou.<sup>344</sup>

Segundo a neta de Lobato, Joyce Campos Kornbluh, que com frequência passava na infância as noites na casa do avós, Lobato dormia pouco, mais ou menos até a meia-noite, depois ia trabalhar. Ela dormia num quarto contíguo ao dos avós e, quando acordava no meio da noite, “ele estava lá escrevendo a máquina com os dois dedos, toc-toc. Por isso que ele estava sempre de pijama, porque ele levantava, depois voltava para a cama e dormia até as oito”.<sup>345</sup>

---

<sup>340</sup> *A barca de Gleyre*, v.1, op. cit., p.290.

<sup>341</sup> LOBATO, Monteiro. *O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito*. Rio de Janeiro: Gráfica JB S. A., 1998. Fac-símile de: *O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito*. São Paulo: Secção de obras de *O Estado de S. Paulo*, 1918.

<sup>342</sup> *Minhas memórias dos Monteiros Lobatos*, op. cit. p.122.

<sup>343</sup> *Ibid.*, p.123.

<sup>344</sup> LOBATO, Rute Monteiro. *Álbum de Família*. In: DANTAS, Paulo, op. cit., p.165.

<sup>345</sup> Entrevista realizada em 13 de setembro de 1999, na cidade de São Paulo.



A escolha de Lobato em produzir no silêncio noturno se faz menos por opção, é quase uma obrigação, pois para ele o trabalho intelectual exigia concentração tal, que se tornava impossível criar no burburinho das atividades domésticas e com os ruídos da rua. Em carta a Rangel ele expõe sua convicção: “Se no silêncio dum gabinete só as emoções íntimas gravitam pelos bordões, sai coisa. Mas se por ele se metem guinchos de crianças, ralhos de mãe, as vozes da rua e o mais, o que nos sai é uma salganhada de pepinos crus”.<sup>346</sup>

### 3.5.3 O escritor e o homem de ação: duas faces da mesma moeda

Haverá alguma coisa no mundo que não se gestasse por esse processo, primeiro o sonho, depois a realização.<sup>347</sup>

É inegável que Lobato foi um homem de ação, concomitantemente à sua atividade de escritor. Ele planejava e, muitas vezes, executava projetos mirabolantes e empreendimentos, em sua maioria, frustrados. Algumas das idealizações práticas estavam vinculadas à literatura, como o empreendimento editorial e a criação da União Jornalística Brasileira (UJB),<sup>348</sup> outras pertenciam à esfera estritamente econômica.

O escritor esteve durante sua vida envolvido em campanhas e empreendimentos econômicos dos mais variados, grandes e pequenos, uns realizáveis, outros nunca saídos do papel; entre eles podemos citar: 1905 – fábrica de doces em vidro em sociedade com Eugênio de Paiva Azevedo; 1907 a 1911 – promotor em Areias; 1910 – sócio duma empreitada de sessenta quilômetros de estrada de ferro; 1911 – dono de um Colégio Externato em Taubaté; projeto de criação de um sanatório em São José dos Campos; 1913 – idealiza junto com o amigo Ricardo Gonçalves tornar o Viaduto do Chá habitável e explorá-lo comercialmente; 1911 a 1917 – fazendeiro em Buquira; 1918 a 1925 – dono da editora Monteiro Lobato & Cia.; 1925 vende a casa lotérica que possuía em sociedade

<sup>346</sup> *A barca de Gleyre*. v.1, op. cit., p.152. Carta de 03 de outubro de 1917.

<sup>347</sup> LOBATO, Monteiro. *Mundo da lua e Miscelânea*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1972. p.116.

<sup>348</sup> Em carta a Vicente Guimarães (24/3/1938), Lobato conta seus planos em relação à UJB: “O programa é tornar a UJB a maior empresa de publicidade do Brasil, no menor espaço de tempo”. Carta inédita, arquivo do Museu Monteiro Lobato (SP).

com Octalles Marcondes Ferreira; 1925 – funda juntamente com Octalles Marcondes Ferreira a Companhia Editora Nacional; 1927 a 1931 – exerce a função de adido comercial brasileiro em Nova Iorque; 1931 a 1941 – funda a Companhia Petróleo do Brasil e mantém campanha acirrada a favor da extração do petróleo; 1938 – cria a União Jornalística Brasileira com o objetivo de redigir e distribuir notícias pelos jornais do interior do país.

A característica empreendedora e comercial de Lobato foi desvinculada da figura de escritor, como se as duas funções não pudessem coexistir no mesmo homem. Em muitos casos, as próprias afirmações de Lobato contribuíram para essa dissonância.

O artigo “Arte e Mercantilismo”,<sup>349</sup> de Alceu Amoroso Lima, apresenta a idéia comum que gravitava sobre a cabeça dos intelectuais da época, a de que literatura não era mercadoria e seu exercício nunca poderia estar vinculado ao lucro. Talvez o próprio Lobato assim pensasse e, por isso, encontrava-se sempre envolvido com projetos econômicos, buscando formas de enriquecer para poder escrever tranqüilamente. E é ele próprio que, no fim da vida, confessa ter perseguido um caminho oposto ao resultado:

Passei a vida tentando fazer dinheiro com a indústria e não dando importância à minha literatura. no fim, que é que me deu dinheiro? A minha literatura, só ela. Em tudo mais perdi dinheiro, tempo e por algumas semanas até a liberdade.<sup>350</sup>

O depoimento de Alceu Amoroso Lima afina-se ao de muitos críticos de sua época, que viam nas atividades extraliterárias de Lobato uma barreira ao exercício da escrita. O seu amigo e confidente epistolográfico, Godofredo Rangel, expõe de forma objetiva o conflito vivido pelo escritor, que muitas vezes renegava a própria literatura em função de suas atividades práticas: “É que o segundo, o homem prático, renega o primeiro como companheiro indesejável, envergonha-se dele, diz-lhe nomes... Penso que poucos escritores falaram tanto mal dos literatos como Monteiro Lobato”.<sup>351</sup>

Cassiano Nunes, no entanto, destaca que Lobato foi antes de tudo um escritor e, mesmo estando envolvido com atividades variadas, principalmente na campanha em prol do petróleo, aqueles que conviviam com Lobato o reconheciam, acima de tudo, pelo exercício da escrita:

---

<sup>349</sup> LIMA, Alceu Amoroso. *Arte e mercantilismo*, op. cit., p.300.

<sup>350</sup> LOBATO, Monteiro. *Prefácios e entrevistas*, op. cit., p.218.

<sup>351</sup> RANGEL, Godofredo. *Urupês e Monteiro Lobato. Panorama: arte e literatura*. n.7, ano 1, Minas Gerais: abril/maio de 1948.

Mesmo freqüentemente renegando a literatura, a condição de beletrista, temos de convir que Lobato não foi outra coisa senão escritor, pois era como escritor, com a imaginação de escritor, que agia, que agitava. E acredito que os seus companheiros de empreendimentos industriais, fascinados pela sua visão fabulosa, nele só viam o escritor, nele respeitavam o escritor.<sup>352</sup>

Se tomarmos como exemplo as notícias nos jornais sobre as viagens de Monteiro Lobato pelo país em campanha pelo petróleo, vemos que o acolhimento da população às suas palavras davam-se mais pela admiração ao escritor do que pela crença no empreendedor. Eram crianças de grupos escolares que o iam saudar no aeroporto, em busca do criador do Sítio do Picapau Amarelo. Até mesmo as pessoas mais ilustres das cidades – prefeitos, juizes – sempre levavam à frente a expectativa de confraternização com o escritor.

Marco Antonio Villa<sup>353</sup> compara Monteiro Lobato a duas personagens ficcionais, primeiro ao Coronel Aureliano Buendía, de *Cem anos de solidão*, de Gabriel Garcia Marques, que perdeu todas as 32 revoluções armadas de que participou; segundo, a Policarpo Quaresma, personagem de Lima Barreto, que também tentou desenvolver em sua fazenda uma nova raça de galinhas. De fato, como que marcado pelo destino, todas as bem mais de 32 revoluções econômicas empreendidas por Lobato foram à bancarrota. Segundo Villa: “faltou a Lobato paciência e uma visão utilitária e de longo prazo, típica do capitalismo americano, que ele tanto admirou”.<sup>354</sup>

O levantamento apresentado neste capítulo se completa com o capítulo seguinte. Se aqui destacamos a recepção crítica dos livros infantis de Lobato, lá teremos também o discurso de alguns desses estudiosos, sem o caráter avaliativo e sim memorialístico. Apoiando-se nas lembranças da infância, os depoimentos a seguir apresentam a relação do leitor com a leitura dos livros de Lobato.

<sup>352</sup> *Novos estudos sobre Monteiro Lobato*, op. cit., p.91.

<sup>353</sup> VILLA, Marco Antonio. Um combatente entre nós. *Folha de S. Paulo*. São Paulo: 28 jun. 1998. p.8.

<sup>354</sup> *Ibid.* Wilson Martins também comparou Lobato à personagem Policarpo Quaresma. O crítico utilizou-se da expressão Policarpo-Lobato ao refletir as semelhanças do “nacionalismo idealista” da personagem de Lima Barreto e Monteiro Lobato. MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1976. V.VI. p.7-16.

## CAPÍTULO 4

### **AS MARCAS DA LEITURA**

#### 4.1 E POR FALAR EM LEITOR...

Para a análise da experiência do leitor ou da ‘sociedade de leitores’ de um tempo histórico determinado, necessita-se diferenciar, colocar e estabelecer a comunicação entre os dois lados da relação texto e leitor.<sup>355</sup>

Refletir sobre a existência de um texto ou o conjunto de uma produção literária sem levar em conta a concretização do ato da leitura parece querer condená-la ao limbo, enclausurá-la e privá-la da própria existência, na medida em que cabe ao leitor o papel de trazê-la ao mundo.

Num primeiro momento essa afirmação pode soar banal e sem força, já que desnecessária. No entanto, a figura do leitor no processo de reflexão não é um aspecto que faz parte da tradição dos estudos literários. Durante muito tempo, o interesse dos estudiosos ficou restrito à figura do autor ou à análise imanentista do texto. Escritor, texto e leitor não seriam parte integrante do mesmo processo?

Sartre, ao levantar o questionamento “Para quem se escreve?”, observa que à primeira vista a resposta é certa: aquele que escreve se dirige a todos os homens, ao leitor universal. Contudo, por mais que almeje a permanência de sua obra à posteridade, “o escritor fala a seus contemporâneos, a seus compatriotas, a seus irmãos de raça ou de classe”.<sup>356</sup> Nessa perspectiva, o leitor assume uma natureza dupla: o leitor universal e o leitor concreto.

Partindo desse pressuposto, o leitor não é um sujeito a-histórico; ele está inserido num contexto social e possui uma bagagem de conhecimento definido. Portanto, não é um sujeito neutro, desprovido de conhecimento, nem por isso um conhecedor da totalidade; a produção artística aproveita-se do conhecido para ensinar-lhe o desconhecido. Potencialmente, a obra literária pode ser universal, mas não é assim concebida no seu momento de feitura. O escritor histórico escreve para um leitor histórico, com o mesmo “gosto na boca”. Sartre ainda destaca que:

---

<sup>355</sup> JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa. (org.) *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.49.

<sup>356</sup> SARTRE, Jean-Paul. Para quem se escreve? In: \_\_\_\_\_. *Que é a literatura?* Traduzido por Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1989. p.56.

Escritura e leitura são as duas faces de um mesmo fato histórico, e a liberdade à qual o escritor nos incita não é uma pura consciência abstrata de ser livre. A liberdade não é, propriamente falando; ela se conquista numa situação histórica; cada livro propõe uma libertação concreta a partir de uma alienação particular.<sup>357</sup>

As idéias de Sartre, gestadas no período conturbado do pós-guerra (1947), enfatizam o papel do leitor que, no ato de ler, complementa o ato de escrever. Outros estudiosos<sup>358</sup> trouxeram à figura do leitor os holofotes, sem, contudo, construir um gerador que lhe fornecesse luz própria e que lhe prolongasse a existência.

Coube ao professor da Universidade de Constança, Hans Robert Jauss, em sua aula inaugural do ano letivo de 1967, revitalizar o questionamento dos estudos relativos à história da literatura e consolidar o papel do leitor enquanto ser integrante da estética literária. Nesse primeiro momento, Jauss realiza um panorama crítico da história da literatura tradicional e desenvolve sete teses objetivando uma nova metodologia e forma de (re)escrever a história da literatura.

Ao fazer o levantamento crítico da pré-história da ciência literária, Jauss opõe-se aos dois modelos metodológicos adotados pelos historiadores da literatura. O primeiro modelo ordena o material literário “segundo tendências gerais, gêneros e ‘outras categorias’, para então, sob tais rubricas, abordar as obras individualmente, em seqüência cronológica”;<sup>359</sup> o segundo modelo adota o padrão da Antigüidade Clássica, ordenando o material literário de forma unilinear, “seguindo a cronologia dos grandes autores e apreciando-os conforme o esquema ‘vida e obra’”.<sup>360</sup>

A filosofia da história do século XIX, caracterizada por sua visão progressista, legou à história da literatura uma metodologia voltada para um painel de época em que as obras anteriores seriam mero trampolim, “estágios” para as gerações posteriores; tal posicionamento pressupõe um privilégio da última em relação às obras antecedentes. Já

---

<sup>357</sup> Ibid., p.57.

<sup>358</sup> Destacam-se os formalistas russos e o conceito de estranhamento; Hans Georg Gadamer, no livro *Verdade e método*, retoma os conceitos hermenêuticos da experiência estética; Roman Ingarden, em *A obra de arte literária*, focaliza o papel do leitor enquanto atualizador do texto.

<sup>359</sup> O objeto desse modelo é, na maioria das vezes, a literatura moderna, o que provoca uma dificuldade seletiva na medida em que, inserida no contexto atual, está em constante desenvolvimento, ficando difícil divisá-la no seu conjunto. JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Traduzido por Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. p.6.

<sup>360</sup> Ibid. O objeto desse modelo é o cânone clássico.

a influência da escola positivista e da escola idealista contribuiu para o afastamento entre a estética e a história.

As teorias literárias desenvolvidas pelo marxismo e pelo formalismo, por sua vez, privam a literatura da dimensão de sua recepção e de seu efeito, pois ignoram a figura do leitor. O autor acredita ser possível, através do leitor, destinatário primeiro da obra, reatar os fios entre o “fenômeno passado à experiência presente”,<sup>361</sup> entre os aspectos estéticos e os aspectos históricos.

Jauss propõe uma história da arte e da literatura fundada em outros princípios: as análises literárias deveriam mudar o enfoque, não mais centrando-se no texto ou no autor, e sim no que denominou de “terceiro estado”: o leitor. Tal perspectiva colocaria em foco a figura do sujeito produtor (destinador) interagindo com a do consumidor (receptor). A arte obedeceria a uma função dialética: formadora e modificadora de percepção.<sup>362</sup>

A historicidade da obra literária se consolida pela atualidade que é determinada pelo leitor, pois não depende, nesse caso, da época em que foi escrita, mas quando foi lida. Essa postura rompe com a noção da cadeia temporal, uma vez que o autor e a obra começam a fazer parte da história no momento em que são lidos, no momento em que são aceitos pelo público leitor. Em sua primeira tese, Jauss enfatiza a relação dialógica, entre o leitor e o texto, que constitui a produção literária. Desse ponto de vista, a obra nunca é monológica ou atemporal: “Ela é, antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual”.<sup>363</sup>

Em sua segunda tese, ele argumenta que a experiência literária pressupõe um “saber prévio”. A obra não se apresenta ao leitor como novidade total, ela se reporta ao “já lido”, constitui eco de outros textos, de outros contextos da experiência leitora. Desperta e aguça no público leitor expectativas quanto ao meio e fim do tecido narrativo.

Para Jauss, somente na relação dialógica da obra com o leitor concretizam-se o caráter estético e o papel social da arte. Voltado para a experiência estética enquanto momento de prazer, formula os conceitos de fruição compreensiva e compreensão fruidora - o leitor gosta daquilo que compreende e só poderá compreender aquilo que aprecia - sendo o prazer e a compreensão processos simultâneos.<sup>364</sup>

---

<sup>361</sup>Ibid., p.23.

<sup>362</sup>ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989. p.32.

<sup>363</sup> *A história da literatura como provocação ...*, op. cit., p.25.

<sup>364</sup>JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa, op. cit., p.46.

O prazer estético que, desta forma, se realiza na oscilação entre a contemplação desinteressada e a participação experimentadora, é um modo da experiência de si mesmo na capacidade de ser outro, a capacidade a nós aberta pelo comportamento estético.<sup>365</sup>

Jauss introduz as três categorias básicas retiradas da tradição estética, que explicitariam a experiência estética da obra em relação ao seu emissor-criador e receptor, que pode tornar-se seu co-produtor: **poiesis**, **aisthesis** e **katharsis**. A **poiesis** remete ao “prazer ante a obra que nós mesmos realizamos”;<sup>366</sup> a interação entre texto e leitor possibilita ao segundo tornar-se co-produtor da criação literária. A **aisthesis** se concretiza por meio do efeito, ou seja, o leitor reconhece os elementos representados e renova o seu conhecimento sobre esses elementos, no que Jauss designa de “o prazer estético da percepção reconhecedora e do reconhecimento perceptivo”.<sup>367</sup> A **katharsis** designa “aquele prazer dos afetos provocados pelo discurso ou pela poesia, capaz de conduzir o ouvinte e o espectador tanto à transformação de suas convicções, quanto à liberação de sua psique”,<sup>368</sup> isto é, por meio da identificação entre os elementos da narrativa e o leitor, processa-se a **katharsis**, que não se restringe somente à liberação das emoções, como também é catalisadora de ação, levando o leitor à reflexão frente à sua realidade. Correspondem essas três funções básicas aos aspectos de produção, recepção e comunicação, que conservam o seu caráter de experiência estética se mantiverem o caráter de prazer.

As pesquisas de Jauss se direcionam para a reconstrução histórica da forma como o texto foi recebido e interpretado por leitores diversos ao longo do tempo e o seu efeito atual, resultando na fusão de dois horizontes: o do autor que construiu sentido e o do público que (re)interpreta o sentido em confronto com o tempo atual. A objetivação do horizonte de expectativa é possível através daquelas obras que, adotando uma convenção (seja de gênero, estilo ou de forma), evocam um horizonte de expectativa para logo abandoná-lo ou destruí-lo, bem como em obras “historicamente menos delineadas”.<sup>369</sup>

---

<sup>365</sup>JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis. In: LIMA, Luiz Costa. (org.) *A literatura e o leitor*, op. cit., p.77.

<sup>366</sup>Ibid., p.79.

<sup>367</sup>Ibid., p.80.

<sup>368</sup>Ibid.

<sup>369</sup>*A história da literatura como provocação...*, op. cit., p.29.



A estética da recepção adota, como critério de determinação do valor estético da obra literária, o seu poder de decepcionar ou contrariar as expectativas leitoras no momento de sua aparição, isto é, “a distância entre o horizonte de expectativa e a obra, entre o já conhecido da experiência estética anterior e a ‘mudança de horizonte’”.<sup>370</sup> A redução dessa distância é comum na arte ligeira ou “culinária”, pois fica dentro dos limites do conhecido e do esperado e não exige do leitor nenhuma mudança. Tal fato pode ocorrer, também, com obras literárias que, no momento de aparição, eram inovadoras e para o leitor atual se tornam óbvias.

A reconstituição do horizonte de expectativa de criação e recepção da obra literária pode propiciar indicadores de como determinada obra foi recebida pelo público leitor, permitindo que se desvende a pergunta desse mesmo público a qual a obra respondeu no momento de sua aparição. No entanto, a reconstituição da pergunta não se encontra mais no horizonte primeiro e original, ela já está contaminada pelo horizonte atual. Assim, a compreensão histórica da obra implica uma fusão de horizontes, resultando, também, numa consciência da história dos efeitos, já que a obra foi, ao longo do tempo, acumulando interpretações e recepções.

As duas possibilidades de concretização do texto literário pelo leitor são assim definidas: uma orientada para o horizonte implícito de expectativa e outra para a análise das expectativas externas à obra, relacionadas à vivência do leitor. No primeiro, de cunho intraliterário, o efeito é condicionado pela obra. O leitor implícito, criação ficcional, depende das estruturas objetivas da obra; no segundo, de cunho extraliterário, a recepção é condicionada pelo leitor. O leitor explícito depende de fatores externos à obra literária.<sup>371</sup>

Em sua última tese, Jauss aponta sobretudo para o **caráter emancipatório da obra literária**, que, ao apresentar o novo, desautomatiza as expectativas do leitor, apresentando-lhe um horizonte diferente do habitual:

O horizonte de expectativa da literatura distingue-se daquele da práxis histórica pelo fato de não apenas conservar as experiências vividas, mas também antecipar possibilidades não concretizadas, expandir o espaço limitado do comportamento social rumo a novos desejos,

---

<sup>370</sup> Ibid., p.31.

<sup>371</sup> ZILBERMAN, Regina, op. cit., p.65.

pretensões e objetivos, abrindo, assim, novos caminhos para a experiência futura.<sup>372</sup>

Wolfgang Iser vincula-se igualmente à Escola de Constança. Como Jauss, ele parte da idéia de que o texto só existe a partir da atuação do leitor. No entanto, eles possuem orientações e métodos diferentes: o primeiro necessita do testemunho da leitura, enquanto a orientação de Iser recai sobre o próprio texto, argumentando que ele possui uma estrutura apelativa que colabora para o efeito e reação do leitor frente à obra.

No prefácio à primeira edição de seu livro *O ato da leitura*, Iser colocava essas duas orientações como “antagônicas” e até mesmo divergentes. Já no prefácio à segunda edição percebe-se uma reformulação de sua postura:

O efeito e a recepção formam os princípios centrais da estética da recepção, que, em face de suas diversas metas orientadoras, operam com métodos histórico-sociológicos (recepção) ou teórico-textuais (efeito). A estética da recepção alcança, portanto, a sua mais ampla dimensão quando essas duas metas diversas se interligam.<sup>373</sup>

O leitor compreende a obra dentro dos limites do seu momento, inserido em seu contexto sócio-cultural. Assim, ao analisar a experiência estética do público de leitores da obra infantil de Monteiro Lobato, através de seus próprios depoimentos, busca-se evidenciar as condições históricas dessa recepção; reconstruir seu horizonte de expectativas e reconhecer se essa produção foi relevante para a formação desse grupo de leitores.

Num primeiro momento, recolhemos depoimentos de leituras de conhecimento público, divulgadas através de material impresso, que retomam a leitura na infância; em sua maioria realizadas na década de 30, 40 e 50. Num segundo momento, a fonte dos relatos circunscreve-se ao espaço da troca de cartas entre o leitor e o autor, nas décadas de 30 e 40. Pode-se, à primeira vista, acolher tal tarefa como redundante, pois as duas coletas correspondem ao mesmo tipo de seleção e quase ao mesmo período. No entanto, encontra-se uma diferença que achamos importante frisar.

O primeiro olhar voltar-se-á para um material que retoma a lembrança, quer seja de forma espontânea, quer seja de forma provocada, de uma leitura realizada em um

<sup>372</sup> *A literatura como provocação ...*, op. cit., p.52.

<sup>373</sup> ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. Traduzido por Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed.34, 1996. p.7.

tempo já distante. Esse fato leva-nos a certas precauções, pois, como questiona Pedro Nava: “Para quem escreve memórias, onde acaba a lembrança e começa a ficção?”.<sup>374</sup> Nesse caso específico, a retomada pelo leitor do contexto histórico em que a leitura se efetivou está carregada com a vivência atual. Assim, muitos desses leitores, agora adultos, com um arsenal de leituras e experiências de vida redimensionadas pelo amadurecimento biológico, retomam a leitura de seus livros de infância com um outro olhar

O segundo grupo de depoimentos, que será apresentado no capítulo 5, reúne a correspondência de leitores crianças e suas declarações redigidas ao calor da leitura, com os dedos ainda quentes de virar as páginas do livro ou o olhar ainda perdido em busca da imagem do Picapau Amarelo e do seu pessoalzinho.

#### 4.2 OS LEITORES DES(A)FIAM A MEMÓRIA

Ele se aproximava do leitor na hora melhor para fazer amigos. Conquistava o seu público na melhor fase da vida. E podia ficar, para sempre, na sua memória. Todo Matusalém Silva ou Silveira do futuro que um dia começasse a recordar a infância, no descer da encosta, se lembraria com ternura de Monteiro Lobato e seus personagens.<sup>375</sup>

Escolhemos para esse primeiro momento de reflexão o testemunho de vinte leitores que tiveram contato com a literatura de Monteiro Lobato na infância. Entre eles um repórter, um editor, dois psicólogos; os demais se dividem no ofício do magistério e da escrita, seja produzindo seus próprios textos, seja analisando textos alheios.

A escritora Tatiana Belinky passou sua infância em Leningrado e lá teve sua iniciação à leitura a partir dos cinco anos de idade e em dois idiomas (russo e alemão). Ao chegar no Brasil, com dez anos de idade, trazia na bagagem um vasto repertório literário que incluía os clássicos infantis (os contos de Grimm, Andersen, Perrault; as fábulas de La Fontaine e Esopo), a literatura infantil moderna (Collodi, Hauff, Ségur, Busch, Spyri, Barrie, Lewis Carrol; além dos autores russos Púchkin, Turgueniev,

<sup>374</sup> NAVA, Pedro. *Balão cativo*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1973. p.288.

<sup>375</sup> LESSA, Orígenes. In: STEEN, Edla Van. *Viver & escrever*. Porto Alegre: L&PM, 1981. p.119.

Tchukovsky, Marchak) e as adaptações de clássicos “para o pequeno leitor” (*As viagens de Gulliver, Dom Quixote, Robinson Crusoe*).

Aos onze anos de idade, familiarizada com a língua de sua nova pátria, a futura autora de livros infantis teve seu primeiro contato com a obra infantil de Lobato. Surpresa, choque e deslumbramento são os termos utilizados pela leitora, ao lembrar a leitura inicial dos livros lobatianos.

Percebe-se que, mesmo familiarizada social e literariamente com o repertório europeu, a leitora adota a leitura dos livros de Lobato como se estivesse adotando a terra, o seu novo lar: “o encontro com o mundo do Sítio do Picapau Amarelo foi uma novidade e uma maravilha: eram livros nos quais eu podia ‘morar’, como queria o próprio Lobato”.<sup>376</sup>

Lygia Bojunga Nunes, também autora de livros infantis, em artigo sobre seus seis casos de amor, apresenta a leitura de Lobato como o primeiro dos seus casos amorosos, quando, aos sete anos de idade, ganhou *Reinações de Narizinho* de presente de um tio. A apresentação física do livro, no primeiro momento não encorajou a leitora, que reconheceu no número excessivo de páginas daquele “livro grosso” um obstáculo sem atrativos para uma conquista.

O depoimento de Bojunga é sugestivo no que diz respeito à linguagem utilizada pelos textos infantis que circulavam na sua infância. Leitora iniciante que era, inclui em seu repertório de leituras as revistas em quadrinhos - que devorava – e os livros lidos pelos pais; em ambos encontrava nomes e termos distantes e ilegíveis à sua experiência vivencial. A leitura realizada pelos pais, segundo ela, não descomplicava aquelas narrativas: “tudo impresso em Portugal e cheio de infantas, estalagens, escopetas, arcabuzes, abadessas rezando vésperas, raparigas na roca a fiar...”.<sup>377</sup>

A leitora confessa, ainda, que a insistência do tio em saber sobre a leitura do livro presenteado a fez retomá-lo, mesmo a contragosto. Ela iniciava, sem o saber, o contato com uma literatura que rompia com a antiga barreira de distância vocabular e que lhe abria as portas da imaginação:

Mas o que a minha imaginação queria mesmo era voltar pr’aquele mundo encantado que o Lobato tinha criado, e ficar imaginando o tamanho e a cor da pedrinha que a

<sup>376</sup> BELINKY, Tatiana. Sem fronteira entre realidade e fantasia. In: DANTAS, Paulo. *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982. p.229-233.

<sup>377</sup> NUNES, Lygia Bojunga. Livro – eu te lendo. In: \_\_\_\_\_. *Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes*. Rio de Janeiro: Agir, 1988. p.11-29.

Emília tinha engolido (e que não era pedrinha coisa nenhuma, era uma pílula falante); e ficar imaginando que jeito eu ia dar pra me encontrar com a Dona Aranha costureira, que tinha feito o vestido de casamento da Narizinho, e pedir pra, na hora do meu casamento, ela fazer o meu vestido também.<sup>378</sup>

Em 1950, aos dez anos de idade, como presente de aniversário, Zelinda Moneta recebeu, também das mãos de um tio, o livro *Reinações de Narizinho*. Ela se remete a esse período da infância como um dos momentos de descoberta e a leitura como parte integrante desse processo. O depoimento explicita o sabor especial que tinha para a infância de seu período a leitura dos livros de Lobato, “sem a facilidade da televisão”. Ao contrário do depoimento de Bojunga, Moneta, ao descrever o aspecto físico do livro (capa, ilustração e número de páginas), deixa transparecer um fascínio por essas características. O aspecto volumoso do livro não se apresenta como barreira, a leitora sente-se entusiasmada com a confiança em sua capacidade de leitura:

Como presente, no meu décimo aniversário, ganhei do mais querido dos tios um livro grosso (cerca de 200 páginas), de capa dura e ilustrada com cores vivas, mostrando o rostinho cismador e curioso de uma menina de narizinho arrebitado. Tratava-se da obra *Reinações de Narizinho*, editado pela Brasiliense.<sup>379</sup>

O crítico José Guilherme Melquior coloca entre as suas recordações de leitura o encontro com os livros de Lobato como uma das lembranças mais fortes de sua infância. Entre os muitos títulos, destaca *História do mundo para as crianças*, lido entre os dez e/ou onze anos de idade, por considerá-lo responsável por “uma espécie de ordenação intelectual da minha pequena cabeça infantil nesse período”.<sup>380</sup> Utilizando-se da expressão “amamentado”, o autor resume de forma contundente a importância dos livros infantis de Lobato na sua formação.

Alfredo Bosi acredita que Monteiro Lobato foi um escritor fundamental para a sua geração. Aos doze anos incompletos, já havia lido todos os seus livros infantis e foi com tristeza que recebeu pelo rádio a notícia da sua morte: “Existia realmente uma relação

---

<sup>378</sup> Ibid., p.13-14.

<sup>379</sup> MONETA, Zelinda Tognoli Galati. Monteiro Lobato e a infância: no ensino do interior paulista. In: DANTAS, Paulo, op. cit., p.196.

<sup>380</sup> MELQUIOR, José Guilherme. O publicista Lobato. In: ZILBERMAN, Regina. (org.) *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p.12.

afetiva das crianças e adolescentes das décadas de 40 e 50 com Lobato, e sua morte foi, para muitos, um abalo pessoal”.<sup>381</sup>

Guilhermino César, lembrando o início de sua vida leitora, evoca como ponto de encontro com a literatura de Lobato o tempo em que estudava no grupo e no ginásio “entre 22 e 23 comprei ou li de empréstimo quase todas as obras com selo editorial de Monteiro Lobato & Cia”.<sup>382</sup> Isto quer dizer que, além dos seus próprios textos, Lobato ficou registrado nas lembranças de Guilhermino pelo seu papel como fomentador da difusão do livro, seu significativo empenho para a construção de uma sensibilidade coletiva de leitura: “Os bandeirantes caçaram índios? José Bento Monteiro Lobato, bandeirante de pena na mão, caçou leitores por todas as bibocas”.<sup>383</sup>

Provavelmente, dos títulos de Lobato lidos por Guilhermino César no período relatado, poucos foram infantis, pois nessa época havia à disposição no mercado apenas quatro livros; no entanto, seu filho será um leitor fiel das histórias do Picapau Amarelo. Através dele, na década de 40, tem seu primeiro contato pessoal com o escritor.

O menino o acompanhava em visita à cidade de São Paulo e, perguntado sobre o presente que desejava levar de recordação, responde prontamente: “eu só quero uma presente: conhecer o velho Lobato”. O pai prestimoso atende o desejo do filho, conseguindo um momento para que o escritor o atendesse. E Guilhermino César descreve o carinho com que Lobato atendeu o pequeno leitor: “A atenção que Lobato deu ao pequeno até hoje me comove. Como é que um homem daqueles pôde atender uma criança daquela maneira? Meu filho saiu dali numa glória total”.<sup>384</sup>

A história do *Jeca Tatuzinho* foi distribuída anualmente através de pequenos folhetos, em forma de almanaque, durante muitos anos nos balcões das farmácias brasileiras. Redimensionando a figura do Jeca Tatu, *Jeca Tatuzinho*, garoto propaganda do Biotônico Fontoura, vence a preguiça-doença com uma bota ringideira, vermífugos e o Biotônico Fontoura.<sup>385</sup> Essa narrativa, ao que parece, foi o primeiro contato de muitos leitores com o material escrito. Edgard Cavalheiro, Cassiano Nunes e Justino Martins são

---

<sup>381</sup> BOSI, Alfredo. Lobato e a criação literária. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*. 1982. p.20.

<sup>382</sup> CESAR, Guilhermino. Monteiro Lobato e o modernismo brasileiro. In: ZILBERMAN, Regina. (org.) *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*, op. cit., p.40.

<sup>383</sup> Ibid.

<sup>384</sup> Ibid., p.34.

<sup>385</sup> Na primeira edição, o médico receitava para a cura dos males do caipira preguiçoso a erva de Santa Maria.

alguns dos leitores que explicitam a aproximação com os textos infantis de Lobato através da circulação desses folhetos.

Edgard Cavalheiro afirma que a descoberta do “mundo encantado dos livros” deu-se através dos livros infantis de Lobato, em especial a narrativa que circulava nos almanaques: “O exemplar do *Jeca Tatuzinho* distribuído pela humilde farmácia da vila, fora o meu primeiro livro de leitura, a primeira história a me embalar a despreocupada infância”.<sup>386</sup>

Na introdução de sua entrevista com Monteiro Lobato para a revista *O Globo*, Justino Martins depõe sobre a sua introdução ao mundo da leitura e ao mundo ficcional do criador do Sítio do Picapau Amarelo pelas mãos do *Jeca Tatuzinho*. O único livro ganho do pai foi recolhido, provavelmente, do balcão de alguma farmácia. Porém, esse fato não interessa ao leitor que guarda na memória o gesto paterno:

Tomei conhecimento da existência de Monteiro Lobato neste mundo, numa tarde, deitado de barriga para baixo, lendo o ‘Jeca Tatuzinho’ em desenhos coloridos, o único livro que recordo haver ganho de meu pai. Terminada a leitura, fiquei triste. Dava angústia ver os porquinhos calçando borzeguins e o Jeca Tatu, gordo como um milionário, ir embora, na última página do livro, a fim de apregoar a seus patrícios as vantagens curativas da erva de Santa Maria.<sup>387</sup>

A atitude corporal de conforto e relaxamento da leitura realizada de “barriga para baixo”, descrita pelo leitor, caracteriza a entrega e o recolhimento diante do material lido. Outro fato que merece destaque é o sentimento de tristeza gerado pela leitura que, no entanto, não nasce do possível término da narrativa, mas do próprio mundo ficcionalizado.

Cassiano Nunes, que se dedica à pesquisa epistolográfica do escritor taubateano, relata que o leu pela primeira vez entre os sete e oito anos de idade, quando recebeu de prêmio, no fim do primeiro ano escolar, o livro *Reinações de Narizinho*.<sup>388</sup> Porém, seu contato com a literatura lobatiana efetivou-se, também, através do *Jeca Tatuzinho*, “personagem que nos era revelado por folhetos distribuídos nas farmácias”.<sup>389</sup>

<sup>386</sup> CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Nacional, 1955. v.1. p.11.

<sup>387</sup> LOBATO, Monteiro. Um Mundo sem roupa suja... (entrevista de Justino Martins para a ‘Revista do Globo’). In: \_\_\_\_\_. *Prefácios e Entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1951. p.287.

<sup>388</sup> Depoimento cedido pelo autor em carta datada de 5 de outubro de 1998.

<sup>389</sup> NUNES, Cassiano. *A correspondência de Monteiro Lobato*. São Paulo: s.n., 1982.

A história de *Jeca Tatuzinho* ultrapassava o simples caráter propagandista de veicular os poderes curativos do Biotônico Fontoura. O folheto possuía o mérito de ser um dos materiais escritos que circulavam pelo interior do país e tornava-se, para muitas crianças, uma das possibilidades de acesso à leitura, senão o único.

O restabelecimento da saúde ou o consolo pelo tempo de recolhimento, motivados por alguma doença, são alguns dos pontos de convergência nos discursos de alguns leitores, que encontravam na leitura uma forma de alento para as enfermidades físicas, como bronquite, gripe, dor de ouvido e até mesmo intermináveis tratamentos dentários.

A escritora Ilka Brunhilde Laurito recorda, estimulada pelas ruas de Pompéia, na Itália, a impressão que lhe causaram as leituras de Lobato. Ela já havia vivenciado aquele ambiente como o de outros territórios da Antigüidade, através de *História do Mundo para as Crianças*. O livro lhe fora presenteado aos nove anos de idade, num período de bronquite e gripe e a sua leitura lhe possibilitava redimensionar o momento que estava vivendo: “um livro para fugir ao tédio da clausura do quarto e da imobilidade da cama”.<sup>390</sup>

A escritora Renata Pallottini, que sofreu de dores de ouvido na infância, reconhece no carinho maternal e nos livros de Lobato os companheiros que a auxiliavam no restabelecimento da doença, muito mais rápidos e eficazes que qualquer remédio. Conta-nos que sua mãe, leitora de Lobato na infância, teve acesso ao seu primeiro livro *A menina do narizinho arrebitado* no “lixo dos ricos”; ela, no entanto, teve mais sorte: “Eu, feliz, ganhei o meu novinho em folha. E foi o começo de uma paixão que se estendeu pela infância e adolescência. Li tudo de Lobato, entrei pelo seu mundo adentro, me familiarizei com seus personagens”.<sup>391</sup>

Marisa Lajolo encontrou Lobato aos dez anos de idade, quando recebia nas consultas dentárias os livros da turma do Sítio do Picapau Amarelo. O tratamento demorado propiciava a cada troca de um “algodãozinho de clorenfenicol” a leitura de um livro. Essa sistemática, segundo a leitora, fez com que “até concluir as obturações necessárias eu já tinha devorado todas as histórias disponíveis naqueles livros de capa dura, colorida, e com desenho das personagens”.<sup>392</sup>

Samir Curi Meserani, especialista em criatividade, natural de uma pequena vila na Serra de Botucatu, aos nove anos de idade passa a residir em São Paulo e leva consigo o “orgulho” da leitura completa da obra infantil de Lobato. Era como se a sua formação

<sup>390</sup> LAURITO, Ilka Brunhilde. Lobato, bonecas e meninas. In: DANTAS, Paulo, op. cit., p.161.

<sup>391</sup> PALLOTTINI, Renata. Eu lia um livro... In: DANTAS, Paulo, op. cit., p.159.

<sup>392</sup> LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: a modernidade do contra*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.7-8.



leitora lhe desse, de antemão, acesso ao novo mundo que se lhe apresentava. A leitura do Sítio do Picapau Amarelo, “patrimônio” de sua infância, ajudou-o a superar as desvantagens que encontrou pelo caminho. A leitura era resultado de uma escolha individual e prazerosa, sem cobranças escolares e qualquer outra relação cerceadora. Ler pelo simples prazer de ler: “Era ler um livro e pedir outro ao pai, espontaneamente. Em suma, usando a expressão de Bachelard, foi a minha ‘leitura feliz’”.<sup>393</sup>

A estética da recepção adota como critério de determinação do valor estético da obra literária o seu poder de decepcionar ou contrariar as expectativas leitoras no momento de sua aparição, isto é, “a distância entre o horizonte de expectativa e a obra, entre o já conhecido da experiência estética anterior e a ‘mudança de horizonte’”.<sup>394</sup>

**OS DEPOIMENTOS TESTEMUNHAM UM MOMENTO HISTÓRICO EM QUE ERA DADO À CRIANÇA POUCA OPORTUNIDADE DE MANIFESTAÇÃO, A ELA CABIA ACATAR PACIENCIOSAMENTE AS PROIBIÇÕES E LEGITIMAÇÕES DO MUNDO ADULTO. O MUNDO DO LIVRO, CONTUDO, AO APRESENTAR UM MUNDO DISTINTO DO REAL, ABRIA A POSSIBILIDADE DE OUTRA FORMA DE CONVIVÊNCIA ENTRE O ADULTO E A CRIANÇA, COMO ANALISA ILKA BRUNHILDE LAURITO:**

Ler Lobato era acreditar no mundo da fantasia. Mas era também aceitar o da realidade, questionando-o daquela maneira democrática de crescer, que era o diálogo. Crianças e adultos, na literatura infantil de Lobato, coexistiam integrados, falavam de igual para igual, respeitavam-se. Mesmo quando havia mentirinhas, fanfarronadas, travessuras e tempestades de parta à parte.<sup>395</sup>

**A IDENTIFICAÇÃO DOS LEITORES COM AS PERSONAGENS E/OU AÇÕES DAS NARRATIVAS SÃO AMBIVALENTES. QUER SEJA PARA O LEITOR DO MEIO URBANO, QUER SEJA PARA O LEITOR DO MEIO RURAL, O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO DESPONTA COMO PROJEÇÃO OU IDEALIZAÇÃO DE UM ESPAÇO ESPECIAL, REGIDO PELA LIBERDADE.**

---

<sup>393</sup> ABRAMOVICH, FANNY: LOBATO DE TODOS NÓS. IN: DANTAS, PAULO, OP. CIT., p.146. OS DEPOIMENTOS REFERENTES A ESSE TEXTO ENCONTRAM-SE, TAMBÉM, EM OUTRO ARTIGO DA AUTORA: “LOBATEAR: VERBO PRIMEIRO DA LITERATURA INFANTIL. ABRAMOVICH, FANNY. *O ESTRANHO MUNDO QUE SE MOSTRA ÀS CRIANÇAS*. 5.ED. SÃO PAULO: SUMMUS, 1983. p.29-38. NESSES ARTIGOS ABRAMOVICH RECOLHE O TESTEMUNHO DE LEITURA DOS LIVROS INFANTIS DE LOBATO.

<sup>394</sup> JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária, op. cit., p.31.

<sup>395</sup> DANTAS, Paulo, op. cit., p.163.

Segundo Tatiana Belinky, a natureza tropical em oposição à vida urbana, as férias perpétuas e a liberdade que gozavam as personagens eram motivos suficientes para ela solidarizar-se com aquele mundo imaginário:

(...) Eu me imaginava na pele de Narizinho, e era gostoso; na de Pedrinho – por que não querer ser menino de vez em quando? – e era bom. Mas delicioso mesmo era me imaginar na pele de pano da Emília, livre e solta, podendo falar ‘asneirinhas’, ‘agredir’ os amigos, ser respondona, egocêntrica, às vezes malcriada, outras vezes prepotente (em especial com o empertigado Visconde de Sabugosa); (...) Ah, o senso de justiça da Emília, a franca autenticidade, a ‘fidelidade a si mesma’, tão ‘nietzscheaneamente’ lobatiana.<sup>396</sup>

Lygia Bojunga Nunes confessa que, aos poucos, aquelas personagens começaram a virar a sua gente, em especial a boneca Emília. O relato sobre a identificação com a boneca Emília aproxima-se ao de seus colegas leitores. Cabia àquela boneca de pano, que aos poucos foi virando gente, a representação de um modelo diferente do habitual: “A Emília me deslumbrava! Nossa, como é que ela teve coragem pra dizer isso? Ah, eu vou fazer isso também!”<sup>397</sup>

A representação de uma personagem corajosa, capaz de realizar ações internalizadas pelos leitores, faz com que a apreensão do mundo ficcional se desloque para uma relação de identificação e incorporação das atitudes da personagem.

Ilka Laurito expõe, de forma mais aguda, o rompimento com as normas incutidas nos livros infantis. A representação de uma personagem questionadora como Emília trazia à tona um desejo interior de cada criança leitora, resultando numa relação de cumplicidade entre leitor e a personagem:

Emília era assim, como eu gostaria de ser: desbocada, perguntona, respondeira, atrevida, matreira. Era a criança revolucionária que morava em cada um de nós, abafados pelos ambientes repressores de uma geração que nos queria premoldar. Emília não era nenhuma das “meninas exemplares” importadas. Era a independência interior, a curiosidade permanente, a inquietação diante da vida, o mergulho no mistério.<sup>398</sup>

<sup>396</sup> Ibid., p.231.

<sup>397</sup> NUNES, Lygia Bojunga, op. cit., p.14.

<sup>398</sup> DANTAS, Paulo, op. cit., p.163.

O “nós” remete ao reconhecimento, por parte da leitora, de uma comunidade de leitores que compartilhavam as mesmas preferências literárias.

O testemunho do editor Marcos Amazonas aponta, também, para a representação da boneca Emília enquanto um modelo que quebrava a expectativa da sociedade da época, em que restava à criança o papel servil da obediência:

Emília, na disparada, a favorita... Ela mantém a sua irreverência durante a obra inteira. Ela é o desafio. Tem uma autoconfiança que é cativante... Tinha muito do que a gente procurava: ela não arredava pé daquilo que acreditava, e a gente era educado exatamente para desistir... Ela não: cismava e ia em frente.<sup>399</sup>

Emerge do depoimento de Amazonas a idéia de que o diálogo da obra com o público leitor era tecido pela fratura da percepção usual do leitor.

Tatiana Belinky destaca a característica de boneca de pano como um dos motivos de Emília ser a representante da irreverência, da contestação, sem com isso receber reprimendas. À boneca cabia desfiar “todos os ‘pecados’ infantis: a malcriação, o natural egoísmo, a rebeldia, a birra, a esperteza marota e até uma certa maldade ingênua – tudo imediatamente esquecido, sem maiores conseqüências nem sentimentos de culpa”.<sup>400</sup>

Ofélia Boisson Cardoso em seu trabalho de três volumes sobre a fantasia, violência e medo na literatura infantil -, focalizando especialmente os contos tradicionais, destaca a valiosa contribuição de Lobato e afirma que “as qualidades negativas ele as atribui a irracionais e a objetos: Emília é uma boneca de pano asneirenta; Rabicó, um porco fátuo e cheio de si; o major um sapo comilão”. Já Narizinho e Pedrinho, aos quais as crianças se identificam, segundo a autora, são apresentados como modelos sadios.<sup>401</sup>

Ora, parece-nos que, independente da personagem escolhida, racional ou irracional, o estímulo provocador foi gestado ao abalar as “certezas” e “costumes” impostos socialmente, desautorizando as regras vigentes ao expor condutas não valorizadas pela sociedade, como as da boneca Emília. A ruptura com esquemas preestabelecidos provoca um confronto com os valores e normas sociais em que o leitor

<sup>399</sup> ABRAMOVICH, Fanny. Lobato de todos nós, op. cit., p.149.

<sup>400</sup> Ibid., p.148.

<sup>401</sup> CARDOSO, Ofélia Boisson. *Fantasia, violência e medo na literatura infantil*. Rio de Janeiro: Conquista, 1969. v.2. p.189.

está inserido. Ao leitor é apresentada uma nova possibilidade totalmente diversa e esse distanciamento entre o mundo representado e a sua realidade vivida resulta numa possível visão de mundo reformulada.

Quando a identificação recai sobre as personagens Pedrinho e Narizinho, crianças como o leitor, pesa aí uma relação de complementaridade estabelecida pela representação de seus pares. Ambas as personagens são descritas como crianças comuns, com características similares as dos leitores: curiosas, criativas e sem enfrentamento grave com a normalidade das relações do mundo concreto.

Para Zelinda Moneta, a sedução da leitura lobatiana residia nessa familiaridade com as personagens crianças: Narizinho e Pedrinho, “crianças como eu, sadias e arteiras, mas singularmente agraciadas pela possibilidade de desfrutar as delícias do Sítio do Picapau Amarelo”.<sup>402</sup> Segundo ela, aquele lugar marcado pela imprevisibilidade e encantamento seduziu e fez parte do sonho de muitos meninos e meninas de sua época.

Nas lembranças da psicóloga Maria Helena Patto, o contato pessoal com o escritor precedeu a leitura de seus livros, “Um dia, ele foi visitar a escola em que eu estudava: sua presença forte, sobranceira e bigoduda é a imagem mais forte que guardo dele...”.<sup>403</sup> Ao encontrar-se no mundo da leitura, diz que se identificava com Narizinho e vivia com a personagem menina as suas aventuras “principalmente as românticas”. O modelo rebelde e irreverente, como o de Emília, não encontrava receptividade junto à leitora, já que “ela (Narizinho) me facilitava uma maior identificação, na medida em que eu era uma menina bem comportada”.<sup>404</sup>

**O BONECO JOÃO FAZ-DE-CONTA, O IRMÃO BRASILEIRO DE PINÓQUIO,  
PERSONAGEM SECUNDÁRIO NO UNIVERSO LOBATIANO, FOI PARA JÚLIO GOUVEIA O  
OBJETO DE IDENTIFICAÇÃO “RIQUÍSSIMO COMO POSSIBILIDADES E ACABA TÃO CEDO  
... É A IMAGEM DO HERÓI ROMÂNTICO... JOÃO É TÃO APAIXONADO POR NARIZINHO  
QUE PERDE LITERALMENTE A CABEÇA PARA SALVÁ-LA”.<sup>405</sup>**

A escritora catarinense Maria de Lourdes Krieger diz que os livros de Lobato lhe fizeram ver que a representação das personagens poderia ultrapassar a esfera do maravilhoso, com suas fadas e princesas e trazer crianças comuns, próximas a seu universo real. A representação da boneca Emília “com o corpo igual a das bonecas que

---

<sup>402</sup> DANTAS, Paulo, op. cit., p.196.

<sup>403</sup> ABRAMOVICH, Fanny, op. cit., p.156.

<sup>404</sup> Ibid., p.149.

<sup>405</sup> Ibid.

podíamos ter – mas tão, ah! Tão mais gente”. A escritora e seus oito irmãos liam muito. Os pais funcionários públicos, para suprir as necessidades culturais dos filhos e buscar mais uma fonte de renda, abriram uma pequena livraria na cidade de Brusque (SC). Sua vida leitora era intensa e voraz; para ela e seus irmãos, Lobato foi importante porque “ele nos fez gostar mais ainda de ler”.<sup>406</sup>

A leitura de um determinado livro pode marcar a vida leitora de uma criança? Pode despertar no leitor um desejo que ultrapasse os limites da leitura e se torne escrita? Alguns testemunhos apresentam o quanto foi importante a leitura no período infantil, em especial, a produção literária lobatiana.

Justino Martins destaca a possibilidade de ter sido a leitura das obras de Lobato, em especial a narrativa de *Jeca Tatuzinho*, a responsável pelo seu encaminhamento literário:

Mas Lobato pode bem ter sido um dos culpados da minha investida pela literatura, porque a verdade é que muitas vezes, depois, deixei de ir nadar com a molecada no regato do arrebalde para me debruçar de novo sobre aquela historia maravilhosa do fraco que se tornou forte.<sup>407</sup>

João Carlos Marinho confessa que a leitura do pessoalzinho do Sítio foi, das lembranças da infância, a mais marcante e emocionante e inesquecível. Morar no Sítio, no mundo imaginário criado por Lobato, deixou-lhe marcas profundas que ainda ecoam em sua memória afetiva: “Os livros de Lobato são inesquecíveis. Nunca mais deparei com um gomo de bambu ou um redemoinho de folha sem lembrar do Saci”.<sup>408</sup>

Zelinda Moneta, depois de ler toda a coleção completa de Lobato para a infância, “numa bela encadernação verde e prata, cujo conteúdo foi intensamente lido, relido e assimilado, por um tempo muito longo, nos anos seguintes”, destaca como fundamental a leitura dos livros de Lobato à sua formação:

Dela foram conseqüências naturais o desenvolvimento da linguagem e da expressão oral e escrita, assim como o hábito e o gosto da leitura ou o exercício da imaginação e da atividade mental. Além disso, a obra de Lobato funde ficção e transmissão de informações numa didática só

<sup>406</sup> KRIEGER, Maria de Lourdes. Sonhos no Sítio do Picapau Amarelo. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 5 jul. 1993.

<sup>407</sup> LOBATO, Monteiro. Um Mundo sem roupa suja..., op. cit., p.287.

<sup>408</sup> SILVA, João Carlos Marinho. *Conversando de Monteiro Lobato*. São Paulo: Obelisco, 1978. p.13.

possível àqueles capazes de sentir e compreender em toda sua plenitude a psicologia da infância.<sup>409</sup>

A consagrada escritora para a infância Ruth Rocha, que na juventude com frequência passava pela rua onde se localizava o prédio da Brasiliense só para ver o escritor, diz que leu tantas vezes os livros de Lobato que já perdeu a conta. A Lobato deve a sua propensão de escrever para as crianças: “se resolvi escrever só para crianças foi só por causa dele, tamanha a influência que teve na minha infância”.<sup>410</sup>

O escritor João Antônio, ao comentar sobre os estímulos recebidos para despertar sua vocação literária, cita a revista infanto-juvenil *O Crisol*, as leituras dos livros de Viriato Correia, Jerônimo Monteiro e Monteiro Lobato. A presença de Lobato em suas lembranças está consolidada também por outro tipo de narrativa: as histórias em quadrinhos, divulgadas através de álbuns pelo Café Jardim: “Saíam álbuns e os garotos os enchiam com figurinhas tiradas do pó do café. O primeiro álbum que eu enchi era uma história chamada *O homem das cavernas*, escrita por Monteiro Lobato”.<sup>411</sup>

A narrativa, na verdade *Um sonho na caverna*, foi uma das muitas escritas por Lobato para circular nos álbuns distribuídos gratuitamente pelo Café Jardim, na década de 40. No pacote desse café vinha uma quantidade de figurinhas com desenhos coloridos e numeradas, que deveriam ser coladas no álbum onde o texto estava impresso, em forma de história em quadrinhos. Aquele que completasse o álbum recebia como prêmio um livro da Coleção Terramarear.<sup>412</sup>

A representação da leitura através do testemunho dos leitores apresenta, mesmo que parcialmente, uma dimensão singular e particularizada da história pessoal de cada indivíduo. Percebe-se, por esse viés, que a experiência iniciática da leitura não se dá de forma linear e idêntica para todos; fatores históricos-sociais, culturais e, por que não, econômicos interferem e delimitam o acesso ao texto impresso.

As lembranças sobre o aspecto externo do livro, como capa, ilustração, materializadas nos relatos, contribuem para confirmar a revolução estética operada por Lobato, enquanto comerciante do livro e escritor preocupado com o aspecto físico e estético do material impresso destinado às crianças. O número de páginas dos livros, em

<sup>409</sup> DANTAS, Paulo, op. cit., p.196-197.

<sup>410</sup> ABRAMOVICH, Fanny, op. cit., p.155.

<sup>411</sup> ANTÔNIO, João. In: STEEN, Edla Van, op. cit., p.134.

<sup>412</sup> Encontramos um exemplar completo do Álbum do Café Jardim com a narrativa *Um sonho na caverna* no Acervo do Museu Monteiro Lobato.

especial *Reinações de Narizinho*, exerce no leitor opiniões diferentes. Para alguns, o número de páginas funcionava como obstáculo, um entrave à leitura; para outros, contudo, exercia uma função estimuladora.

O contato com a literatura de Lobato não se deu somente através de seus livros infantis. As suas narrativas construídas para fim publicitários, como *Jeca Tatuzinho*, para o Laboratório Fontoura, e *Um sonho na caverna*, para o Café Jardim, também chegavam às crianças como fonte de leitura e fixaram-se nas suas lembranças leitoras.

Os ambientes de leituras e seus protocolos, quando descritos, são regidos pela informalidade. Lê-se em qualquer posição: sentado, deitado junto à natureza. E em qualquer lugar: no lar, no consultório dentista, na escola. O espaço social da leitura se propaga.

Os depoimentos sobre o aspecto interno, a questão de conteúdo e forma das narrativas, apresentam-se de modo peculiar, pois se diferenciavam dos livros anteriores que circulavam no Brasil. Os leitores têm uma experiência de leitura que os convida a reflexões do seu cotidiano, na medida em que as narrativas perdem a imagem atemporal e a-histórica das compilações ou adaptações européias; tempo e lugar tornam-se próximos e familiares aos leitores.

A linguagem utilizada por Lobato em suas narrativas é marcada pela oralidade, distanciando-se do repertório literário costumeiro dos leitores, como explicita Lygia Bojunga Nunes. Esse tom de oralidade, aproximando a linguagem escrita da linguagem falada pelas crianças, faz com que sua literatura penetre de forma contundente no referencial de leitura.

A representação das personagens ficcionais é outro fato marcante nos depoimentos. Os leitores encontram-se com crianças de papel, que no entanto têm as suas características: crianças de carne e osso. A identificação com as personagens não se processa de maneira idêntica: se para alguns leitores a irreverência de Emília é o modelo a ser seguido, para outros a preferência recai em modelos mais comportados como os de Pedrinho e Narizinho.

A mediação da família no processo de leitura é descrito de forma harmoniosa e motivadora: tios, como os de Lygia e Zelinda, utilizam-se da data natalícia para estimular a leitura, presenteando o aniversariante com o objeto livro. Pais, como o de Justino Martins, trazem do balcão de uma farmácia a fonte de leitura para o filho. Mães, como a de Renata Pallottini, recorrem a mesma fonte bebida na infância para iniciar a filha à leitura.

A história de vida dos leitores, bem como a sua história leitora, estão imbricadas no processo de leitura; ao ler, o sujeito aproxima o texto à sua experiência. A liberdade das personagens e o convívio sem repressão com os adultos no mundo ficcionalizado tornam-se um espelho no qual os leitores gostariam de mirar-se, encontrar-se. Impossibilitados de transcender o mundo real, os leitores redimensionam pela ficção a sua relação com o outro. Porém, a percepção de mundo do leitor está vinculada ao seu momento histórico; dessa forma, o mundo ficcional encontra eco em sua experiência com o mundo real.

Com exceção de Júlio Gouveia, que teve contato com a obra infantil de Lobato aos vinte anos, aproximadamente, os depoimentos apresentam a apropriação dessa leitura entre os sete e onze anos de idade. Um período rico por excelência para a formação do gosto pela leitura.

#### 4.3 Da leitura à escritura: livros que se contam

Há lembranças da meninice que jamais se apagam do cérebro adulto, mesmo quando esse receptor de impressões não consegue, por fraqueza senil, reter as da véspera.<sup>413</sup>

As evocações de leituras, apresentadas pelos depoimentos registrados, delineiam um quadro amplo da prática de leitura dos livros infantis de Monteiro Lobato, possibilitando-nos observar a abrangência e a permanência das leituras realizadas na infância.

Paralelamente àqueles depoimentos, de natureza concreta e real, encontram-se textos ficcionais que podem ser lidos como testemunho de leitura, já que tematizam a intrincada relação texto e leitor. Acreditamos, também, que a opção de seus autores pela construção de um registro ficcional não invalida o intento de representação de uma leitura elaborada nos meandros da infância.

Os textos aqui selecionados, pelo seu caráter múltiplo, situam-se na linha limítrofe do real e do imaginário, da memória e da ficção. São eles: o conto *Felicidade clandestina* (1975), de Clarice Lispector, e o romance *O menino no espelho* (1982), de Fernando

---

<sup>413</sup> LOBATO, Monteiro. *Na antevéspera*. São Paulo: Brasiliense: 1964. p.91.



Sabino, bem como os livros infanto-juvenis: *Memórias da ilha* (1991), de Luciana Sandroni, e *Amigos secretos* (1996), de Ana Maria Machado. Quatro narrativas de um tempo provisório, eternizado pela memória: a infância.

A leitura do conto *Felicidade clandestina*<sup>414</sup> só tem sentido ao nosso propósito, à medida que for compreendido como “testemunho” da história de vida leitora da escritora. Ademais, mesmo sem apresentar explicitamente um registro autobiográfico, a narrativa traz à tona a infância pobre da menina Clarice na cidade do Recife.<sup>415</sup>

Nádia Gotlib, em sua biografia sobre Clarice Lispector, destaca a amizade da escritora na infância com Reveca, colega do Ginásio Pernambucano. Segundo depoimento da irmã de Reveca, Suzana Rorovitz, a irmã emprestava vários livros à Clarice, já que o pai era dono de uma livraria e em casa possuíam uma grande biblioteca. O empréstimo de um determinado título é protelado por Reveca e relatado com minúcias por Suzana, que descreve a interferência da sua mãe no caso: “Depois desse caso dos livros, ela nunca mais veio em casa. Ela devorava os livros com os olhos. Acho que nunca tinha visto tanto livro dentro de uma casa”.<sup>416</sup>

Mais do que um relato, o conto é uma declaração de amor à leitura, em especial ao objeto de desejo da menina-personagem: o livro de Monteiro Lobato, *Reinações de Narizinho*. Clarice Lispector, numa crônica do *Jornal do Brasil*, da década de 60, confessa essa fidelidade ao escritor taubateano: “Quanto a mim, continuo a ler Monteiro Lobato. Ele deu iluminação de alegria a muita infância infeliz. Nos momentos difíceis de agora, sinto um desamparo infantil, e Monteiro Lobato me traz luz”.<sup>417</sup>

No conto, o livro é descrito simultaneamente por suas características físicas e afetivas, despertando na personagem leitora o desejo irresistível das coisas inatingíveis: “Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o e completamente acima de minhas posses”.<sup>418</sup>

A voracidade leitora da personagem, de poucos recursos econômicos, faz com que se humilhe diante de uma colega da escola cujo pai é proprietário de livraria, o que lhe proporciona o livre acesso ao livro. Mesmo não sendo leitora costumaz, exerce, por sua

<sup>414</sup> LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.

<sup>415</sup> Clarice Lispector nasceu na Ucrânia, em 10 de dezembro de 1920(?), porém seus pais emigraram para o Brasil e foram residir na cidade de Recife, onde a escritora passou a infância.

<sup>416</sup> GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1995. p.100.

<sup>417</sup> *Ibid.*, p.108.

<sup>418</sup> *Felicidade clandestina*, op. cit., p.6.

posição privilegiada, o poder de monopolizar o acesso à leitura, em especial, a leitura do livro de Lobato.

A relação de poder estabelecida entre as duas meninas adquire natureza conflitual entre o desejado e o proibido. O livro torna-se objeto de desejo e de sadismo, já que a personagem leitora e a colega entram num jogo de esconde-esconde. A primeira, despojada de seu orgulho, reitera sistemática e diariamente o seu pedido leitor; enquanto cabe à segunda o exercício sádico da protelação. A leitura do livro torna-se prioridade para a personagem que registra em seu relato as sutilezas oriundas das tentativas incessantes em efetivá-la. O livro sempre é negado através de subterfúgios e desculpas nada sutis: ora foi emprestado, ora, tendo retornado, foi novamente emprestado para uma colega mais rápida.

A despeito das artimanhas engendradas pela colega para dificultar e inviabilizar o contato com o livro, a personagem prossegue no seu intento, tornando-se, aos poucos, cúmplice consciente dos desmandos da outra. A convicção perturbadora na possibilidade de efetivar a leitura a impulsiona e reaviva a persistência na busca diária do livro.

Porém, a duplicidade do desejo, do objeto e da conquista da leitura conduz a personagem à obediência, à humilhação e até mesmo à debilidade física, acentuadas pelas olheiras que aumentam dia após dia. Desenha-se na narrativa a degeneração da imagem moral e física da personagem.

A personagem não é vitimada pela (o)pressão do mundo adulto, prática tão comum nas relações mediadoras da leitura; quem desrespeita a individualidade infantil é outra criança. Dessa forma, a narrativa traz à tona o mundo egocêntrico e individualista que, muitas vezes, habita o universo infantil, ilustrando uma face psicológica pouco abordada desse período da vida. Cabe ao adulto, nessa narrativa, o bom senso de reabilitar a dignidade e libertar a personagem da peregrinação cotidiana.

O livro, que nunca havia sido emprestado, muito menos lido, não precisaria mais ser mendigado. A mãe, horrorizada com a descoberta do ato cruel e a perversidade da filha, empresta o livro por tempo indefinido. A leitura tão desejada, ansiada, agora é protelada pela própria menina, que vive a alegria e a felicidade, mesmo que clandestina, do encontro com o objeto tão esperado.

Dissipados os dissabores e assegurada a tranqüilidade da leitura, a personagem trava com o livro nova relação, mistura de adoração contemplativa e gestos apaixonados, numa conduta amorosa propiciada pelo prazer solitário da leitura e da posse do livro:

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com o livro: era uma mulher com o seu amante.<sup>419</sup>

O livro de Fernando Sabino provoca uma estranha sensação pela ambigüidade de sua apresentação. Ao abrir as páginas do livro *O menino no espelho*,<sup>420</sup> o leitor depara-se com a fotografia do autor menino “à época dos acontecimentos narrados”, criando uma expectativa sobre a veracidade dos fatos que serão expostos. No entanto, a problematização gerada pela categórica afirmação, em destaque com o título, que classifica o gênero adotado pelo escritor como romance, destitui o caráter memorialístico da narrativa.

Com esse artifício de esfacelar a expectativa inicial, o autor rompe com a pretensão do leitor de encontrar na leitura fatos verídicos da infância narrada. Resta ainda a dúvida: romance, uma coletânea de contos ou um livro de memórias? O próprio autor responde sobre a arquitetura do livro:

Adotei nele um critério inverso ao usual: em geral se escreve um romance com elementos da realidade como se fosse ficção. Fiz o contrário: usei a ficção como se fosse realidade; utilizei todas as minhas fantasias infantis, como se tivesse vivido tudo aquilo realmente.<sup>421</sup>

A narrativa possui enquadramento autobiográfico: a infância de Fernando Sabino na cidade de Belo Horizonte, o seu reinado absoluto no quintal de casa, os nomes verdadeiros dos membros da família, entre outros registros não menos factuais. Porém, como o próprio autor explicitou, o passado é recuperado não somente pela verossimilhança, mas pela capacidade de auto-elaboração da memória, criando um universo paralelo. Assim, a narrativa ultrapassa o mero reproduzir da realidade vivida na infância e adentra no campo do imaginário. Imaginário que habita e faz parte da realidade infantil.

O segundo capítulo do romance, “O canivete vermelho”, interessa-nos particularmente, pois ali encontram-se reminiscências das leituras do escritor quando

---

<sup>419</sup> Ibid., p.8.

<sup>420</sup> SABINO, Fernando. *O menino no espelho*. 36.ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

<sup>421</sup> SABINO, Fernando. *A vitória da infância*. São Paulo: Ática, 1995. p.9.

menino, em especial das revistas em quadrinhos e das narrativas do Sítio do Picapau Amarelo.

O menino Fernando fica impressionado ao assistir uma fita cinematográfica, em que a protagonista adquire inesperadamente poderes milagrosos. Ao chegar em casa ele descobre que inesperadamente também havia adquirido o poder de realizar desejos. Descoberto o poder de fazer milagres, o menino começa a tecer uma série de eventos mágicos e inesperados. Enche o quintal com galinhas semelhantes à sua, constrói uma piscina com um esconderijo e torna-se invisível. Cada milagre a seu tempo e sempre sob os olhos assustados da cozinheira Alzira, que acredita estar vendo assombrações.

O menino resolve contemplar desejos até então impensados: aproximar-se de seus heróis, de suas personagens favoritas. Dessa forma, as marcas da leitura tornam-se visíveis nos três próximos milagres: conhecer Tarzã, o “filho das selvas”, e o mágico Mandrake – certamente reminiscências das leituras das revistas em quadrinhos. Do último recebe de presente um canivete vermelho, objeto que lhe dará a certeza de ter vivenciado os fatos. O terceiro e último desejo contempla o universo ficcional de Monteiro Lobato. Com o poder de realizar seus desejos, o menino Fernando pede o grande milagre daquele dia: “ – Eu quero visitar o Sítio do Pica-pau Amarelo!”<sup>422</sup> Dessa maneira, o menino passa a tarde com as personagens do Sítio, trocando o espaço do quintal real pelo ficcional.

A aventura só tem fim quando cessa o poder milagreiro. Isso ocorre devido ao pedido de Pedrinho, que buscava um meio de comprovar para Tia Nastácia que a terra era redonda “e que os japoneses estão de cabeça para baixo, só não caem por causa da atração da Terra”.<sup>423</sup> De supetão o menino Fernando, com ar de superioridade, observa: “ – É a lei da gravidade. É só acabar com ela, para ver o que acontece”. O que era um simples pensamento torna-se uma ordem e o menino se vê obrigado a desejar que tudo volte como era antes do primeiro milagre.

Em *Memórias da Ilha*,<sup>424</sup> Luciana Sandroni explica de antemão o caráter memorialístico do livro, situando a sua narrativa nas lembranças da infância. A narradora, então com 27 anos de idade (1991), retoma os fatos acontecidos quando tinha oito anos e passava as férias na ilha de Itacuruçá, litoral sul do Rio de Janeiro, junto com seus três irmãos e avós. Sem televisão e energia elétrica, a ilha torna-se local ideal para as mil peripécias daquelas crianças de classe média.

<sup>422</sup> *O menino no espelho*, op. cit., p.56.

<sup>423</sup> *Ibid.*, p.57.

<sup>424</sup> SANDRONI, Luciana. *Memórias da ilha*. Rio de Janeiro: Agir, 1991.

A narrativa está sedimentada em fatos reais vividos pela autora, sendo que o único capítulo que foge dessa marcação é o que faz referência à leitura dos livros infantis de Monteiro Lobato. O mundo encantado do universo lobatiano penetra pela voz da mãe das crianças que, durante o mês que permanece na ilha, lê para o grupo os livros do escritor.

No entanto, a autora confia que aquela prática leitora era uma atividade singular e situada no espaço onírico da ilha; o retorno à vida cosmopolita e urbana do Rio de Janeiro fraturava de imediato a intimidade da leitura materna: “pena que esse hábito era uma tradição ilhesca e no Rio o Lobato só aparecia quando a luz faltava e as velas eram requisitadas”.<sup>425</sup>

A narrativa lobatiana mais presente nas lembranças desse momento de intimidade familiar com o livro, segundo a autora, é *Viagem ao céu*. O registro desse momento de leitura compartilhada introduz na narrativa o maravilhoso que habita no imaginário infantil. Momento único de escapadela para o inverossímil, a narrativa focaliza o imprevisível e surpreendente encontro de Luciana com as personagens de Lobato.

Certa noite, após a leitura da mãe, a menina se permite ficar com o livro até mais tarde, “só para ficar dando uma olhada nas ilustrações”, quando o livro escorrega, caindo no chão. Emília surpreendentemente repreende a menina e entabula conversação. Dessa forma inusitada a personagem depara-se, a convite da boneca, vivendo aventuras no céu.

Como na narrativa de *O menino no espelho*, a interferência da menina Luciana no desenrolar das aventuras no céu e, por conseqüência, na narrativa lobatiana, faz com que o tênue fio entre o real e o maravilhoso se desfça.

A narrativa de *Amigos secretos*<sup>426</sup> não tem o tom memorialístico dos demais livros. Todavia, como destaca Ana Maria Machado, a tessitura do livro foi elaborada com os fios e a trama de um desejo da infância: participar de uma aventura no Sítio do Picapau Amarelo: “Acho que talvez, de todos os meus livros, este seja o mais antigo em minha idéia. Quando eu era criança, e leitora do *Picapau Amarelo*, sempre sonhava em ir até lá e cismava que ia descobrir um jeito”.<sup>427</sup>

Narrado em primeira pessoa por Pereba, escolhido como porta-voz do grupo, o livro retrata a aventura vivida por um grupo de crianças e adolescentes, que passam as costumeiras férias na localidade de Cedrinho. O objetivo da narrativa é compartilhar com

---

<sup>425</sup> Ibid., p.89.

<sup>426</sup> MACHADO, Ana Maria. *Amigos secretos*. São Paulo: Ática, 1996.

<sup>427</sup> Ibid., p.116.

os leitores o segredo da aventura e, ao mesmo tempo, um pedido de socorro, buscar uma maneira de (re)encontrar os amigos secretos.

Proprietários de um “clubinho”, construído pelos pais, as crianças passam as férias, principalmente os dias de chuva, no espaço reservado para esse fim com uma “televisão meio quebrada e vídeo pifado” e outros “entulhos”. Nesse ambiente o grupo se depara com um imprevisto e perturbador acontecimento: o ingresso no mundo maravilhoso.

A inexperiência de um dos meninos em introduzir a fita no vídeo faz com que o livro de Monteiro Lobato *Reinações de Narizinho* sirva para empurrar a fita, ao mesmo tempo em que um beija-flor (mais tarde fica-se sabendo que era a fada Sininho) conecta a transmissão ao universo ficcional do Sítio do Picapau Amarelo.

O grupo de crianças penetra no plano fantástico do Sítio levando consigo o menino Durval, que estava sendo perseguido por um bando de malfeitores. As crianças conhecedoras das histórias lobatianas, através da leitura e/ou do seriado de televisão, conseguem compreender e apreender a dimensão daquele espaço como algo reconhecível e real. Já o menino Durval fica estupefato:

- Mas você veio conosco. A gente sempre pode trazer um amigo para esse mundo e aí ele fica conhecendo – prosseguiu Lu. \_ Mas o que eu estou querendo dizer é que, quando a gente lê muito, as coisas que existem nos livros passam a existir de verdade. Mas só para nós, que lemos. Então os bandidos, que não lêem, não vão ver.<sup>428</sup>

Num jogo intertextual, a autora introduz na narrativa outras personagens do universo da literatura infanto-juvenil: Peter Pan, a pirataria do Capitão Gancho e o inseparável inimigo número um do pirata, o crocodilo “Tic-Tac”; e ainda Tom Sawyer e Huckleberry Finn, personagens do escritor americano Mark Twain. Do universo ficcional da literatura clássica, são incorporados o Cavaleiro da Triste Figura, Dom Quixote, e o escudeiro Sancho Pança.

Segundo a autora, a seleção dessas personagens não se deu aleatoriamente, tendo sido escolhidos por sua afinidade com a leitura “os que eram loucos por livros”.<sup>429</sup> Peter Pan, que abandona sistematicamente a Terra do Nunca para ouvir as histórias da Senhora Darling; Tom Sawyer, que vive muitas de suas aventuras influenciado pela leituras que

---

<sup>428</sup> Ibid., p.49.

<sup>429</sup> Ibid., p.116.

faz; a turma do Sítio, sempre atenta às histórias de Dona Benta e às indicações de leituras. E Dom Quixote, que vive tão profundamente suas leituras dos romances de cavalaria, a ponto de não conseguir mais distinguir a realidade da fantasia.

O trânsito entre o imaginário e o real se torna difuso quando as personagens do mundo ficcional se unem ao grupo de crianças e auxiliam no salvamento do menino Durval, cuja vida está marcada por conflitos familiares. Reatados os laços familiares do menino, desfeitos os laços com o maravilhoso. Dom Quixote, confundindo o chamado de Tia Nastácia com o do seu inimigo Freston, corta o fio elétrico do aparelho televisor e desfaz o laço com o mundo imaginário:

Sumiu tudo da tela, enquanto uma ventania giratória, um rodãozinho, rodava pela sala, se afunilava e se metia lá dentro da tela, como se fosse um ralo de banheira chupando tudo para o fundo. Narizinho, Emília, Dom Quixote, Sancho, Tom Sawyer foram todos carregados. Girando, girando, o rodãozinho saiu pela janela, trouxe Pedrinho, Huck e Peter Pan voando lá de fora, engoliu os três também. Até o crocodilo passou rabeando pelos ares.<sup>430</sup>

Nas férias seguintes, Durval começa a fazer parte do grupo; só que agora ele havia descoberto o mundo dos livros, era um leitor com um vasto repertório de leituras, entre eles toda a obra infantil de Lobato; os livros de Mark Twain; de Alexandre Dumas e de vários autores brasileiros: “Se bobear, acaba virando escritor. Ou pega a loucura de Dom Quixote e de Tom Sawyer – a tal de achar que o mundo dos livros existe de verdade”.<sup>431</sup>

Se procedermos de forma inversa, contextualizando essas narrativas, não no seu momento de escrita, mas no tempo resgatado pela memória (no caso dos três primeiros textos), encontraremos alguns indícios reveladores da prática leitora de seus escritores e, por que não, de suas concepções de leitura, refletidas nas narrativas.

Clarice Lispector, nascida em 1920, focaliza as dificuldades econômicas de acesso ao livro. Apresenta um quadro sombrio da relação de poder estabelecida entre aquele que detém e aquele que almeja o objeto. Porém, a leitura é uma conquista prazerosa, metaforicamente erotizada na figura de um amante.

Fernando Sabino, também nascido na década de 20, põe em foco a introdução e a influência das revistas em quadrinhos na vida leitora das crianças daquele período. Ao

---

<sup>430</sup> Ibid., p.106.

<sup>431</sup> Ibid., p.107.

colocar no mesmo plano os heróis das revistas em quadrinhos e os heróis dos livros infantis, registra o seu convívio harmonioso com esses dois tipos de leitura na infância.

Luciana Sandroni (1962), por sua vez, problematiza o esgotamento da prática de leitura coletiva. O espaço urbano, com seu arsenal diversificado de atrativos, inviabiliza as relações de convivência com o livro. Já Ana Maria Machado (1942) aponta para a possibilidade de inserção da leitura no espaço contemporâneo: computadores, videogames, videocassete e a televisão, como na narrativa, tornam-se suportes para a relação com o maravilhoso.

As quatro narrativas, cada qual a seu modo e a seu tempo, refletem as vivências de seus autores e a crença na leitura e no papel que essa pode desempenhar na formação do leitor. Os livros de Lobato assumem, nessas narrativas, a força reveladora e imantada da leitura. Na marcha alegre da menina Clarice pelas ruas do Recife, em companhia do livro conquistado a duras penas; na proeza milagrosa de Fernando, que troca o quintal de Belo Horizonte por uma tarde com o pessoalzinho do Sítio do Picapau Amarelo; na leitura materna das lembranças da Luciana, no isolamento de Itacuruçá; ou no universo fictício de Cedrinho onde Ana Maria, de certo modo, reconstituiu seu desejo infantil.

O testemunho desses escritores soma-se e aglutina-se a tantos outros leitores que, não tendo o ofício da escrita, tornam-se anônimos, mas nem por isso desprovidos de suas lembranças leitoras. Livros que se contam, (re)contam a construção de sensibilidades leitoras.

#### **4.4 Livros que contam Lobato**

A vida e a obra de Monteiro Lobato constantemente são revisitadas, resultando em vários estudos biográficos. Ora, é evidente que aquele que se debruça sobre a tarefa de redigir uma vida, em particular a de um escritor, deve conhecer seu itinerário de escrita e, por isso, ser leitor atento, não só da vida, como da literatura daquele a quem quer focalizar.

Dentro do conjunto de biografias lobatianas, gostaríamos de fazer alusão, mesmo que brevemente, a um pequeno grupo que, por sua construção *sui generis*, merece destaque. São elas: *Um personagem chamado Pedrinho: a vida de Monteiro Lobato* (1970), de Sidônio Muralha; *Presença de Lobato* (1973), de Paulo Dantas; “Era uma vez”



(1981), de Ruth Rocha; *Minhas memórias de Monteiro Lobato* (1997), de Luciana Sandroni, e *A boneca e o Saci* (1998), de Lino Albegaria.

Coincidentemente, esse grupo de escritores voltou o seu trabalho literário para o público infantil e juvenil, e seus textos biográficos, de certo modo, acabam por contemplar esse mesmo público. Tal afirmação se faz verdadeira na medida que esses textos são elaborados de forma dinâmica, introduzindo estratégias de narrativa que quebram com a estrutura rígida e documental do gênero biográfico; alguns ainda se utilizam de estratégias semelhantes às de Lobato na construção de seus textos.

O escritor português Sidônio Muralha, que viveu no Brasil durante vinte anos (1962-1982), constrói a biografia de Lobato utilizando-se da personagem Pedrinho como interlocutor. Num diálogo entretecido da imagem romanticizada do escritor, o narrador apresenta à personagem o seu criador, com sua natureza polêmica e contraditória. A boneca Emília também é requisitada, mesmo de forma breve, para expor a Pedrinho algumas facetas de Lobato.

Nelly Novaes Coelho destaca esse livro biográfico entre as obras de Sidônio Muralha para crianças, porém, enfatiza que o escritor “traçou um retrato de Monteiro Lobato que leitores meninos ou adultos ganhariam em ler, para terem uma idéia de quem foi esse homem, escritor e cidadão...”<sup>432</sup> Deixando de lado a delimitação do leitor, a autora amplia o foco de recepção do livro.

O livro *Presença de Lobato*, de Paulo Dantas,<sup>433</sup> é um registro biográfico de Monteiro Lobato que merece destaque pela sua escrita em primeira pessoa, como se o próprio escritor estivesse a dialogar com o leitor. Para dar maior verossimilhança a essa característica, Dantas incorpora ao discurso narrativo falas do próprio Lobato, pinceladas de sua vasta produção literária.

O livro está dividido em duas partes: “No vale nasce um homem” e “Minha luta acima de tudo”. A personagem Emília aparece na segunda parte da narrativa e dialoga com o seu criador. A boneca recrimina o abatimento de Lobato, provocado pela perda dos dois filhos, e o encoraja para a vida:

\_ Pai, o senhor anda muito abatido e neurastênico. Não se agaste com mais nada. O senhor já fez muito por nós. Narizinho anda querendo um vestido novo, o malandro do

<sup>432</sup> COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: Séculos XIX e XX*. 4.ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. p.1.025.

<sup>433</sup> DANTAS, Paulo. *Presença de Lobato*. São Paulo: Editora do Escritor, 1973.

Rabicó quer uma casaca nova e solene, e o Quindim uma outra casca mais grossa, paquidérmica para sentar, tapando numa imitação do governo, o poço do Caramingoá número 1. O Pedrinho quer um cavalo alado e o Saci, a sua outra perna.<sup>434</sup>

De forma nada comum, a biografia de Monteiro Lobato é tecida por uma multiplicidade de vozes que têm como objetivo comum: dar vez ao próprio discurso de Monteiro Lobato.

O texto de Ruth Rocha “Era uma Vez”<sup>435</sup> (1981) compõe a parte introdutória do livro de literatura comentada sobre a obra do escritor. Deslocando seu ponto de vista do senso comum, que consiste em narrar de forma cronológica os fatos mais marcantes da vida do biografado, a autora utiliza-se da própria arquitetura lobatiana para construir a sua imagem, tecendo um diálogo criativo sobre Lobato entre as personagens do Sítio do Picapau Amarelo. A pedido dos próprios netos, Dona Benta narra mais uma história à sua moda, só que o foco principal é Monteiro Lobato. Com a comum e conhecida interferência das narrativas lobatianas, Pedrinho, Narizinho e a boneca Emília auxiliam na própria narrativa da trajetória do escritor.

No livro *Minha memórias de Lobato*,<sup>436</sup> Luciana Sandroni dialoga de forma primorosa com o livro de Lobato *Memórias de Emília*. Como se fosse uma re-edição do livro, a boneca de pano e o sabugo de milho se unem para compor um livro de memórias, só que agora a do escritor que os originou.

Como em *Memórias da Emília*, a boneca constrói, paralelamente ao discurso do Visconde, uma “memória fantástica” sobre Lobato, esfacelando a fronteira entre a vida vivida, pesquisada pelo sabugo e a vida inventada, criada por ela, objetivando apresentar: “tudo o que nunca aconteceu mas era o que devia ter acontecido”.<sup>437</sup>

Utilizando-se de recursos tipográficos, a autora destaca em itálico os trechos informativos, isso é, aqueles que estão colados à realidade vivida pelo escritor, destacando as informações especificamente biográficas. A capacidade inventiva e

---

<sup>434</sup> Ibid., p.118.

<sup>435</sup> ROCHA, Ruth. Era uma Vez. In: LAJOLO, Marisa. (org.) *Monteiro Lobato*. (Literatura Comentada) São Paulo: Abril Educação, 1981. p.3-5.

<sup>436</sup> SANDRONI, Luciana. *Minha memórias de Lobato, contadas por Emília, Marquesa de Rabicó, e pelo Visconde de Sabugosa*. Ilust. Laerte. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997. Recentemente a autora lançou outro livro em que dá vida as personagens lobatianas: *O sítio no descobrimento: a turma do Picapau Amarelo na expedição de Pedro Álvares Cabral*. Ilust. Roberto Funkue. São Paulo: Globo, 2000.

<sup>437</sup> Ibid.

(re)criadora da autora contribui para que o pequeno leitor conheça, nas entrelinhas, o papel desempenhado por Monteiro Lobato nas letras brasileiras.

No livro de Lino Albergaria, *A boneca e o saci*,<sup>438</sup> a voz narrativa é concedida ao moleque Saci Pererê, que narra a sua inusitada visita à Fazenda São José do Buquira. A curiosidade faz com que o moleque percorra as dependências do casarão, em busca de um som insuspeitado: o ronco de Lobato. No entanto, o narrador depara-se com a boneca Emília e, junto com ela e através do artifício do pó de pirlimpimpim, viajam no tempo, no sono e no sonho de Lobato, desvendando os passos da conturbada vida do escritor.

O passeio pelo sonho de Lobato segue uma ordem cronológica inversa, apresentando o escritor em campanha pelo petróleo, a sua prisão no Estado Novo, o seu envolvimento com o projeto editorial. São passagens de sua vida, metaforizadas em sonhos agitados, que começam a serenar quando o escritor relembra a paz do Sítio do Picapau Amarelo, o casamento com Pureza, a vida universitária, até chegar à infância. Assim, quando a boneca e o Saci abandonam o seu sonho, já “era um sonho tranquilo, um sonho de menino”.

O livro une duas figuras que povoaram a infância de gerações: uma folclórica, desvendada por Lobato já no início de sua carreira, quando promoveu um inquérito; outra ficcionalmente livresca, debochada, dadeira de nomes e criadora de línguas...uma simples boneca de pano que virou gatinha. Mais do que homenagem, o livro se presta a revelar ao pequeno leitor a face do Lobato sonhador.

As cinco biografias não se furtam de expor os elementos informativos essenciais do itinerário de Monteiro Lobato: suas campanhas, andanças e errâncias em prol de tantos empreendimentos, ora objetivando fins particulares, ora coletivos. O que merece destaque é a forma como esses textos foram estruturados, instaurando na composição narrativa elementos constitutivos da escrita lobatiana, quer seja acolhendo suas personagens como interlocutores, quer seja aderindo à técnica narrativa, como fez Luciana Sandroni em suas memórias.

Os vinte depoimentos de leituras, os quatro livros ficcionais e os cinco textos biográficos aqui selecionados testemunham, por caminhos diferentes, a recepção da

---

<sup>438</sup> ALBERGARIA, Lino. *A Boneca e o Saci*. Ilust. Andréa Vilela. Belo Horizonte: Dimensão, 1998.

literatura infantil de Lobato. Embora essas fontes se encontrem filtradas pela visão do presente, na tentativa de dar sentido a uma experiência do passado, não deixam de ilustrar a recepção. No próximo capítulo, no entanto, os depoimentos emergiram do momento presente da leitura, através de pequenos bilhetes, cartas, fotografias dirigidas ao escritor pelo leitor criança.

## CAPÍTULO 5

*O LEITOR, ESSE CONHECIDO*

## 5.1 A invenção do leitor

Monteiro Lobato adota em sua produção literária para crianças vários procedimentos narrativos como proposta de interlocução com o leitor. Ao término de algumas histórias antecipa os acontecimentos da próxima aventura, outras vezes retoma fatos de narrativas anteriores. O que mais chama a atenção é a representação de um leitor construído pela projeção idealizada do escritor, que entra em cena simulando reações e situações de leitura.

Antecipando a recepção de seus livros, Lobato representa e “inventa” em suas narrativas o leitor em plena atividade leitora ou exercendo os poderes facultados pela leitura. Já a fama de suas personagens, conhecidas e reconhecidas pelos leitores, extrapola os limites territoriais, e os livros de sua lavra são lidos por crianças e por adultos, independente da nacionalidade e do espaço geográfico.

Em *Geografia de Dona Benta* (1935), o pessoalzinho do Sítio viaja pelo mundo no navio imaginário “Terror dos Mares”; entre os vários lugares visitados pelo grupo está Macau, na China. Lá as personagens lobatianas se deparam com crianças, filhos de portugueses, que as reconhecem de imediato, por terem acesso e serem leitoras dos livros que narram as suas histórias:

- Tu não és a tal Narizinho, neta da senhora Dona Benta? – perguntou o guri aproximando-se.
- Sim, sou... Como sabe?
- Ah, é que temos aqui uma livraria que recebe os livros do Brasil e lá comprei a história das tuas renações, e as “Caçadas de Pedrinho” e a Aritmética da Senhora Emilinha... Sei tudo de cor...”<sup>439</sup>

Na continuidade da viagem, Emília resolve dar “uma espiada na África” através de uma luneta e vai descrevendo com minúcias ao grupo o que encontra na pequena cidade de Lourenço Marques. Também ali existem leitores das narrativas lobatianas, em especial um menino português que lê atentamente *Emília no país da gramática*. A boneca descreve ainda os vários títulos do Sítio na sua estante, entre eles: *Reinações de Narizinho*, *As caçadas de Pedrinho*, *Viagem ao céu...* Como que para confirmar a

---

<sup>439</sup> LOBATO, Monteiro. *Geografia de Dona Benta*. São Paulo: Brasiliense, s.d. p.1.062.

veracidade da sua descrição a boneca argumenta: “Estou vendo o nome da livraria que lhe vende esses livros. Chama-se Livraria Minerva...”<sup>440</sup>

O relato poderia passar despercebido e ficar só no campo da textualização do leitor, se não fosse a informação de que, em 20 de fevereiro de 1937, o menino português Manuel Pedro Oliveira Marques, residente na África, escreveu a Lobato. Na carta, ele confia que gostaria muito de conhecer o escritor pessoalmente, mas, impossibilitado pela distância geográfica, solicita-lhe uma foto. Ele informa ser proprietário de quinze volumes da coleção infantil e observa que: “Quando vou a Minerva Central com minha mãe sempre lhe peço para me comprar livros de Vossa Excelência”.<sup>441</sup>

Ao colocar na narrativa, juntamente com leitores supostamente inventados, informações concretas de um leitor real, Lobato abre o precedente para pensarmos que seus livros possam ter realmente atingido o espaço geográfico das colônias portuguesas; possibilidade que mereceria maior atenção e pesquisa para ser comprovada.

No livro *Aritmética da Emília* (1935), a personagem Narizinho deixa transparecer em sua fala, a respeito da loucura de Emília, o quanto a criança, leitora das histórias do Picapau Amarelo, admirava a boneca: “– Louca, nada, vovó! – respondeu a menina. Emília está assim por causa da ganja que lhe dão. No Brasil inteiro as meninas que lêem estas histórias só querem saber dela – e Emília não ignora isso. É ganja demais”.<sup>442</sup>

Em *Dom Quixote das crianças* (1936), a feitura dos livros de Lobato torna-se tema das reflexões de Narizinho, que acredita que o escritor esteja concedendo regalias a Emília. Como em *Aritmética*, a menina deixa vir à tona o seu ciúme pela posição privilegiada da boneca no imaginário do leitor. Por que querer Cervantes para contar suas histórias, se Emília já tem Lobato?

– Exigente! Você já anda bem famosinha no Brasil inteiro, Emília, de tanto o Lobato contar as suas asneiras. Ele é um enjoado muito grande. Parece que gosta mais de você do que de nós – conta tudo de jeito que as crianças acabam gostando mais de você do que de nós. É só Emília pra cá, Emília pra lá, porque a Emília disse, porque a Emília aconteceu. Fedorenta...”<sup>443</sup>

---

<sup>440</sup> Ibid., p.1.082.

<sup>441</sup> Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), localizado na USP – Arquivo Raul de Andrada e Silva (ARAS).

<sup>442</sup> LOBATO, Monteiro. *Aritmética da Emília*. São Paulo: Brasiliense, s.d. p.381.

<sup>443</sup> LOBATO, Monteiro. *Dom Quixote das crianças*. São Paulo: Brasiliense, s.d. p.916.

N’*As memórias de Emília* (1936), o grupo de leitores das narrativas lobatianas é bastante heterogêneo, contemplando desde a rainha da Inglaterra, que já ouvira falar das proezas de Emília, às crianças daquele país que visitam o Sítio para conhecer o anjinho de asas quebradas, “Flor das Alturas”, que a boneca trouxera do céu.

Outra leitora inventada pertence ao universo das celebridades cinematográficas: Shirley Temple, estrelinha das fitas americanas dos anos 30, que, pela sua condição de criança, pertence ao duplo maravilhoso: o mundo da infância e o do cinema. Questionada pela menina sobre o motivo da visita, Emília conta os planos de empregar-se na Paramount. A menina atriz declara-se leitora dos livros que contam as histórias do Sítio, para espanto de Emília: “Ora, Emília! Quem não conhece a marquesa de Rabicó? Fique sabendo que em Hollywood todos sabemos de corzinho aqueles livros onde vêm contadas as suas estórias”.<sup>444</sup>

O desejo de ser conhecido em Hollywood e a admiração de Lobato pelas produções Disney estão presentes também em *Geografia de Dona Benta*, onde o grupo é ciceroneado por um brasileiro, funcionário da Paramount. Sabe-se que alguns brasileiros tentaram intermediar o contato do escritor brasileiro com a Walt Disney Productions, entre eles Luiz de Toledo Piza, que enviou o livro *O Picapau Amarelo* para o estúdio, com a proposta de adaptação para o cinema. A resposta, mesmo negativa, demonstra que os textos dele não eram desconhecidos pela empresa americana de entretenimento:

O Senhor Lobato não é desconhecido por nós pois inúmeros brasileiros, que dividem sua admiração pelos trabalhos de Lobato, nos escrevem sobre estes. Na equipe do Estúdio estão vários brasileiros e eles também mencionam o entusiasmo que as crianças brasileiras têm por “O Picapau Amarelo” e o “Saci”.<sup>445</sup>

Em *O poço do Visconde* (1937), Dona Benta adverte Emília sobre o seu comportamento e a sua linguagem, criticados por vários professores. Lobato apresenta em seu discurso ficcional um público leitor que não é a criança e sim aquele que funciona como mediador da leitura: o professor. “– Emília, as professoras e os pedagogos vivem

<sup>444</sup> LOBATO, Monteiro. *Memórias da Emília*. São Paulo: Brasiliense, s.d. p.283.

<sup>445</sup> LOPES, Eliane Maria Teixeira et al. *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.119.



condenando esse seu modo de falar, que tanto estraga os livros do Lobato. Já por vezes tenho pedido a você que seja mais educada na linguagem”.<sup>446</sup>

A fala de Dona Benta focaliza e tematiza a censura, sofrida na época pelos livros do escritor, em especial à linguagem utilizada pela personagem de pano, considerada pelos professores como inadequada à formação das crianças brasileiras.

Na mesma narrativa, logo após a descoberta de petróleo no Sítio, Pedrinho manda um novo comunicado, agora convidando aqueles que duvidavam da extração e de sua existência a “ver para crer”. A assinatura do remetente: Pedro Encerrabodes de Oliveira, poderia causar dúvidas naqueles que desconhecem as narrativas lobatianas, nunca aos seus leitores:

(...) Quem era esse tal Encerrabodes? Ninguém sabia. Só as crianças do Brasil sabiam que Pedro Encerrabodes de Oliveira não podia ser outro senão Pedrinho, o neto de Dona Benta Encerrabodes de Oliveira.

– É Pedrinho! É Pedrinho! – afirmaram as crianças de todo o país. – É o neto de Dona Benta! Ele disse que ia tirar petróleo e tirou mesmo!...

Mas as gentes grandes, marmanjões pretensiosos, riram-se das crianças, dizendo: ‘Há de ser então uma das muitas maluquices do tal sítio de Dona Benta, que o tal Lobato vive contando. Brincadeira’.<sup>447</sup>

Os leitores inventados não se restringem ao público infantil: em *A reforma da natureza* (1941), Dona Benta e Tia Nastácia são convidadas para representar a humanidade na Conferência, por sugestão do Rei Carol, representante da Romênia, que tece elogios à pequena república que elas governam, na América do Sul, o Sítio do Picapau Amarelo: “Proponho que a Conferência mande buscar as duas maravilhas para que nos ensinem o segredo de bem governar os povos”.<sup>448</sup>

Se a leitura do Rei Carol aparece de forma implícita no discurso, o mesmo não se dá com o representante dos ingleses, o Duque de Windsor, que apóia a iniciativa do outro com conhecimento de causa, porque a Duquesa lhe havia lido as histórias daquele “maravilhoso pequeno país”. Pela boca do inglês todos os chefes e ditadores da Europa ficam conhecendo as reinações das personagens do Sítio:

<sup>446</sup> LOBATO, Monteiro. *O poço do Visconde*. São Paulo: Brasiliense, s.d. p.710.

<sup>447</sup> Ibid., p.750.

<sup>448</sup> LOBATO, Monteiro. *A reforma da natureza*. São Paulo: Brasiliense, s.d. p.1.185.

O interesse foi tanto que pouco depois todos aqueles homens estavam sentados no chão, em redor do Duque, ouvindo as histórias e lembrando-se com saudades do bom tempo em que haviam sido crianças e, em vez de matar gente com canhões e bombas, brincavam na maior alegria de ‘esconde-esconde’ e ‘chicote-queimado’”.<sup>449</sup>

Em *A chave do tamanho* (1942), as crianças da família do Major Apolinário, Juquinha e Candoca, apesar do tamanho diminuto em que se encontram, reconhecem, naquela pequena figura despida, a boneca personalizada que aparece nos livros que lêem: “– É a Emília mesmo, mamãe! – gritou um menino que também estava por ali e só então ela viu. – Conheço os livros que falam dela. A cara é a mesma, o jeito é o mesmo. Só falta a roupinha de xadrez”.<sup>450</sup>

Em “O centaurinho”, narrativa incluída em *Histórias diversas* (1959), o Sítio recebe a inesperada visita de um filósofo inglês, que retornando ao seu país informa a Bernard Shaw que a língua universal que a humanidade sonhava estava sendo gestada no Sítio do Picapau Amarelo, fazendo o dramaturgo anotar em seu caderninho: “Descobrir Emília e conversar com ela”.<sup>451</sup> Nessa narrativa os leitores são informados de que o Visconde de Sabugosa pertence à academia de letras, porém sua candidatura sofreu ferrenha oposição, principalmente “dos imortais que não tinham em casa filhos crianças e portanto ignoravam quem fosse o tal ‘sabugo científico’”.<sup>452</sup>

A ficcionalização dos leitores e do ato da leitura introduzidas nas narrativas de Monteiro Lobato ganha novo peso quando essa representação surge de forma nomeada, com endereço e atestado de leitura, como veremos a seguir.

## 5.2 Leitores históricos: carne, osso e sentimento

O Mundo da Fábula não é realmente nenhum mundo de mentira, pois o que existe na imaginação de milhões e milhões de crianças é tão real como as páginas deste livro. O que se dá é que as crianças logo que se transformam em gente grande fingem não mais acreditar no que acreditavam.<sup>453</sup>

<sup>449</sup> Ibid., p.1.186.

<sup>450</sup> LOBATO, Monteiro. *A chave do tamanho*. São Paulo: Brasiliense, s.d. p.1.121.

<sup>451</sup> LOBATO, Monteiro. *Histórias diversas*. São Paulo: Brasiliense, s.d. p.497.

<sup>452</sup> Ibid.

<sup>453</sup> LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*. São Paulo: Brasiliense, s.d. p.787.

A perspectiva de mobilidade das personagens do Picapau Amarelo entre o mundo real (Sítio) e o imaginário (mundo das fábulas) não é uma característica única desse pessoalzinho, já que Monteiro Lobato insere nesse mesmo espaço-límite as personagens do mundo de verdade (crianças contemporâneas à obra) e do mundo de mentira (personagens ficcionais).

Edgard Cavalheiro,<sup>454</sup> ao abordar a relação do leitor histórico com as obras infantis de Lobato, frisa o desejo e os pedidos constantes das crianças de participarem das aventuras maravilhosas no Sítio do Picapau Amarelo: comer os bolinhos de Tia Nastácia, ouvir as histórias de Dona Benta, fazer reinações junto com Pedrinho e Narizinho. Em algumas narrativas, o escritor contempla seus leitores dando a chance e a vez de participarem das aventuras como nos livros: *O Circo de escavalinhos* (1929), *As caçadas de Pedrinho* (1933), *O Picapau Amarelo* (1939) e *A reforma da natureza* (1941).

Em *O circo de escavalinhos* o pessoal do Sítio realiza um concurso para ver quem tem “a melhor idéia”. A idéia de Emília de criar um circo de cavalinhos, ou “círculo de escavalinhos”, sai vencedora. Para assistir ao espetáculo circense são convidadas as personagens do mundo maravilhoso e do Reino das Águas Claras. No entanto, os convidados não pertencem somente ao mundo encantado dos livros: Lobato insere pela primeira vez em seus livros infantis os leitores de carne e osso, trazendo à narrativa crianças pertencentes ao seu círculo de amigos e parentes:

Pedrinho tirou várias cópias do programa para pôr dentro das cartas de convite que ia enviar aos seus amigos e às amigas de Narizinho. Ia um convite para a menina Maria da Graça Sampaio, que estava morando num país muito longe, para lá do mar. Ia outro para um amigo íntimo de Pedrinho, o Alariquinho Silveira, que morava no Rio. Outros, para o João Fernandes, o Quirino de Castro e a Therezinha Malhado, que morava em São Paulo. E finalmente outros para o Galeano de Almeida, o Rubens Carneiro e o Hélio Natividade, que morava em Taubaté.

---

<sup>454</sup> CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Nacional, 1955. v.2. p.600.

– Você esqueceu a Lourdita Rezende, que mora no Rio, perto daquele jardim cheio de cutias – advertiu Pedrinho.<sup>455</sup>

Nesse período Lobato residia em Nova Iorque, exercendo a função de adido comercial brasileiro e, ao elaborar seu livro infantil, introduz algumas crianças reais e próximas de suas relações nas aventuras do Sítio. Essa atitude parece coerente, na medida em que ele acreditava que “é preciso que o Passado cultive relações com o Futuro próximo”.<sup>456</sup> Deixa antever sua proposta de depositar no leitor-criança as esperanças para um novo amanhã.

Entre os ilustres convidados estava a menina Maria da Graça Sampaio, filha de Sebastião Sampaio, que exercia a função de cônsul brasileiro em Nova Iorque, por isso a expressão “morando num país muito longe”.

Alarico Silveira Júnior, filho do amigo Alarico Silveira, é informado em carta, um ano antes, sobre a sua visita ao Sítio, quando o escritor pede ao menino uma fotografia para que o ilustrador possa representá-lo. Em carta de 31 de janeiro de 1929, Lobato novamente acena com a possibilidade do menino visitar o universo do Picapau Amarelo: “Este mês tenho de escrever mais dois livros para serem publicados aí e vou botar num deles o meu amigo íntimo. Vou fazer meu amigo íntimo aparecer na casa de Narizinho e passar uma tarde inteira brincando com ela e Rabicó. Quer?”<sup>457</sup>

Finalmente, em 10 de setembro de 1929, Lobato escreve a Alariquinho, enviando um exemplar de *O circo de escavalinhos*, cumprindo a promessa de colocá-lo frente a frente com os netos de Dona Benta:

Junto com esta estou mandando um exemplar do *Circo de Escavalinhos*, onde aparece um tal Alariquinho que está com jeito de ser você. O impressor botou o retrato dele logo na segunda página, em vez de o botar no ponto em que o meu amigo íntimo aparece na história, de visita ao pessoalzinho do Sítio do Picapau Amarelo. Creio que é esse o único erro do livro, não contando outro errinhos de revisão que o amigo certamente desculpará.<sup>458</sup>

---

<sup>455</sup> LOBATO, Monteiro. *O circo dos escavalinhos*. São Paulo: Nacional, s.d. p.9. Em edição posterior, a narrativa recebe o título de *O circo de cavalinhos*, e os convidados do “mundo real” não são denominados. O interesse primeiro de contemplar seus leitores mais próximos parece fenecer e o autor limpa o texto, deixando somente o seguinte: “Pedrinho tirou várias cópias do programa e as pôs dentro das cartas de convite que ia enviar aos seus amigos e às amigas de Narizinho”.

<sup>456</sup> LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1964. v.1. p.283.

<sup>457</sup> Ibid., p.273.

<sup>458</sup> Ibid., p.293.

A resposta do menino, de seis anos de idade, não demora a chegar. Alheio aos erros tipográficos, ele agradece ao escritor a sua presença na narrativa: “Muito obrigado do livro que eu gostei muito. Eu achei muito engraçado eu aparecer de aeroplano no Sítio do Picapau Amarelo”.<sup>459</sup>

Em *As caçadas de Pedrinho*, os netos de Dona Benta, Narizinho e Pedrinho, mais uma comitiva integrada por Visconde de Sabugosa, Emília e o Marquês de Rabicó, preparam-se para viver uma grande aventura: caçar uma onça no Capoeirão dos Taquaraçus. As armas para o embate correspondiam a uma espingarda confeccionada por Pedrinho com um cabo de guarda-chuva e gatilho puxado a elástico, a munição resumia-se a “pólvora duns pistolões sobrados da última festa de São Pedro”;<sup>460</sup> Narizinho levou uma faca de cortar pão; o Visconde, comandante da expedição, era portador de um sabre feito de barril, e Emília ia armada com o espeto de assar frangos; a Rabicó restaram os arreios que puxavam um canhãozinho feito de um tubo de chaminé.

Apesar do despropósito das armas, o pequeno exército consegue dar cabo da onça e regressa à casa vitorioso. Na floresta, os animais assustados se reúnem e decidem atacar o Sítio. Contudo, Emília é avisada do ataque por seus espiões, um casal de besouros cascudos, oportunizando a defesa através da idéia de Pedrinho: confecção de pernas-de-pau.

Na noite que antecede o ataque, surge uma curiosa visita, a menina Cléo, filha de Octalles Marcondes Ferreira, amigo e ex-sócio de Lobato:

– Quem é você, menina? – perguntou Dona Benta, meio desconfiada.

– Não me conhecem? – tornou a desconhecidazinha com todo o espivitamento. – Pois sou a Cléo...

Foi uma alegria geral. Não havia ali quem não conhecesse de nome a famosa Cléo, que falava pelo rádio e de vez em quando escrevia cartas a Narizinho, dando idéias de novas aventuras.<sup>461</sup>

Em carta a Rangel, datada de 3 de dezembro de 1931, Lobato comenta o seu encontro com Cléo, apresentando ao amigo a sua aproximação e o efeito de sua obra junto

---

<sup>459</sup> IEB – ARAS.

<sup>460</sup> LOBATO, Monteiro. *As caçadas de Pedrinho*. São Paulo: Brasiliense, s.d. p.162.

<sup>461</sup> *Ibid.*, p.175.

aos pequenos leitores. A menina, num imprevisto encontro numa estação de rádio, ajudara-o a desenvolver uma conversação sobre sua produção infantil:

E ontem falei no Rádio com a filhinha do Otales, a Cleo, uma menina que é um encanto de desembaraço. Dialogamos inventadamente sobre o que nos veio a cabeça e todos gostaram. Acharam ‘uma coisa muito bem feita’. Não foi feita coisas nenhuma. Alguém me havia convidado para dizer algo ao microfone. Recusei. Nesse momento apareceu o Otales com a Cleo. Conteí o caso a ela: ‘Vamos falar, Lobato!’ e resolvi então aceitar o convite. ‘Sobre o que falaremos, Cleo?’ E ela: ‘Sobre o sítio de Dona Benta, sobre a Emília, o Visconde... Você pergunta e eu respondo.’  
 – ‘E se engasgamos, Cleo?’  
 – ‘Eu desengasgo você e você me desengasga...’<sup>462</sup>

Na narrativa, a menina descreve-se como leitora dos livros de Lobato e admiradora daquele espaço maravilhoso no qual sempre desejou morar; muito diferente de São Paulo “uma cidade muito desenxabida, com um viaduto muito feio e gente apressada, passeando pelas ruas”.<sup>463</sup>

A fama do Sítio abarca tanto o mundo de verdade como o mundo de mentira, e são as personagens destes dois mundos que o visitam em *O Pica-pau Amarelo*. O pessoalzinho recebe uma carta do Pequeno Polegar à Dona Benta, solicitando a permanência definitiva dos habitantes do Mundo da Fábula no Sítio. Dona Benta responde favoravelmente, desde que os novos moradores não ultrapassem, sem permissão, os limites das terras novas, espaço comprado e criado para a moradia das personagens maravilhosas, entre elas Pequeno Polegar, Branca de Neve e os sete anões, as princesas Rosa Branca e Rosa Vermelha, o príncipe Condadade, com Aladino, a Xerazade e o pessoal todo das *Mil e uma noites*; Capinha Vermelha; Gata Borracheira; Peter Pan com os Meninos Perdidos do *País do Nunca*, mais o Capitão Gancho e toda a pirataria com o crocodilo atrás; Alice do *País das Maravilhas*; La Fontaine e Esopo, acompanhados de todas as fábulas; Barba Azul; o Barão de Münchhausen e todas as personagens dos contos de Andersen e Grimm; além de D. Quixote e Sancho Pança.

A sábia decisão de Dona Benta dava àquelas personagens um novo alento, pois elas sempre desejaram ter um lugar só seu: “Eles sempre sonharam uma coisa assim. Nunca puderam habitar sossegados numa terra que fosse unicamente deles. Uns moravam

<sup>462</sup> LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964. v.2. p.325.

<sup>463</sup> *As caçadas de Pedrinho*. op. cit., p. 175.

em livros, outros na cabeça das crianças. Agora vão ser donos de um território próprio, só deles”.<sup>464</sup>

Enquanto o pessoal do Sítio e seus novos moradores estavam fora, envolvidos com as “perfidias do Pirata”, no palácio do príncipe Condade, surge um grupo inesperado de visitantes: crianças do mundo de verdade, leitores das narrativas de Monteiro Lobato:

Dona Benta nunca deixou que os meninos dessem o seu endereço a ninguém, e isso porque milhares de crianças andavam ansiosas por passar temporadas lá – e se soubessem onde o sítio era, seriam capazes de abandonar tudo pelo gosto de conhecer a Emília e experimentar os bolinhos de tia Nastácia. Mas quem pode com certas crianças mais espertas que as outras?

Quem pode, por exemplo, com a Maria de Lourdes? Ou com a Marina Piza, ou a Maria Luísa, ou a Björnberg de Coqueiros, ou o Raimundinho de Araújo, ou Hélio Sarmento, ou a Sarinha Viegas, ou a Joyce Campos, ou a Edite Canto, ou o Gilbert Hime, ou o Ayrton, ou o Flávio Morretes, ou a Lucília Carvalho, ou o Gilson, ou a Leda Maciel ou a Maria Vitória, ou Nice Viegas, ou os três Borgesinhos (Stila, Mário e Marila), ou o Davi Appleby, ou o Joaquim Alfredo, ou a Hilda Vilela, ou o Rodriguinho Lobato e tantos e tantos outros?<sup>465</sup>

Quem seria esse bando de crianças? Nomes escolhidos aleatoriamente? Parece que não, principalmente por que o autor coloca o sobrenome para melhor identificação dessas personagens de carne e osso. O que se constatou é que, das 24 crianças citadas, duas fazem parte de suas relações familiares, os netos Joyce e Rodrigo; dos 22 nomes restantes não conseguimos identificar dois: Hélio Sarmento e Joaquim Alfredo. Os demais eram leitores que escreveram para Lobato na década de 30 e, na sua maioria, solicitavam a visita ao Sítio do Picapau Amarelo.

A líder do grupo, Maria de Lourdes, ou a Rãzinha, menina carioca de onze anos de idade, escreveu no mínimo três cartas a Lobato no ano de 1940, mas, como a referência à leitora é anterior, constata-se que ela já era correspondente do escritor. Nas cartas, a menina se dirige a ele carinhosamente como CAMON (possivelmente uma junção de

<sup>464</sup> *O Picapau Amarelo*, op. cit., p.792.

<sup>465</sup> *Ibid.*, p.840.

Caro Monteiro). Na narrativa a menina apresenta o grupo ao Conselheiro e informa quem são:

– Somos amigos dos tais netos cujas histórias vêm nas ‘Reinações de Narizinho’ e outras obras. Muito lutamos para localizar o sítio; mas à força de indagar aqui e ali e de escrever cartas a este e àquele, conseguimos encontrá-lo.<sup>466</sup>

---

<sup>466</sup> Ibid.



Marina Piza (de Souza), residente em São Paulo, escreve em 25 de novembro de 1936, agradecendo a remessa do livro *Dom Quixote das crianças* e sua dedicatória, que foi mostrada “com orgulho e alegria a todos da casa”. Ela solicita informações sobre o livro “Emília tira petróleo”, que seu primo, José Bonifácio de Souza Amaral, disse que Lobato estaria escrevendo: “Deve ser muito interessante, como todos os outros livros que tem escrito”.<sup>467</sup> A leitora ainda cita um artigo publicado no *Gury* (Suplemento infantil do *Diário da Noite*) que relata o orgulho dos leitores mirins diante do seu escritor e que só depois dele elas poderiam dizer: “Qual! Lewis Carrol, Burger ou Christian Andersen são café pequeno ao lado do grande escritor patrício fulano de tal”.<sup>468</sup>

A leitora mostra-se atualizada quanto aos lançamentos do escritor e até mesmo seus planos para novos livros. Mantém-se informada através dos artigos de jornais sobre o seu escritor preferido e apresenta o nome completo do primo na tentativa de buscar um ponto de contato com o escritor.

A menina Maria Luiza (Pereira Lima), de doze anos de idade, residente na época em Pelotas (RS), escreveu no mínimo duas cartas a Lobato, datadas de 1936, a primeira endereçada ao próprio escritor, e a segunda à Dona Benta Encerrabodes de Oliveira. Filha de mãe francesa e pai brasileiro, a leitora se diz atéia, como seus pais, e acredita, pela leitura de *História do mundo para as crianças*, que Lobato também o seja.

Ela faz um auto-retrato de sua vida acadêmica: tendo concluído o 6º curso no Colégio Alemão, aguarda os exames para sua admissão no Ginásio Pelotense. Poliglota, fala alemão, francês e compreende “um pouco de inglês”. Proprietária de uma biblioteca de 110 volumes, aprecia sobremaneira as narrativas lobatianas. Percebe-se, pelos seus comentários, que o seu repertório literário inclui também as traduções realizadas pelo escritor, pois ela as enumera fielmente. Porém, o que deseja a menina, através de sua carta, é concretizar um de seus sonhos:

Se um dia fosse na Dona Benta no sítio do Picapau Amarelo seria capaz de fazer mil aventuras, tantas que Dona Benta e família seriam capazes de abrir os olhos maiores que ‘os grandes olhos de John Grafford’ como diz Emília de língua comprida.<sup>469</sup>

---

<sup>467</sup> IEB – ARAS

<sup>468</sup> Ibid.

<sup>469</sup> Ibid. Carta de 11 de fevereiro de 1936.

A Björnberg de Coqueiros era a menina Tagea Björnberg, de dez anos de idade, residente em Coqueiros (SP), cujas duas cartas datam de 1936. Na primeira, a leitora faz um balanço dos livros de Lobato que mais aprecia: *Reinações de Narizinho*, *Novas reinações*, *O saci*, *Viagem ao céu*, *História do mundo para as crianças* e *Peter Pan*, descrevendo-os como “aventuras fantásticas cheias de seres sobrenaturais”<sup>470</sup> que, no entanto, passam ao leitor a crença em sua existência real; a leitora ainda sugere traduções de alguns títulos que anda lendo na língua original. Na segunda, apresenta uma sugestão de aventura que envolva os netos de Dona Benta e o menino que não queria crescer, Peter Pan.<sup>471</sup> Curiosamente nesse mesmo ano o livro *Memórias da Emília*, previsto há algum tempo, traz Peter Pan como uma de suas personagens visitantes.

O leitor carioca Raimundo de Araújo, de oito anos de idade, comenta com o “Caro Mestre Lobato” a leitura de seus livros e o interesse pelas suas personagens, mostrando piedade pelo Visconde e admiração especial pelo livro *Memórias da Emília*. O leitor informa que tem três livros escritos no “papel da cabeça” e que, quando passá-los para o rascunho do papel, enviará para Lobato opinar sobre eles.<sup>472</sup>

Sarah Viegas (da Motta Lima), de doze anos de idade, residente no Rio de Janeiro, escreve duas cartas a Lobato em 1937. Na primeira, solicita que ele escreva um livro sobre História do Brasil, assunto que está estudando e acha “muito cacete”. Critica o livro de Viriato Correia sobre o assunto, acreditando que pela estrutura da narrativa ele buscava plagiar Lobato.<sup>473</sup> A segunda é de agradecimento pela resposta do escritor.<sup>474</sup>

Joyce Campos, filha de Marta Lobato e J. U. Campos, tinha nove anos de idade quando o avô a insere na narrativa. Aparecer como personagem em *O Picapau Amarelo* foi algo natural para a menina que achava aquilo normal: “Não era um negócio que eu sonhei estar lá. Eu morava lá”.<sup>475</sup>

A menina Edith Canto, residente em Botucatu (SP), escreve no mínimo seis cartas a Lobato, entre 1937 a 1943. Apresenta-se na primeira carta como filha de Francisco Pedro do Canto Jr., colega de Lobato no curso anexo à Faculdade de Direito. Edith inicia suas cartas comentando os livros infantis de Lobato, mas ao longo do período de correspondência ela enumera os livros para adultos já lidos. Em carta de 1937, coloca em

<sup>470</sup> Ibid. Carta de 24 de fevereiro de 1936.

<sup>471</sup> Ibid. Carta de 20 de março de 1936.

<sup>472</sup> Ibid. Carta de 31 de julho de 1937.

<sup>473</sup> Ibid. Carta de 18 de maio de 1937.

<sup>474</sup> Ibid. Carta de 22 de dezembro de 1937.

<sup>475</sup> Entrevista realizada em 13 de setembro de 1999.

evidência o desejo de participar de aventuras maravilhosas com o pessoalzinho do Sítio do Picapau Amarelo: “Quisera eu conviver com eles todos, ao menos um dia, uma hora; devia ser tão engraçado; tão bom! É pena que eles não existam!”<sup>476</sup>

Gilbert (L. E.) Hime (Júnior) tinha doze anos, quando escreve sua primeira carta a Lobato, em 1935. No período de 1935 a 1942, dirige-se no mínimo seis vezes ao escritor. Em 1939, ele escreve agradecendo a sua visita ao Sítio do Picapau Amarelo: “Estou escrevendo esta carta para agradecê-lo de ter se lembrado de mim no seu livro *O Picapau Amarelo*, eu nunca esperava por tal... foi uma agradável surpresa”.<sup>477</sup> O leitor também informa, três anos mais tarde, que ficou sabendo por sua mãe de uma incrível coincidência. Uma de suas companheiras de aventura, a menina “Björnberg de Coqueiros”, era sua prima “de segundo ou terceiro grau”.<sup>478</sup>

Ayrton (César Navarro), de oito anos de idade, residente na cidade de São Paulo, envia ao escritor a lista de livros que já leu. Há uma única carta existente no arquivo do IEB, porém, percebe-se que o leitor já havia se dirigido ao escritor anteriormente, pois ao iniciar a carta informa: “Saudações: recebi sua carta e fiquei satisfeito com suas notícias”.<sup>479</sup>

O menino Flávio (Langes) Morretes, residente em São Paulo, escreve no mínimo três cartas a Lobato. Na primeira informa ter lido o livro *O saci*, observando: “Que pena a gente nascer gente e não Saci”.<sup>480</sup> Diz também que está fazendo uma coleção dos livros de Lobato. Na segunda carta apresenta sua opinião sobre o livro *Histórias de Tia Nastácia*.<sup>481</sup> Na terceira, datada de outubro de 1940, agradece ao escritor a sua aparição no Sítio do Picapau Amarelo: “Isso sim, isso chama-se surpresa! Nunca tive a honra de aparecer em um livro, por isso a minha alegria foi do tamanho de um bonde ou do Quindim”.<sup>482</sup>

A menina Lucília (Alves) Carvalho, de dez anos de idade, aluna do primeiro ano de admissão do Colégio Jacobina, localizado no município do Rio de Janeiro, leitora e correspondente de Lobato em, no mínimo, três cartas, solicita ao escritor:

<sup>476</sup> IEB – ARAS. Carta de 10 de janeiro de 1937.

<sup>477</sup> Ibid. Carta de 08 de dezembro de 1939.

<sup>478</sup> Ibid. Carta de 15 de março de 1942.

<sup>479</sup> Ibid. Carta sem data.

<sup>480</sup> Ibid. Carta de 26 de janeiro de 1939.

<sup>481</sup> Ibid. Carta sem data.

<sup>482</sup> Ibid. Carta de 30 de novembro de 1940.

Peço que escreva um livro que entre não só Narizinho, Pedrinho, Emília, o Visconde, o Rinoceronte, o Burro falante, Dona Benta, o “anjinho” e Tia Nastácia como também eu, esta última personagem eu peço para entrar num livro que conta uma viagem à China.<sup>483</sup>

A leitora se apresenta como escritora e gostaria de tê-lo como leitor de suas narrativas. Observa também que Lobato não deve esquecer da personagem Anjinho, que aparece somente em *Viagem ao céu*. Em outra carta destaca a legião de leitores do escritor, observando que, talvez, ele possa desconhecer a dimensão de sua abrangência entre o público infantil; por isso o convite de ir até a sua escola:

Aposto até com a teimosinha da Emília que o senhor não conhece nem a décima parte dos seus leitores. Pois aqui no Colégio Jacobina havia de conhecer um punhado deles, havia de me ver e falar:  
– E aquela ali? Quem é?  
E nem lhe passava na idéia que fosse eu aquela menina que já o interrompeu com duas cartas, já!<sup>484</sup>

O menino carioca Gilson (Maurity Santos) escreveu cinco cartas a Lobato no período infantil, uma em fins de 1933 e as outras em 1934; tinha então onze anos de idade. Na metade da década de 40, o leitor reata o contato epistolar com o escritor. Nas cartas escritas no período infantil, o leitor insiste em sua visita ao Sítio: “Quero agora ir para o Sítio do Picapau Amarelo me meter em Aventuras. Quero ler muitos livros onde eu estou em aventuras com Pedrinho etc. (principalmente com Emília e o Visconde)”<sup>485</sup> ou “Quero que responda se deixas ou não deixas entrar nas aventuras do Sítio do Picapau Amarelo?”<sup>486</sup>

Leda (Augusta Ribeiro) Maciel, de doze anos de idade, residente no Recife, aluna do 2º ano da Escola Normal, escreveu a Lobato em 1936. A única carta encontrada dela ao escritor sugere que era uma leitora assídua de seus livros, elencando vários títulos infantis como já lidos e admirada com a capacidade do escritor: “Como é que na sua cabeça cabe tanta coisa boa e engraçada?”<sup>487</sup> Como as outras crianças, a leitora almeja conhecer o escritor pessoalmente, pois o conhece somente pelas fotografias de jornais.

<sup>483</sup> Ibid. Carta sem data.

<sup>484</sup> Álbum de recortes de D. Purezinha. p.210 – Acervo do Museu Monteiro Lobato.

<sup>485</sup> IEB – ARAS. Carta de 19 de dezembro de 1933.

<sup>486</sup> Ibid. Carta de 23 de fevereiro de 1934.

<sup>487</sup> Ibid. Carta de 04 de julho de 1936.

Maria Victória, provavelmente filha de Maria Eugênia Celso, autora do livro *Vicentinho*, num pequeno bilhete informa que esteve com cachumba e durante a doença sua mãe leu todas as narrativas de *Reinações de Narizinho*. A leitora diz ter gostado muito do livro, no entanto, indaga: “mas quero saber quem é o Peninha? Mande dizer”.<sup>488</sup>

A leitora Nice Viegas começou a escrever a Lobato aos dez anos de idade e, segundo ela, “nunca o meu admirado escritor me deixou sem resposta”. Em 3 de março de 1939, da cidade de Maceió, a menina comenta com Lobato a entrevista concedida ao *Vamos ler*, em que falava de seu propósito de não mais escrever, e sugere-lhe que continue, pois ele não poderia deixar seus leitores “nessa tristeza de não poder mais ler as histórias que só o senhor sabe escrever”.<sup>489</sup>

Em 29 de maio de 1942, ela dirige-se ao escritor, informando que: “Pois bem: a Nice Viegas que teve a honra de aparecer no seu livro “O Sítio do Picapau Amarelo” está morando em Niterói ... E há muito tempo vem pensando em continuar a nossa correspondência”. Já com quinze anos de idade, a menina diz estar acontecendo com ela o que a turma do Sítio tem horror: virar gente grande. A leitora, contudo, acredita que para ler Monteiro Lobato não se precisa ter idade.<sup>490</sup>

Os irmãos Marila, Stila e Mário Gravenstein Borges, os “três Borgesinhos”, escreveram pela primeira vez em 1932, representados pela mais velha do grupo, Marila. A menina conta das férias recentes no Sítio Santa Henriqueta e diz terem levado consigo “as aventuras completas de Narizinho”. A leitora, de dez anos de idade, envia uma fotografia sua e de seus irmãos Mário, de oito anos, Stila, de sete, ambos estudantes do Grupo Escolar Marechal Deodoro, e Yedda, de cinco anos que “apenas ouve ler os seus livros, porque ainda não o sabe fazer”. Marila não identifica o seu ano escolar, mas enfatiza os seus estudos no Conservatório Dramático e Musical: “6º ano de piano, 1º de harmonia e 3º de solfejo cantado”. A carta termina com o pedido de que Lobato continue a escrever sobre o Picapau Amarelo e suas personagens.<sup>491</sup>

A fotografia estampava os quatro irmãos lendo os livros de Lobato “em flagrante delito de imaginação a solta os adoráveis contos daquele país”. Em carta provavelmente de 1934, a leitora agradece o telefonema de Lobato comentando a fotografia do grupo e a remessa da fotografia do escritor. Marila ainda pede a sua presença no Sítio: “Tanto

---

<sup>488</sup> Ibid. Carta sem data.

<sup>489</sup> Ibid. Carta de 03 de março de 1939.

<sup>490</sup> Ibid. Carta de 29 de maio de 1942.

<sup>491</sup> Ibid. Carta de 02 de maio de 1932.

tenho vivido entre seus personagens que desejaria ‘viver’ num próximo livro onde a turma de Dona Benta aparecesse. Assim uma coisa como aconteceu a Cléo”.<sup>492</sup>

Em 1935, o menino David Appleby, de dez anos de idade, residente no Rio de Janeiro, escreve duas cartas a Lobato. Filho de mãe norte-americana e aluno do 5º ano de inglês, o menino recomenda a Lobato a tradução para o português do livro *Just David*, de Eleanor Porter, por considerá-lo muito bom.<sup>493</sup> Na segunda carta, escrita totalmente em inglês, o menino agradece a resposta do escritor e promete enviar o exemplar do livro sugerido para tradução, já que Monteiro Lobato o desconhecia.<sup>494</sup>

A menina Hilda Villela foi atendida em seus caprichos por seu avô e levada ao escritório de Lobato para conhecê-lo; o primeiro contato gerou uma troca de cartas, bilhetes e convites entre o autor e a leitora. Ligação afetiva que se estende até pouco tempo, pois não pode ser esquecido o trabalho de Dona Hilda, como é carinhosamente chamada pelos colegas e amigos, junto ao Museu Monteiro Lobato.

O neto Rodrigo Lobato, filho de Edgard Lobato e Gulnara, é introduzido pelo avô na narrativa com apenas um ano de idade na data de publicação da obra.

Em *A reforma da natureza*, a menina carioca Maria de Lourdes, a Rãzinha, novamente aparece em cena agora para auxiliar Emília que estava sozinha no Sítio, já que Dona Benta, tia Nastácia e Narizinho e Pedrinho estavam na Europa a convite de várias autoridades para contribuir na discussão sobre a paz, pois segundo o General de Gaulle: “A pequena república que elas governam sempre nadou na maior felicidade”.

Encontrando-se sozinha, Emília resolve chamar uma aliada para sua “reforma” e escreve para Rãzinha, enviando uma pitada de pó de pirlimpimpim para que a menina possa chegar ao Sítio (no desenrolar do texto descobre-se que as duas eram correspondentes há muito tempo).

Já no Sítio, a menina fica a pensar, enquanto a boneca dorme, sobre o contentamento de estar ali, participando de uma aventura com sua amiga Emília. Ela, leitora assídua de todas as peripécias da boneca, sente-se privilegiada:

A Rã adorava a Emília. Sabia de cor todas as travessuras da Emília, todas as ‘piadas’ da Emília, todas as asneirinhas da Emília, todas as más-criações da Emília, e agora considerava-se a menina mais feliz do mundo, porque entre todas as meninas do mundo só ela estava tendo o privilégio

---

<sup>492</sup> Ibid. Carta sem data.

<sup>493</sup> Ibid. Carta de 04 de novembro de 1935.

<sup>494</sup> Ibid. Carta de 19 de novembro de 1935.

de ver a maravilha das maravilhas que era o soninho da Emília.<sup>495</sup>

A necessidade de materializar a sua visita naquele reino encantado faz com que a menina arranque um fio de cabelo da boneca e o guarde para utilizar como marcador de páginas de *Reinações de Narizinho*.

Interessante nas cartas da menina, datadas de 1940, são as sugestões para o livro *A reforma da natureza*, um ano antes de sua publicação. Provavelmente Lobato havia comentado com a leitora a sua elaboração e ela insistentemente sugeria várias mudanças na natureza, sendo que duas cartas tratam exclusivamente de idéias para esse fim:

Agora me lembrei duma boa reforma. A luz elétrica é muito bela... mas não é bem, bem, bem ótima. E se eu e a danada da Emília subíssemos té o céu (de que maneira? Ora, que pergunta ingênua ... subíamos pelas minhas tranças...) e como duas Prometeus malucas avançássemos para o sítio? Nunca mais haveria sombra! Seria a maravilha das maravilhas! Podemos também inventar uma árvore que dê sorvetes em vez de frutas.<sup>496</sup>

Edgard Cavalheiro observa que, muitas vezes, Lobato, para contemplar um pedido do leitor, coloca alguns animais, como cachorrinhos ou gatos, “que atravessam uma sala, ou passam diante das personagens. Passa e desaparece”.<sup>497</sup> É o que acontece no livro *A chave do tamanho*, quando o escritor insere na narrativa o gato Manchinha como resposta ao pedido da leitora carioca Terezinha Dantas.

A menina era sobrinha de Silveira Peixoto e esteve com Lobato em princípio de 1940, quando viu realizado seu maior desejo: conhecê-lo pessoalmente. Em carta datada de 15 de janeiro de 1942, informa ao escritor que gostaria de ver seu bichano de estimação em “um livro com a turma do Picapau Amarelo”. Tentando reavivar a memória do escritor, a leitora afirma que: “O senhor me prometeu que botaria o nome de ‘Manchinha’, um gato meu, no seu livro, e espero que não se esqueça disso”.<sup>498</sup>

Na narrativa, Manchinha torna-se uma ameaça no pequeno mundo transformado pela peraltice de Emília: o gato, em seu tamanho natural, devora seus donos. Apesar do

<sup>495</sup> *A reforma da natureza*, op. cit., p.1198.

<sup>496</sup> IEB – ARAS. Carta de 09 de julho de 1940.

<sup>497</sup> *Monteiro Lobato: vida e obra*, op. cit., p.602.

<sup>498</sup> IEB – ARAS.

ato cruel do animal, a leitora agradece a presença de seu gato na história: “Achei-o ‘meio’ malvadinho, mas gostei bastante”.<sup>499</sup>

Observa-se, assim, que o escritor buscava a inserção real do leitor na sua obra. Se não podia trazer ao universo do Picapau Amarelo todos os seus leitores de carne e osso, ao menos selecionou uma parcela para que, com isso, cumprisse o desejo de tantas e tantas crianças que deixavam expresso em bilhetes, cartas e pedidos particulares o sentimento de morar naquele espaço imaginário.

### 5.3 As cartas: prêmios do grande milionário

Hoje sou um decaído: meu público é toda gente. Recebo cartas de toda parte e vou me reduzindo à epistolografia telegráfica.<sup>500</sup>

A confissão de Monteiro Lobato ao amigo Godofredo Rangel sobre a sua correspondência dá-se em 1919, período inicial de sua carreira quando é aclamado pela repercussão de seu livro *Urupês*. Também nesse momento os negócios editoriais estão numa fase efervescente, o que desfaz a surpresa de suas palavras, já que ele se tornara um homem assediado por todos os novos que desejavam adentrar no universo literário.

Não se deve esquecer que, desde a tenra idade, Lobato foi propenso à correspondência epistolar. Em 1895, quando vai a São Paulo prestar os exames para ingresso no curso preparatório, escreve a todos da casa, em especial à sua mãe. O conteúdo dessas cartas, como observa Edgard Cavalheiro: “são autênticos relatórios de tudo quanto faz, ou pensa fazer”.<sup>501</sup> Em 1897, o jovem Lobato instala-se definitivamente em São Paulo, como interno no Instituto de Ciências e Letras, para concluir o curso preparatório e ingressar na Faculdade; de lá escreve à família prestando contas de seus atos e tribulações.

---

<sup>499</sup> Ibid. Carta sem data.

<sup>500</sup> *A barca de Gleyre*, v.1, op. cit., p.195.

<sup>501</sup> *Monteiro Lobato: vida e obra*, v.1, op. cit., p.35.



A atividade epistolográfica o acompanhou por toda a vida, cujo maior exemplo está no livro *A barca de Gleyre*,<sup>502</sup> resultado de quarenta anos de correspondência entre o escritor e seu amigo de vida estudantil, Godofredo Rangel. O livro constitui um retrato vivo da vida literária do país ou, como o próprio escritor denominava, “um verdadeiro romance mental de duas formações literárias”.<sup>503</sup> Adepto incondicional da correspondência selada e estando distante de sua pátria, residindo em Nova Iorque, cita o correio como “a maior invenção humana”.<sup>504</sup>

Os destinatários e remetentes de cartas a Lobato eram muitos: familiares, amigos, escritores, cientistas, pesquisadores, autoridades políticas. Porém, deter-nos-emos no conjunto de cartas que refletem a recepção leitora dos livros, em especial os de literatura infantil.

A importância dada às correspondências dos leitores pode ser presentificada na nota introdutória do livro *A barca de Gleyre*: um agradecimento para ficar gravado como declaração de amor em “casca de árvore”. O autor dedica o livro a três pessoas: a esposa Purezinha, companheira de uma vida; o inesquecível amigo da adolescência que se suicidou, Ricardo Gonçalves; e a pequena Marjori, “a criaturinha que simboliza todas as que lembram de mim e me escrevem”.<sup>505</sup>

O gesto afetuoso de Monteiro Lobato de dedicar o livro aos seus leitores infantis, mesmo não estando esse destinado exclusivamente para eles, demonstra o quanto significava para o ele o contato com as crianças através das cartas. E foi por meio de uma carta que a leitora Marjori Sundart, de doze anos de idade, pediu-lhe a sua inclusão no livro, poucos meses antes de seu lançamento.

A menina comunica estar a par do projeto do escritor de publicar em livro o conjunto de cartas escritas entre os dois amigos (Lobato e Rangel). “Seu Moacyr”, provavelmente alguém que pertencia ao ciclo de amigos do escritor e da leitora, expusera-lhe as dúvidas que reinavam na cabeça de Lobato sobre a publicação do material e ela, com a “sabedoria” infantil, estimula-o: “essas cartas vão nos ensinar, a todos nós

---

<sup>502</sup> A primeira edição de *A barca de Gleyre* é de 1944 e reúne o conjunto de cartas dos dois amigos escritas entre 1903 e 28 de março de 1943. A partir da edição de 1951 é inserida a última carta de Lobato datada de 1948, “véspera de São João”.

<sup>503</sup> *A barca de Gleyre*, v.2, op. cit., p.357.

<sup>504</sup> *Ibid.*, p.303.

<sup>505</sup> *A barca de Gleyre*, v.1, op. cit., p.3.

pirralhos a escrever quando crescermos e aparecermos”.<sup>506</sup> Marjori manifesta seu desejo de ser lembrada como incentivadora dessa empreitada:

Vou lhe pedir uma coisa que não pude na sua frente porque fiquei com muita vergonha: quer dizer nelas que eu, uma sua leitorinha que conhece todos os seus livros de cor e adora a Emília, insistiu para o senhor publicar as cartas? Vai por o meu nome? Oh, que bom!<sup>507</sup>

Ao contemplar, na dedicatória, o nome de um de seus leitores, Lobato agradece o interesse, não só de Marjori, mas de todas aquelas crianças que lhe escreveram e dialogaram com a sua produção literária.

Contemporaneamente as cartas são motivadas por um programa editorial. Na década de 70 até fins de 80, a Editora Brasiliense, através da coleção “Jovens do Mundo Todo”, estimulava a correspondência entre leitor e escritor, colocando o endereço particular do escritor na contracapa do livro. Atualmente, a editora Moderna adota a mesma atividade, porém o convite para correspondência vem encartado junto à “orientação de leitura” dos seus livros e o endereço se limita à própria casa editorial:

Você gostou de ler este livro? Escreva para o autor e mande sua opinião. Basta enviar uma carta para:  
Fulano de tal  
a/c Editora Moderna  
Rua Afonso Brás, 431  
CEP 04511-901 – São Paulo – SP  
Caixa Postal 45.364.

Sabe-se que o desempenho positivo dessa atividade dependerá do comprometimento do escritor com o público leitor e seu interesse em facilitar esse diálogo. Dois exemplos frutíferos desse procedimento se encontram nos arquivos dos escritores para crianças e jovens Maria de Lourdes Krieger e Pedro Bandeira.

A par das diversas facetas já abordadas sobre o pioneirismo de Lobato como editor, como escritor para crianças – acreditamos que se possa levantar também aquela de ter sido o pioneiro na correspondência com os leitores. Porém, essa atividade não nasce

<sup>506</sup> IEB – ARAS. Carta de 25 de maio de 1944.

<sup>507</sup> Ibid. O pesquisador Cassiano Nunes levanta a hipótese de que a Marjori citada no livro possa ser Maria José Sette Ribas. Porém, informação fica invalidada a partir dessa carta. NUNES, Cassiano. *A correspondência de Monteiro Lobato*. Brasília: Roberval, 1998.

de um programa editorial preestabelecido, como acontece nos dias de hoje. As cartas surgem primeiramente de um reflexo espontâneo dos leitores próximos do escritor – como o menino Alarico Silveira Júnior e Cléo Marcondes Ferreira. Essa fronteira íntima é ultrapassada a partir de 1934, possivelmente estimulada pelas visitas de Lobato a comunidades escolares de várias cidades, principalmente nos Estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

O discurso dos leitores denuncia as artimanhas utilizadas para viabilizar o acesso e fazer com que as cartas chegassem até o escritor: dirigiam-se a livrarias, editoras, aos adultos que conheciam Lobato, a programas de rádio, entre outros. Todos com um único fim: aproximar-se de Lobato, e com um só desejo: ser correspondido. Assim, a Companhia Melhoramentos, a Nacional, a Brasiliense, a Rádio Globo foram alguns dos estabelecimentos que intermediaram o contato entre o leitor e o escritor.

Joyce Campos Kornbluh afirma que as pessoas que se correspondiam com seu avô não tinham a obrigação de saber o seu endereço, porque ele vivia oscilando como o seu dono, residindo ora aqui, ora ali; no entanto, “eles punham Monteiro Lobato e chegava lá, sem endereço nenhum”. Ela relembra um envelope que ficou famoso e foi guardado durante muitos anos por sua avó: ele trazia somente o desenho de uma sobancelha, parecendo mais com uma gaivota e foi entregue prontamente à casa do escritor.<sup>508</sup>

O grupo de remetentes não se limita ao espaço geográfico brasileiro: quando Lobato vai residir na Argentina, intensifica-se a atividade epistolar com os leitores daquele país.<sup>509</sup> A frequência com que o escritor começa a receber cartas de crianças e professores argentinos faz com que comente o fato em cartas a amigos como Rangel e Otaviano Alves de Lima:

Ontem recebi carta de uma pedindo-me para escrever uma história da América no tipo da minha *História do mundo para as crianças* – e já botei isso nos meus planos. Escrever para as crianças é semear em terra roxa virgem – e não praguejada. Cérebro de adulto é solo já praguejado.<sup>510</sup>

<sup>508</sup> Entrevista realizada em 13 de setembro de 1999.

<sup>509</sup> Embora se saiba que Monteiro Lobato recebeu várias cartas de leitores argentinos, esse material não foi encontrado. Durante as pesquisas lidamos com uma única carta publicada no jornal *A Voz da Infância*. Edgar Cavalheiro cita trechos de algumas e faz referência a seus remetentes, mas desconhecemos a localização desse acervo.

<sup>510</sup> NUNES, Cassiano. (org.) *Monteiro Lobato Vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda/Record, 1986. p.122. Carta de 13 de agosto de 1946. A idéia do leitor era um sonho acalentado pelo escritor já há algum tempo. Em 1943, ele comunica a Rangel a idéia de Emília de “conhecer a história da América”. *A barca de Gleyre*, v.2, p.341-342.

No conjunto de documentos que diz respeito à correspondência passiva de Monteiro Lobato de remetentes infantis, localizado no IEB, encontra-se uma relação manuscrita intitulada “cartas mais interessantes”. De autoria desconhecida, e sem a comprovação de um exame grafológico, a seleção pode pertencer a Monteiro Lobato, bem como a Edgard Cavalheiro ou Marina de Andrada Procópio Carvalho. Muitas das cartas que selecionamos coincidem com esse repertório, embora ele não tenha nos orientado.

O critério que nos orientou na seleção das cartas foi marcado por questionamentos que julgávamos pertinentes à reflexão da relação comunicacional entre texto, escritor e leitor. Considerando todas as cartas como respostas diante do material lido, buscamos aquelas que fossem mais representativas, seja pela espontaneidade ou criticidade do emissor. Elas acabam por revelar a imagem que o leitor constrói do escritor; a intrincada parceria entre a escola e a leitura dos livros “didáticos” de Lobato, tão questionada pela crítica e valorizada pelo leitor; as expectativas de leitura; entre outros pontos que serão aqui apresentados .

### 5.3.1 A surpresa da resposta

O leitor, em muitos dos casos, escreve ao escritor fazendo pedidos, expondo opiniões sobre os livros e as personagens, mas trazendo implícito no seu discurso a incerteza da efetivação desse contato. A súplica de resposta ecoa em todas as cartas; mesmo almejando-a, a surpresa é freqüente quando ela se realiza.

A menina Kermita Bruno de Almeida, aluna da 5º ano do grupo Escolar Joaquim Távora, localizado em Niterói (RJ), agradece a fotografia autografada e a carta enviada para a sala de leitura, relatando a admiração e contentamento com que o estabelecimento escolar recebeu a sua resposta:

Todos queriam ver o retrato do grande amigo das crianças, a carta, a assinatura, tudo enfim. O interesse entre meus colegas foi tamanho, que me vi obrigada a ir de classe em classe a fim de que pudessem ver tudo muito bem. Desejava que estivésseis presente para ouvirdes as interjeições, com todas as vogais.<sup>511</sup>

---

<sup>511</sup> IEB – ARAS. Carta de 01 de agosto de 1936.

O leitor Ari Reginaldo Soares, de dezesseis anos de idade, residente em São Paulo, escreveu dez cartas a Lobato no período de 10 de outubro de 1943 a 10 de maio de 1945. O leitor confessa seu pouco estudo, já que o interrompera no 4º ano primário, e revela ainda as suas dificuldades financeiras. Ele fala de suas leituras que incluem *Urupês* e *A chave do tamanho*, bem como seu interesse por *Guerra e Paz*, de Tolstoi. O leitor comenta a sua surpresa ao receber a resposta do escritor à sua primeira carta:

Quando chegou a carta não quis acreditar fosse sua e a abri com as mãos trêmulas para ver na parte superior do papel: Monteiro Lobato; então sim acreditei; não que eu julgasse que não me respondesse, não, muito pelo contrário, é que o senhor parece uma pessoa inexistente.<sup>512</sup>

Para a leitora Alice, de doze anos de idade, aluna do 2º ano do Ginásio Campos Salles, localizado em São Paulo, uma história de Monteiro Lobato é uma “festa”, e é com alegria que recebe um livro de presente do escritor: “uma relíquia preciosa para minha biblioteca, que está agora engatinhando, ou melhor, ensaiando a sua formação”. A menina apresenta a sua surpresa ao receber a visita do carteiro com a resposta de Lobato: “Fiquei assustada, nem era para menos. Uma carta em casa de gente pobre e esquecida dá para desconfiar. Julguei que se tratasse de aviso de um novo aumento de taxa da Escola. Ai de mim!”<sup>513</sup>

O depoimento ultrapassa as informações quanto ao processo de leitura e deságua em problemas pessoais. A vida econômica acaba por permear o discurso da leitora, mostrando que as poucas cartas que ali chegam referem-se à cobranças. A carta de Lobato modifica esse quadro ao trazer para um “lar pobre” a resposta ilustre.

Sabendo da permanência de Monteiro Lobato em Buenos Aires, a leitora argentina Alicia Tayler, de oito anos de idade, escreve do interior da Argentina (Ituzaingó), desejando-lhe felicidade na nova terra e contando seu pesar em não poder levar seus livros para que o escritor os autografe, principalmente aquele que está lendo: *História das invenções*. Contudo, como os leitores brasileiros, a menina solicita: “pero pienso que U.d. será tan bueno de enviarme unas líneas para agregarlas como recuerdo personal”.<sup>514</sup>

Lygia Salati de Almeida, de oito anos de idade, escreve para Lobato, em 4 de setembro de 1946, solicitando a sua autorização para que a mãe e o pai, Benedito Almeida

<sup>512</sup> Ibid. Carta de 10 de outubro de 1943.

<sup>513</sup> Ibid. Carta de 01 de junho de 1945.

<sup>514</sup> *A Voz da Infância*, São Paulo, jul. 1948.

Júnior, dramatizem alguns de seus livros. A resposta do escritor é positiva, pois a leitora informa a radiofoniação de *Cara de coruja*, numa carta permeada pela alegria de ter recebido a resposta do escritor:

Muito obrigado pela sua resposta. Se o senhor estivesse aqui eu pularia ao seu pescoço como faço sempre as pessoas de minha amizade e então não sei se o senhor sairia deste abraço com as costelas inteiras como saiu dos quinze abraços que lhe enviamos.

Mas, como eu sou muito pequena, ninguém queria acreditar que a carta era sua. É verdade que eu recebo carta de muita gente grande, mas, para as minhas colegas parecia impossível que o senhor respondesse à carta de uma criança. Eu sei que o senhor não é como muita gente grande que pensa que criança não é gente, e por isso nunca perdi a esperança, mais uma vez, deus lhe pague.<sup>515</sup>

Transparece no discurso uma confiança irrestrita e inabalável no escritor, tratado como um camarada numa relação de cumplicidade. Embora adulto, ele é capaz de respeitar e dialogar com seus leitores, independente da idade. A espontaneidade da leitora faz com que se desfaçam os laços formais, colocando o escritor no patamar das relações de amizade.

As formas de cumprimento utilizadas pelos leitores se multiplicam, desde as mais convencionais que tratam o escritor de Vossa Excelência, Vossa Senhoria, Doutor, Senhor, Caro, àquelas que se mostram despidas de qualquer formalidade e chamam-no de querido, amigo. Os que se julgam futuros escritores nomeiam-no de colega e mestre. As mais espontâneas apelidam o escritor de maneira afetiva, como CAMON ou Loló.

O desejo de conhecer pessoalmente o escritor emerge em todos os discursos. A maioria dos leitores, sabendo da impossibilidade do contato pessoal com o escritor, quer uma prova concreta de sua amizade, por isso os pedidos de fotografias são muitos. Às vezes a solicitação vem especificada, como faz Gilbert Hime Jr., enfatizando que a fotografia seja integral: “não é só o busto, todo o corpo”.<sup>516</sup> Quando as fotografias chegam ao destinatário, a resposta é sempre carregada de contentamento, descrevendo o local privilegiado de exposição da fotografia: “Logo que eu recebi o retrato, eu o pus em um quadro que coloquei no lugar mais proeminente do meu quarto”,<sup>517</sup> diz Cordélia

<sup>515</sup> *A Voz da Infância*, São Paulo, out. 1948, op. cit. Carta de 02 de novembro de 1946.

<sup>516</sup> IEB – ARAS. Carta de 27 de novembro de 1935.

<sup>517</sup> Ibid. Carta datada de 15 de fevereiro de 1944.

Fontainha Seta; “eu mandei botá-lo numa bonita moldura prateada, e botei-o entre os retratos de meus pais”,<sup>518</sup> responde do Rio de Janeiro, Severino de Moura Carneiro.

Outro pedido constante, registrado na grande maioria das cartas, é a remessa de livros. Ora ele vem com a solicitação da fatura e a justificativa da inviabilidade de encontrar o título na livraria existente na cidade. Ora vem respaldado pela falta de condições econômicas e a vontade de ler os livros do escritor. Maria Helena Dias, filha de empregada doméstica, diz não poder comprar os livros do escritor e pede que ele lhe envie algum título de presente, e a menina agradece quando recebe *A chave do tamanho*.<sup>519</sup> Marly de Camargo Ribeiro, de 14 anos, pede livros para ela e seu irmão de nove anos. Esclarece que a mãe é aposentada por invalidez e o pai possui um baixo salário o que inviabiliza a compra de livros.<sup>520</sup>

Existem ainda solicitações que ficam calcadas no plano da ficção, pedidos de pitadas de pó de pirlimpimpim, pílulas falantes e até mesmo um anjinho igual ao da Emília, como assinala o menino Osmar Castanho Madel, de seis anos e residente em São Paulo: “Que bom um anjinho com asinhas e a gente brincando com ele”.<sup>521</sup>

### 5.3.2 A leitura e a escola

Das 385 cartas a que tivemos acesso, 82 se referem à criação de atividades vinculadas à leitura dentro do espaço escolar; 36 concentram-se no Estado de Minas Gerais; 22 no Estado do Rio de Janeiro; dezessete em São Paulo; três em Curitiba, Paraná; duas na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul; uma no Pará e uma na Paraíba. Do total destas cartas somente dezessete referem-se a escolas particulares, as demais pertencem à escolas públicas do Ensino Fundamental, na época denominadas de Grupo Escolar.

Desse contingente de cartas, somente duas recorrem ao escritor com pedido de remessa de livros sem estar vinculado com a titulação de Lobato como patrono. Como a carta do menino Mário Granato, aluno do Grupo Escolar Marechal Deodoro (SP), que recorre ao escritor taubateano para reconstituir o acervo da biblioteca escolar, depauperada pela “Revolução”, como explicita o aluno:

<sup>518</sup> Ibid. Carta de 26 de junho de 1945.

<sup>519</sup> Ibid. Carta de 24 de abril de 1946.

<sup>520</sup> Ibid. Carta de 23 de agosto de 1945.

<sup>521</sup> Ibid. Carta de 29 de dezembro de 1937.

Existe uma biblioteca infantil, para uso dos alunos; mas, na última revolução, tendo sido o prédio ocupado pelos soldados, a nossa biblioteca quase desapareceu. Em nome, pois, do meu grupo venho pedir ao senhor, o favor de nos dar uns livros seus, cuja leitura é por nós muito apreciada.<sup>522</sup>

Em carta datada de 20 de novembro de 1939, a diretora Iraci Mendes do Nascimento, do Grupo Escolar “Orlinda Veiga”, localizado em Porciúncula (RJ), expõe ao escritor a escolha de seu nome, pelos alunos daquela instituição educacional, para patrono do clube de leitura. A diretora solicita ainda uma fotografia para ser afixada com destaque no clube. Em 4 de dezembro daquele mesmo ano, o diretor do clube apresenta aos leitores do jornalzinho escolar o pronto atendimento do escritor:

Num gesto de rara fidalguia atendeu-nos o grande escritor patricio, enviando-nos, além de uma obra autografada, outro livro seu que virá enriquecer a nossa biblioteca. Reconhecidíssimos ficamos, igualmente, pela fotografia que, cheios de orgulho, faremos inaugurar no Gabinete de Leitura.<sup>523</sup>

Faz-se necessário evidenciar o processo de formação e criação do espaço destinado aos livros dentro do ambiente escolar neste período. Em primeiro lugar, constata-se que, em sua grande maioria, não existia uma biblioteca comum para o conjunto da escola e sim criações de espaços individuais dentro da própria sala de aula. Daí as terminologias de “sala de leitura de classe”, “biblioteca de classe”; até mesmo os “clubes de leituras” estavam vinculados a uma sala e turma específica. Com o término do ano letivo, encerravam-se as atividades que eram retomadas no ano seguinte com uma nova turma.

No Rio de Janeiro, em 17 de agosto de 1934, Monteiro Lobato, juntamente com Anísio Teixeira, visita a Escola Experimental Barbará Otoni. Escolhido como patrono da biblioteca daquela escola, Lobato envia após a visita vários exemplares de livros da Coleção Terramarear e uma fotografia solicitada pelo corpo docente para figurar na biblioteca.

<sup>522</sup> Ibid. Carta de 24 de agosto de 1935.

<sup>523</sup> Álbum de recortes de D. Purezinha. Acervo do Museu Monteiro Lobato.



No final daquele mesmo mês, dezesseis cartas dos alunos daquela escola são remetidas ao escritor. O teor das missivas gira em torno de comentários sobre a visita do escritor e da palestra realizada por ele sobre as personagens do Sítio do Picapau Amarelo. Todos os alunos agradecem os livros e a fotografia que já se encontrava num lugar especial da biblioteca.

Algumas cartas se sobressaem, como a da menina Leda Petrucci que lhe deseja muita saúde física para que os seus serviços em prol dos que estudam prossigam sem sofrer interrupções<sup>524</sup>. Ou como o comentário da leitora Luiza Angélica Noronha ao descrever o encontro com o escritor:

Confesso que não fiquei acanhada de falar com o senhor, mas ao contrário, senti-me bem desembaraçada. Perto de uma pessoa tão famosa e popular, fica-se sem jeito, mais perto do senhor, apesar de seu valor, achei-me à vontade. Não gosto de gente que fala muito difícil, mas o senhor sabe falar com as crianças.<sup>525</sup>

A carta dos alunos do 3º ano do Grupo Escolar Barão de Macaúbas, localizado em Belo Horizonte (MG), traz a notícia da criação do clube de leitura de sua classe e a escolha de Lobato como patrono, justificando: “Enviamo-lhes esta notícia porque pensamos que há de ficar muito satisfeito sabendo que os meninos d’aqui são gratos ao senhor pelo prazer que lhes tem dado com as suas bonitas histórias”.<sup>526</sup>

Os alunos do 4º ano do Grupo Escolar Coronel J. J. de Souza, localizado em Bicas (MG), por meio da aluna Sônia Azevedo, informam, em 1935, que o seu clube de leitura tem como patrono o “ilustre escritor Monteiro Lobato”. Anexa à carta da menina, encontra-se a carta da professora da turma, Maria da Cruz Azevedo. A professora destaca os motivos pelos quais os livros de Lobato agradam ao público infantil: a forma pitoresca e original do escritor dirigir-se às crianças.<sup>527</sup> Seis anos depois, os alunos do 3º ano, desse mesmo grupo escolar, convidam-no, através de uma carta dirigida à Editora Nacional, para ser patrono do “club de leitura”.<sup>528</sup>

A diretoria do clube de leitura do Grupo Escolar Dr. Avelino de Queiroz, localizado no município de Piumhy (MG), concede ao escritor o título de patrono do

<sup>524</sup> IEB – ARAS. Carta datada de 30 de agosto de 1934.

<sup>525</sup> Ibid. Carta sem data.

<sup>526</sup> Ibid. Carta de 25 de maio de 1935.

<sup>527</sup> Ibid. Carta de 24 de maio de 1935.

<sup>528</sup> Ibid. Carta de 19 de maio de 1941.

clube, especificando o motivo dessa escolha: “pois, sabemos que Vossa Ex. vem sendo o melhor escritor para a infância, assim cooperando grandemente para formar a mentalidade futura e para o progresso da nossa pátria”.<sup>529</sup>

Quatro meses depois, a diretoria do clube ainda não tem notícias ou resposta de Lobato, o que a leva a insistir, agora através de uma carta à editora Melhoramentos.<sup>530</sup> Em 12 de abril de 1938, Sophia Agresta, aluna do 4º ano, do mesmo grupo escolar, agradece o envio de livros de Monteiro Lobato para a biblioteca de classe. Pressupõe-se que depois de várias tentativas os leitores conseguiram estabelecer contato com o escritor.

A menina Dely Azevedo, em nome dos alunos do 4º ano do Grupo Escolar Dr. Duarte Pimentel de Uchôa, localizado em Uberlândia (MG), comunica a Lobato, em 1941, que o clube de leitura de sua classe levará o nome do escritor e solicita uma fotografia e uma pequena biografia.<sup>531</sup> No ano seguinte, Eumira Martins Oliveira convida Lobato para participar da festa de posse da nova diretoria do clube.<sup>532</sup>

Os três estabelecimentos escolares, todos localizados em Minas Gerais, convidam em anos distintos Lobato para patrono dos seus clubes de leitura. Como as atividades se realizam dentro da sala de aula, dependente do acompanhamento do professor, não causa surpresa o fato do convite se repetir, mesmo partindo do mesmo grupo escolar.

Em 1945, os alunos do 3º ano do Grupo Escolar Pacífico Vieira, localizado em Conselheiro Lafayete (MG), informam a criação da biblioteca de classe e contam com a colaboração do escritor para a aquisição do acervo de suas obras infantis. No mês de julho, a aluna Hilda Lourenço solicita a doação do livro *O Picapau Amarelo*.<sup>533</sup> Provavelmente o escritor enviou o livro solicitado, pois no mês seguinte o aluno José Alves faz o pedido do título *O poço do Visconde*.<sup>534</sup> E em setembro, a aluna Iracema Leite pede o envio de *A chave do tamanho* ou *Peter Pan*, agora para fazer uma surpresa à professora e ofertá-lo como presente.<sup>535</sup>

Silvestre Ferraz, Campestre, Caxambu, Uberaba, Juiz de Fora, Dolores do Indaiá, Itajubá, Santos Dumont, Divinópolis, Itaguara, São Domingos da Prata, Extrema,

<sup>529</sup> Ibid. Carta de 17 de maio de 1937.

<sup>530</sup> Ibid. Carta de 16 de setembro de 1937.

<sup>531</sup> Ibid. Carta de 17 de setembro de 1941.

<sup>532</sup> Ibid. Carta de 14 de julho de 1942.

<sup>533</sup> Ibid. Carta de 28 de julho de 1945.

<sup>534</sup> Ibid. Carta de 03 de agosto de 1945.

<sup>535</sup> Ibid. Carta de 11 de setembro de 1945.

Guaxupé... são outros municípios mineiros que comunicam a Lobato a criação de bibliotecas nas suas instituições educacionais. Tudo nos leva a crer que as visitas que Lobato fez no Estado, em campanha pelo petróleo, acabaram por propagar esse contato expressivo com os leitores.

Os constantes pedidos de fotografias para compor os clubes de leituras têm sua troca, como é o caso dos alunos do Grupo Escolar Otávio Rocha, localizado em Porto Alegre. Lobato recebe a fotografia de um casal de alunos, impecavelmente uniformizados, junto à fotografia enviada por ele. A imagem registra a solenidade de inauguração, na década de 30, da Biblioteca Monteiro Lobato, localizada na escola. Em 1943, a aluna Natalina Norma Casarin, em nome dos alunos desse mesmo grupo, pede que Lobato presenteie a escola com alguns de seus livros, já que a biblioteca está sendo reorganizada: “agradeço os seus mais lindos livros infantis, que virão enfeitar nossa pequena e humilde biblioteca que ainda será uma das maiores de todos os grupos escolares do Rio Grande do Sul”.<sup>536</sup>

A série escolar dos leitores que comunicam Lobato sobre as atividades de leitura com os seus livros, ou a escolha de seu nome como patrono do clube de leitura, varia do primeiro ao quinto ano escolar. Já a seleção do correspondente, para dirigir-se ao escritor em nome da turma, dá-se através da opção individual da professora de classe ou através da escolha conjunta da turma.

Como muitos dos estabelecimentos escolares desconheciam o endereço residencial de Lobato, as cartas eram remetidas às casas editoriais responsáveis pela publicação dos livros do escritor: na década de 30 à Melhoramentos, na de 40 à editora Nacional e/ou à Brasiliense.

O conjunto de cartas “escolares” abarca o período de 1934 a 1946, sendo que os anos de 1938 a 1941 foram os menos profícuos no estabelecimento desse diálogo com o público leitor. Em 1938, registra-se o recebimento de uma única carta, duas em 1939, nenhuma em 1940 e duas em 1941. Esses dados evidenciam o resultado da censura feita pelo governo em relação à circulação das obras de Lobato nas escolas.

A estreita relação de alguns títulos de livros infantis de Lobato com o currículo escolar fez com que estes fossem adotados por várias escolas, ao mesmo tempo em que a crítica desprestigiou o conjunto por seu direcionamento pedagógico. No entanto, os

---

<sup>536</sup> Ibid. Carta de 17 de julho de 1943.

depoimentos dos leitores confluem num conjunto de respostas positivas em relação aos livros “didáticos” de Lobato.

Lucília Alves de Carvalho comenta, em carta provavelmente do início da década de 30, a utilização proveitosa na escola do livro *Emília no país da gramática*:

O senhor nem avalia, como aquele passeio que a Emília fez ao país da gramática foi bom para nós, pois nos ‘livrou’ da enjoadíssima Senhora Gramática, que é toda cheia de bobagens de verbo e não sei mais o que. Agora o caso é outro, nós aqui só estudamos pelo livro “Emília no país da gramática” em vez de gramática sem país nem Emília.<sup>537</sup>

A leitora Edith Canto refere-se à importância desse livro para a sua compreensão da língua: “Não é por dizer, mas eu aprendi e compreendi gramática, com o seu livro”.<sup>538</sup> Já o leitor Fernando César Mergulhão, do Rio de Janeiro, sem aludir a um título específico, observa que: “talvez eu tenha aprendido mais nos seus livros do que naqueles que usam no colégio”.<sup>539</sup>

O menino Lincoln De Féo, residente na Cidade do Prata, escreve comunicando ao escritor a sua reeleição como patrono da biblioteca escolar. Tal prestígio, segundo o leitor, deve-se à frequência com que seus livros são lidos: “O preferido por nós é *Aritmética da Emília*, que viajando, comendo melancias nos ensinou frações. Era este ponto detestado por nós”.<sup>540</sup>

Léa Siqueira Prazeres, de treze anos de idade, aluna da 3ª série ginásial, na cidade de Maceió, agradece o muito que Lobato tem contribuído para o desenvolvimento de sua formação, em especial para enfrentar a vida escolar: “Devo dizer-vos quanto têm sido úteis os vossos livros, que me têm muitas vezes tirado de sérias dificuldades. Frequentemente quebro a cabeça estudando lições que não há meio de assimilar”.<sup>541</sup>

Wanda Côrtes, de Juiz de Fora (MG), dirige-se ao escritor para comentar a leitura de *Emília no país da gramática* e o quanto ela tem sido útil para a sua aprendizagem. A leitora agradece ao escritor por esse e outros títulos de sua coleção, bem como elogia sua forma de escrever: “O senhor tem um modo tão simples de dizer as coisas difíceis que lê-las se tornam logo fáceis”. Ela solicita ainda que Dona Benta lhe ensine alguns pontos

<sup>537</sup> Álbum de D. Purezinha – Acervo do Museu Monteiro Lobato. Carta sem data.

<sup>538</sup> IEB – ARAS. Carta de 10 de janeiro de 1937.

<sup>539</sup> Ibid. Carta sem data.

<sup>540</sup> Ibid. Carta de 15 de maio de 1936.

<sup>541</sup> Ibid. Carta de 11 de julho de 1943.

que cairão na prova de português, pois “tenho uma gramática mas infelizmente leio, leio e não entendo nada”.<sup>542</sup>

O irônico neste caso é a própria postura de Lobato que, nunca afeito aos estudos da gramática, comenta com Rangel a carta da leitora e solicita seu auxílio, em carta de 5 de março daquele ano, portanto poucos dias após o recebimento da carta da leitora:

A coitadinha, desesperada com o pedantismo dos programas oficiais, recorre a mim para que peça a Dona Benta que lhe explique o ponto. Ora, como eu não sei gramática, sou obrigado a recorrer a uma e aprender o que ela quer que Dona Benta explique, “regência dos verbos mais freqüentes”. Eu devo saber isso muito bem, mas não ligo o nome à pessoa. Antigamente você me resolvia as dúvidas gramaticais, quem sabe se ainda tem ânimo de me explicar isso? Porque se eu for ver na gramática sou até capaz de não achar, de tal modo eu me perco naquele bátratro.<sup>543</sup>

Os depoimentos de leituras dos livros considerados didáticos demonstram que o leitor não fazia distinção estética entre esses e os demais títulos. Eles facilitavam o contato com a matéria escolar sem, no entanto, tirar o prazer da leitura.

### 5.3.3 Pequenos escritores

Existe um grupo considerável de leitores que se apresenta a Lobato como escritores e, muitas vezes, as cartas vêm acompanhadas das composições desenvolvidas fora e dentro do ambiente escolar. Eles exigem de Lobato uma leitura atenta e avaliativa, e alguns chegam a chamá-lo de colega pelos laços da profissão.

José Maria Batista, de quatorze anos de idade, residente na Barra do Piraí (RJ), escreve seis cartas ao escritor no período de 18 de maio de 1936 a 16 de janeiro de 1937. Apresenta-se como leitor assíduo dos livros de Lobato que são emprestados pela diretora do Grupo Escolar Barra do Piraí, onde cursa o 5º ano. Essas leituras proporcionam-lhe “um sotaque de escritor”; além de tirar as melhores notas em português, é solicitado pela direção sempre que se precisa de “uma prosa com sentido”. O leitor, de forma inusitada, oferece a Lobato a compra de alguns contos e prosas e aventuras para crianças “tudo isso

<sup>542</sup> Ibid. Carta de 22 de fevereiro de 1945.

<sup>543</sup> *Barca de Gleyre*, v.2, op. cit., p. 365.

inventado por mim mesmo”, bem como pede informações sobre possível publicação de seus textos.<sup>544</sup>

Em carta posterior, informa ter enviado alguns textos à editora Civilização Brasileira, que, na incerteza deles serem redigidos realmente por um menino de 14 anos, resolveu certificar-se. Queixa-se, no entanto, da proposta da editora, porque pagam muito pouco.<sup>545</sup> O leitor insiste em suas cartas na venda de seus livros, remetendo ao escritor um “romancezinho simples” chamado *Eu fui obrigada, papai*. Essa remessa vem seguida de uma advertência nada peculiar, exigindo pagamento em dinheiro pelo texto: “Apesar de eu amar os livros, é conveniente que me mande em pagamento deste, dinheiro, e não livros, pois tenho em casa uma biblioteca de livros do senhor que ainda nem li”.<sup>546</sup>

O menino Raimundo de Araújo enumera a sua produção literária, que consta de três livros, todos escritos na cabeça: *Jack e Alfred na Groelândia; Tom Water e seus irmãos na Dinamarca* e *O caso do bando sereia de prata*. O leitor ainda enfatiza que “quando escrevê-los (no rascunho é claro) mandarei para São Paulo para o senhor corrigir e prefaciá-los”.<sup>547</sup>

O leitor Angelo Castro, em suas duas cartas dirigidas a Lobato, envia composições de sua autoria; a primeira, de 7 de março de 1944, tem como temática fenômenos físicos e químicos e lhe rendeu o 1º lugar num concurso promovido por sua escola. Em 15 de março do mesmo ano, envia a segunda, que traz como tema a aventura de um naufrágio.<sup>548</sup>

Vilma Pires, de oito anos de idade, escreve quatro cartas no período de setembro de 1944 a agosto de 1945, e apresenta-se na primeira carta como escritora de muitas histórias: “se o senhor quiser eu mando”.<sup>549</sup> Provavelmente o escritor mostrou interesse pela produção literária da leitora que lhe remete no início do mês seguinte a história *As duas meninas*.<sup>550</sup>

Já Lucília comunica a confecção de um livro chamado “Aventura de Halley” e informa que assim que terminar a narrativa enviará ao escritor para que leia. A leitora considera uma troca justa: “porque já li todos os seus livros”.<sup>551</sup>

---

<sup>544</sup> IEB – ARAS. Carta de 18 de maio de 1936.

<sup>545</sup> Ibid. Carta de 18 de novembro de 1936.

<sup>546</sup> Ibid. Carta de 16 de janeiro de 1937.

<sup>547</sup> Ibid. Carta de 31 de janeiro de 1937.

<sup>548</sup> Ibid.

<sup>549</sup> Ibid. Carta de 16 de setembro de 1944.

<sup>550</sup> Ibid. Carta de 03 de outubro de 1944.

<sup>551</sup> Ibid. Carta sem data.

### 5.3.4 Interferindo e questionando a palavra escrita

Muitas cartas trazem sugestões para novos livros, desde a introdução de novas personagens a tematizações que os leitores consideram pertinentes. O comportamento diante da leitura não é estático e passivo, os leitores interferem e questionam informações que consideram duvidosas.

Antonieta R. Silveira, de dez anos de idade, residente em São Paulo, comenta com o escritor a sua decepção por não encontrar em seu sapato no Natal o livro *História do mundo para as crianças*. Seu consolo é a promessa materna de recebê-lo de presente pelo Dia dos Reis. A leitora propõe ao escritor a inclusão de uma nova personagem no Picapau Amarelo: “Eu acho que o senhor devia arranjar outro personagem no sítio de Dona Benta: um cãozinho chamado Tupy, porque só falta mesmo cachorro lá”.<sup>552</sup>

O menino Eduardo da Silveira Teixeira Leite, informado por sua mãe que o escritor aceitava opinião de seus leitores, fosse adulto ou criança, apresenta idéias para duas narrativas, uma de cunho histórico que tematize a pré-história e outra científica que introduza conhecimentos sobre o corpo humano, tendo como itinerário da visita a barriga do Coronel Teodorico. Indo além, o leitor aponta *Reinações de Narizinho* como o livro que mais gostou e aconselha Lobato: “desejo que o senhor continue com todos seus personagens, mas não aperfeiçoe mais a Emília porque a bonequinha já chegou ao máximo. Não faça que esse Visconde morra e apareça um outro (como já fez em muitos).<sup>553</sup>

**AMARILIS ROCHA DE CUNTO, DE SETE ANOS DE IDADE, NATURAL DE PELOTAS (RS), ESCRIVE A LOBATO QUATRO CARTAS ENTRE DE 17 DE SETEMBRO DE 1941 E 23 DE SETEMBRO DE 1943. NUMA DE SUAS CARTAS, A LEITORA, CONTRARIADA, RECLAMA SOBRE O PROCEDIMENTO ADOTADO PELO ESCRITOR: “VOU LHE PEDIR UMA COISA:**

---

<sup>552</sup> Ibid. Carta de 01 de janeiro de 1934.

<sup>553</sup> Ibid. Carta sem data. O leitor já falecido era neto de Alarico Silveira e sobrinho de Alarico Silveira Júnior.

**PARA O SENHOR NÃO ESCREVER MAIS LIVROS EM CONTINUAÇÃO. PORQUE EU FICO COM VONTADE DE LER O RESTO MAIS AS VEZES EU NÃO ACHO A CONTINUAÇÃO”.**<sup>554</sup>

Mesmo que o término da história não responda às expectativas da leitora, percebe-se, por suas palavras, que o escritor conseguiu seu intento, despertando a curiosidade pela continuação da narrativa quando coloca como estratégia a referência a próxima aventura.

Márcio Carvalho Moreira Nascimento, de oito anos de idade, autor de três cartas datadas de 1943, cobra do escritor a prometida viagem das personagens do Sítio do Picapau Amarelo ao Mar dos Piratas,<sup>555</sup> e tece comentários sobre os livros *A chave do tamanho* e *Aritmética da Emília*. Também pede uma explicação para um erro que encontrou sobre a origem do burro falante: “No livro *A chave do tamanho* o senhor diz que o burro falante nasceu na fazenda do Coronel Teodorico, mas em outro livro o senhor diz que o burro veio do país das fábulas. Como me explica o fenômeno?”<sup>556</sup>

O leitor carioca Severino de Moura Carneiro Júnior, de nove anos de idade, aluno do 4º ano primário do Colégio Melo de Souza, em Copacabana (RJ), envia cinco cartas a Lobato no período de 19 de fevereiro a 29 de dezembro de 1945. Com referência às personagens, o leitor reclama a ausência de Narizinho em *Os doze trabalhos de Hércules*, pois para ele “a história fica muito sem graça sem todo o bando”.<sup>557</sup>

Em sua primeira carta, o leitor informa sua releitura de *Geografia de Dona Benta* e questiona a veracidade de algumas informações expressas no livro: “Eu encontrei uma coisa que me deixou impressionado: a capital do Domínio Canadá como sendo Montreal. Ora todas as geografias dizem que a capital é Otawa. O que é que você me diz, meu mestre?”<sup>558</sup>

Se retomarmos as referências de Lobato às cartas dos leitores, veremos que, em 24 de fevereiro de 1938, ele respondia ao menino Geo David algumas indagações pertinentes ao mesmo assunto.<sup>559</sup> Embora o ano seja diferente, pode-se considerar a possibilidade dessa carta ser uma resposta ao mesmo leitor. Em primeiro lugar, Lobato não era muito afeito a datas e o livro foi organizado postumamente, o que leva a crer num erro de ano, não mês, na carta-resposta. Outro fato importante é o anonimato ou o jogo

<sup>554</sup> Ibid. Carta de 06 de novembro de 1941.

<sup>555</sup> Ibid. Carta de 06 de agosto de 1943.

<sup>556</sup> Ibid. Carta de 10 de junho de 1943.

<sup>557</sup> Ibid. Carta de 26 de junho de 1945.

<sup>558</sup> Ibid. Carta de 19 de fevereiro de 1945.

<sup>559</sup> *Cartas escolhidas*, v.2, op. cit., p.38.



de palavras que Lobato utiliza com alguns leitores, nesse caso o tratamento GEO, refere-se ao prefixo da palavra geografia e não ao nome do leitor.

Os questionamentos sobre as informações contidas nos livros demonstram uma atenção do leitor para a construção narrativa e até mesmo um sinal do ensinamento lobatiano de duvidar sempre, mesmo e principalmente da palavra escrita.

A introdução de temas atuais à época, como era hábito de Monteiro Lobato, é reivindicada pelo leitor Renato Vivacqua, de dez anos de idade, que sugere ao escritor uma narrativa em que a história da bomba atômica seja contada por Dona Benta.<sup>560</sup> Arnaldo Teixeira Mendes aponta como sugestão uma aventura na Amazônia, pois acredita que “seria bem interessante”;<sup>561</sup> por sua vez, Sylvio clama por um livro de ciências, justificando o pedido: “pois com seus livros se aprende brincando”.<sup>562</sup>

### 5.3.5 A materialidade do impresso

É significativa a referência dos leitores à materialidade do impresso, ou seja, eles questionam o número de páginas, as estratégias comerciais utilizadas pelo escritor na construção do livro, depõem a respeito das ilustrações e demonstram um sentido crítico ao optar por este ou aquele ilustrador.

O leitor H. E. Schroeder, de Diamantina (MG), após ler *O minotauro*, escreve a Lobato para criticar o erro tipográfico referente à ilustração. Segundo ele, a página 188 faz referência à representação “do tripodo da Pítia”, contudo a ilustração apresentada na página 189 não traz o prometido: “mostra uma cadeira de quatro pés”.<sup>563</sup>

A leitora Beatriz Isabel Salles Birenfeld, de Pelotas (RS), recorre ao escritor como diretor da Companhia Editora Nacional, responsável pela edição do livro *Meu torrão*, de Viriato Correia. Segundo a leitora, o desenho que ilustra um cacho de bananas de ouro coloca-as em posição contrária à realidade. Ela observa que tal fato foi confirmado numa visita ao mercado juntamente com seu pai.<sup>564</sup>

<sup>560</sup> IEB – ARAS. Carta de 31 de dezembro de 1945.

<sup>561</sup> Ibid. Carta de 29 de setembro de 1944.

<sup>562</sup> Ibid. Carta de 23 de abril de 1946.

<sup>563</sup> Ibid. Carta de 9 de julho de 1942.

<sup>564</sup> Ibid. Carta de 22 de dezembro de 1936.

Reflexões sobre as ilustrações também fazem parte dos comentários do leitor Angelo Castro que se refere positivamente às ilustrações de J. U. Campos e às de Belmonte, considerando-os os melhores ilustradores dos livros infantis de Lobato.<sup>565</sup>

Severino de Moura Carneiro Júnior apresenta suas preferências pelas ilustrações de Belmonte em oposição as de Rodolfo; a crítica ao segundo ilustrador vem justificada de forma contundente:

Para uma coisa eu quero lhe chamar a atenção: Há um desenhista chamado Rodolfo que faz verdadeiros aleijões. Ele faz Dona Benta feia, Tia Nastácia toda desajeitada, o Visconde nem parece o Visconde, Emília uma coisa horrível, Pedrinho e Narizinho nem se fala. Eu gosto do outro desenhista chamado Belmonte, que faz desenhos muito bonitos.<sup>566</sup>

**LUCÍLIA COMENTA OS DESENHOS DE BELMONTE, EM ESPECIAL NO LIVRO VIAGEM AO CÉU. SEGUNDO A MENINA O ILUSTRADOR JÁ É SEU CONHECIDO DEVIDO AO SEU TRABALHO NA GAZETA INFANTIL E ACONSELHA LOBATO: “ACHO QUE O SENHOR DEVE DAR TODOS OS LIVROS PARA ELE ILUSTRAR”.**<sup>567</sup>

A opção por este ou aquele ilustrador, os cuidados com a qualidade, veracidade e disposição gráfica das ilustrações e as críticas à falta de atenção nas informações contidas em alguns títulos evidenciam a presença de um leitor atuante, capaz de discernir entre o que lhe agrada e o que desagrada. Mais do que isso, comprova que a materialidade do impresso, preocupação constante de Lobato, é parte integrante da leitura.

### 5.3.6 Outras leituras

Sólêna Benevides Vianna Lima, de doze anos de idade, aluna do 2º ano ginásial do Instituto Lafayette, solicita a Lobato informações sobre a aquisição do livro *Viagens de Marco Polo*, aquele que Lobato prometeu à Narizinho traduzir em *História do mundo para as crianças*.<sup>568</sup> Pelas palavras da menina na segunda carta, percebe-se que a resposta de Lobato não corresponde às suas expectativas. Primeiro porque o livro só se encontrava na língua espanhola e italiana, a primeira não fora encontrada pela leitora e a segunda

<sup>565</sup> Ibid. Carta de 7 de março de 1944.

<sup>566</sup> Ibid. Carta de 19 de fevereiro de 1945.

<sup>567</sup> Ibid. Carta sem data.

<sup>568</sup> Ibid. Carta de 4 de setembro de 1934.

língua lhe era desconhecida. Fatos que desapontam a leitora, que espera para breve uma tradução feita por Lobato.<sup>569</sup> O mesmo pedido de tradução do livro *As viagens de Marco Polo* é feito pela leitora Jeannette Saraiva de Toledo, provavelmente depois da leitura do livro *História do mundo para as crianças*.<sup>570</sup>

Os leitores têm conhecimento da atividade de tradutor exercida por Lobato e por isso muitos são os pedidos de traduções. O leitor David Appleby, com formação inglesa, devido à origem materna, sugere a tradução do livro *Just David*, de Eleonor Potter. Já a menina Tagea diz estar lendo em alemão o livro inglês *Green Magic*, de Julie Classon Kenl, e que “gostaria muito que o senhor invertesse para o português para que todas as crianças paulistas o possam apreciar”.<sup>571</sup>

A carta da leitora “F”, anexada à correspondência de Rangel, datada de 28 de março de 1943, é um testemunho da formação feminina daquele período. A leitora confessa ter lido *Reinações de Narizinho* aos oito anos de idade, daí para diante leu todos os livros da série infantil e os livros para adultos. Encantada pela boneca Emília, coleciona gravuras suas penduradas na parede e possui uma boneca quase idêntica, perdida aos 13 anos pelas dentadas de um “cãozinho”.

Estudante interna num colégio de freiras, a leitora tem seus momentos de liberdade quando é solicitada para fazer trabalhos datilográficos. Em carta comenta com Lobato a sua formação autoritária e repressora:

Desejo imenso conhecê-lo, mas não acho coisa possível. Com tão ‘ferrenha’ família, tornei-me cheia de inibições e sem confiança em mim. Eles não aprovam as minhas ‘audaciosas’ idéias, como, por exemplo, querer ser apresentada a um homem. Sou uma atormentada, cheia de curiosidades, e não podendo satisfazer nenhuma. Tudo é proibido. ‘Défendu’, como diz a Superiora. ‘Não fica bem a uma menina’. Leio muito, mas às tontas e às escondidas. Sou duma ignorância crassa, que me revolta. Desejaria saber ao menos o papel que represento na vida. Ah, se eu tivesse quem me orientasse as leituras, para não perder tempo com inutilidades...<sup>572</sup>

<sup>569</sup> Ibid. Carta de 21 de setembro de 1934.

<sup>570</sup> Ibid. Carta sem data.

<sup>571</sup> Ibid. Carta de 24 de fevereiro de 1936.

<sup>572</sup> *A barca de Gleyre*, v.2, op. cit., p.346-349.

A solicitação implícita da jovem leitora de que Lobato lhe forneça uma orientação de leituras “úteis”, parece estar vinculada ao conhecimento de que o autor assim procedeu com suas leituras na infância. Não sabemos qual foi a resposta de Lobato, contudo, ao analisarmos outras cartas do escritor,<sup>573</sup> podemos auferir que, provavelmente, ele não se furtou do papel de conselheiro.

### 5.3.7 O que escrevem os pais e as mães

Pelo discurso dos leitores infantis, percebe-se que a família, nesse período, atua de forma efetiva na mediação da leitura, estimulando e acompanhando a vida leitora da prole. Monteiro Lobato recebia cartas também de pais e mães que pretendiam através de pequenos gestos do escritor incentivar seus filhos para a leitura: como as crianças, eles também solicitam livros e fotografias autografadas. Na tentativa de reatar as leituras da infância alguns pais oferecem títulos do escritor que foram importantes para eles.

Lúcia Vizen Laport recorre ao escritor com o firme propósito de conseguir alguns títulos autografados de literatura infantil. Ela relembra as suas leituras na infância, fazendo um paralelo com a dos seus pequenos leitores e expõe o entusiasmo manifestado por eles: “Realmente, o senhor é querido de toda petizada, e hoje em dia Monteiro Lobato é para eles como costumava ser, no meu tempo de criança, os contos de “Mil e uma noites””.<sup>574</sup>

Zuleika Borges Pereira Celestino, leitora na infância dos livros de Monteiro Lobato, escreve pedindo ao escritor uma fotografia autografada para guardar junto dos seus livros de infância que pertencerão em breve ao filho recém-nascido, Pedro Celestino. A leitora destaca ainda a importância das leituras dos livros de Lobato na sua vida escolar: “E, quando fazia o Curso Normal, muitas vezes em resposta às questões dos professores eram perfeitas graças à *História do mundo para as crianças* e a *Serões de Dona Benta*”.<sup>575</sup>

---

<sup>573</sup> Em carta à jovem professora Eyos Black, datada em 06 de dezembro de 1938, o autor assim se expressa: “Recebi sua cartinha com a notícia da festa de formatura e a promessa de ler os livros que indiquei. Infelizmente não posso ter o prazer de vê-la nesse ato de ingresso no mundo. Mas terei o prazer de imaginá-la a mergulhar-se no mar de pensamento puro que é Will Durant, e a pescar lá muitas pérolas que a venham enriquecer pelo resto da vida. As pérolas da sabedoria.” A indicação é reiterada no mesmo ano “Continuo a lhe indicar a *Filosofia da vida* como um livro básico. Para mim tem sido uma Bíblia. Procure lê-lo.” Cartas publicadas por ocasião da morte de Monteiro Lobato em ALVES, Ernesto. Ouvindo Monteiro Lobato através de algumas cartas. *Artes e Letras*, Campinas, 11 jul. 1948. p.9.

<sup>574</sup> Ibid. Carta de 03 de fevereiro de 1936.

<sup>575</sup> Ibid. Carta de 20 de janeiro de 1943. No livro *Cartas escolhidas* Lobato transcreve a sua resposta à leitora, datada de 13 de março de 1943. O primeiro parágrafo da missiva nos deixa entrever o contentamento

Do Rio de Janeiro, Erasmo de Barros Correia solicita a Lobato a remessa de alguns livros autografados para serem presenteados à filha que faz anos por aqueles dias. Contudo, o pai acentua que a fatura das despesas seja enviada para outro endereço, para não decepcionar a pequena leitora, justificando o seu gesto e o pedido: “porque tudo na vida é ilusão”.<sup>576</sup>

Algumas cartas marcam profundamente Lobato, como é o caso do bilhete do senhor José Faria Ribeiro, de 1943, que vem até o escritor para agradecer a carta enviada ao filho Lindberg. O menino encontrava-se imobilizado há seis meses numa cama com “osteomilite rebelde” e, segundo o pai, a carta resposta de Lobato deu novo ânimo ao leitor doente: “(...) dou-lhe a notícia que essa missiva veio concorrer imensamente para a sua cura. Diz ele que ontem foi um dos dias mais felizes de sua vida. Muito obrigado”.<sup>577</sup>

Quixadá Felício apresenta através de uma foto seu filho de 21 meses e demonstra ao escritor seu desejo de ter um livro autografado, em especial *Emília no país da gramática* para ser dado ao menino quando for introduzido no mundo da leitura.<sup>578</sup>

Aos pais desconhecidos unem-se os conhecidos e colegas de profissão, como o escritor Pedro Calmon, que, em carta datada de 1941 e com o timbre da Academia Brasileira de Letras, comunica a Lobato as preferências leitoras de seu filho:

Tenho um filho de sete anos que é grande admirador seu. Hoje veio declarar-me que o seu autor predileto é Monteiro Lobato. Perguntei-lhe: e que leu já de Monteiro Lobato? Citou-me vários livros infantis. *O minotauro*, *O garimpeiro do Rio das Garças* e outros. E foi peremptório: disse-me que só lerá Monteiro Lobato. Tomei nota desse entusiasmo e quero comunicá-lo para que sintam ainda uma vez a espontânea e viva simpatia de seus leitores de sete anos!<sup>579</sup>

Outros pais ilustres também manifestaram ao escritor as preferências leitoras de seus filhos, como João Alphonsus, filho de Alphonsus de Guimarães, que escreve acompanhado de duas cartinhas de seus filhos Liliana e João Alphonsus Guimarães

---

do escritor: “Uma antiga leitora minha, que começou com *A caçada da onça*, e leu tudo, e vai agora passar essas mesmas leituras a um filhinho – haverá nada mais comovente para este amigo das crianças e das mães que perpetuam no mundo o fenômeno ‘criança’?”. *Cartas escolhidas*, v.2, op. cit., p.100.

<sup>576</sup> Ibid. Carta de fevereiro de 1943.

<sup>577</sup> *A barca de Gleyre*, v.2, op. cit., p.350. Carta de 24 de agosto de 1943.

<sup>578</sup> IEB – ARAS. Carta de 05 de agosto de 1945.

<sup>579</sup> NUNES, Cassiano. *Novos estudos sobre Monteiro Lobato*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p.261.

Filho.<sup>580</sup> Em artigo “O amigo das crianças”, Maria Eugênia Celso relata a amizade entre sua filha Maria Vitória e o escritor, que vem ilustrada com uma carta do escritor destinada à menina. O escritor Orígenes Lessa apresenta as preferências do filho Ivan Lessa pelas narrativas lobatianas. Luís da Câmara Cascudo, convalescendo de uma gripe, solicita à sua filha Ana Maria alguns livros seus para leitura, depara-se com vários títulos de Lobato para a infância e confessa que ficou dois dias lendo o “outro” Lobato: “duplicação do que há 24 anos conheci na Rua dos Gusmões, o pai de Jeca Tatu, tio da Negrinha, técnico do ferro e petróleo, padrinho do 22 da Marajó, animado, vivo, inteiro na bondade leal, gente de outro tempo, acolhedor como uma rede de tapuarana”.<sup>581</sup>

### 5.3.8 O reconhecimento do eu

As cartas apresentam reflexões sobre o processo de leitura e suas implicações no desenvolvimento intelectual, emocional e até mesmo moral de seus leitores. A história prévia de cada criança, esteja ela relacionada a sua vida social ou leitora, repercute no ler e muitas vezes é estilhaçada por uma nova visão que colabora para a inserção de outra postura frente às coisas da vida e do mundo da leitura.

O menino Haroldo Leite comenta a sua admiração pela produção infantil de Lobato. Na qualidade de criança, público específico a que a obra é destinada, ele acredita poder avaliar a importância e “supremacia” do escritor no cenário da literatura infantil nacional e estrangeira. O leitor traça um perfil dos livros e do processo de leitura como renovadores e importantes para a formação daqueles que se aventuram nas malhas do ler:

O senhor pode orgulhar-se do que digo, pois estou certo de que correspondo aos mesmos pensamentos de seus milhares de leitores desse nosso caro Brasil. O Brasil é pobre em autores infantis, mas só o senhor vale por muitos. Quem lê seus livros guarda sempre uma agradável impressão sobre eles, porque não são como muitos cuja leitura é fastidiosa a gente, principalmente quando estamos nos primeiros passos da leitura.<sup>582</sup>

<sup>580</sup> IEB – ARAS. As cartas das duas crianças datam de 08 de setembro de 1943.

<sup>581</sup> Todas as informações constantes nesse parágrafo estão presentes no livro de Cassiano Nunes, citado na nota anterior.

<sup>582</sup> IEB – ARAS. Carta de 02 de novembro de 1934.

A leitora Maria Josefina Franco de Souza, aluna do 4º ano do Grupo Escolar Tiradentes, localizado em Curitiba (PR), avalia a recreação e o conhecimento como fatores indissociáveis ao processo de leitura: “Eu gosto muito de ler os seus livros que recreiam ao mesmo tempo que instruem”.<sup>583</sup>

Edith Canto, leitora desde menina dos livros infantis de Lobato, continua encontrando nessas narrativas o mesmo encanto da infância: “seus livros da biblioteca infantil são grandemente apreciados pelas crianças e ainda mais por adultos; o senhor faz livros onde há de tudo um pouco. Como eu gosto de literatura variada, encontro no senhor meu escritor número 1.”<sup>584</sup>

Liliana B. V. Guimaraens, de nove anos de idade, escreve sobre suas leituras, elencando os títulos que mais lhe agradam: *Reinações de Narizinho*, *O Picapau Amarelo*, *Memórias da Emília* e *O minotauro*, todos eles lidos e relidos pela leitora que prefere os livros que “falam da vida dos meninos” (subentende-se: Narizinho e Pedrinho). Exclui de suas preferências *A reforma da natureza*, pois as personagens crianças estavam ausentes.<sup>585</sup>

Hamilton de Souza, de treze anos de idade, redator-chefe do jornal *A Voz da Infância*, escreve um artigo sobre as personagens de Monteiro Lobato. A citação integral do texto se faz válida na medida que fornece um relato primoroso sobre as personagens e traduz o desejo da maioria dos leitores infantis:

Quem não gosta das personagens de Lobato?  
 Quem não gosta da Emília, de Narizinho, de Pedrinho, de tia Nastácia, do Visconde e dos animais, como o velho Quindim, o guloso Rabicó, o burro falante, a vaca Mocha e outras personagens que divertem a petizada?  
 Mais de quem vocês gostam mais? Da Emília. berrara a maioria. E por quê? Porque a criançada gosta daquela criaturinha malcriada, que responde e bota a língua às pessoas mais respeitáveis?  
 É difícil responder, mas o fato é que a Emília, assim como toda a turma do Sítio, é muito querida do ‘pessoalzinho miúdo’ do Brasil.  
 O Sítio do Picapau Amarelo é um paraíso!  
 Quem não gostaria de entrar nas páginas de um livro como ‘Caçadas de Pedrinho’ ou ‘Viagem ao Céu’ e divertir-se

<sup>583</sup> Ibid. Carta de 28 de setembro de 1936.

<sup>584</sup> Ibid. Carta de 16 de janeiro de 1942.

<sup>585</sup> Ibid. Carta de 23 de junho de 1942.

com uma pitada de ‘pó de pirlimpimpim’, indo ‘pintar o sete’ onde bem entendesse?  
 Ora, isso seria a melhor coisa do mundo!  
 É pena que não possamos realizar esse desejo, mas nos divertimos do mesmo modo ao ler as aventuras endiabradas dos moleques do ‘Picapau’.<sup>586</sup>

A carta de Júlio Greys traz comentários sobre a leitura de *Os doze trabalhos de Hércules*. Nesse período a narrativa, que hoje vem em um único volume, era publicada em doze volumes, cada qual com um dos doze trabalhos do herói. Para o leitor, o título *Hércules e Cérbero* era o melhor dentre os doze, e a personagem favorita daquelas peripécias era Emília, “a do faz-de-conta”. Seus apontamentos assinalam uma compreensão amadurecida do ato de ler e manifesta a atmosfera emocional provocada pela leitura.

As crianças em vez de ficarem aborrecidas (como geralmente acontece) ficam tão entretidas na leitura que até torcem para que tudo finde satisfatoriamente e ficam tristonhas quando pressentem o término da leitura (o que se passou comigo) (...)  
 São livros que remexem com o coração da criança, fazendo-a respeitar o escritor que lhe proporcionou longos dias de prazer.<sup>587</sup>

Em 1945 Lobato nomeia um de seus correspondentes como “o menino número 1 dos últimos tempos”.<sup>588</sup> Ele era Modesto Marques, autor de seis cartas entre 10 de dezembro de 1941 a 17 de dezembro de 1945. O leitor informa ter se alfabetizado com o auxílio materno aos cinco anos e aos seis recorda o seu primeiro “presente sério”: *O saci*. Aos doze anos de idade escreve sua primeira carta dirigida a “Digna Condessa de XXX”, sua “princesa Isabel” que o libertou de sua rotina mental; uma conversa de “libertado para libertador”:

No começo quando eu lia os livros que o tal Monteiro escrevia, achava muita graça e ria mesmo do que você falava. Agora, entretanto que eu sou Emiliano, medito profundamente nas suas palavras. Aquela história do faz-

<sup>586</sup> *A Voz da Infância*, São Paulo, agosto 1943. p.4.

<sup>587</sup> *A Voz da Infância*, São Paulo, dez. 1945. Carta de 10 de novembro de 1945.

<sup>588</sup> Declaração de Lobato a Gilson Maurity dos Santos em carta de 8 de dezembro de 1945.



de-conta, por exemplo eu creio que não há nenhum absurdo nisso. Ao contrário há liberdade.<sup>589</sup>

Três anos depois, o leitor confessa que os livros de Lobato influíram de forma decisiva na sua vida, até mesmo interferindo na opção religiosa. Conta que era protestante e, embora duvidasse da criação de Adão, “um símbolo usado pela Bíblia”, não ousava questionar, com medo do fogo do inferno. Segundo ele, através da leitura “aprendi a duvidar de tudo que não me parecesse lógico e a investigar a verdade nos próprios absurdos”.<sup>590</sup>

Aos dezesseis anos o leitor demonstra uma compreensão rara sobre a literatura de Monteiro Lobato. A carta tem como destinatário Dona Benta, denominada por ele como “pedagoga revolucionária utópica possível”. O jovem diz que o termo pedagoga não exige explicação, já que foi a própria senhora que lhe explicou; revolucionária pelo “método de camaradagem” empregado na divulgação dos conhecimentos; utópica porque rompe com a forma “sisuda” e “obrigatória” utilizada pela “mentalidade dos tais adultos” na educação. Possível sim, mas somente no dia em que a geração formada por esse método possa divulgá-lo.<sup>591</sup>

### 5.3.9 Da doença à saudade

Em setembro de 1945, Lobato sofre uma intervenção cirúrgica para a retirada de um cisto no pulmão. Os meses que precederam a cirurgia foram envolvidos pelo sofrimento da doença: o desgaste físico e o peito arfando eram os sinais evidentes de que o escritor não estava nos melhores dias. Esse clima envolveu também seus leitores infantis que recorrem as cartas, indagando sobre o seu estado de saúde.

Humberto Pires sugere ao escritor que, caso “não ficar bom com o remédio do Visconde”, tome o remédio de seu tio farmacêutico que reside no norte do país.<sup>592</sup> Antônio Henrique Abreu Amaral, de nove anos de idade, escreve ao seu escritor preferido também para lhe desejar um pronto restabelecimento.<sup>593</sup> A carta de Severino de M.C. Júnior é carregada de otimismo e desejo de melhora, vindo acompanhada de um abaixo-

<sup>589</sup> Ibid. Carta de 10 de dezembro de 1941.

<sup>590</sup> Ibid. Carta de 28 de novembro de 1944.

<sup>591</sup> Ibid. Carta de 10 de dezembro de 1945.

<sup>592</sup> Ibid. Carta de 27 de agosto de 1945.

<sup>593</sup> Ibid. Carta de 06 de julho de 1945.

assinado de intenção com 24 assinaturas, inclusive a da professora, estimulando o escritor para a vida.<sup>594</sup>

Um conjunto de cartas sobressaem-se dos demais pelo tom de tristeza que carregam em suas linhas: os discursos sobre a morte de Lobato.

Ana Maria Cerqueira Leite, de doze anos de idade, dá seu testemunho sobre a presença marcante de Lobato e seus livros na sua vida leitora. Inicia seu depoimento relembando a tristeza do pai e da mãe e o convite para irem a biblioteca municipal e, só lá, ela e o irmão souberam o motivo: dar adeus a Monteiro Lobato. O texto foi publicado de imediato no jornal *A Voz da Infância* e sua transcrição de forma integral possibilita entender o grau de maturidade dessa leitora:

A princípio nos assustamos, pois ver uma pessoa morta não é nada agradável. Tínhamos, mesmo, medo. Entretanto, obedecemos a papai, e entramos no edifício. Ao vermos o cadáver de nosso amigo, pareceu-nos que ele estava dormindo. Perdemos o receio.

Com certeza, como acontece conosco algumas vezes, ele também, no seu sono eterno, sonhava com o ‘Sítio do Picapau Amarelo’...

Várias vezes temos sonhado com o Sítio. Nele, brincamos com a Emília, e Pedrinho, Narizinho, Visconde e respeitamos Dona Benta, assim como nos deliciamos com os doces de tia Nastácia.

Se Monteiro Lobato, como nós pensamos, entrou em sonho no Sítio encantado que criou para o nosso deleite, para ele a morte foi a conquista da felicidade que na terra não pode encontrar.<sup>595</sup>

Acostumados a escrever ao escritor, extrapolando muitas vezes assuntos sobre o comportamento de leitura e compartilhando problemas íntimos, a quem recorreriam as crianças naquele momento de ausência e vazio? Três irmãos cariocas, Maria Heloísa, Regina Oliva e José Inácio da Rocha Werneck escrevem, no mês de morte de Lobato, uma carta endereçada à Dona Purezinha, relatando a perda do escritor:

Logo que nos contaram que Monteiro Lobato tinha falecido, ficamos tão tristes que houve até silêncio dentro de casa, apesar de estarmos de férias.

<sup>594</sup> Ibid. Carta de 27 de julho de 1945.

<sup>595</sup> *A Voz da Infância*, São Paulo, jul. 1948.

Fomos para nosso armário de livros e imediatamente a Emília, Narizinho e Pedrinho, D, Benta, Tia Nastácia, quindim, Rabicó e o Conselheiro, Tio Barnabé e o Visconde saíram lá de dentro chorando, chorando tanto que nem vimos que a sala estava toda fechada apesar de serem oito e tanto da manhã. Contemplamos pesarosos aqueles livros, ou por outra, aquela gentinha toda criada por Lobato para viver eternamente na imaginação das crianças brasileiras. – Não chores, Emília! Narizinho, Pedrinho e Rabicó, não gritem tanto! Visconde, Conselheiro e Tio Barnabé levantem-se do chão, não fiquem apalermados! Monteiro Lobato não morreu, não pode morrer para o Brasil, porque a infância é eterna, uma geração sucede à outra, e vocês, criados por ele, serão os inseparáveis companheiros da criançada brasileira, desta que brota nas ruas e vilas, nas roças e sertões deste imenso Brasil.<sup>596</sup>

Além do depoimentos espontâneos da leitora Ana Maria e da carta dos três irmãos cariocas encontra-se outro registro que, apesar da oficialidade do momento, merece ser lembrado: o “discurso” proferido pelo menino Renê Sena à beira do túmulo de Lobato. Suas palavras eram o último recado dos leitores ao escritor, em especial aqueles freqüentadores da Biblioteca Infantil de São Paulo:

É este um dia vazio e de luto para nós, Monteiro Lobato. Um dia em que despertamos sabendo, sabendo que você se foi, levando pedacinhos de nossos corações, uma saudade de cada criança deste país. A mesma dor que sentimos, sentem os adultos, que já foram crianças, que já foram seus leitores e seus discípulos.

(...)

Adeus. Adeus, não, porque nossa despedida não é assim tão final. Você viverá através dos tempos graças ao que seu talento criou. Cada vez que abrirmos um livro seu, será um novo encontro entre nós.

Deus o abençoe, Monteiro Lobato; e se a carga não lhe for pesada, leve consigo estes milhares de corações de crianças (entre eles os das crianças da Biblioteca Infantil), eles lhe farão companhia, como você sempre nos fez...<sup>597</sup>

Alguns meses antes de sua morte, Lobato, como no início da carreira, confessa o acolhimento diário de cartas. Cartas de leitores chegavam de diversas partes do país e da Argentina e eram consideradas por ele o seu melhor prêmio: “Ninguém jamais recebeu

<sup>596</sup> *A Voz da Infância*, São Paulo, abril 1962.

<sup>597</sup> *Ibid.* julho de 1948.

mais prêmios do que eu. As cartinhas de crianças que tenho, vindas de toda parte (ontem recebi uma de Santa Fé, na Argentina), fazem-me o homem mais rico do Brasil – o Grande Milionário....”<sup>598</sup>

---

<sup>598</sup> *Cartas escolhidas*, v.2, op. cit., p.258. Carta a Palma neto, datada de 21 de novembro de 1947.

#### 5.4 De volta ao remetente

Sou eu mesmo o menino que, num passado já muito distante, correspondeu-se com Monteiro Lobato. Um “menino” que está hoje com 72 anos.<sup>599</sup>

Daqui, da altura dos meus quase 80 anos eu me comovi lendo essas cartas, muito bem escritas, com propósitos claros e interpretações espertas.<sup>600</sup>

É uma volta ao tempo e já vão 62 anos!<sup>601</sup>

O testemunho de leituras se faz mais acessível quando o leitor é uma personalidade de conhecimento público. No entanto, quando iniciamos nossa pesquisa, almejávamos buscar o depoimento daqueles leitores, crianças comuns, hoje homens e mulheres (a)crescidos pelo tempo, que tiveram na sua infância o contato com os livros de Lobato e com o escritor. Como destacamos no capítulo 1, contatamos, por meios diversos, sete leitores: Alarico, Gilson, Hilda, Lucy, Nicean, Joyce e Cordélia.

Por que a escolha restrita desse pequeno grupo de leitores? Por que não tantos outros leitores que circulam em cidades brasileiras? Primeiramente porque eles e elas tiveram um relacionamento de proximidade com o escritor, alguns foram correspondentes e, excepcionalmente, quatro aparecem inseridos no universo maravilhoso e ficcional do *Picapau Amarelo*.

Reunimos aqui três discursos distintos: o primeiro está carregado pelas impressões de leitura colhidas no momento da recepção, o segundo se restringe a resposta do escritor a esses leitores, ambos redigidos na década de 30 e 40. O terceiro é o testemunho da leitura realizada na infância reconstituído mais de sessenta anos depois, relatos construídos pela memória. Se a primeira impressão de leitura registrada através da carta traz consigo a premência em narrar sobre o lido, a leitura recordada resvala no irremediável hiato entre o momento da apreensão e a distância dos fatos vividos.

---

<sup>599</sup> Resposta de Alarico Silveira Júnior, em carta datada de 20 de outubro de 1996, quando questionamos se ele seria o menino que procurávamos.

<sup>600</sup> Resposta de Gilson Maurity Santos, quando lhe enviamos, em agosto de 1999, duas de suas cartas, escritas na década de 40, ao escritor Monteiro Lobato.

<sup>601</sup> Resposta de Lucy Mesquita, em carta datada de 29 de outubro de 1999.

Expressões como “não me lembro”, “mas acredito que”, “não tenho qualquer lembrança”, “posso quase lhe garantir” permeiam o discurso desses leitores que, solicitados para o diálogo, entregaram-se ao exercício do recordar de forma generosa. Aguçar a memória e reavivar imagens esfumaçadas pelo tempo, “uma volta ao tempo”, como observa Lucy Mesquita. Porém, esse retorno não faz parte de uma narrativa de ficção científica, sendo assim, muito do que passou, ficou retido, esquecido num espaço inenarrável. No recordar nem tudo são certezas como nos aponta Gilson Maurity dos Santos: “mas duvido um pouco de minha memória pois já lá se vão mais de 60 anos”.<sup>602</sup>

Ecléa Bosi, ao refletir sobre o exercício do relembrar, coloca essa prática como reconstrução. O lembrar seria uma atividade vinculada ao presente daquele que recorda:

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor.<sup>603</sup>

Por esse viés, pretendemos atar os escritos de ontem e as falas de hoje, numa tentativa de reconstituir a recepção dos leitores e suas reações de leitura na infância; aproximar o mais possível da postura de Monteiro Lobato diante desse público leitor e refletir, com esse grupo de crianças, agora adultos, sobre as marcas daquela leitura da infância.

#### 5.4.1 Meu amigo íntimo

Alarico Silveira Júnior, diplomata aposentado residente no Rio de Janeiro, talvez seja o correspondente infantil número 1, na vasta lista de crianças que escreveram para Monteiro Lobato. Encontramos apenas duas cartas do leitor no período infantil, uma provavelmente de fim de 29 ou início de 1930 e outra de 1934. Mas pelos depoimentos do próprio escritor concluí-se que anteriormente ele já havia recebido cartas do menino.<sup>604</sup>

<sup>602</sup> Carta de 15 de setembro de 1999.

<sup>603</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2.ed. São Paulo: Queroz/EDUSP, 1987. p.17.

<sup>604</sup> No livro *Cartas escolhidas* encontram-se cartas de Lobato, datadas de fim de 1928 e início de 1929, destinadas ao leitor Alarico Silveira Júnior. *Cartas escolhidas*, v.1, op. cit., p.265.

Precede esse relacionamento entre o escritor e o leitor a convivência de amizade mantida durante muito tempo entre Lobato e o pai do menino, Alarico Silveira, homem que esteve ligado a dois momentos cruciais na vida de Lobato: quando em 1921, Secretário de Educação de São Paulo, no governo de Washington Luiz, auxilia no escoamento de *A menina do Narizinho Arrebitado*; e, em 1927, quando, acreditamos, intercede na nomeação do escritor como adido comercial brasileiro nos Estados Unidos da América.

A relação de Alarico Silveira Júnior com os livros infantis de Lobato começa muito antes de que fosse leitor fluente ou conseguisse decifrar os códigos de leitura, pois sua mãe e suas irmãs liam para ele as “histórias mais antigas”, entre elas *Narizinho arrebitado* e *O marquês de Rabicó*. O primeiro livro de Monteiro Lobato que leu efetivamente, “certamente com a ajuda de algum adulto”, pois tinha entre cinco e seis anos de idade, foi *O circo de escavalinho*, aquele em que aparece como convidado no Sítio.<sup>605</sup>

Alarico acredita que seu contato pessoal com o escritor ocorreu na casa dos seus pais, antes de sua ida para os Estados Unidos. O distanciamento temporal de setenta anos faz com que algumas lembranças fiquem embotadas, dando uma sensação diluída do ocorrido: “Tenho uma vaga lembrança daquele homem de sobancelhas enormes, que gostava de conversar comigo, um fedelho de cinco anos”.<sup>606</sup>

Dos Estados Unidos, Lobato escreve freqüentemente ao amigo Alarico Silveira, descrevendo a sua vida naquele país e relatando suas atividades e empreitadas econômicas. E, assim, é provável que, juntamente com as respostas do amigo, cheguem as cartas de Alariquinho. A letra do menino, em desalinho e trêmula, denuncia as mãos de quem principia nas manhas e artimanhas da escrita e torna-se mote para uma pequena narrativa de Lobato:

Gostei muito da sua letrinha. Está muito mais bonita que a de uma baratinha que escreveu uma carta à Rute. Não sabe como foi a história? Pois a burrinha tanto fez que caiu de ponta cabeça no seu tinteiro e por um triz não morreu da pior das mortes: afogada em tinta preta, sem poder enxergar coisa nenhuma desta vida. Mas a Rute veio e a salvou com um pauzinho. Ela então ficou toda tonta e catacega, a passear sobre um papel que estava perto do tinteiro, e

<sup>605</sup> Resposta de Alarico Silveira Júnior, em 23 de abril de 1998, sobre as suas primeiras leituras dos livros infantis de Monteiro Lobato

<sup>606</sup> Ibid.

deixou escrita nele uma carta que ninguém na casa pode ler porque ninguém aqui sabe a língua das baratas. Mas a Rute adivinhou que eram agradecimentos por ter sido salva da tal morte preta. Pois a letra do meu caro amigo íntimo é muito melhor que a da tal baratinha, apesar de ser ela uma das baratinhas mais sabidas deste país de gente sabidíssima. Meus parabéns, pois.<sup>607</sup>

A resposta de Lobato, certamente, ultrapassava os laços de amizade. Já não era somente uma resposta ao filho de um grande amigo, mas ao leitor que lhe apresentava resultados concretos de recepção: “Fico muito satisfeito da opinião do amigo íntimo a respeito dos livros do Monteiro Lobato. Vou publicar num jornal daqui essa opinião para mostrar aos americanos que eu sou um sujeito regularmente importante na minha terra”.<sup>608</sup>

Seria uma conclusão demasiadamente apressada e ingênua crer que uma criança de seis anos poderia construir uma opinião própria sobre o material lido, sem a interferência de algum adulto. Ciente desse processo e sem ferir o leitor, Lobato estimulava-o para a manutenção do diálogo, despido de outras vozes: “Faço questão de receber outras cartas do amigo íntimo, dando-me idéias para os meus livros, mas cartas inteirinhas escritas por ele, sem que papai nem mamãe metam o bedelho ou consertem as idéias”.<sup>609</sup>

A expressão “amigo íntimo”, doravante utilizada por Lobato sempre que se referir ao menino, até mesmo na narrativa ficcional, quando lhe apresenta como “amigo íntimo” de Pedrinho, é recolhida do discurso do próprio leitor que, ao cumprimentar o escritor, dela se utilizava.

Na tentativa de avivar a memória, Alarico deixou registrado recentemente “algumas velhas histórias de família”, para o conhecimento futuro de seus netos. Nessas anotações Lobato é lembrado e, apesar do tempo passado, o leitor detalha com nitidez o exato momento em que recebe das mãos de seu pai o livro no qual está representado nas peripécias do Sítio:

Vejo meus pais, risonhos, entregando-me um livro, *O circo de escavalinho*, no qual eu aparecia como convidado de honra, assistindo a um espetáculo encenado por Pedrinho no Sítio de dona Benta. A bem da verdade, havia outros homenageados, que dividiam comigo aquele momento

<sup>607</sup> *Cartas escolhidas*, v.1, op. cit., p.273. Carta de 31 de janeiro de 1929.

<sup>608</sup> *Ibid.*, p.275.

<sup>609</sup> *Ibid.*



supremo. Mas não importava. Ali estava eu, conversando com Narizinho e a Emília, gritando coisas, reclamando do atraso da sessão, dizendo gracinhas, o diabo.<sup>610</sup>

A carta de agradecimento pela participação na narrativa vem carregada de comentários sobre o livro. As ilustrações, preocupação de Lobato principalmente na representação do menino, agradaram em cheio o leitor, principalmente aquelas que ilustram os convites para a festa: “cartinhas correndo com perninhas e tudo”. Por outro lado, ele critica a ausência inesperada do Visconde, o palhaço do circo, não achando correta aquela situação de sumiço do sabugo.<sup>611</sup>

O leitor comunica ao escritor que soubera por intermédio de Edgard, filho de Lobato, que a empregada havia jogado Emília no lixo, mas descobrira ser uma “peta” e estava feliz. Feliz, porque das personagens daquele mundo ficcional, a boneca ocupava um lugar de destaque: “Emília é a mais engraçada de todos e eu não gosto do livro que não tenha a Emília”.<sup>612</sup>

O leitor também agradece a lanterninha enviada pelo escritor como presente, possivelmente pelas mãos de Edgard: “Muito obrigado daquela lanterninha que você me mandou, mas eu ainda não cacei nenhum saci. Eu procurei até a meia noite e não achei nada”.<sup>613</sup> Sem dúvida, a informação sobre a lanterna mágica era uma resposta à carta de Lobato, que questionava sobre o presente enviado e sua utilização: “Já pegou muitos sacis com a lanterna mágica? Fique sabendo que essa lanterna me foi dada pelo Aladino da lâmpada maravilhosa. Não é maravilhosa como a dele, mas a ilumina muito bem e para pegar sacis é uma danada. Se pegar dois, veja se me manda um”.<sup>614</sup>

A segunda carta do leitor é datada de 26 de junho de 1934. Nesse período Lobato já retornou ao Brasil e recebe com certa frequência cartas de leitores de diversos estados brasileiros. Alarico agradece o presente que o escritor lhe enviou: *Emília no país da gramática*. O livro, segundo ele, chegou em boa hora, pois nas aulas de gramática, consideradas “a coisa mais cacete do mundo”,<sup>615</sup> estava com a difícil tarefa de decorar os verbos, no entanto, com a ajuda de Emília aprendeu tudo.

<sup>610</sup> Carta de 23 de abril de 1998.

<sup>611</sup> IEB – ARAS. Carta sem data e sem local

<sup>612</sup> Ibid.

<sup>613</sup> Ibid.

<sup>614</sup> *Cartas escolhidas*, v.1, op. cit., p.293. Carta de 10 de setembro de 1929.

<sup>615</sup> IEB – ARAS

Não encontramos outros indícios de correspondência entre ambos; porém, em 1936, ano de publicação de *Memórias da Emilia*, o menino solicita ao pai, através de um bilhete, a sua compra informando: “custa 8\$000 e está à venda na banca de jornais da Praça do Patriarca”.<sup>616</sup> O que comprova que o leitor prosseguiu em suas leituras do universo literário lobatiano.

O último registro que encontramos de referência ao menino foi pelo falecimento de Alarico Silveira, em 1943, quando o escritor envia uma carta de pêsames à esposa do amigo, Elisa Silveira. Ao fim dessa carta, ele não deixa de saudar o seu antigo leitor: “Mando um apertado abraço ao Alariquinho – que já foi meu amigo íntimo”.<sup>617</sup>

Quando enviamos ao remetente as duas cartas encontradas no arquivo do IEB, ele nos contou que há alguns meses (1998) levou um grande susto ao visitar uma exposição sobre a obra de Lobato, organizada no Museu Histórico Nacional, e encontrou esta segunda carta numa enorme ampliação.<sup>618</sup> Da primeira ele diz que não tinha lembrança e dividiu com a família o contentamento de recebê-la:

Todos da família demos boas risadas com meus comentários ao *Circo de escavaliños*. Divertimo-nos também com o agradecimento a Lobato pela lanterninha (...). Devo acrescentar, cara Eliane, que 70 anos depois, ainda não consegui pegar um único saci. Mas continuo tentando.<sup>619</sup>

#### 5.4.2 Mestre Gilson

Gilson Maurity Santos é médico aposentado e reside no Rio de Janeiro; escreveu para Lobato em dois momentos de sua vida, primeiro na infância, aos onze e doze anos de idade e depois, na fase adulta, quando estudante de medicina. Na primeira fase, 1933/1934, o leitor enviou cinco cartas; dez anos depois, registra-se a remessa de duas cartas.

O discurso de Gilson sobre a lembrança dos acontecimentos da infância é cauteloso, pois sente que alguns dados não podem ser restaurados com a precisão do

---

<sup>616</sup> Carta de 23 de abril de 1998.

<sup>617</sup> *Cartas escolhidas*, v.2, op. cit., p.97.

<sup>618</sup> Em 1998 foi montada a exposição “O Brasil encantado de Monteiro Lobato”, um projeto da Fundação Banco do Brasil, em parceria com a Odebrecht. O projeto que traz a vida a obra do escritor em painéis e letra gigantes foi organizado com base no livro *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. Conforme o cronograma, a exposição estava no Rio de Janeiro de 26 de novembro de 1998 a 03 de janeiro de 1999.

<sup>619</sup> Carta de 1º de dezembro de 1999.

momento. Ao ser questionado sobre a maneira como obteve o endereço do escritor, o leitor acredita que tenha enviado para a Editora Brasiliense (Rua Barão de Itapetininga, 93). Tal possibilidade pode ser aventada no caso das cartas datadas na década de 40, mas não as emitidas nos anos 30.<sup>620</sup> Embora duvide um pouco de sua memória, Gilson observa que tomou sozinho a iniciativa de escrever ao criador dos livros que ele tanto gostava de ler.

É provável que a leitura do primeiro livro de Lobato, o que aconteceu na sua segunda infância (entre os seis e onze anos de idade), foi estimulada por familiares através de presente natalício: “Daí em diante eu pedia à minha mãe ou meu pai para comprar os que iam sendo publicados”.<sup>621</sup> O leitor confessa que provavelmente leu todos os livros de literatura infantil de Monteiro Lobato, desde *Reinações de Narizinho* até *A reforma da natureza*.

Em sua primeira carta a Lobato o menino apresenta-se como admirador incondicional das aventuras do Picapau Amarelo e informa estar sempre atento às novas publicações: logo que algum título sai no mercado solicita à sua mãe que o compre. Destaca *As caçadas de Pedrinho* como o livro preferido e pergunta ao escritor sobre o paradeiro da pele da onça da Toca Fria.

Embora resida no Rio de Janeiro, o leitor declara gostar muito de São Paulo e que toda a sua família torceu pela cidade durante a Revolução. A carta é concluída com um pedido insistentemente repetido nas posteriores: a sua introdução no universo das narrativas do Picapau Amarelo, participando de aventuras com as personagens Pedrinho, Emília e o Visconde.<sup>622</sup>

A resposta de Lobato é imediata, datada de 20 de dezembro de 1933, o que demonstra o comprometimento do escritor com as crianças que lhe escreviam, redigindo-lhes a resposta o mais breve possível. Quem responde e assina a primeira carta a Gilson é a personagem Visconde de Sabugosa: “Estou escrevendo esta carta em nome de Monteiro Lobato, que me emprestou a sua máquina. Eu sou o Visconde, sabe?”.<sup>623</sup>

Esta missiva reúne assuntos diversos, a maioria relacionados ao Sítio do Picapau Amarelo. Através do Visconde, o escritor dá notícias de todos no Sítio: Rabicó come

<sup>620</sup> A editora Brasiliense é idealizada e fundada em 1943, por Lobato e seu amigo Caio Prado Júnior.

<sup>621</sup> Resposta de Gilson Maurity Santos, em 30 de agosto de 1999, sobre seus primeiros contatos com os livros infantis de Monteiro Lobato.

<sup>622</sup> IEB – ARAS. Carta de 19 de dezembro de 1933.

<sup>623</sup> Todas as cartas-respostas de Monteiro Lobato são inéditas e foram cedidas pelo leitor para esta pesquisa. Três são destinadas ao menino e duas ao jovem. As cartas do escritor estão transcritas em sua totalidade no anexo 4 deste trabalho.

abóboras, Emília amola o Visconde junto à máquina batendo o ponto de interrogação; Tia Nastácia na noite anterior cozinhou chuchus recheados ... Quanto à pergunta do leitor sobre a pele da onça da Toca Fria, o escritor informa que Dona Benta a enviou à cidade para ser curtida.

O desejo do leitor de participar concretamente da narrativa é questionado pelo Sabugo, quando informa que ele mora muito longe, o que dificultaria a visita. Contudo, sugere a sua mudança definitiva para o Sítio: “peça licença a seu pai e venha...”. O leitor é avisado que em breve, “daqui uns dois meses”, o encontrará em uma nova aventura que poderá ser lida em *Emília no país da gramática*; e que Emília batizou o rinoceronte de Quindim.

Porém, o mais surpreendente da resposta ao leitor fica por conta da ironia com que Lobato trata os desmandos do governo Getúlio Vargas:

Então você torceu por São Paulo na revolução? Fez muito bem. Nós aqui também torcemos muito, menos Emília que é da ditadura. Ela anda com planos de fazer uma revolução para botar o Getúlio abaixo e ficar no lugar dele. Nesse caso tia Nastácia irá ocupar a pasta da Fazenda e Rabicó o ministério da Educação. Eu serei Ministro do Exterior – e você vai ver que nós endireitamos este país. Emília é uma danada!<sup>624</sup>

Passados dois meses, o leitor reata a sua correspondência com o escritor. Sem constrangimentos, o menino diz que seu pai, Dr. Maurity Santos, presidente da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, estará fazendo uma conferência na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e que Lobato deveria ir vê-lo: “Pega uma folga e vai lá ver meu pai”.<sup>625</sup> O menino pergunta sobre a veracidade do lançamento de *Emília no país da gramática* e exige uma resposta precisa e contundente sobre a sua aparição no Sítio: “Quero que respondas se deixas ou não deixas entrar nas aventuras do Sítio do Picapau Amarelo?”.<sup>626</sup>

Em carta assinada pelo próprio punho, Lobato acalenta o sonho do leitor de figurar como personagem em suas narrativas, dizendo que havia respondido na carta anterior e que o menino participará, sim, de aventuras com os netos de Dona Benta. O escritor observa ainda que esses pedidos são constantes por parte das crianças leitoras: “Há tantos

<sup>624</sup> Carta de 20 de dezembro de 1933.

<sup>625</sup> Carta de 23 de fevereiro de 1934.

<sup>626</sup> Ibid.

meninos e meninas que querem entrar nessas aventuras que a pobre da dona Benta está tonta – e anda pensando em comprar um novo sítio para aumentar o que já tem”.<sup>627</sup>

O plano de Dona Benta, comentado por Lobato em tom de brincadeira, é executado cinco anos depois, ao escrever o livro *O Picapau Amarelo*. Nessa narrativa a matriarca do Sítio expande os seus limites, adquirindo terras novas para acolher as personagens do mundo maravilhoso e, por extensão, as crianças do mundo real que aparecem em visita, entre elas o menino Gilson. Lobato explica-lhe que o lançamento de *Emília no país da Gramática* sofreu contratempos e sairá somente no mês de abril: “Demorou por causa do homem que ia fazer os desenhos e que ficou atrapalhado”.<sup>628</sup>

O livro *Emília no país da Gramática* é tema da próxima carta do menino que está curioso em saber as asneiras que a Emília dirá da gramática e insistentemente retorna ao velho assunto de sua participação, agora como integrante dessa narrativa: “o meu nome sairá em *Emília no país da gramática?*”.<sup>629</sup>

No mês seguinte, o leitor relata o término da leitura de *História do mundo para as crianças*, que ficara por último na sua predileção devido ao extenso volume de páginas. Aponta seu encantamento por todas as personagens do Picapau Amarelo, caracterizando-as individualmente: “Emília com suas asneiras, Narizinho com suas perguntas, Pedrinho com sua valentia, Tia Nastácia com seus quitutes, Dona Benta com suas maravilhosas histórias, o Visconde com sua sabedoria, o Marquês com sua gulodice e finalmente o rinoceronte com sua mansidão”.<sup>630</sup>

Na infância, Gilson identifica-se com o Visconde e o considera a mais camarada das personagens lobatianas; e comenta suas tristezas e alegrias, ao longo de suas peripécias, primeiro, por saber da morte do sabugo, depois por sua ressurreição, tristeza redobrada por vê-lo como doutor Livingstone e alegria pelo retorno do velho e conhecido Visconde.

O leitor quer manter-se atualizado a respeito do poço fundo que Lobato disse estar cavando e pede que Emília não brigue mais com Tia Nastácia, pedido já feito em carta anterior: “Diz a Emília para brigar menos com Tia Nastácia porque senão ela morre (ouvi dizer que Emília é de pano mas é forte como quê)”.<sup>631</sup>

---

<sup>627</sup> Carta de 26 de fevereiro de 1934.

<sup>628</sup> Ibid.

<sup>629</sup> Carta de 02 de março de 1934.

<sup>630</sup> Ibid.

<sup>631</sup> Ibid. Carta de 02 de março de 1934.

Lobato, que não respondera a carta de março, justifica a ausência de resposta devido ao seu envolvimento na confecção de *Emília no país da gramática*. O livro com “quase cem desenhos do Belmonte” exigia revisões tipográficas para que não saísse com erros. Conta ao leitor que Emília está com idéia de escrever suas memórias e informa que o poço já está com 800 metros, faltando 200 para o necessário: “se sair petróleo, vai ser uma beleza. O Visconde irá montar uma refinaria de fazer gasolina e Emília vai comprar uma dúzia de automóveis para gastar a gasolina que o Visconde fizer”.<sup>632</sup>

Lobato conclui a última carta, escrita ao leitor no período infantil, estimulando-o à leitura e saudando-o de uma forma no mínimo surpreendente, como se os papéis de repente se invertessem: “Adeus, **mestre Gilson**. Parabéns por ter lido a História do mundo. É lendo que os meninos aprendem, por isso não perca a gramática da Emília”.<sup>633</sup>

Remetente: Gilson Maurity Santos. Endereço: Rua das Laranjeiras, 433, Rio de Janeiro. Os dados no envelope são os mesmos das outras cinco cartas, a diferença reside na data da emissão. Quem escreve não é mais um menino que treina boxe no Colégio e vive a sonhar com a turma do Sítio; por trás daquela letra quem se apresenta é um jovem de 21 anos, estudante de Medicina, mas fremente por reavivar o velho diálogo com o escritor que lhe marcara a infância.

Motivado pelos sentimentos de gratidão, amizade e admiração, o jovem Gilson (re)apresenta-se a Lobato lembrando a troca de correspondência na infância: “E mais, para lembrar que daquela meninada cheia de entusiasmo pelos seus escritos pelo menos uma (tenho certeza que existem outras como eu) nunca o esqueceu e guarda com carinho a lembrança do Lobato”.<sup>634</sup>

O leitor confessa que os livros infantis de Monteiro Lobato lidos na infância lhe estimularam a vontade e o entusiasmo pela leitura, bem como o “carinho” com que trata o material lido; diz ainda que: “Com os seus livros na cabeça, quase decorados, eu fiz os meus primeiros alicerces literários”. A loucura pelo ato da escrita e o poder imaginativo que o leitor diz possuir deve-os a influência de Lobato na sua formação leitora.

A carta traz ainda um registro curioso da expectativa do leitor diante do livro *O escândalo do Petróleo*, pois acreditava que encontraria ali seus velhos conhecidos do Sítio do Picapau Amarelo, já que era de autoria Monteiro Lobato. Descreve o prazer da compra sem restrições, o trajeto para casa dentro do bonde com o livro entre os braços

<sup>632</sup> Carta sem data, escrita provavelmente no início de maio de 1934.

<sup>633</sup> Ibid.

<sup>634</sup> Carta datada de 24 de março de 1943. O original encontra-se de forma incompleta no arquivo do IEB e existe uma cópia completa no Museu Monteiro Lobato (SP).

“como se tivesse a proteger dos outros” e a persistência com que manteve a curiosidade em alerta, não abrindo o pacote até chegar em casa. Porém, declara que a primeira leitura o decepcionou e entre “tropeços” nada entendeu; afirmando que “só há pouco tempo vim a lê-lo todo e com entusiasmo e revolta”.<sup>635</sup>

Provavelmente Lobato não lembrou de imediato do seu antigo correspondente e, para certificar-se, recorreu à canastra onde acolhia as cartas dos leitores, pois ao responder ao jovem leitor comunica que ainda tem arquivado as suas cartas de menino. E destaca o prazer que as suas palavras provocaram: “Você não imagina, Gilson, que prazer me deu com o que disse. Prazer de pai que descobre um filho ignorado. E que filharada imensa eu tenho! Só eu sei...”<sup>636</sup>

Gilson em sua carta expõe a sua disposição para a produção escrita, no entanto, achava-se muito imaturo para publicar-se, por outro lado alguns íntimos o incentivavam. O escritor, seguindo a sua própria experiência, aconselha-o em nome de Dona Benta:

Não tenha pressa em aparecer diante do público. Inúmeras vocações se perdem por precipitação. A pressa em publicar-se traz decepções e desânimo. O certo é ir-se formando de modo que ao aparecer surja com uma obra que se imponha de maneira absoluta. O gênio é uma longa paciência – e por melhor que seja a qualidade dum laranja, ela só é saborosa e doce quando madura. Aperfeiçoe-se incessantemente. Decore a fábula dos Filhos da coruja e duvide sempre da beleza dos teus produtos literários. E decore também a fábula do Menino, do Velho Aldeão e do Burrinho. Com isto você ficará uma excelente laranja bem cheia de qualidades – quando amadurecer. Antes disso, será o que nós todos, homens e laranjas, somos antes da maturação – imaturos, verdes...<sup>637</sup>

Em carta de 1º de abril de 1943, o leitor confessa que interrompeu a leitura da resposta por três vezes, contagiado que estava pelo sentimento de emoção em recebê-la e pela expectativa da reação de Lobato ao deparar-se com um leitor há muito esquecido: “Começava a imaginar, você escrevendo, você lendo a minha carta, você rindo, você sentindo-se contente, como eu esperava, de não se saber esquecido em mais um coração”.<sup>638</sup>

---

<sup>635</sup> Ibid.

<sup>636</sup> Carta de Lobato datada de 30 de março de 1943.

<sup>637</sup> Ibid.

<sup>638</sup> IEB – ARAS.

O conselho de Dona Benta, segundo o leitor, tinha a validade de trinta cartas. A dúvida entre o editar ou não seus textos freqüentemente persistia em sua mente, no entanto, sentia-se tímido em pedir opinião alheia e Lobato o fizera, como que adivinhando o seu desejo. As palavras do escritor tocaram forte no leitor que continuou escrevendo, sem contudo publicar seus textos que ficaram restritos à suas próprias leituras e a de alguns amigos íntimos. Somente no início de 1999, já aposentado e participando de grupos de intelectuais e escritores, Gilson trouxe a público alguns de seus textos escritos nas décadas de 60 e 70: *Poemas de ontem, de anteontem e prosa onírica*.<sup>639</sup>

A última correspondência entre o escritor e o leitor dá-se em dezembro de 1945, quando Lobato lhe escreve felicitando pela conclusão do curso de Medicina. A carta não tem o tom formal e aproxima-se de uma despedida, como se o leitor, agora homem feito, tivesse outro caminho a seguir, contudo, restava ao escritor os novos leitores que lhe continuavam a escrever, como outrora Gilson o fizera:

Você começou comigo, mas cometeu a asneira de crescer e hoje já está longe, e só com os olhos da saudade revê o sítio onde ‘morou’. Mas o afluxo de Gilsons é constante. Escrevem-me de todos os lados e às vezes aparecem alguns excepcionais. Ontem recebi uma cartinha dum Modesto Marques, de Tatuí, que tive de classificar como o menino número 1 destes últimos tempos.<sup>640</sup>

#### 5.4.3 A menina das balas de cacau<sup>641</sup>

A paulistana Hilda Junqueira Villela Merz exerceu durante dezenove anos o cargo de instrutora cultural junto à Prefeitura Municipal de São Paulo, na Biblioteca Municipal Infante-Juvenil Monteiro Lobato, sendo responsável pelo Museu Monteiro Lobato, função da qual se desligou em 1999, quando se aposentou.

<sup>639</sup> MAURITY, Gilson. *Poemas de ontem, de anteontem e prosa onírica*. Rio de Janeiro: Armazém das letras, 1999. Recentemente Gilson publicou outro título: *Prosa em verso*. Rio de Janeiro: Mastergraph, 2000.

<sup>640</sup> Carta de 8 de dezembro de 1945.

<sup>641</sup> Gostaríamos de que esse subtítulo trouxesse impresso o substantivo no plural, mas Maria Elisa, irmã de Hilda, por motivos que desconhecemos, não se dispôs ao diálogo. No entanto, não poderíamos deixar de citá-la, pois em todos os bilhetes de agradecimento pelas balas de cacau o seu nome é lembrado.



A aproximação da leitora com os livros infantis de Monteiro Lobato ocorreu entre os dez ou onze anos de idade, mais especificamente através do livro *A caçada da onça*. Ela recorda que não havia muitos livros interessantes nesse período e refaz seu repertório de leitura que incluía os contos de fadas, dos quais não era muito fã, e algumas traduções de livros alemães e ingleses. “Minha irmã adorava ler as histórias melosas de M. Delly, mas eu não suportava a mesmice do enredo, por isso não gostava de lê-las. Quando descobri Lobato, fiquei fascinada, encantada com as aventuras no Sítio do Picapau Amarelo”.<sup>642</sup>

Em 1937, por insistência da leitora, o avô levou-a até o escritório de Lobato, que na época se localizava na Praça da Sé. A emoção foi demais para a menina que, ao ver o seu escritor predileto em carne e osso, ali na sua frente, perdeu a voz. Sobre esse momento, ela confidencia que a emoção foi tamanha que: “Respondia apenas por monossílabos às perguntas que ele me fazia. Meu avô não se conformava: ‘Ela não fala. Veio aqui só para conhecê-lo e agora não fala’. Então Lobato disse: ‘Deixa. Ela é igual ao papagaio de Taubaté: pensa muito e fala pouco’”.<sup>643</sup>

O encontro gerou uma relação de amizade entre o escritor e a menina e seus familiares e por várias vezes o escritor foi almoçar ou jantar na casa de seu avô. Nas constantes conversas com o escritor, a leitora solicitava, sempre que possível, a sua presença nas aventuras de seus livros e as recordações que traz do momento em que se viu inserida naquele mundo ficcional são no mínimo curiosas e permeadas de contradição, entre a felicidade de ver seu desejo realizado e a tristeza de não ser atendida no pedido de exclusividade que julgava justa ser atendida:

Pode parecer estranho, mas eu fiquei radiante e ao mesmo tempo com ciúmes. Ciúmes, sim! Pois o meu desejo era ir sozinha e participar de uma aventura junto com Pedrinho e Narizinho. No entanto, Lobato me colocou com um bando de crianças, entre eles seu neto Rodrigo e a neta Joyce.<sup>644</sup>

O diálogo ficcional de Hilda com o Conselheiro demonstra, sem dúvida, o quanto Lobato conhecia a sua pequena leitora, que solicitava a sua visita ao reino maravilhoso sozinha, sem outras companhias infantis. “Ciumenta”, eis o termo que o escritor se

---

<sup>642</sup> Entrevista realizada com Hilda Villela Merz nos dias 13 e 14 de abril de 1998, nas dependências da Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato.

<sup>643</sup> Ibid.

<sup>644</sup> Ibid.

utilizava para descrever a menina e, entre seus leitores, segundo Dona Purezinha, somente um menino argentino comportava-se de forma tão possessiva em relação ao escritor.

Diante do grupo de visitantes mirins, o Conselheiro percebe e questiona o ar tristonho de Hilda, uma das meninas do grupo. Sem constrangimentos, ela justifica seu comportamento: “É que sempre quis vir aqui sozinha, e afinal vim num bando. Não gosto de bando. Mas deixe estar que hei de aparecer eu só, agora que já aprendi o caminho”.<sup>645</sup>

A estreita relação de amizade e o convívio pessoal da leitora com o escritor talvez sejam o motivo de não encontrarmos registro escrito de Hilda nesse período. Porém, Lobato deixou marcado de forma mecânica ou manuscrita o seu relacionamento com a leitora. Através de pequenos bilhetes, dedicatórias em livros, mensagem em álbum de recordação, entre outros; muitos enviados à menina e à sua irmã, Maria Elisa, “as duas mais galantes e fidalgas de São Paulo”.<sup>646</sup>

Religiosamente o escritor recebia pela passagem de seu aniversário ou Natal um “pacotão” de balas de cacau enviado pelas meninas Villela. Não é possível fazer uma cronologia exata já que muitos dos bilhetes não possuem datas, mas conclui-se que os anos vividos pelo escritor na década de 40 foram adoçados pelas “famosas e divinas balas marca “Villela”.

O bilhete do escritor, datado de 28 de dezembro de 1947, às meninas é uma demonstração da permanência da amizade entre o trio: Hilda já está casada, “já é Hilda Merz”, como esclarece o próprio escritor: “Os anos se passam e o trio Hilda-Maria Elisa-Lobato não se dissolve. Elas crescem, “adultam-se” e já começam a multiplicar-se, e ele vai afundando na velhice – mas o trio não se dissolve; e todos os anos, pelo Natal, é recordado pelo cartãozinho e as balas de Hilda e Maria Elisa”.<sup>647</sup>

As dedicatórias em livros são muitas, entre elas a de *Contos pesados*, quando a leitora está com dezessete anos e é introduzida na leitura dos livros de contos de Lobato: “Espero que a Hilda Vilela, que já deu a honra de visitar o Sítio de Dona Benta, passe agora pelos *Contos pesados* e não desaponte como desapontou lá. Se no sítio não encontrou ninguém, aqui encontrará o maior dos seus admiradores”.<sup>648</sup>

Merece destaque nesses escritos, que trazem a voz de Lobato, a mensagem registrada por ele no álbum de recordações da leitora. O ano é 1937, mas a narrativa,

<sup>645</sup> *O Picapau Amarelo*, op. cit., p.843.

<sup>646</sup> NUNES, Cassiano. (org.) *Monteiro Lobato vivo*, op. cit., p.37. Bilhete sem data.

<sup>647</sup> Acervo Museu Monteiro Lobato.

<sup>648</sup> *Ibid.*

denominada “Cena Futura”, é ambientada em 1987. Ele constrói uma cena em que a menina, já mulher madura, rodeada por seus netos, perpetuaria as leituras da infância contando-as às novas gerações:

A venerável matrona, dona Hilda Villela, está contando histórias aos seus quatro netinhos.

– Conte, vovó, diz a Hildinha, de sete anos, conte outra vez a história da Emília, marquesa de Rabicó.

Dona Hilda fica pensativa e com os olhos voltados para o passado diz:

– Sabem vocês que eu, quando era menina, conheci o autor dessa e de tantas outras histórias?

As crianças ficaram assanhadíssimas por saber como era o autor de tais histórias.

– Lembro-me muito bem, disse a vovó, do dia em que levei ao escritório dele um pequeno álbum de autógrafo que eu possuía; esse álbum...onde andaré ele agora? Sumiu...

– Mas como era o tal autor das histórias? Um homem bonito, louro, alto?

– Nada disso! Feinho, pequenininho, pretinho, de bigodinho implicante. Chama-se Monteiro Lobato e tinha a mania do petróleo... Lembro-me muito bem um dia em que o convidaram para almoçar em nossa casa. Tínhamos então uma cozinheira muito melhor que a Tia Nastácia...

– E ele foi?

– Foi sim, e comeu tanto que até se engasgou.

– Engasgou? Coitado! E não morreu?

– Não. Morreu vinte anos mais tarde, afogado num poço de petróleo.<sup>649</sup>

O álbum não sumiu como previu o escritor. Guardado com carinho pela leitora, ele faz parte concreta das recordações queridas da infância. Quanto à previsão de Lobato, Hilda considera-se honrando-as à medida em que, embora não tenha netos, incentivou suas filhas na infância à leitura lobatiana. E acredita que seu trabalho, realizado até maio de 1999, na Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato, atendendo as crianças e pesquisadores que vieram em busca de informações sobre o escritor, tenha contribuído para a perpetuação de seus livros e “as lembranças do nosso relacionamento”.

Os laços de afetividade com a família Lobato não foram desfeitos com a morte do escritor. Hilda continuou a freqüentar a casa e a manter contato com D. Purezinha, depois com a filha Marta e com a neta Joyce. Na década de setenta a leitora sentiu curiosidade

<sup>649</sup> Ibid. Registro de 16 de setembro de 1937.

em visitar o acervo do Museu para ver se encontrava seu nome entre os cadernos de endereços de Lobato, encontrou-o e também recebeu o convite para retornar outras vezes, tornando-se freqüentadora assídua daquele espaço.

Em 1982, quando das comemorações do centenário de nascimento do escritor, ela foi convidada para colaborar na organização do evento e, a partir dessa data, tornou-se prata da casa. Curioso é que até essa data, Hilda nunca havia trabalhado fora de casa, muito menos como pesquisadora. E, no entanto, no período em que foi responsável pelo Museu, organizou três trabalhos sobre Monteiro Lobato.<sup>650</sup>

#### 5.4.4 Graciosa mineirinha

Lucy Mesquita, a “graciosa mineirinha”, que aos dezesseis anos encantou Monteiro Lobato com um discurso sobre o seu papel em divulgar o sonho do petróleo, é professora aposentada e reside na cidade de Riberão Preto (SP).

A leitora não faz parte do grupo de crianças que manteve relação com Monteiro Lobato através de cartas e curiosamente os livros desse autor não fazem parte do seu repertório de leituras infantis. Nascida em Conquista, “pequena cidade do triângulo mineiro”, as lembranças que guarda das leituras realizadas na infância se voltam para o jornal *O Tico-Tico*, “que nos apresentava temas nacionais patrióticos e folclóricos, desenvolvendo o gosto pela leitura”.<sup>651</sup> A assinatura do jornal, presenteada pelo pai como estímulo à leitura, era aguardada com ansiedade por ela e seus seis irmãos.

Com onze anos de idade, ao concluir o ensino primário no Grupo Escolar de Conquista, a menina é encaminhada como interna ao Colégio Nossa Senhora das Dores, educandário exclusivamente feminino regido por irmãs dominicanas, localizado em Uberaba. Instituição que faz parte do histórico educacional das mulheres da família, lá estudara sua avó materna, sua mãe, tias e irmãs.

A leitora rememora que o Colégio possuía uma boa biblioteca e desenvolvia várias atividades na área de leitura, mas os livros de Monteiro Lobato, quer seja os destinados aos adultos, quer seja os destinados às crianças, não faziam parte do acervo: “A obra deste

---

<sup>650</sup> MERZ, Hilda J. Villela. *Lobateana: idéias, pensamentos e fotos de Monteiro Lobato* São Paulo: Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenil, Prefeitura do Município de São Paulo, 1985. \_\_\_\_\_. *Lobatiana: Monteiro Lobato – meio ambiente*. São Paulo: Brasiliense, 1994. \_\_\_\_\_. et al. *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

<sup>651</sup> Informações concedidas pela leitora em correspondência datada de 29 de outubro de 1999.

escritor sofria restrições políticas e religiosas. Não que as Irmãs tivessem uma linha política a seguir, mas religiosa, sim, era respeitadíssima”.<sup>652</sup>

A literatura infantil de Lobato começa a ser lida paralela à adulta aos treze anos de idade, quando a biblioteca escolar já dispunha dos livros do escritor, entre eles: *Urupês*, *Na antevéspera*, *A barca de Gleyre*, *Cidades mortas*, *Mr. Slang e o Brasil*. O livro *O escândalo do Petróleo*, por sua vez, foi comprado pela própria leitora “para me inteirar do assunto que estava a sacudir o Brasil”.<sup>653</sup>

Em 1937, Lobato viajou por várias cidades mineiras na sua cruzada em favor do petróleo nacional. Em 21 e 22 de julho esteve na cidade de Uberaba, onde foi acolhido por uma grande multidão composta de membros destacados da sociedade e estudantes das escolas públicas e particulares. Seu tempo foi dividido entre duas entrevistas na Rádio Triângulo Mineiro, uma conferência no Cine-Teatro São Luiz e visitas ao Grupo Escolar Brasil, à Escola Normal e ao Colégio Nossa Senhora das Dores.<sup>654</sup>

Lucy Mesquita cursava o terceiro ano normal e foi escolhida para saudar Monteiro Lobato em nome do Colégio Nossa Senhora das Dores, fato que lhe provocou susto e honra. A leitora acredita tê-lo tocado pelo enfoque dado ao seu discurso voltado para o homem Lobato, o “embaixador do petróleo”, e não na figura do escritor, fato abordado pelos alunos da Escola Normal.

No pátio São José, as alunas impecavelmente uniformizadas, esperavam Monteiro Lobato, que chegou acompanhado da Irmã Superiora e da Vice-Superiora. Burburinhos, alvoroço ... Silêncio. Eis a cena reconstituída mais de sessenta anos depois:

---

<sup>652</sup> Ibid.

<sup>653</sup> Ibid.

<sup>654</sup> Monteiro Lobato em Uberaba. *Lavoura e comércio*, Uberaba, 21 e 22 jul. 1937.

Nesta rápida passagem, Lobato deixou forte marca pela grande personalidade que era, pela história de sua vida e pela bandeira do monopólio do petróleo que defendia. Não era sempre que aparecia uma personalidade tão ilustre no colégio. Pode-se imaginar como ficamos em polvorosa! Foi uma referência digna de registro. Nem imaginava que ele pedisse o discurso, não fiz cópia e não tenho.<sup>655</sup>

O discurso de Lucy Mesquita, recolhido pelo escritor após questionar a autoria e elogiar a maturidade, a sua clareza e a consciência política da aluna, marcou-o profundamente a ponto de citá-lo em várias conferências no interior mineiro. Publicado de forma parcial entrecortado com o pronunciamento do escritor, o texto da menina vem a público em 1959, no livro *Conferências, artigos e crônicas*:

O vosso sacrifício da carreira literária para se dedicar inteiramente ao serviço da propaganda duma companhia de petróleo é dos mais nobres que conheço.

(...)

Compreendo que pela palavra falada conseguireis mais do que pela palavra escrita, enveredastes pelo Brasil afora para chamar a atenção dos brasileiros para a grande campanha do petróleo. Mas porque não escreveis um livro sobre o petróleo, no gênero de ‘Emília no país da gramática’ para cativar os meninos de hoje, pois que esses meninos de hoje vão ser os homens de amanhã? (...).<sup>656</sup>

Ao despedir-se da população de Uberaba pela rádio local, o escritor pede desculpas aos seus leitores infantis pelo pouco tempo dispendido com eles, mas convida-os para uma visita ao Sítio de Dona Benta, “onde a Emília, Narizinho, Pedrinho e o Visconde os esperam para uma formidável festa. Tia Nastácia as receberá com bandejas e mais bandejas daqueles seus célebres bolinhos de frigideira”.<sup>657</sup>

Somente alguns anos depois, por intermédio de seu irmão Hely, Lucy Mesquita ficou sabendo das referências da visita de Lobato a Uberaba nos jornais locais; anos depois, mais uma surpresa o professor Pepe, amigo da família, levou-lhe o livro *Conferências, Artigos e crônicas* onde ela era citada, e, em 1981, finalmente a leitora adquiriu, num sebo em Brasília, um exemplar do livro, que guarda com carinho.

<sup>655</sup> Carta de 29 de outubro de 1999.

<sup>656</sup> LOBATO, Monteiro. *Conferências, artigos e crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1964. p.42.

<sup>657</sup> Monteiro Lobato e a candidatura José Américo. *Lavoura e comércio*. Uberaba, 23 jul. 1937.

### 5.4.5 Linda criança

Nicean Serrano Telles de Sousa (Campos) nasceu em Manaus onde passou sua infância; atualmente reside em Goiânia onde é médica pediatra e professora aposentada do Departamento de Pediatria da Universidade Federal de Goiás.

Nicean começou a ler os livros infantis de Lobato aos sete anos de idade, por sugestão de sua mãe que era professora de Português. Embora fosse aluna de uma escola pública desprovida de biblioteca, a leitora observa que era, como os demais alunos, estimulada pelas professoras à leitura de livros para crianças. De suas lembranças emergem a leitura de dois autores brasileiros: Monteiro Lobato e Erico Verissimo.

Autora de uma única carta para Lobato, Nicean foi motivada a escrever para o escritor por ocasião de sua prisão, em 1941: “No dia que soube que ele havia sido preso, chorei muito e indaguei de minha mãe se poderia escrever para ele e assim o fiz”.<sup>658</sup> Lobato havia sido absolvido em primeira instância pelo Tribunal de Segurança, e a leitora, em 14 de abril de 1941, escreve: “Venho por meio desta cartinha congratular-me com o senhor pela liberdade que acaba de obter. Quando li o telegrama mandando prendê-lo, não imagina como fiquei triste! É que, embora pequenina, pois tenho oito anos, gosto imensamente de ler, e o senhor é meu autor predileto”.<sup>659</sup>

Apesar da absolvição, Lobato tem sua prisão prorrogada e é atrás das grades da prisão que responde a carta de sua pequena leitora:

#### Linda criança

Recebi na Cadeia sua cartinha de oito páginas minúsculas, vinda de Manaus e com parabéns pela minha absolvição pelo Tribunal de Segurança. Você é muito pequena para interessar-se pela causa da minha prisão – mas quando ler *O poço do Visconde* compreenderá alguma coisa. O crime deste seu amiguinho distante é sempre o mesmo: querer dar petróleo ao Brasil.

Mas como tudo tem suas compensações, estou com idéia de fazer este ano um livrinho novo com o nome *A prisão da Emilia*. A polícia prende a diabinha – e ela pinta o diabo na cadeia, faz reformas, solta os inocentes, melhora tudo, transforma a vida dos presos, que era um inferno, numa verdadeira delícia. Que tal a idéia?

<sup>658</sup> Informações concedidas pela leitora em correspondência datada de 11 de novembro de 1999.

<sup>659</sup> IEB – ARAS.

Adeus – e queira sempre bem a este amigo das crianças que não tem medo de ir para a cadei[r]a, quando é para bem de sua terra.<sup>660</sup>

Nicean relata a surpresa com que encontrou, em 1998, no suplemento da *Folha de S. Paulo* a cópia de sua carta dirigida a Lobato:<sup>661</sup> Ela observa que “Era muito menina e inclusive não tenho o original da carta que a ele escrevi”.<sup>662</sup> Contudo, a leitora guarda, há mais de cinquenta anos, a lembrança viva desse encontro epistolar: a resposta do escritor.

#### 5.4.6 Miss Joyce

“Miss Joyce” é a expressão utilizada por Lobato ao comentar com Anísio Teixeira o nascimento de sua neta: “uma americanazinha nascida a 29 de fevereiro deste ano, no Woman’s Hospital, que me pregou a peça de me fazer *grandfather* quando menos o esperei”.<sup>663</sup>

Filha de Martha Lobato e Jurandyr Campos (pintor conhecido como J. U. Campos), Joyce nasceu em Nova Iorque, em 24 de fevereiro de 1930. Sua primeira língua foi o inglês e estudou até 1942, na Escola Americana de São Paulo, onde a língua portuguesa não fazia parte do currículo escolar, pois seus pais tinham o firme propósito de retornar para os Estados Unidos da América.

Aos seis anos, a menina já sabia ler, exercício desenvolvido nas páginas do livro *Histórias de Tia Nastácia*. No período escolar, o contato com os livros do avô acontecia nos intervalos das aulas ou em casa, já que a escola não propiciava essa aproximação. Porém, alguns títulos nunca chegaram a serem lidos, pois Lobato contava a narrativa à menina à medida que ia escrevendo. Muitas vezes quando o livro ficava pronto, a história já era antiga conhecida.

Falando de sua rica experiência de leitura, Joyce conta-nos que, além dos livros que o avô escrevia, tinha à sua disposição uma infinidade de títulos, a maioria na língua de origem, já que a família era “maníaca” por ler na língua original. A biblioteca da escola também era uma fonte de alimentação e, com frequência, lia um livro por semana, por exigência escolar, no terceiro ano primário.

<sup>660</sup> Carta inédita de Lobato, datada de 03 de maio de 1941, concedida pela leitora para esta pesquisa.

<sup>661</sup> A matéria citada por Nicean foi publicada no suplemento “Folhinha” do jornal *Folha de S. Paulo*, em 18 de abril de 1998.

<sup>662</sup> Carta de 11 de novembro de 1999.

<sup>663</sup> NUNES, Cassiano. *Monteiro Lobato vivo*, op. cit., p.91.



A infância, dividida entre a casa dos avós e dos pais, foi vivida intensamente. Descreve com certo ciúme a relação de Lobato com as crianças leitoras. Conta-nos que ele não paparicava as crianças e tem poucas recordações de demonstrações de afeto, como pegá-la no colo, embora a protegesse quando apanhava por suas traquinices. As outras crianças, no entanto, chegavam e “pulavam em cima dele”, faziam-lhe carinhos, aos quais ela não estava acostumada.

Quando Guilherme, filho de Lobato, ficou doente, a menina foi com os avós morar em Campos do Jordão. Lembra com carinhos as excursões junto com o avô pela floresta, em busca de borboletas e besouros para a coleção de Guilherme. Nessas ocasiões, Lobato aproveitava para ir ensinando-lhe sobre a natureza, nomeando as árvores, explicando sobre os animais venenosos, etc.

Para mantê-la longe do escritório e afastada de peraltices com seus escritos, Lobato improvisava histórias de medo e quebranto. Uma delas diz respeito a um saci que habitava em seu escritório, dentro de uma garrafa; caso a menina entrasse sem permissão, o saci iria fugir. Joyce diz que “ficava dando tratos à bola” como pegar o Saci. O encanto se desfez quando finalmente, a menina conseguiu pegar a garrafa e descobriu que seu conteúdo era nada mais, nada menos que pinga.<sup>664</sup>

#### **5.4.7 Menina corajosa**

Filha única, Cordélia Fontainha Seta nasceu na cidade mineira de Juiz de Fora, mas aos quatro anos fixou residência em Belo Horizonte, cidade onde passou toda a sua vida estreitamente vinculada a movimentos artísticos e culturais. Aos onze anos de idade era uma ferrenha colaboradora da revista infantil *Era uma vez*, dirigida por Vicente Guimarães. Entre as muitas atividades exercidas, pode-se incluir: jornalista, escritora, poeta, compositora, fotógrafa, crítica de *Performing Arts*, lingüista, radialista e professora de música e línguas.

A relação prematura da leitora com a literatura de Monteiro Lobato deu-se aos quatro anos de idade, quando recebeu de presente de sua mãe um exemplar de *Reinações de Narizinho*. Ela iniciou sua correspondência com Monteiro Lobato aos quinze anos de idade, totalizando nove cartas, escritas entre 25 de janeiro de 1944 a 28 de novembro de 1945.

---

<sup>664</sup> Informações concedidas pela leitora em entrevista realizada no dia 13 de setembro de 1999.

Infelizmente, não poderemos fazer o contraponto das cartas da leitora com as respostas do escritor, já que não conseguimos ter acesso a estas, nem saber o seu destino. De qualquer maneira, as cartas da leitora, com impressões de leitura e o seu discurso posterior, dão-nos uma dimensão de quão forte foi a relação entre Cordélia e Monteiro Lobato.

A primeira carta da leitora foi enviada à Cia Editora Nacional, mas, quando a relação se acentua, envolvendo os pais da menina, que também se tornam amigos do escritor, as cartas são dirigidas ao endereço residencial de Lobato, na época “Rua Alabastro, bairro Consolação”.

Na primeira carta, a leitora apresenta-se a Lobato com informações sobre a sua vida escolar e cultural: era, então, aluna da 4ª série ginásial e do 7º ano de piano no conservatório musical. O objetivo principal de sua carta é conseguir do escritor uma retrato autografado para deixar afixado na sua biblioteca particular, descrita, sem cerimônias, como composta “de diversas coleções que por serem muito variadas até se parecem com o célebre museu da Emília (...) pois eu acho que nas minhas coleções, só faltam um retrato e uma carta escrita por Monteiro Lobato, dirigida a mim”.<sup>665</sup>

Os pedidos da menina Cordélia são concretizados e, como não poderia deixar de ser, sua próxima carta tem como intento agradecer ao escritor a resposta e o retrato autografado. Porém, o teor da correspondência muda o foco e a leitora questiona algumas modificações no material impresso de suas narrativas preferidas: o novo formato dos livros, como a quinta edição de *As caçadas de Pedrinho* (18 x 24,5), não lhe agrada; sua predileção recai sobre os livros de formato antigo (15,5 x 21,5). Também faz parte do relato suas dificuldades e decepções em adquirir dois títulos da coleção infantil: “Passados alguns dias quis comprar *As aventuras de Hans Staden* e *Peter Pan*, entretanto, percorri todas as livrarias da cidade e disseram-me que estes livros estão esgotados”.<sup>666</sup>

O ano de 1944 é marcado pela freqüente troca de cartas entre a leitora e o escritor. Os assuntos são os mais variados possíveis, mas um não esquece de congratular o outro pela passagem do aniversário. Cinco dias antes do aniversário de Lobato (18 de abril) chega-lhe um cartãozinho de Cordélia e no mês de agosto é ela que recebe felicitações.

Cuidadosa com os livros, Cordélia apresenta a fórmula adotada para organizar a sua biblioteca, catalogando-os com as seguintes informações: título, autor, o número do

---

<sup>665</sup> IEB – ARAS. Carta de 25 de janeiro de 1944.

<sup>666</sup> Ibid. Carta de 15 de fevereiro de 1944.

volume na prateleira, o número das prateleiras na estante e o preço do volume; ela demonstra curiosidade e especial interesse em conhecer a biblioteca de Lobato: “Tenho muita vontade de ir conhecer a sua biblioteca. Assim como a Narizinho acha que a Emília é “espiro de gente”, eu acho que a minha biblioteca deve ser “espiro de biblioteca” (será espiro da sua biblioteca?)”.<sup>667</sup>

O interesse pela literatura infantil de Lobato faz com que a leitora solicite uma relação completa dos títulos, contudo ela está interada da produção geral do escritor e informa que: “Mais tarde comprarei os para “bigodudos”, como diz Pedrinho”.<sup>668</sup>

Cordélia, desde os onze anos assídua colaboradora da revista infantil *Era uma Vez*, dirigida por Vicente Guimarães, na cidade de Belo Horizonte, em carta de 30 de outubro de 1944, conta que criou uma nova seção denominada: “Prosadores e poetas Brasileiros, série de 24 biografias, cujo número 4 será dedicada a um tal Monteiro Lobato. O senhor por acaso o conhece? É um sujeito que escreve uns livros que não existem outros iguais no mundo de tão enjoados”.<sup>669</sup>

A leitora pede para ser incluída no rol das personagens do próximo livro. “Não precisa ficar com medo de me pôr ao lado da Emília, porque sou a aluna número 1 dela”. Ela relata suas travessuras e pede notícias de todas as personagens do Sítio e, por último, convida Monteiro Lobato para a sua formatura no Colégio Santa Maria. “Mas não venha sozinho: traga todo o pessoal do Sítio, mais a Branca de Neve, Peter Pan, Belerofonte, etc”.<sup>670</sup>

Em dezembro, a leitora comunica ao escritor a decepção provocada pela impossibilidade de adquirir os livros da série *Os doze trabalhos de Hércules*, expostos na vitrine de uma livraria de Belo Horizonte: “Já era noite, a livraria estava fechada, e eu fiquei com vontade de quebrar a vitrine para poder ler os seus livros”. Informa ainda que está resolvida a encomendar os livros do próprio escritor, pelo correio, em porte registrado e de acréscimo solicita que venham “com seu autógrafo (mas sou mais exigente do que a Emília e quero UM autógrafo EM CADA livro)”. A leitora comenta que já recebeu o certificado da 4ª série e vai tirar uma foto de beca, que enviará a Lobato: “Para o Senhor colocar na sua escrivantina, como sendo da sua maior admiradora”.<sup>671</sup>

<sup>667</sup> Ibid. Carta de 13 de abril de 1944.

<sup>668</sup> Ibid. Carta de 17 de agosto de 1944.

<sup>669</sup> Ibid.

<sup>670</sup> Ibid.

<sup>671</sup> Ibid. Carta de 15 de dezembro de 1944.

Em fevereiro do ano seguinte, a leitora expõe sua opinião sobre *Os doze trabalhos de Hércules*. A carta aparece aqui transcrita de forma integral pela sua relevante representação do diálogo entre obra, leitor e autor:

Caro Senhor Lobato

Aqui esta a cartinha que o Senhor pediu que eu escrevesse, isto é, uma cartinha com mais “Comprimento”, a respeito das façanhas dos “picapaus” na Grécia.

Achei os livros ótimos. Mas ótimos de verdade, pois eu sou das tais meninas que o Sr. aprecia; isto é, “das meninas bastante corajosas para dizerem o que pensam” (como o Sr. disse em uma das cartas).

*Os doze trabalhos de Hércules*, são destes livros (como aliás são todos os que o Sr. escreve) que a gente (não é agente da Estação) lê, lê, lê, nunca enjoa de estar lendo, e fica com pena de ter que acabar de ler.

Eu acho que os livros do Sr. podem ser divididos em duas classes: à primeira, pertencem os livros que contam fatos passados no Sítio, e à segunda pertencem os que contam causos passados fora do Sítio, como por exemplo, os “Hércules”. Gosto de ambas as classes, mas acho que não há nada como o Sítio... ele é a melhor coisa que já se imaginou no mundo. Acho que não existe nenhuma criança que não gostaria de morar lá. É mesmo o ‘suco dos sucos’, como dizem os “picapaus”.<sup>672</sup>

Em 1945, a leitora vai a São Paulo e visita o escritor, conhece sua família e, no retorno, escreve contando de sua viagem e comenta que no percurso de volta veio lendo o livro *Peter Pan*.<sup>673</sup> Em outra carta envia a foto do casal Lobato tirada por ocasião de sua visita; fala ainda sobre a entrevista dada para o jornal *Estado de Minas* que, no entanto, “por causa da política a entrevista ainda não foi publicada, mas deve sair até o próximo Domingo. Quando for publicada eu lhe enviarei um exemplar do jornal”.<sup>674</sup>

Cordélia visitava com freqüência a família Lobato, em São Paulo, mesmo depois da morte do escritor. E foi numa destas visitas, na década de 60, quando estava hospedada na casa de Jurandyr Campos, que recebeu o convite de Caio Gracco Prado para compilar, anotar e prefaciар o livro *Cartas de amor*, correspondência entre Lobato e Dona Purezinha.<sup>675</sup>

<sup>672</sup> Ibid. Carta de 17 de fevereiro de 1945.

<sup>673</sup> Ibid. Carta de 16 de novembro de 1945.

<sup>674</sup> Ibid. Carta de 28 de novembro de 1945.

<sup>675</sup> Informações concedidas pela leitora em carta datada de 12 de fevereiro de 2000.

## 5.5 Entre a lembrança e o esquecimento

Entre as certezas e sem-cerimônias dos escritos infantis existe uma fina linha que costurou nosso discurso: as lembranças dos leitores. Uma linha frágil marcada pela vulnerabilidade e incertezas do distanciamento temporal entre o escrito, vivido na infância e o relato de hoje, costurado pela memória. Das muitas dúvidas e imprecisões que circundaram o depoimento desses leitores, talvez o melhor exemplo se encontre na fala conclusiva de Joyce ao fim de nossa entrevista: “Eu poderia ter inventado um monte ... uma porção de coisas...eu tinha uma imaginação fértil”.<sup>676</sup>

Contemporaneamente a escola vem ocupando cada vez mais um papel anteriormente destinado a família: a educação para a leitura, o estímulo através dos primeiros contatos com o objeto livro, disponibilizando aos membros familiares, em especial a criança, o acesso à obras literárias. Essas transformações são oriundas da mudança de mentalidade, reacendidas por questões histórico-culturais e econômicas. Invertendo o quadro, a escola hoje é muitas vezes o local em que muitas crianças, principalmente as da classe popular, têm acesso ao texto literário.

Esse quadro é alterado nas lembranças (re)construídas pelos sete leitores. Nele o ambiente familiar aparece em destaque pelo seu papel fomentador da leitura. A instituição escolar, no entanto, não provoca muitas recordações no que diz respeito ao estímulo da leitura de textos infantis, em especial, os de Monteiro Lobato.

Constata-se que a família exerceu papel importante no desenvolvimento da vida leitora dos entrevistados, participando ativamente na sua função de mediadora da leitura. A mãe e as irmãs liam as histórias para Alarico que ainda titubeava na aprendizagem do alfabeto; os pais presenteavam e compravam as narrativas lobatianas para o menino Gilson; pelas mãos do avô, Hilda foi levada a concretizar o sonho de conhecer o escritor; Nicean encontrou na figura da mãe o apoio para escrever para o escritor, também pelas mãos da mãe, Cordélia recebeu o primeiro livro de Lobato. Joyce criou-se num ambiente em que a leitura fazia parte integrante do dia-a-dia.

---

<sup>676</sup> As informações dos leitores nesse subtítulo encontram-se nas respostas concedidas e reproduzidas no anexo 3 deste trabalho e obedecem as seguintes datas: Hilda J. Villela Merz, 13 e 14 de abril de 1998; Alarico Silveira Júnior, 23 de abril de 1998; Gilson Maurity Santos, 30 de agosto de 1999; Joyce Campos Kornbluh, 13 de setembro de 1999; Lucy Mesquita, 29 de outubro de 1999; Nicean Serrano Telles, 11 de novembro de 1999; Cordélia Fontainha Seta, 12 de fevereiro de 2000.

A escola, por sua vez, pouco contribuiu para o contato com os livros de Lobato, no que diz respeito ao depoimento deste grupo. Alarico não tem recordações, mas pela iniciativa de seu pai que mandou adotar o título de Lobato nas escolas públicas, acredita que o gesto foi perpetuado em outras gestões; Lucy descreve a censura e restrição que os livros sofreram na escola católica em que estudava; Joyce tinha em seu currículo escolar somente a leitura dos livros de língua inglesa; Cordélia afirma que a escola não colaborou “em nada” na promoção da leitura dos livros infantis de escritores brasileiros. Nicean é a única que testemunha a favor da escola como intermediária da leitura, pois encontrou na escola ambiente propício, mesmo não havendo biblioteca, já que as professoras, entre elas sua própria mãe, motivavam para o ato de ler.

Outro fato, menos flagrante, mas que contribui para a análise dessas falas, são as mudanças entre o que foi escrito na infância e as reminiscências de adulto. Nas lembranças construídas, encontram-se contradições filtradas pelo olhar adulto, sendo uma delas a identificação com as personagens.

Alarico demonstra na infância uma predileção pela boneca Emília, mas nomeia, na fase adulta, Pedrinho como a personagem pela qual se identificava: “Um menino mais ou menos da minha idade, que liderava as travessuras da turminha do Sítio”. Gilson, por sua vez, demonstra na infância um carinho especial pela figura do Visconde de Sabugosa e posteriormente elenca Emília como a personagem preferida, mas quando criança criticava seu comportamento em relação ao tratamento dispensado a Tia Nastácia. Joyce diz não se lembrar de identificar-se especificamente com alguma personagem. Cordélia identificava-se com Emília “pela sua perspicácia e irreverência”; a leitora destaca a boneca como “o *alter ego* de Lobato”, uma reflexão já intermediada pela visão adulta. Como também o são os depoimentos de Lucy e Hilda.

Lucy admirava Narizinho, “meiga menina, dócil, obediente, sempre pronta a ouvir os outros, retrato fiel das meninas da época”. Ela reconstitui os momentos de sua infância, enfatizando a relação da criança com o mundo adulto: “No meu tempo, criança não podia prestar atenção à conversa de gente grande e nem participava da mesma sala onde se reuniam os adultos”. Diante dessa obediência e sujeição destinada à criança, “a atitude da Emília era de estarrecer”. O depoimento de Lucy sobre a boneca Emília está entrelaçado com os seus conhecimentos posteriores: depois de ler Lobato e sobre o que ele escreveram: “percebi que era ele a falar pela boneca Emília. Ele era resposta pronta! Impulsivo, cheio de caprichos e venetas, Monteiro Lobato está em permanente desabafo”.

Hilda diz que se identificava com Pedrinho e que encontra nessa personagem a personificação do próprio escritor:

Pedrinho é, para mim, a representação da figura do menino Lobato (...) na minha opinião Pedrinho é o próprio Lobato menino. Corajoso. Não mentia nunca. Gostava de pescar, de aprender coisas. Sentimental. Lia muito. (...) Acho que Lobato dá o recado na hora certa quando é Emília que fala. Mas Pedrinho é Lobato falando.

Questionamos esses leitores de ontem, que na infância sentiram-se tão próximo das narrativas e personagem lobatianas, se a identificação ocorrida com eles seria possível para o leitor infantil nos dias de hoje. A resposta negativa foi quase unânime, com exceção de Hilda Villela. As transformações sociais e culturais apontadas pelos leitores são o motivo de um distanciamento em relação à identificação com o universo maravilhoso do Sítio do Picapau Amarelo.

Gilson Maurity afirma que, mesmo desconhecendo algum trabalho efetivo sobre a influência da leitura dos livros infantis de Monteiro Lobato hoje, acredita que não exista a mesma identificação com os leitores atuais: “Com essa avalanche de informações da mídia, especificamente para crianças, provindas dos Estados Unidos e da Europa, particularmente com o advento da televisão não há tatu que agüente”. Contudo, ele destaca que as tentativas das emissoras brasileiras em adaptar as narrativas do Picapau Amarelo para a TV, “talvez tenham causado algum interesse na garotada”.

Alarico Silveira Júnior não acredita que os livros de Lobato alcancem a mesma receptividade que na sua infância e que a série de televisão baseada nas personagens de Lobato talvez tenha causado mais interesse que seus próprios livros e as razões desse distanciamento são várias:

Parece-me apenas que estamos diante de uma tendência mundial e não unicamente brasileira. É possível que me engane, mas será que as crianças americanas ainda mantêm o entusiasmo de seus avós, ou mesmo de seus pais, pelas histórias de Mark Twain? Ou as crianças inglesas pelas aventuras da menina Alice?

Nicean concorda com seus colegas de leitura e afirma não acreditar na possibilidade de identificação do leitor contemporâneo com a narrativa e as personagens

do Picapau Amarelo: “Infelizmente o contato humano e com a natureza, não faz parte do cotidiano dessa infância cibernética dos dias atuais”.

Para Lucy Mesquita, o interesse de leitura das crianças mudou muito, “principalmente com o advento da TV, que monopoliza a atenção e preferência infantil. Enlatados e jogos de muita violência, sem censura apropriada e nem todos aprovados pela decência e ética, tomam o lugar das boas leituras”. A leitora destaca ainda que há muito tempo não vê os livros de Lobato constar nas listas de livros recomendados à leitura de alunos, quer seja do primeiro grau, quer seja do segundo grau.

Joyce Campos também não acredita na identificação do leitor contemporâneo com as narrativas lobatianas. A resposta-pergunta de Cordélia – “Existem ainda avós como Dona Benta?” – , embora curta e rápida, é bastante significativa, pois revela o distanciamento das relações sociais estabelecidas no momento histórico da construção narrativa e as desenvolvidas atualmente.

Hilda Villela é a única do grupo que acredita que as crianças de hoje se identificam da mesma forma, “pois elas não deixam de se interessar pela obra de Lobato”. Contudo, observa que essa produção infantil deva ser preservada no seu original, “como foi escrita e não essas re-leituras que cada vez mais se acentuam, colocando as personagens nos tempos de hoje”.

Quando interrogamos sobre a influência de Lobato na vida leitora desse grupo, acreditávamos que a resposta seria positiva, como o foi. Percebemos, contudo, que para alguns a leitura ultrapassou os limites do estímulo a outras leituras e tocou fundo na própria maneira de viver e encarar a realidade. Para outros, ela foi mais uma leitura possível dentro de um ambiente familiar circundado por livros.

Para Hilda, quando menina, Lobato foi a sua felicidade, através de seus livros ela reorientou a sua relação com o mundo e as coisas que o cercavam:

Eu era muito tímida, acanhada, e, de certa forma, através de suas histórias, Monteiro Lobato contribuiu para que eu superasse essa timidez. Na verdade, Lobato tornou-se para mim um personagem, tal como aqueles que ele próprio criava em seus livros. Acho que posso até dizer que a obra de Lobato me ajudou em todos os momentos de minha vida.

Gilson afirma que a influência de Lobato incorporou-se aos seus valores éticos, morais, afetivos, culturais – “o meu caráter e a ética que me tem guiado na vida”. E vai



além destacando outros pontos que considera fundamentais na sua formação e que acredita dever, entre outros fatores, às leituras de Lobato:

A minha revolta contra a injustiça, contra o autoritarismo, contra o fascismo na política, contra a credice e o uso subreptício da ignorância dos que não tiveram oportunidade de aprender a usar sua inteligência, com intenção de justificar o domínio de uns sobre os outros – isso tudo e mais coisas que a gente nem sabe que tem por dentro, são resultantes do que essa enorme personalidade que foi o brasileiro José Bento Monteiro Lobato, causou em mim. Para não falar da importância da crítica, do uso da crítica diante de qualquer idéia ou ação – mas isso eu acho que veio diretamente da Emília!

Nicean aponta a influência das leituras lobatianas não só na sua relação com a leitura, mas também com os estudos. Livros educativos como *História do mundo para as crianças*, *Geografia de Dona Benta*, *História das invenções* foram valiosos à sua formação estudantil. Lucy Mesquita, como Nicean, elenca a leitura divertida e educadora de Lobato na vida escolar, “complementando os estudos” como de grande importância na sua formação e acredita que “a boa leitura sempre influi e orienta o leitor”.

Cordélia contabiliza a influência “intelectual e moral” de Lobato não somente através da leitura de seus livros, mas do próprio convívio com o escritor e sua família: “é que a minha família e a dele tinham os mesmos princípios morais e o mesmo amor pela cultura”.

Para Joyce e Alarico, o ambiente familiar, culturalmente enriquecedor é que influenciou nas suas construções como leitores. Alarico chega a pensar que, se não tivesse encontrado Lobato na infância, provavelmente seguiria a tradição familiar composta de leitores compulsivos; mesmo assim ele afirma que: “Não tenho dúvida que ainda hoje, aos 74, leria com igual encanto esse (*O circo de escavatinhos*) e os demais livros do ‘meu amigo íntimo’” .

## 5.6 Vozes Seladas

Os leitores que se aproximam de Monteiro Lobato têm consciência de que ele é um escritor “famoso e popular”, no entanto, transferem-lhe a mesma relação de camaradagem que possuem com as personagens ficcionais de sua literatura. A aura mitificadora é desfeita por um gesto, por um olhar que partem tanto do escritor como do leitor, pois para os pequenos alguém que “sabe falar as crianças” não poderia ser tão inacessível e onipotente.

O inconveniente da diferença de idade é ultrapassado, e as crianças concedem ao escritor a participação em seus segredos, construindo uma atmosfera de intimidade. Ele torna-se ao mesmo tempo um confessor e um conselheiro, alguém que as respeita e compreende como indivíduos e leitores, com quem podem dividir os dramas do universo familiar e as dúvidas leitoras.

Com a mesma desenvoltura com que expõem as suas vidas cotidianas e leitoras, eles interessam-se pela vida literária e pessoal do escritor. No primeiro caso, os leitores acompanham seus lançamentos pelos jornais e livrarias, mostram-se informados sobre a criação e publicação de novos títulos. No segundo caso, estão interessados sobre os passos do escritor: a campanha pelo petróleo, a reclusão penitenciária e a doença.

O processo de leitura tem sua dimensão ampliada quando os leitores apresentam opiniões sobre o material impresso: elogiando ou criticando as ilustrações e seus ilustradores, questionando o número de páginas dos livros, o formato das edições, a continuidade da história em livro posterior.

Percebe-se que os leitores que escreviam para Lobato não pertenciam somente ao círculo restrito da elite. Para alguns, a biblioteca escolar é o único local possível de acesso à leitura, outros insistem em receber livros de cortesia pelo irremediável de sua condição financeira. Contudo, as crianças da classe abastada, principalmente os que residiam no interior do país, sofrem com a situação precária de distribuição do mercado livreiro, recorrendo ao auxílio do escritor.

A instituição escolar, que não foi marcante na formação leitora de seis, dentre os sete correspondentes entrevistados, teve um papel fundamental para um grupo considerável de leitores. Como vimos, as crianças encontravam nesse ambiente incentivo para a leitura literária lobatiana e o contato epistolar com o escritor. Lobato, por sua vez,

contribuiu decisivamente para isso, ao visitar as escolas divulgando seus livros e doando títulos para os acervos das bibliotecas.

Os leitores demonstram uma sensibilidade para a construção de seu acervo literário: desde o cuidado com os livros, ao questionamentos sobre outros escritores e traduções. Expõem ainda a formação de bibliotecas particulares, relatando a sistematização dos livros e o número de exemplares que possuem. Esse interesse pela formação de bibliotecas escolares ou particulares levou Edgard Cavalheiro a comentar:

É velho lugar comum repetir-se que o brasileiro não lê, que as nossas casas são pobres em bibliotecas e que a última coisa que o burguês pensa ao construir seu palácio é no escritório com a estante de livros. Os indícios da correspondência infantil de Monteiro Lobato deixam, contudo, prever melhores tempos para os nossos editores e escritores. Refiro-me ao interesse com que estes garotos cuidam de formar a sua biblioteca.<sup>677</sup>

A continuidade da correspondência, em sua grande maioria, não ultrapassa o período de dois anos; por outro lado, existe um grupo de leitores que escreve anualmente ou anos depois, perseguindo ou reatando o diálogo com o escritor da infância à juventude e até mesmo à fase adulta. Entre eles estão: Gilbert Hime, Nice Viegas, Edith Canto, Gilson Maurity, Modesto Marques e Hilda Villela. Vale lembrar que quatro deles foram visitantes do Sítio do Picapau Amarelo.

O primeiro escreveu dos doze aos dezenove anos de idade, e as duas fotos enviadas pelo leitor ilustram de forma magnífica essa passagem de tempo, da infância a fase adulta. A primeira, enviada em carta 27 de novembro de 1935, retrata o menino com sua bicicleta nova; a outra, datada de 1940, apresenta um jovem impecavelmente vestido em seu uniforme do serviço militar.

Nice Viegas, que se debruçava sobre os livros de Lobato aos doze anos de idade (1939), reclama, aos quinze (1942), o terrível processo de amadurecimento. Autora de duas únicas cartas, ela recorre ao autor de seus livros infantis para confessar a situação conflitante da fase em que vivia.

Durante oito anos (1937-1944), Edith Canto escreveu a Lobato, e suas cartas testemunham o seu itinerário de leituras, dos livros infantis: *As caçadas de Pedrinho*, *O*

---

<sup>677</sup> CAVALHEIRO, Edgard. As crianças escrevem para Monteiro Lobato. *Panorama: arte e literatura*. n. 7, ano 1, Minas Gerais: abril/maio de 1948.

*minotauro*, *Emília no país da gramática* aos “livros para adultos”: *Negrinha*, *Na antevéspera*, *O macaco que se fez homem*, entre outros. Gilson Maurity, um menino que lutava boxe e insistia em aparecer no Sítio em 1933, é em 1945 um jovem formando em Medicina que recebe com o mesmo agrado da infância as palavras do escritor. Modesto Marques escreveu sistematicamente dos doze aos dezesseis anos, e Hilda Villela recebeu bilhetes do escritor por mais de dez anos: de uma mensagem num álbum de autógrafos da menina Villela à congratulação pelos laços matrimoniais da futura senhora Merz.

Os leitores se posicionam quanto à representação das personagens, exigem a participação do grupo de forma integral, desaconselham as constantes mortes do Visconde, nutrem um sentimento contraditório em relação à Emília: admiram sua coragem e desenvoltura, ao mesmo tempo em que criticam sua postura frente a Tia Nastácia. Mesmo que a identificação com as personagens seja cercada por uma multiplicidade de ponto de vistas, sem dúvida, a boneca Emília é a mais lembrada, seja por uma adesão plena ao seu comportamento, seja para criticá-lo.

As cartas contribuem de forma relevante para compreendermos a desconstrução de algumas idéias e conhecimentos anteriores à leitura. Alguns depoimentos demonstram que os leitores assumem novas posturas, exteriorizadas em ações, mudanças que passam por pequenos gestos e procedimentos do cotidiano à tomada de posições de envergadura. Como é o caso da leitora “F” que quebra o cerco autoritário do colégio interno onde estuda e ousa escrever a Lobato ou a atitude do leitor Modesto Marques que repensa sua posição religiosa.

As cartas apresentam de forma concreta a recepção do público leitor e as suas reações frente ao material lido. O efeito dessas reações pode ser constatada na produção literária de Monteiro Lobato. Muitos dos questionamentos, opiniões e indagações das crianças leitoras eram digeridas pelo escritor que trazia para fora, em forma de escrita, a fala delas.

O escritor traz para suas narrativas as contribuições de seus leitores, algumas vezes se restringe a simples introdução de personagens sugeridos pelas crianças, em especial aos seus bichos de estimação, como o gato Manchinha. Outras vezes, contempla os pedidos e coloca o nome da criança em visita ao sítio ou na dedicatória de um livro como fez a Marjori. Em outros momentos, o escritor encontra nesse diálogo com o leitor fonte de inspiração e idéia para seus escritos. Basta lembrarmos que a idéia de expandir o Sítio, por exemplo, é bem anterior à sua execução e nasce de uma resposta ao menino Gilson. As sugestões de Maria de Lourdes, a Rãzinha, desenvolvidas em duas de suas

cartas, são reaproveitadas por Lobato na confecção de *A reforma da natureza*. A confecção de *O poço do Visconde* não poderia ter sido influenciado pelo discurso de Lucy Mesquita?

A própria continuação dos livros com conteúdos explicitamente didáticos pode ser um resultado desse diálogo com o leitor, já que as crianças insistentemente retomam o assunto e valorizam esses títulos. A satisfação leitora reside no encontro entre o maravilhoso ficcional e os conteúdos concretos da vida escolar. São livros, segundo eles, que apresentam de forma lúdica conteúdos considerados difíceis como a aritmética e a gramática.

As respostas de Lobato demonstram que ele não se eximiu de tratar com os seus leitores de assuntos políticos, como a Revolução de 32 ou a Ditadura de Getúlio Vargas. Relatava também com minúcias suas façanhas com o petróleo, informando sobre escavações ou mesmo ironizando sua provável morte, afogado num poço de petróleo.

Lobato possuía um modo especial de escrever às crianças, até mesmo em respostas às cartas que lhe chegavam: ora criava pequenas histórias, ora respondia como se fosse uma das suas personagens. Aos leitores, procurava sempre incentivá-los para novas leituras, dava conselhos literários, estimulava-os para atividades relacionadas com a leitura. Enfim, contribuía à sua maneira para o desenvolvimento intelectual de seus destinatários.

**SEM DÚVIDA, LOBATO ANTECIPOU-SE NO TEMPO E VIVEU  
EXPERIÊNCIAS COM O PÚBLICO LEITOR QUE AINDA HOJE SÃO  
CONSIDERADAS UTÓPICAS: A INTERAÇÃO DIALÓGICA ENTRE LEITOR,  
LEITURA E ESCRITOR.**

## **CONCLUSÃO**

A dificuldade levantada no parágrafo introdutório deste trabalho se refere ao volume de artigos, pesquisas e trabalhos acadêmicos que envolvem Monteiro Lobato e seu fazer literário. É como se nos perguntássemos o que mais poderia ser dito sobre o assunto. Ao mesmo tempo, a sensação de inesgotabilidade ronda a pesquisa. Porque nos parece que, como a fada que aguarda as palmas da infância para reaparecer, a obra de Lobato estará sempre aberta a novas leituras.

O que tentamos apresentar neste trabalho é que Monteiro Lobato, ao longo de sua carreira literária refletiu sobre um projeto de leitura voltado para a formação de um público leitor e efetivamente colocou em prática tal projeto. Para realizarmos essa tarefa, contamos com o discurso do escritor (teórico e ficcional) e a análise de suas atividades práticas, bem como reconstituímos a recepção de sua literatura infantil, quer seja pelo discurso da crítica, quer seja pelo depoimento do leitor comum. Algumas constatações e/ou conclusões já foram explicitadas ao longo do trabalho, mas pretendemos aqui retomar algumas.

A partir de seu discurso teórico (artigos, correspondências e entrevistas), Monteiro Lobato foi construindo uma concepção leitora (leitura e leitor) que abarca uma postura conhecida hoje, mas inovadora nas quatro primeiras décadas do século XX: a importância do leitor, a função da leitura e o livro como objeto mediador do ato de ler.

Para Lobato, o livro não possui existência própria. Ele só ganha vida quando é concretizado pela leitura, daí a necessidade da formação de um público. A leitura tem como função despertar a curiosidade e a capacidade imaginativa, e o seu exercício deve ser cercado de alegria e prazer, nunca de obrigação. Já que o aspecto físico do livro é entendido como parte integrante da leitura, há, por parte de Lobato, uma preocupação quase sistemática com o material impresso, desde a qualidade do papel até a ilustração, enfim todos os componentes materiais do objeto que podem contribuir para aproximar o leitor do ato de ler.

Na sua produção ficcional, desde as suas primeiras composições, quando ainda era um estudante mais afeito ao triângulo da Paulicéia do que à vida acadêmica, destaca-se a análise da função do leitor. No entanto, as idéias sobre o livro, a leitura e o leitor vão ganhando maior peso e é na sua literatura para crianças que são sistematizadas.

Três tipos de leitores habitam esse universo narrativo: o leitor implícito, o leitor representado e o leitor concreto. O primeiro tipo refere-se à imagem construída do leitor ao qual Lobato se dirigia. O segundo, à representação de personagens leitores como estímulo à leitura dos leitores concretos. E os leitores concretos são os que acabam saindo da vida real e entrando nas páginas ficcionais.

O leitor implícito na literatura de Lobato está estreitamente vinculado, como não poderia deixar de ser, a sua visão de infância. A infância é para ele o período por excelência para estimular o “gosto”, “o amor” pela leitura, muito antes dos resultados de pesquisas desenvolvidas pela UNESCO que, nas décadas de 80, revelam que “o hábito

de leitura só se implanta até os doze anos”. Por isso a importância de uma literatura que desperte na criança o prazer e o “gosto” pela leitura.<sup>678</sup>

As suas primeiras reflexões não provêm de teoria, e sim de sua vivência. Toma como exemplo a sua própria formação leitora, na infância e juventude, depois a de seus filhos e filhos dos amigos. Pragmático como era, sugere ao amigo Rangel, em 1912, os cuidados com as criações do Nelo, filho deste. Ora, mais do que constatação da ausência da literatura infantil, é a intenção de uma presença. É o escritor já instaurando a possibilidade viável de uma literatura para a infância.

Para ele, os estímulos socioculturais contribuem para o processo de desenvolvimento intelectual, sendo exemplo disso a inventividade da linguagem infantil refletida pela experiência vivida com os filhos: Ruth, que tem a “cabecinha povoada de seres fantásticos”<sup>679</sup> e quer a criação de um pé-galo, influenciada pela propaganda de remédio de calo; Edgard, que adquire um medo súbito de luvas depois das ameaças da empregada de que elas pertencessem à cuca;<sup>680</sup> Guilherme, que, seguindo o movimento da pena sobre o papel, solicita o desenho de um trem e imagina nele toda uma bicharada. Assim, a imaginação e a criatividade são inerentes ao homem, mas a infância é o período por excelência de sua manifestação: “A criancinha que destrói objetos, não destrói, cria. Toma um boneco e o faz em pedaços: desdobra um em vários, cria”.<sup>681</sup>

A concepção de infância que se manifesta na posição teórica e nos textos literários de Lobato dialoga com a promulgada pelas novas teorias de educação no início do século no Brasil, como a da Escola Nova: o fim da infância reside na própria infância. A criança deixa de ser pensada como um ser cognitivamente inferior e começa a ser valorizada pelos seus interesses e necessidades intrínsecas. Lobato fala à criança no seu tempo presente e busca incentivá-la nesse momento com todas as nuances que a rodeiam.

Para isso, o respeito à individualidade da criança e um agudo senso perceptivo das especificidades desse público, enquanto leitor, levam Lobato a produzir uma literatura *sui generis* para a época. Primeiro, porque ele inverte as situações cotidianas vivenciadas pela criança no universo familiar. Não existe cerceamento das idéias no universo ficcional, e os adultos que ali estão representados colaboram para o desenvolvimento

---

<sup>678</sup> PONDÉ, Glória Maria Fialho. Como despertar o prazer da leitura. *Leitura: Teoria e Prática*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p.14.

<sup>679</sup> LOBATO, Monteiro. *Mundo da lua e miscelânea*. São Paulo: Brasiliense, 1972. p.25.

<sup>680</sup> *Ibid.*, p.36.

<sup>681</sup> *Ibid.*, p.31

intelectual das personagens, mesmo quando isso significa questionar as palavras desse mesmo adulto, como se vê no caso das narrativas contadas por Tia Nastácia.

Em *Memórias da Emilia*,<sup>682</sup> por exemplo, ao tematizar o ato da escrita, com seus caprichos, Lobato revela e desvela o registro das memórias como um universo inventivo, construído por quem escreve. Ao minar a ordem da narrativa memorialística, pela desconfiança quanto à sua elaboração, ele delinea um caminho pelo qual a escrita possa assumir-se como ato de liberdade e espaço de imaginação. O exercício de desautomatizar a imagem de certeza que cerca a palavra escrita e, por conseqüência, o seu autor é freqüente na produção literária de Monteiro Lobato. Por esse viés ele desperta no leitor o sentido da dúvida, o caminho do questionamento.

O espaço de sonho do Sítio do Picapau Amarelo, onde “brincar e aprender” não são palavras contraditórias, mas ações partilhadas, põe em evidência o próprio processo de criação literária do autor em relação a si e ao outro. Lobato brinca com as palavras e dissemina no texto uma nova postura diante do leitor. Assim, o pacto de leitura estabelecido entre o eu (escritor) e o outro (leitor) conflui para o desmoronamento de uma visão de criança como ser passivo, incapaz de interagir com o lido. O sujeito do ato da leitura adquire novos contornos e é convidado pelo texto a manifestar sua potencialidade leitora.

Como Platão, Monteiro Lobato cria uma cidade ideal, a República do Picapau Amarelo. Só que, na contramão do filósofo grego, que bane a poesia do espaço criado, o escritor brasileiro penetra no mundo da linguagem para com ela poetizar a sua criação. Mundo da linguagem este que não descarta o coloquial, as gírias, os provérbios, etc. As várias possibilidades de manifestação da língua se cruzam no tecido da narrativa, contribuem para silenciar a voz autoritária do escritor e propiciam o estabelecimento do diálogo com o leitor.

A representação de personagens leitores em situações de leituras e os seus envolvimento constantes com os livros e textos literários são estímulos para o leitor, que ganha através daquelas experiências outros caminhos possíveis para a sua própria vivência leitora – (des)fazendo-se de si no outro. Por sua vez, a pluralidade de vozes inseridas em suas narrativas, com discussões e posições das personagens, assinala uma diversidade de concepções de mundo, o que apresenta ao leitor um horizonte diverso do habitual, oferecendo-lhe outros pontos de vista.

---

<sup>682</sup> LOBATO, Monteiro. *Memórias da Emilia*. São Paulo: Brasiliense, s.d.



A inserção do leitor concreto na narrativa ficcional é uma maneira utilizada por Lobato para confraternizar-se com os seus leitores: meninos e meninas que descobriram nas páginas ficcionais o prazer da leitura. Os nomes não são colocados aleatoriamente, mas escolhidos da vida real, daquele grupo de crianças que lhe escreve ou, por um motivo ou outro, trava com o escritor um contato direto.

Esse contato direto muitas vezes é proporcionado pelas atividades práticas adotadas por Lobato para atingir seus leitores, ao priorizar os espaços mediadores da leitura das crianças: o ambiente familiar, a instituição escolar e a biblioteca. Se no primeiro espaço sua interferência não pode ultrapassar a esfera da sugestão, nos dois seguintes ele desenvolve uma campanha sistemática, apresentando estratégias inovadoras para a época: o discurso em prol de uma biblioteca específica para o público infantil e a sua atuação concreta nesse espaço quando ele se efetiva, visita a escolas divulgando sua obra, distribuição de livros de cortesia para os leitores, estímulo à criação de clubes de leituras e grêmios literários.

As cartas dos leitores demonstram, como analisamos no capítulo 5, que Lobato foi certeiro em sua postura: os leitores sentem-se respeitados como indivíduos, já que são tratados como interlocutores ativos. Sem constrangimento, eles fazem críticas e intervenções nas narrativas e nas ações das personagens; valorizam os livros de “conteúdo didático”, exatamente pelo seu rompimento com a seriedade e o caráter de obrigatoriedade que ronda estes conteúdos, como aritmética e gramática; demonstram interesse pela feição material do livro.

As cartas apresentam a recepção de leitores comuns no momento da apreensão do texto literário, o que marca a originalidade desta pesquisa, pois nos trabalhos até aqui realizados as constatações sobre a leitura da obra lobatiana faziam-se em cima de depoimentos posteriores e, na maioria dos casos, de pessoas reconhecidas publicamente. Reconstituir esse momento de leitura possibilitou vislumbrar a importância que Lobato teve na formação desses leitores e o efeito que essas respostas leitoras tiveram na sua produção literária.

Parece possível, então, afirmar que o criador de Emília atinge sua proposta numa relação dialética, em que escrita e atitude se confrontam, atuam e interagem em prol de uma comunicação viva e dinâmica com o outro. Esta comunicação dá-se pela importância à figura do leitor tanto na construção do texto (leitor implícito) como nas atividades desenvolvidas em proveito da leitura (leitor concreto).

Sem pretensões de encerrar o assunto, fechamos este trabalho com a sugestão de Emília, em suas memórias, mais por afinidade com a idéia da facilidade dessa estratégia do que pela intenção de acabamento: **FINIS**.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Cláudio. No ventre da história. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 abr. 1982.
- \_\_\_\_\_. Nós e os outros. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 nov. 1984.
- \_\_\_\_\_. Mowgly, Tarzan e Kaspar Hauser. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 out. 1983.
- ABRAMOVICH, Fanny: Lobato de Todos nós. In: Dantas, Paulo. *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.
- \_\_\_\_\_. **O ESTRANHO MUNDO QUE SE MOSTRA ÀS CRIANÇAS. 5.ED. SÃO PAULO: SUMMUS, 1983.**
- AGUIAR, Vera Teixeira. Monteiro Lobato na escola. In: ZILBERMAN, Regina. (org.) *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado aberto, 1983.
- ALBERGARIA, Lino. *A Boneca e o Saci*. Ilust. Andréa Vilela. Belo Horizonte: Dimensão, 1998.
- ALVES, Ernesto. Ouvindo Monteiro Lobato através de algumas cartas. *Artes e Letras*, Campinas, 11 jul. 1948.
- AMADO, Jorge. Livros infantis. *Revista brasileira*. Rio de Janeiro: 1935.
- ANDRADE, Oswald de. Carta a Monteiro Lobato. In: \_\_\_\_\_. *Ponta de Lança*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- ARAÚJO, Luiz Antônio, VERAS, Eduardo. Monteiro Lobato não é mais aquele. *Zero Hora*, Porto Alegre, 4 jul. 1998.
- ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.
- ATHANÁZIO, Enéas. *Meu amigo Hélio Bruma*. São Paulo: Editora do Escritor, 1987.
- ATHAYDE, Tristão. Monteiro Lobato – I. In: DANTAS, Paulo. *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.
- AZEVEDO, Carmen Lucia de, CAMARGO, Marcia, SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: SENAC, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. Gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Traduzido por Maria Ermantina G.G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BANDEIRA, Manuel. Impressões literárias. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 12 nov. 1933.

- BATISTA, Marta Rossetti. (coord.) *ABC do IEB: guia geral do acervo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- BELINKY, Tatiana. Sem fronteira entre realidade e fantasia. In: DANTAS, Paulo. *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.
- BELMONTE. Lobato. *Folha da Noite*, São Paulo, 29 abr. 1946.
- BERTOZZO, Sandra Maria Giovanetti. *Reverendo Monteiro Lobato: vida e obra de Edgard Cavalheiro – uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo: UNESP, 1996. (Dissertação de Mestrado).
- BLACK, Eoys. Monteiro Lobato – uma alma que não conheceu algemas. *Artes e Letras*, Campinas, 11 jul. 1948.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, s.d.
- \_\_\_\_\_. Lobato e a criação literária. *Boletim bibliográfico biblioteca Mário de Andrade*. São Paulo: 1982.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2.ed. São Paulo: Queroz/Edusp, 1987.
- BRASIL, Padre Sales. *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou comunismo para crianças*. Bahia: Aguiar & Souza, 1957.
- O Brasil insultado por Brasileiros. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 13 mar. 1936.
- BROCA, Brito. Monteiro Lobato fala sobre o problema editorial no Brasil. *A Gazeta*, São Paulo, 14 jul. 1925.
- \_\_\_\_\_. Lobato editor. *A Gazeta*, São Paulo, 12 agosto 1958.
- BUFFA, Estela, NOSELLA, Paolo. *A educação negada: introdução ao estudo da educação brasileira contemporânea*. São Paulo: Cortez, 1991.
- CAGNETI, Sueli de Souza. *A inventividade e a transgressão nas obras de Lobato e Lygia: confronto*. Florianópolis: UFSC, 1988. (Dissertação de Mestrado).
- CAMARGO, Luís. Livro de imagem: alfabetização visual e narrativa. *Jornal da Alfabetizadora*. Ano II, n.8. Porto Alegre: Kuarup, 1990.
- CANDIDO, Antonio. Monteiro Lobato (notas de crítica literária). *Folha da Manhã*, São Paulo, 10 dez. 1944.
- CAPARELLI, Sérgio. Televisão, programas infantis e a criança. In: ZILBERMAN, Regina. (org.) *A produção cultural para crianças*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- CARDOSO, Ofélia Boisson. *Fantasia, violência e medo na literatura infantil*. Rio de Janeiro: Conquista, 1969. v.2.

- CARVALHO, Marina de Andrada Procópio de. Prefácio. In: LOBATO, Monteiro. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Nacional, 1955.
- \_\_\_\_\_. As crianças escrevem para Monteiro Lobato. *Panorama: arte e literatura*. n.7, ano 1, Minas Gerais: abril/maio de 1948.
- \_\_\_\_\_. *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.
- \_\_\_\_\_. No Sítio do Picapau Amarelo. *Gazeta Magazine*, São Paulo, 11 jan. 1942.
- \_\_\_\_\_. Monteiro Lobato entre a cruz e a espada: defesa do seu amigo e biógrafo. In: DANTAS, Paulo. *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.
- CESAR, Guilhermino. Monteiro Lobato e o modernismo brasileiro. In: ZILBERMAN, Regina. (org.) *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado aberto, 1983.
- CHARTIER, Anne-Marie, HÉRBRARD, Jean. *Discursos sobre a leitura – 1880-1980*. Traduzido por Osvaldo Biato e Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1995.
- CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: \_\_\_\_\_. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CHIARELLI, Tadeu. *Um Jeca nos vernissages*. São Paulo: Edusp, 1995.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: Séculos XIX e XX*. 4.ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.
- COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil: história, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje*. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1981.
- CONTE, Alberto. *Monteiro Lobato: o homem e a obra*. São Paulo: Brasiliense, 1948.
- CORREA, Viriato. O bandeirante do livro. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 02 set. 1932.
- COUTINHO, Afrânio. (org.) *A literatura no Brasil*. Simbolismo-impressionismo-transição. Rio de Janeiro: Editorial Sul americana, 1969. v.IV.
- \_\_\_\_\_. (org.) *A literatura no Brasil*. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1986. v. VII.
- DANTAS, Paulo. *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Presença de Lobato*. São Paulo: Editora do Escritor, 1973.
- DEBUS, Eliane Santana Dias. *Entre vozes e leituras: a recepção da literatura infantil e juvenil*. Florianópolis: UFSC, 1996. (Dissertação de Mestrado)
- Diário de S. Paulo*, São Paulo, 7 jul. 1948.

- DONATO, Mário. O meu Lobato. In: DANTAS, Paulo. *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.
- FRIAS, FILHO, Otávio. Rememórias de Emília. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 jun. 1998.
- \_\_\_\_\_, CHAGA, Marco Antonio. *Monteiro Lobato*. Chapecó: Grifos, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 8 abr. 1998.
- FRACCAROLI, Lenyra C. Lobato e a biblioteca infantil. In: DANTAS, Paulo. *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.
- GHIRADELLI JÚNIOR, Paulo. *História da educação*. São Paulo: Cortez, 1991.
- GONDRA, Juan Carlos. Monteiro Lobato visto y oído. *Revista Atlántida*. Ano 29, n.957, Buenos Aires, outubro de 1946.
- GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1995.
- HAYDEN, Rose Lee. *The children's literature of José Bento Monteiro Lobato of Brasil: a pedagogy for progress*. Diss. Michigan State University, 1974.
- HORTAL, Jesús Pe. (comentários e notas) *Código de Direito Canônico*. Traduzido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Loyola, 1987.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Traduzido por Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed.34, 1996.
- JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa. (org.) *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- \_\_\_\_\_. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Traduzido por Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- \_\_\_\_\_. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis. In: LIMA, Luiz Costa. (org.) *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: Quatro, 1982.
- KRIEGER, Maria de Lourdes. Sonhos no Sítio do Picapau Amarelo. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 5 jul. 1993.
- KUPSTAS, Márcia. *Monteiro Lobato*. São Paulo: Ática, 1988.
- LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: histórias e histórias*. São Paulo: Ática, 1987.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*. São Paulo: Global, 1988.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

- LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: a modernidade do contra*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.
- LANDERS, Vasda Bonafini. *De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o Modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- LAURITO, Ilka Brunhilde. Lobato, bonecas e meninas. In: DANTAS, Paulo. *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.
- LESSA, Orígenes. Lobato. *Jornal da Manhã*, São Paulo, 13 jan. 1939.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguillar, 1966.
- LIMA, Herman. O Jubileu de *Urupês*. *Revista da Semana*. 18 de setembro de 1943.
- LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.
- Os livros pedagógicos do Sr. Monteiro Lobato em apuros. *A União: Semanário Católico do Rio*, Rio de Janeiro, 11 out. 1936.
- LOBATO, Monteiro. *O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito*. Rio de Janeiro: Gráfica JB S. A., 1998. Fac-símile de: *O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito*. São Paulo: Secção de obras de *O Estado de S. Paulo*, 1918.
- \_\_\_\_\_. *Urupês*. 9ed. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1923.
- \_\_\_\_\_. *Cidades mortas*. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Negrinha*. 22.ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- \_\_\_\_\_. *A onda verde e O presidente negro*. 11.ed. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Mundo da lua e Miscelânea*. 14.ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- \_\_\_\_\_. *América*. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Na antevéspera*. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Um sonho na caverna*. São Paulo: Café Jardim, s.d.
- \_\_\_\_\_. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1951.
- \_\_\_\_\_. Prêmio Perón de 1947. *Jornal de S. Paulo*. Domingo, 18 de janeiro de 1948.
- \_\_\_\_\_. *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Conferências, artigos e crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Críticas e outras notas*. São Paulo: Brasiliense, 1965.
- \_\_\_\_\_. *As Aventuras de Hans Staden*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- \_\_\_\_\_. *O circo dos escavalinhos*. São Paulo: Nacional, s.d.

- \_\_\_\_\_. *O circo de cavalinhos*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- \_\_\_\_\_. *Peter Pan*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- \_\_\_\_\_. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- \_\_\_\_\_. *História do mundo para as crianças*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- \_\_\_\_\_. *História das invenções*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- \_\_\_\_\_. *Geografia de Dona Benta*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- \_\_\_\_\_. *Aritmética da Emília*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- \_\_\_\_\_. *Memórias da Emília*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- \_\_\_\_\_. *Dom Quixote das crianças*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- \_\_\_\_\_. *O poço do Visconde*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- \_\_\_\_\_. *O Picapau Amarelo*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- \_\_\_\_\_. *A reforma da natureza*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- \_\_\_\_\_. *A chave do tamanho*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- \_\_\_\_\_. *Histórias diversas*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- \_\_\_\_\_. *As caçadas de Pedrinho*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- LOPES, Eliane Maria Teixeira et al. *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- LUCAS, Fábio. O mundo das cartas. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v.15, n.3, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Do Barroco ao Modernismo*. São Paulo: Ática, 1989.
- MACHADO, Ana Maria. *Amigos secretos*. São Paulo: Ática, 1996.
- MAGALHÃES, Lígia Cademartori. O Brasil levado a sério. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v.15, n.3, 1982.
- MAGALHÃES, Lígia Cademartori, ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1987.
- MARINHO, João Carlos. *Conversando de Monteiro Lobato*. São Paulo: Obelisco, 1978.
- MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. São Paulo: Ática, 1996.
- \_\_\_\_\_. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1976. v.VI.
- MAURITY, Gilson. *Poemas de ontem, de anteontem e prosa onírica*. Rio de Janeiro: Armazém das letras: 1999.
- \_\_\_\_\_. *Prosa em verso*. Rio de Janeiro: Mastergraph, 2000.
- MELQUIOR, José Guilherme. O publicista Lobato. In: ZILBERMAN, Regina. (org.) *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.



- MERZ, Hilda Junqueira Villela. *Lobateana: idéias, pensamentos e fotos de Monteiro Lobato*. Departamento de Bibliotecas Infante-Juvenis, Prefeitura do Município de São Paulo, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Lobatiana: Monteiro Lobato – meio ambiente*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_ et al. *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MILLIET, Sérgio. *Diário crítico*. 2.ed. São Paulo: Martins, 1981. v.3.
- MONETA, Zelinda Tognoli Galati. Monteiro Lobato e a infância: no ensino do interior paulista. In: DANTAS, Paulo. *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.
- Monteiro Lobato em Uberaba. *Lavoura e comércio*, Uberaba, 21 e 22 jul. 1937.
- Monteiro Lobato e a candidatura José Américo. *Lavoura e comércio*, Uberaba, 23 jul. 1937.
- NAVA, Pedro. *Balão cativo*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1973.
- NUNES, Cassiano. A correspondência de Monteiro Lobato. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v.15, n.3, 1982.
- \_\_\_\_\_. *A correspondência de Monteiro Lobato*. São Paulo: s.n., 1982.
- \_\_\_\_\_. *A atualidade de Monteiro Lobato*. Brasília: Thesaurus, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Monteiro Lobato e Anísio Teixeira: o sonho da educação no Brasil*. São Paulo: s.n., 1986.
- \_\_\_\_\_.(org.) *Monteiro Lobato Vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda/Record, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Novos estudos sobre Monteiro Lobato*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A correspondência de Monteiro Lobato*. Brasília: Roberval, 1998.
- NUNES, Lygia Bojunga. Livro – eu te lendo. In: \_\_\_\_\_. *Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes*. Rio de Janeiro: Agir, 1988.
- PALLOTTINI, Renata. Eu lia um livro... In: DANTAS, Paulo. *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.
- PENTEADO, J. Roberto Whitaker. *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*. Rio de Janeiro: Qualitymark/ Dunya, 1997.
- PEREIRA, Gulnara Lobato. *O menino Juca*. Aquarela de Rui de Oliveira. Rio de Janeiro: Berlendis & Vertecchia, 1982.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. Um escritor e seu público. *Panorama: arte e literatura*. n. 7, ano 1, Minas Gerais: abril/maio de 1948.

- PONDÉ, Glória Maria Fialho. Como despertar o prazer da leitura. *Leitura: teoria e prática*. Porto Alegre: Mercado Aberto, ano 2, abr. 1983.
- O que se dar a criança? E tudo se decide longe dela. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 jun. 1978.
- RABELO, Sylvio. Lobato do panfleto e da caricatura. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 21 maio 1944.
- RANGEL, Godofredo. Urupês e Monteiro Lobato. *Panorama: arte e literatura*. n. 7, ano 1, Minas Gerais: abril/maio de 1948.
- ROCHA, Ruth. Era uma Vez. In: LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato*. (Literatura Comentada) São Paulo: Abril Educação, 1981.
- RUIZ, Silvia. Biblioteca Básica. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 out. 1998.
- SABINO, Fernando. *O menino no espelho*. 36.ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- \_\_\_\_\_. *A vitória da infância*. São Paulo: Ática, 1995.
- SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga: as renaixências renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.
- SANDRONI, Luciana. *Memórias da ilha*. Rio de Janeiro: Agir, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Minha memórias de Lobato, contadas por Emília, Marquesa de Rabicó, e pelo Visconde de Sabugosa*. Ilust. Laerte. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O Sítio no descobrimento: a turma do Picapau Amarelo na expedição de Pedro Álvares Cabral*. Ilust. Roberto Fukue. São Paulo: Globo, 2000.
- SARTRE, Jean-Paul. Para quem se escreve? In: \_\_\_\_\_. *Que é a literatura?* Traduzido por Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1989.
- SCHMIDT, Afonso. Monteiro Lobato. *Revista da Academia Paulista de Letras*. São Paulo: setembro de 1948.
- SILVA, João Carlos Marinho. *Conversando de Monteiro Lobato*. São Paulo: Obelisco, 1978.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*. 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
- \_\_\_\_\_. Lobato e as crianças. *Leitura*. Novembro de 1944.
- STAROBINSKI, Jean. A literatura. In: GOFF, Le Jacques, NORA, Pierre. (org.) *História: novas abordagens*. Traduzido por Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- STEEN, Edla Van. *Viver & escrever*. Porto Alegre: LP&M, 1981.

TRAVASSOS, Nelson Palma. O livro no Brasil. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 agosto 1943.

\_\_\_\_\_. *Minhas Memórias dos Monteiro Lobatos*. São Paulo: Clube do Livro, 1974.

URSULINO, Leão. Lobato por aqui. *O Popular*, Goiânia, 27 jul. 1998

VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho. *O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.

VILLA, Marco Antonio. Um combatente entre nós. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 jun. 1998.

WERKMEISTER, Diana Maria Noronha. *A formação do leitor de literatura: histórias de leitores*. Porto Alegre: PUC, 1993. (Tese de Doutorado)

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

### **Outras Fontes**

Arquivo Raul de Andrada e Silva – Instituto de Estudos Brasileiros – USP

Arquivo do Museu Monteiro Lobato – Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato – São Paulo

Jornal *A Voz da Infância* – órgão da Biblioteca Infantil do Departamento Municipal de Cultura – São Paulo. Exemplares julho de 1936, junho de 1938, agosto e outubro de 1943, dezembro de 1945, junho de 1947, julho e outubro de 1948, abril de 1962.